

ESPIRITISMO: 2^o SÉCULO

(O SENTIDO EVOLUTIVO
DA DOUTRINA ESPÍRITA:
UMA OPINIÃO)



CARLOS PEPPE

DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe do *ebook espírita* com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

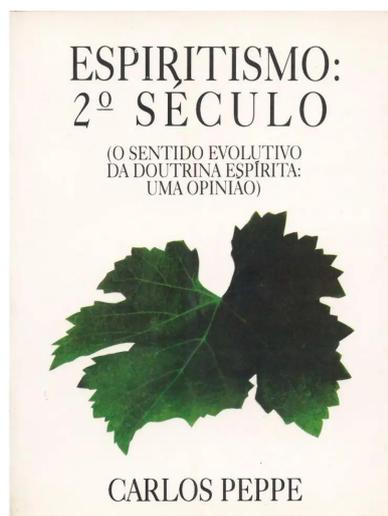
É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo.

Sobre nós:

O *ebook espírita* disponibiliza conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento espírita e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: www.ebookespírita.org.



www.ebookespírita.org



ESPIRITISMO: 2º SÉCULO

(O SENTIDO EVOLUTIVO DA DOCTRINA ESPÍRITA: . UMA OPINIÃO)

CARLOS PEPPE CONTEÚDO

Algumas Características do Espiritismo pág. **13**

A Doutrina Espiritapág. **35**

O Espiritismo na Europa e no Brasil pág. **75**

A Produção Mediúnica no Brasil.....pág. **91**

Yeshua ben Yosephpág. **147**

E a Ação Humana.....pág. **203**

Enganos e Desvios.....pág. **223**

As Bases Sólidas do Espiritismopág. **257**

Bibliografia pág. **303**

UMA PEQUENA EXPLICAÇÃO

Com cento e poucos anos de permanência entre os homens, o Espiritismo, apresentado em **1857** por Allan Kardec ao mundo culto da França, tem uma história a contar e uma reavaliação doutrinária a se submeter.

Neste espaço de tempo decorrido, o nosso orbe sofreu modificações profundas, tanto no aspecto material da organização humana da crosta, quanto nas vizinhanças do plano espiritual que lhe dá seqüência. Evidentemente, as estruturas e o funcionamento das regiões dos encarnados e dos desencarnados, onde mourejam em suas dimensões físicas próprias, teriam de demonstrar hoje um desenho bem diverso e muito mais complexo que no século passado. E se o conjunto conceituai da Doutrina dos Espíritos continua o mesmo, recebe, no entanto, contribuições necessárias e indispensáveis para sua equalização aos tempos

modernos. É a marcha do progresso, é o movimento evolutivo planetário, rumo às condições de espiritualidade mais elevada. No atual movimento espírita, é inestimável o enorme acúmulo de informações e estudos, tanto no que respeita ao ambiente dos ho-

mens, quanto ao dos desencarnados. Daí a proposição de análises doutrinárias que procurem integrar os renovados ensinamentos dos Espíritos na coerência conceptual reveladora do Cristianismo redivivo, escopo principal do Espiritismo.

Nasceu, então, a ideia de se apresentar um panorama inicial, sugerindo um caminho que representasse o sentido evolutivo da Doutrina dos Espíritos. É o que pretende o esforço presente. Mas é preciso que se diga que o pensamento aqui incluso é não religioso, no sentido que isso tem no mundo, porque entendemos, baseados nas próprias definições de Kardec, ser o Espiritismo doutrina humanista, cujos valores criamos a partir das exigências concretas da humanidade, sem perdermos de vista a pessoa, o indivíduo no seu significado psicológico, histórico, econômico e social condicionador da vida planetária, à luz da teoria da reencarnação. O Evangelho que propomos deve ter, de verdade, o caráter de Boa-Nova, vistas voltadas sempre para o futuro, que estamos fabricando agora. Particularmente não aceitamos os apelidos da Terra como "o vale de lágrimas", nem o "mundo de escarcéus" e muito menos o "homem genuflexo", despersonalizado, cabisbaixo, indigno; mas compreendemos o nosso mundo como "uma escola e uma oficina", quer dizer, como um magnífico e esplendoroso laboratório, onde o espírito experimenta suas forças para o grande vôo universal, seu destino inevitável. E nesse tentame, não minimizamos a noção das imposições culturais e acadêmicas modernas.

Ao entregarmos este livro aos estudiosos do assunto, usamos e abusamos do estilo sintético na exposição das ideias e dos argumentos. Apostamos alto na capacidade intuitiva dos leitores que, ao contrário do homem do glorioso século XIX, não podem gastar muito tempo nas delongadas leituras e despreocupadas meditações. Século XX, século da velocidade...

Para atingirmos nosso objetivo com alguma eficiência, lançamos mão de certos truques; por exemplo: o vade-mecum oferecido no corpo do livro, apesar de muito modesto e simples, convida ao trato fácil e rápido com os conceitos doutrinários kardequianos. E as sugestões de estudos cotejados, que se apresentam no texto mais adiante, intentam, por sua vez, conduzir a pessoa a um trabalho de comparações também de caráter doutrinário. O pretendido foi induzir o leitor à noção de que o trilho evolutivo da Doutrina dos Espíritos exposta por Kardec está na luminosa obra da equipe espiritual presidida pelo espírito Emmanuel, conhecido de todos nós, com o sustento, no lado humano, de Francisco Cândido Xavier, como cidadão e médium único designado para esse fim.

Ainda adotando a opinião do notável espírita Deolindo Amorim (Reformador, março/abril de 1979), resolvemos oferecer uma bibliografia selecionada para

este livro, para o ajuizamento do leitor a respeito do suporte informativo da obra em apreço.

Kardec não usou esse recurso, o que podia ser um exemplo a ser seguido. Porém, as argumentações de Deolindo Amorim são, ao que nos parece, adequadas aos dias de hoje e se revelam convincentes.

Por último, no clima de liberdade e sob os auspícios das boas influências dos Amigos Espirituais, desejamos a todos os nossos leitores frutíferos estudos e que sintam intensamente o hausto de euforia gerado pelo repassar das lições dos nossos Maiores.

ALGUMAS CARACTERÍSTICAS DO ESPIRITISMO

O Espiritismo é uma doutrina codificada por Allan Kardec e apresentada ao mundo em **1857**. Seus propósitos foram bem definidos, tanto que o Codificador escreveu no Terceiro Diálogo - do seu livro "O que é o Espiritismo" (em **1859**), as seguintes palavras: "O Espiritismo tem como finalidade combater a incredulidade e suas funestas consequências, provando incontestavelmente a existência da alma e a realidade da vida futura. Destina-se, pois, aos que não crêem em nada ou que duvidam. Como se sabe, o número destes não é pequeno. Os que têm fé religiosa e a quem esta fé satisfaz, dele não precisa".

Pretende ele, portanto, firmar os mais sólidos princípios libertadores da pessoa, valorizando-a em seus mais elevados anseios da alma. E isso parece-nos um socorro da mais alta importância para os que se sentem tombar diante das vicissitudes naturais (embora às vezes cruéis) da vida terrena! Sua validade está, assim, garantida para todas as pessoas que sofrem desesperanças e pedem uma tábua de salvação; que procuram **13** uma porta de saída para seus desajustes e desesperos, mas necessitando de encontrar um sentido lógico, verdadeiro e completo de vida.

Ao materialismo consumista, devorador e tresloucado dos tempos modernos sobrepõe o Espiritismo uma promessa devida altruísta e comedida, educada e fraternal; ao sofrimento e à dor apresenta as explicações corretas de suas causas e seus efeitos, apontando soluções e oferecendo o apoio requerido pelas decisões de vida superior; sustenta a esperança, a euforia no viver e indica o caminho da liberdade responsável; enfim, sugere uma proposta de estruturação social, econômica, política e de comportamento coletivo compatível com os maiores interesses do Espírito, tanto para o presente, quanto para o futuro distante. Sendo uma doutrina livre dos limites impostos pelos sistemas acadêmicos,

econômicos, políticos, religiosos e sociais, presta-se a acompanhar todos os lances evolutivos da humanidade, em seu aperfeiçoamento, em seu constante progresso.

Surgindo no momento certo, conseguiu firmar posição e angariar adeptos em todas as esferas sociais, iniciando um movimento que, afinal, se espalhou por todo o mundo ocidental, particularmente pelo Brasil, insinuando-se como um fator imponente em sua cultura.

O maior sucesso do Espiritismo está no fato de sempre ajustar-se ao "espírito da época", quer dizer, assentar seus princípios nas próprias conquistas do pensamento moderno, acompanhando-o e assimilando-lhe os avanços progressistas. Kardec escreveu, em **1868**, no seu último livro, intitulado "A Gênese", logo na introdução, terceiro período, as seguintes palavras: "Demonstrando a existência do mundo espiritual e suas relações com o mundo material, o Espiritismo fornece a chave para a explicação de uma imensidade de fenômenos incompreendidos e considerados, em virtude mesmo dessa circunstância, inadmissíveis, por parte de uma certa classe de pensadores."

Ora seguindo rigorosas e extensas pesquisas, depois de um panorama global da doutrina que codificara, Kardec define-a do seguinte modo: "O Espiritismo é uma ciência que trata da natureza, origem e destino dos Espíritos, bem como de suas relações com o mundo corporal" (O que é o Espiritismo, Prólogo).

Era exatamente o que faltava para completar o quadro do Conhecimento designativo do maravilhoso século XIX, quando se deu a Codificação Espírita. Porém o mundo, nessa época, encontrava-se maduro para as incipientes e notáveis teorias do Espírito e a elite culta da Europa, na vanguarda social, por sua vez, dilatava e direcionava essa importantíssima revolução conceptual na área religiosa e das crenças gerais.

Em todos os seguimentos da atividade humana, como em todos os rincões, o sopro renovador do progresso vem abalando as velhas estruturas religiosas, substituindo-as pelo novo entendimento da Vida e do Universo, mais apropriado ao mundo recomposto e aperfeiçoado que se avizinha e cujas balizas estamos lançando desde já.

São de Allan Kardec as seguintes palavras: "O simples fato de poder o homem comunicar-se com os seres do mundo espiritual traz consequências incalculáveis da mais alta gravidade; é todo um mundo novo que se nos revela e que tem tanto mais importância, quanto a ele hão de voltar todos os homens, sem exceção".

"O conhecimento de tal fato não pode deixar de acarretar, generalizando-se, profunda modificação nos costumes, caráter, hábitos, assim como nas crenças que tão grande influência exercem sobre as relações sociais. É uma revolução completa a operar-se nas ideias, revolução tanto maior, tanto mais poderosa, quanto não se circunscreve a um povo, nem a uma casta, visto que atinge simultaneamente, pelo coração, todas as classes, todas as nacionalidades, todos os cultos" (A Gênese, cap. I, item **20**).

Compreendemos, portanto, ser o Espiritismo uma doutrina evolutiva, de características ímpares, porque pretende acompanhar o progresso da humanidade em todos os seus momentos, de tal maneira a permanecer atualizada e útil, atendendo ao mesmo tempo às sempre renovadas necessidades das gerações humanas em suceder contínuo. Livre da fixidez de sistemas, procura, constantemente, alterar a habitual imagem que temos da vida e sua sorte, adaptando-se às constantes modificações sociais.

Em primeiro lugar, propõe-se demonstrar serem os mundos dos encarnados e dos desencarnados os dois lados de uma só realidade. Com isso, patenteia-se a interdependência das atividades, tanto dos espíritos quanto dos homens, de modo que todos compreendam melhor a importância de suas vidas e de seus labores. As experiências feitas quando encarnado continuam desenvolvendo-se no plano dos desencarnados, vice-versa, oferecendo ao espírito os meios e ingredientes para apreender corretamente o significado do processo evolutivo pelas reencarnações sucessivas. Daí o conceito de humanidade crescer, englobando os dois mundos: o aparente e o invisível aos nossos olhos de carne, todavia como se fossem as duas faces da mesma moeda.

De posse da nova maneira de vermos as coisas, é óbvio modificar-se o nosso comportamento substancialmente, colocando o móvel das atividades e os objetivos maiores do Espírito em níveis muito mais elevados do que a procura de, tão-somente, garantir exclusividades e vantagens materiais ilusórias durante a passageira romagem terrena.

Quando for adotada e generalizada a teoria da reencarnação à luz da Doutrina Espírita, o nosso mundo moral-econômico-político-social terá sofrido uma profunda e radical transformação rumo ao reinado do bem e à felicidade de todos.

Olhando com mais cuidado, verificamos que o Espiritismo não se alicerçou em fatos isolados ou em especulações ociosas de gabinetes literários. Na verdade, resultou das conquistas da fase atual do progresso europeu, quando todos os segmentos sociais se desenvolveram até ao ponto de permitirem a síntese caracterizadora de uma nova qualidade espiritual, agora não mais geocêntrica, porém mais integrada no imenso Universo, entendido como sendo a "casa do Pai".

Allan Kardec elegeu como ponto de partida para o seu trabalho de codificador da Doutrina Espírita um humanismo idealista, tendo as conquistas dos encarnados por base e o Cristo da fé por objetivo. Nada impõe, como nada propõe além das alternativas reais das pessoas para a livre escolha do comportamento mais condizente com os seus interesses espirituais imediatos. Daí o Espiritismo fundamentar-se em fatos verificáveis, em experiências possíveis e de realização ao alcance de todos, analisando os acontecimentos espirituais com todo o rigor dos métodos racionais hoje em voga, de maneira a não resultarem dúvidas a seu respeito, para somente depois disso integrar-se na lógica da vida.

É, todavia, doutrina resultante do trabalho de vasta equipe de Espíritos, mas também, pelo aspecto humanístico, englobando-nos todos, conferindo a cada um de nós, a parcela de responsabilidade em seu contexto e em seu apoio. Neste caso, pede-nos uma completa identidade com os seus princípios. Mas deve-se ressaltar o fato de que não tem chefes encarnados, não tem fundador humano, nem donos, guias ou médiuns oficiais.

Atento a esses quesitos, Kardec acautelou-se, conferindo ao seu trabalho os mais convenientes atributos de solidez e propriedade. Nele evidencia-se, k>go de início, uma preocupação acendrada com o conteúdo dos postulados, examinando aspectos palpitantes das exigências da cultura moderna, com um rigoroso critério de análise.

Sabendo que os encarnados e desencarnados formam uma só realidade espiritual, não mais aceitamos nenhum fenômeno dito sobrenatural. A ação de uma pessoa, seja qual for, depende, portanto, do próprio espírito e de sua qualidade, e não resulta do funcionamento mecânico da matéria que compõe o corpo de carne, como querem os materialistas. Por isso é que, encarnado ou desencarnado, o Espírito é ele mesmo, incompartível, tomando decisões e conferindo a tudo o que sente e faz a naturalidade do pensamento, as intenções do querer, o direcionamento da inteligência, a percepção permitida pelo intelecto. Tudo é natural e de acordo com as leis universais. Permanece ele, em todas as circunstâncias e eventos, fluindo sem cessar em uma direção evolutiva, expansionista e libertadora, no perene vir-a-ser de seu próprio futuro.

, Estabelecer um único tipo de comportamento para todos eles é não só inconveniente, como também contrário ao princípio das afinidades espirituais, o que demonstraria o esquecimento das leis dos graus e do processo evolutivo: Entendemos, portanto, ser a nossa humanidade estruturada em faixas de espíritos que, entre si, mais se afinizam pelo grau evolutivo de momento, determinante de interesses imediatos, de tal sorte a desenvolverem suas vidas usando os meios mais propícios ao êxito de suas tentativas. Sendo certo que os espíritos não são estáticos, imodificáveis, podendo (como sempre acontece) passar, por esforço próprio e de livre e espontânea vontade, de uma faixa ou estágio espiritual para outro melhor, mais elevado. Também podemos compreender que, embora participando temporariamente de agrupamentos diversos em saber e fraternidade, apesar disso, têm eles, encarnados e desencarnados, muitos pontos em comum. Criados simples e ignorantes, em tempos distintos, é óbvio que seus graus se diferenciam na esteira da Criação. Mas por isso mesmo têm a identidade de origem. O qualificativo de "provas e expiações" dado à Terra neste momento, refere-se à heterogeneidade dos graus que partilham, ao mesmo tempo, das experiências gerais de aprendizado que o Orbe oferece, em ambiente para esse estágio estruturado, onde as conjunturas e as circunstâncias favorecem a procura da sabedoria e da fraternidade plena nas tribulações da vida comum.

Percebendo claramente esse fato, a Doutrina Espírita propõe, no momento, equacionar conceitos comportamentais apenas relativamente, de tal forma que sempre haja um inspirando-se em outro, superior, mais experiente, de quem recebe instruções e exemplos edificantes, ao mesmo tempo que se obriga, por sua vez, a fazer idênticas doações aos que se consideram seus inferiores.

Porém, todos são atendidos em suas carências de acordo com o seu momento histórico, dentro da mais perfeita democracia, numa estrutura mundial em que, embora construída pelas rígidas leis dos graus, se mantenha a completa liberdade íntima de cada um. Temos garantida, assim, a oportunidade sagrada do crescimento interior da alma, que encontra sempre as mesmas condições objetivas de aprendizado criadas para todos, sem exceção, na romagem terrena. E para isso, o Espiritismo apresenta as seguintes qualidades:

Aplicabilidade

O Espiritismo poda o que a superstição engendra, desfaz a ignorância com o auxílio das conquistas científicas e do progresso, melhora as condições de vida com ajuda e o apoio bem orientado da Tecnologia avançada, substitui ilusões pela realidade reencarnacionista, e tenta encontrar o essencial, pondo-o ao alcance de todos, atendendo aos reclamos dos espíritos nas pelejas e esforços de auto-superação. Portanto, as propostas espíritas se consideram, em todos os sentidos, aplicáveis no dia-a-dia de todo mundo.

Semântica

Os termos e neologismos usados pelo Espiritismo têm sentido exato e inequívoco, porque intenta interpretar corretamente o pensamento evangélico e todos os fenômenos da Natureza, mantendo os conceitos espirituais inteligíveis para qualquer pessoa, esteja ela em que lugar do orbe estiver.

Historicidade

Chama a atenção para a presença dos fenômenos mediúnicos, existentes desde todo o sempre, anotados em toda parte, desde a antiguidade mais remota e em todos os agrupamentos humanos, ressaltando aí a efetiva liderança dos Espíritos nas atividades gerais da sociedade. Aqui no Ocidente, a prova mais eloquente disso é a Bíblia, cujo conteúdo é todo vasado no relacionamento permanente das pessoas com o Plano dos Espíritos, embora nas mais simplórias e mágicas anotações. Por esse prisma, sugere uma nova interpretação da História, em que se deve levar em conta, igualmente, o mundo dos desencarnados.

Concordância

Foram cotejadas as instruções dos Espíritos oferecidas através de médiuns participantes de cerca de mil centros sérios de trabalhos mediúnicos, disseminados por diversos pontos da Terra, na época da Codificação, conseguindo-se uniformizar razoavelmente os ensinamentos básicos, compatíveis com o progresso do mundo atual. E essa concordância passou a ser a chave da

autenticidade dos novos ensinamentos espirituais.

Singularidade

Aqui existe um oferecimento que, no mínimo, tem o sabor da originalidade. É que a Codificação Espírita deve ser testada em sua validade de tal maneira que os seus princípios teóricos sejam aproveitados pelas pessoas de acordo com as suas possibilidades, levando-as, individualmente e por vontade própria, a conformarem com a moral evangélica o respectivo proceder. Mas isso - atente-se bem - não dependendo das orientações ou ordens de quem quer que seja. Cada um segue apenas sua própria consciência, pois em Espiritismo não há chefias humanas, não existem pastores ou sacerdotes, não se admitem guias encarnados nem profetas, não se aceitam padrões humanos por paradigmas e nem se renuncia à liberdade, ao uso da razão, ao direito de livre escolha. Os que se intitulam espíritas, conscientes do que isso significa, adotam, simplesmente, as propostas doutrinárias, afeiçoando-as acorde com a sua maneira de ser, com a cor de sua própria personalidade e seu grau espiritual. A unidade do proceder espírita encontra-se na Doutrina mesma, quando as pessoas pretendem ser coesas na procura do Cristo; mas a vivência prática dos princípios doutrinários faz-se, inevitavelmente, de acordo com as luzes e as intenções de cada um.

Autenticidade

Como a Doutrina Espírita desencadeia um movimento renovador de consciências, pretendendo atingir a sociedade toda, é de primordial importância cada qual sentir-se convidado a por em prática as leis evangélicas, agora explicitadas pelos prepostos do Senhor, em espírito e verdade: (1) "Jesus empregava amiúde, na sua linguagem, alegorias e parábolas, porque falava de conformidade com os tempos e os lugares. (2) Faz-se mister agora a verdade se tome inteligível para todo mundo. (3) Muito necessário é que aquelas leis sejam explicadas e desenvolvidas, tão poucos são os que as compreendem e ainda menos os que as praticam. (4) A nossa missão consiste em abrir os olhos e os ouvidos a todos, confundindo os orgulhosos e desmascarando os hipócritas; os que vestem a capa da virtude e da religião a fim de ocultarem suas torpezas. (5) O ensino dos Espíritos tem que ser claro e sem equívocos, para que ninguém possa pretextar ignorância e para que todos o possam julgar e apreciar com a razão. (6) Estamos incumbidos de preparar o reino do bem que Jesus anunciou. (7) Daí a necessidade de que ninguém seja possível interpretar lei de Deus a sabor de suas paixões, nem falsear o sentido de uma lei toda de amor e de caridade" (*O Livro dos Espíritos*, item 627).

Como se vê, no Espiritismo não há chefias humanas. Os Espíritos do Senhor expõem e propõem; cada um de nós assimila e analisa segundo sua capacidade e põe em prática, na espontaneidade do viver diário, o que puder ou o que achar conveniente. Nesse ponto, que ninguém se iluda ou seja pretensioso. A vida do cristão espírita tem que ser autêntica, livre de injunções confessionais, mas

responsável e naturalmente fraternal.

Popularização

O Espiritismo pede que se observe o fato de que se apresentou ele ao homem por um caminho rápido, prático e autêntico, porque Jesus incumbiu os Espíritos Colaboradores de levá-lo de um pólo da Terra ao outro, manifestando-se em toda parte, sem conferir a ninguém o privilégio exclusivo de lhes ouvir a palavra, para que milhões de pessoas vissem e ouvissem a mesma coisa, e se anulasse uma possível tentativa de centralizar-se o comando, capaz de transformar-se em mais uma religião institucionalizada. Ora, aqui em todos os nossos rincões, desde os núcleos espíritas mais selecionados e ilustres até aos simples e analfabetos, a palavra dos Espíritos do Senhor se faz audível, garantindo a independência dos médiuns e o fluir espontâneo dos ensinamentos evangélicos. Por mais que os astutos e de má-fé planejem encarcerar a doutrina espírita nos novos templos de pedra, gerando riqueza, poder material e político, não conseguirão cercar a liberdade dos núcleos mediúnicos espalhados por todos os cantos do nosso território, nem arrolhar a boca dos Espíritos que insistem em confabular com os encarnados. O Espiritismo pertence a todos, e não a grupos ou pessoas em particular.

Exegese

É muito necessário não esquecer que a Doutrina Espírita preveniu-se das lideranças espúrias, quando avisou que os Espíritos do Senhor são os únicos responsáveis diretos e de direito pela propaganda da doutrina deles, o que fariam com o auxílio dos inúmeros médiuns que, também eles, os Espíritos, iriam suscitando de todos os lados. A exposição dos princípios doutrinários depende, além da competência obtida no estudo demorado da Doutrina e da autoridade do expositor, da inspiração dos Maiores da Espiritualidade.

Neutralidade

O Espiritismo assume um caráter mundial. Não tem nacionalidade e não parte de nenhum culto religioso ou de crenças já conhecido. Não traz adaptações político-sociais existentes. O Cristianismo que adota é, por sua vez, reinterpretado originalmente, com as novas chaves que a Doutrina fornece. Apresenta dimensões espirituais insuspeitadas, e o próprio Cristo muito mais profundo e universal em seu aspecto de diretor único do nosso orbe. O Espiritismo não é introduzido por nenhuma classe social em particular, não reconhece superioridade de nenhuma raça, assim como não se prevalece de prerrogativas oficiais ou amoedadas. Não depende do dinheiro e muito menos dos favores do Estado. É absolutamente livre de injunções políticas e materiais de

qualquer ordem. Nada, providência nenhuma, da administração terrena exercerá sobre ele restrições, porque ninguém encarnado tem ação e domínio sobre os Espíritos Superiores, seus promotores e sustentadores à face do Orbe.

Democracia

Encontramos no Espiritismo as características de universalidade doutrinária e da espontaneidade da ação. Não deixa dúvidas a respeito da participação de todos, ignorantes ou doutos, ricos ou pobres, chefes ou subalternos, com os mesmos direitos de voz e voto. Pela sua teoria da reencarnação, jamais se ilude com as aparências das provisórias posições sociais da estrutura material terrena. Os espíritos podem, nas sucessivas reencarnações, não só habitar os diversos países, como desempenhar funções sociais muito diversificadas, de acordo com os seus interesses maiores.» Quer dizer que as posições sociais, o aspecto físico, o grau de cultura acadêmica de momento, as nacionalidades, no correr do tempo, variam no fluir das inúmeras reencarnações progressivas, de tal maneira que, em hipótese alguma podemos classificar um espírito, em definitivo, apenas por uma só de suas vidas carnis. «Portanto, em qualquer agrupamento humano, e olhando somente a posição social representativa, não teremos os meios eficientes para valorizar um espírito, a não ser pelo aspecto seguro da fraternidade que demonstrar no contato com semelhantes, assim como no respeito e amor à Natureza. Ora, sendo tudo apenas relativo, o mais conveniente e judicioso para qualquer movimento espírita é manter, sempre, entre as pessoas, um clima democrático nos estudos, para que possam interpretar e adotar os princípios doutrinários.

Hierarquia

A Doutrina Espírita afirma existir uma única autoridade entre os espíritos, encarnados e desencarnados. Ela resulta do grau de aperfeiçoamento atingido pelo espírito, sendo, portanto, proporcional à quantidade de Cristianismo que houver assimilado. Trata-se daquilo que convencionamos chamar de "autoridade moral". Quanto mais elevado, maior o poder de discernimento, de agir e de administrar terá o espírito, que também significa sua maior responsabilidade e mais dilatados compromissos com a Vida, a Verdade e os seres. Porém, o mais interessante está no fato de que a superioridade moral não se impõe, porque, como se verifica em todas as circunstâncias, é naturalmente aceita.

RACIONALISMO

O caráter racionalista do Espiritismo tem colorido intenso, afirmando-se, aí, o império da análise, do método e da lógica. Os fenômenos da Natureza e, também, tudo o que venha dos espíritos, sem exceção, por mais respeitável seja o nome que

traga por chancela, deve submeter-se, em primeiro lugar, ao veredito do exame competente. Aquilo que contrariar o bom-senso, os dados da experiência e o correto discernimento, deve ser desaprovado. Em Espiritismo, "melhor é repelir dez verdades do que admitir uma única falsidade, uma só teoria errônea" (Erasto, *O Livro dos Médiuns*, cap. XX, item, **230**, quinto período).

"Caminhando de par com o progresso, o Espiritismo jamais será ultrapassado, porque, se novas descobertas lhe demonstrassem estar em erro acerca de um ponto qualquer, ele se modificaria nesse ponto. Se uma verdade nova se revelar, ele a aceitará" (Kardec *A Gênese*, cap. I, item **55**). A Doutrina Espírita, "vinda numa época de emancipação e maturidade intelectual, em que a inteligência, já desenvolvida, não se resigna a representar o papel passivo; em que o homem nada aceita às cegas, mas quer ver onde o conduzem, quer saber o porquê e o como de cada coisa - tinha ela que ser ao mesmo tempo produto de um ensino e o fruto do trabalho, da pesquisa e do livre-exame. Os Espíritos não ensinam senão justamente o que é mister para guiá-lo no caminho da verdade, mas abstêm-se de revelar o que o homem pode descobrir por si mesmo, deixando-lhe o cuidado de discutir, verificar e submeter tudo ao crivo da razão, deixando mesmo, muitas vezes, que adquira experiência à sua custa. Fornecem-lhe o princípio, os materiais: cabe-lhe a ele aproveitá-los e pô-los em obra" (Kardec, *A Gênese*, cap. I, item, **50**).

Seleção de Princípios

O conjunto dos ensinamentos dos Espíritos, codificados em uma doutrina evolutiva mas coesa e harmônica, representa o modelo capaz de qualificar ou desqualificar sistemas parciais que porventura se lhe queiram associar. É essa a base em que se apóiam os Espíritos e os espíritas esclarecidos, após a Codificação, para formularem algum princípio que se possa assimilar ao conjunto doutrinário, para seu natural desenvolvimento. O processo selecionador de assuntos e teorias que se sucedem velozmente no mundo intelectual de hoje, e que possam ser admitidos pela Doutrina, em caráter permanente, é o das comparações EM EXTENSÃO e PROFUNDIDADE com os princípios básicos, expostos pelos Espíritos, e até o presente momento tidos como válidos. Sem isso, a Doutrina sucumbirá ante o impacto das novidades e dos novidadeiros arrogantes e incompetentes, mais interessados no aspecto lúdico da vida do que em qualquer outra consideração séria e respeitável.

Impessoalização

Sem nenhum receio de erro, afirmamos que ninguém é autoridade incontestável em Espiritismo. Basta lembrarmos que ele foi elaborado por uma extraordinária equipe de Espíritos Esclarecidos, para que alguém, ou mesmo algum espírito isoladamente, se iluda ao ponto de querer superar, sozinho, o conjunto dos luminares do saber e do amor, operantes da Codificação... Ora, o Espiritismo é uma

obra coletiva dos Espíritos do Senhor. Ninguém é, particularmente, seu criador ou seu chefe encarnando. Trata-se de um trabalho impessoal dos Espíritos Superiores, mantendo sempre o caráter evolutivo, porque tudo está em perpétuo movimento, nada se encontra parado ou fixo em si mesmo; os homens se modificam com o perpassar do tempo, as gerações se sucedem continuamente no sentido progressista, porém tendo como foco diretor desse fluxo Nosso Senhor Jesus Cristo.

A opinião de qualquer um, desde a do iletrado até a do sábio, se estiver de acordo com os princípios doutrinários basilares terá o mesmo valor e a mesma autoridade cristã. Portanto, se se criar um movimento espírita legítimo, correto, de acordo com as verdadeiras proposições doutrinárias, é evidente que ele terá de ser impessoal.

Unificação

Um movimento espírita qualquer contará com adeptos unidos pelos princípios da Doutrina mesma, porém jamais se pautará por lideranças humanas, sempre falhas, relativas, precárias e perecíveis, ou por instituições e órgãos colegiados administrativos estruturados em tortuosos e enganadores estatutos de hierarquia, engendrados (mesmo que inconscientemente) pelas providências desavisadas dos incautos. Todo tentame de hierarquizar e burocratizar um movimento espírita é antidoutrinário, pretensioso e supostamente necessário!

Sabemos ser uma comunidade espírita qualquer nada mais que um arranjo heterogêneo de espíritos; mas eles todos, no entanto, já se acham convencidos da realidade maior da vida, e se dizem desejosos de experiências mais elevadas da alma, podendo dirigir-se responsabilmente, sem comandos paternalistas, nem sempre recomendáveis. Por isso, encontram-se prontos para aceitarem espontaneamente e em plena consciência, o governo de Jesus Cristo, o Mestre Único, sob o influxo dos Espíritos Luminosos, que conosco se comunicam habitualmente.

Analisando sem ilusões e com objetividade, sabemos serem os encarnados normalmente frágeis nas suas provas mais requisitantes, sempre vacilando na fé e no esforço verdadeiro de auto-aprimoramento, por causa das pressões dos resíduos de desacertos e compromissamentos negativos do pretérito espiritual. Sujeitos ao embotamento dos sentidos da alma pelo abafador do corpo de carne, oscilantes nas decisões maiores da alma e, quase sempre, esmagados e vencidos pelas cruéis exigências da economia material da sociedade, além de praticamente inermes no correto e completo esforço retificador dos caminhos escusos da vivência nas encarnações pregressas, sem, portanto, a devida competência, não podem chefiar nada. Quando muito, se prestam a tarefas administrativas, obedecendo aos ditames legais da estrutura social humana. Podem até ser "presidentes", "diretores", "orientadores", etc., de centros, grupos, organizações

várias, de caráter material, porém dentro dos restritos padrões institucionais humanos, passageiros e precários. Porque ninguém conhece a ficha do conjunto de suas próprias e inumeráveis reencarnações, devidamente analisadas, sentidas e retificadas, quanto mais terá a ingênua, ou estulta, pretensão de conhecer as fichas reencarnatórias dos bilhões de espíritos de todos os graus, no seu dinamismo existencial, sujeitos ao interlúdio sideral "Terra", no concerto universal da Vida! Que sabemos nós dos verdadeiros motivos de todos os acontecimentos espirituais da Terra, e de nós mesmos, em particular? Que capacidade teremos para a tomada de providências solucionadoras de todos os problemas, atuais e históricos, dos bilhões de espíritos em experiência no Planeta? Pelo menos, em que ponto se acham os nossos conhecimentos de Geografia Humana atual, de História das Civilizações, de Antropologia, de Paleoantropologia, de Etnologia, de Sociologia, etc., etc., para nos metermos a orientadores da humanidade, como fiéis interpretes do pensamento do Augusto Diretor do Orbe e de seus Prepostos? Afinal, que conhecemos de nós mesmos, pura e singularmente? Ora, o mais judicioso é compreendermos que a direção do Espiritismo, no resguardo de seus princípios, no expor e convidar à exata vivência do Evangelho fica, pois, na dependência do nosso Mestre Supremo e de seus auxiliares! É por isso que, diante da carência espiritual humana (e isso se refere a todos, sem exceção), ameaçados pelo perigo das ilusões e do atrevimento da ignorância, sempre afirmamos ser o Espiritismo incompatível com o caudilhismo!

Critica

As críticas dirigidas ao Espiritismo, partindo tanto dos homens como dos desencarnados menos esclarecidos, devem confrontar-se com as bases doutrinárias já estabelecidas. Se justas e construtivas, serão bem vindas; em caso contrário (o que é muito frequente) devem ser simplesmente desconsideradas, rejeitadas, não merecendo respostas.

O Espiritismo não teme as críticas competentes, e está aberto a todas elas. Apenas não aceita prejulgamentos levianos, nem a incompreensão e os ódios gratuitos dos espíritos umbralis - nos a ele endereçados.

Evolução da Doutrina

O suceder das encarnações e o progresso consecutivo da humanidade (encarnados e desencarnados) trarão, sempre, novidades a serem incorporadas à Doutrina Espírita. Mas é preciso que essas novidades se identifiquem com o conjunto já codificado, dentro da linha cristã de pensamento dos Codificadores, antes de mais nada. Depois, devem submeter-se ao referendo dos Espíritos Superiores que, de direito e de fato, são os responsáveis pelo aperfeiçoamento espiritual que a nova Doutrina promove nas pessoas. Qualquer um poderá apreciar e tentar uma interpretação diferente do Cristianismo Redivivo, como também é

chamado o Espiritismo, de acordo com as luzes que já alcançou. Porém, e isso deve ser bem enfatizado, não tem o direito de fazer modificações nos textos postos a circular com a assinatura de Allan Kardec. A Doutrina Espírita destina-se à humanidade inteira; portanto, terá de ser avaliada sob os mais distintos ângulos, nos mais diversos lugares e culturas, como também sob os mais díspares ambientes fluidico-espirituais. Logo, é mais que necessário as suas páginas permanecerem originais, para serem corretamente analisadas. Quem quiser, é óbvio, fará seus comentários particulares a respeito da obra inteira, ou somente de algumas de suas partes, mas se assinando e assumindo a responsabilidade do que estiver expondo. Ora, essa cooperação, além de saudável, transparece muito instrutiva e estimulante, podendo, até, revelar a pujança do movimento dos espíritas. Mas é justamente através das análises aprofundadas e das comparações adequadas que os conceitos doutrinários se insinuam úteis ao trabalho dos Espíritos, conferindo-lhe o caráter de atualidade dinâmica.

As seguintes palavras de Allan Kardec soam-nos, aqui, muito apropriadas: "Pedimos séria atenção para esse ponto, porque, de certo modo, está aí o nó da questão".

"Sem embargo da parte que toca à atividade humana na elaboração desta doutrina, a iniciativa da obra pertence aos Espíritos, porém não a constitui a opinião de nenhum deles. Ela é, e não podia deixar de ser, a resultante do ensino coletivo e concorde por efes dado. Somente sob tal condição se lhe pode chamar doutrina dos Espíritos. Doutra forma, não seria mais do que a doutrina de um Espírito e apenas teria o valor de uma opinião pessoal".

"Generalidade e concordância no ensino, esse o caráter essencial da doutrina, a condição mesma da sua existência, donde resulta que todo princípio que ainda não haja recebido a consagração do controle da generalidade não pode ser considerado parte integrante dessa mesma doutrina. Será uma simples opinião isolada, da qual não pode o Espiritismo assumir a responsabilidade" (Allan Kardec, *A Gênese*, Introdução - sétimo período).

Mediumismo

Há uma área no Espiritismo muito chamativa, pelo inusitado fenomênico, que se chama mediúnica. Essa parte é muito atraente, mas também carregada de dificuldades e incompreensões. Acostumadas ao lado supersticioso e ao sobrenatural mágico das religiões, as pessoas, quando desprevenidas e não preparadas convenientemente pela Doutrina, procuram os fenômenos mediúnicos como as crianças os seus brinquedos. O resultado disso é aquele comportamento sempre infantil, quando não desarrazoado ou inconsequente, a alimentar fantasias e ilusões não educativas.

Para prevenir decepções e afastar tropeços dessa natureza, tem-se feito ampla e constante campanha pelo estudo minucioso da Doutrina. Allan Kardec,

preocupado com esse aspecto da prática espírita, dedicou um livro a respeito, intitulado de *O Livro dos Médiuns* e publicado em **1861**. A partir daí, muito se fez e se acrescentou ao tema. Porém, e infelizmente, esse esforço de progresso não tem sido proporcional ao tempo já decorrido até hoje. Porque o mediunismo ainda apresenta-se como a maior dificuldade da prática espírita, justamente devido à incompreensão gerada pela promiscuidade dos graus evolutivos dos espíritos que compõem a parte visível da sociedade humana. Neste setor doutrinário, verificam-se grandes enganos e sérias confusões. Infortunadamente, esse obstáculo conjuntural resulta da enorme disparidade dos interesses pessoais imediatos, das concepções de vida social diferenciada pela riqueza ou pobreza material e moral de cada um, dos desejos e anseios mais ou menos egoístas das pessoas, cujos sentimentos podem estar descompromissados com o bem comum, da sensibilidade geralmente embotada e de um ideal puramente materialista do mundo.

Apesar de tudo, não nos esqueçamos, todavia, de que a principal característica do "mediunismo espírita", quer dizer, proposto e dirigido pela Doutrina apresentada por Kardec, é o sentido cristão e assistencial de que se reveste. Esse mediunismo, quebrando as barreiras da "morte" e unificando a Humanidade em um só corpo espiritual, permite-nos o estudo da estrutura social do plano dos desencarnados e seu relacionamento de causa e efeito com o nosso plano de encarnados, ou homens.

As vantagens desse intercâmbio são totais porque, desse ponto em diante, o direcionamento e o sentido de nossa vida passam a ter um novo significado. Os rumos, as experiências, as intenções e os trabalhos dos homens se obrigam, pois, a uma revisão na maneira de atender os nascentes ideais de atividade coletivista, reveladora de impulsos e desejos mais nobres e elevados do "ser moral".

Dessa maneira, o Espiritismo cuida em propor um mediunismo iluminado, em primeiro lugar, pelos ditames cristãos de vida, e depois, escoimando-se de qualquer interesse secundário ou pecuniário, procura exaltar plenamente o seu ideal brilhante e construtivo, estruturando um mundo cada vez mais belo e feliz.

Cultura

No plano teórico, conta o Espiritismo com um embasamento cultural completo. Diferente das religiões constituídas e tradicionais, sempre avessas, cautelosas ou mesmo francamente refratárias ao avanço do pensamento dito profano, sem a sua tutela, procura ele, ao contrário, valer-se de tal maneira do progresso do saber e da técnica, que se apresenta dividido em três aspectos: o científico, o filosófico e o moral-evangélico. Pelo primeiro aspecto, os espíritistas procuram estudar a Natureza, seguindo a metodologia e os postulados das Ciências Particulares. Com isso, pretendem conhecer a estrutura e o funcionamento do Universo, para um domínio inteligente dos fenômenos tanto físicos, como espirituais. Já a Filosofia

Espírita procura corporificar os dados do saber e da experiência, na tentativa de unificar conceitualmente o Universo, mas à luz da primazia do Espírito, entendido como uma das forças atuantes da Natureza. Depois de detentores desses conhecimentos, os espíritas necessitam de um roteiro comportamental para o conveniente uso dos bens materiais e de um código de valores éticos bastante flexível, que esteja em constante ajustamento às circunstâncias, sempre mutáveis e progressistas. Nesse ponto adotam a luz do Evangelho de Nosso Senhor Jesus Cristo, sabedores de que assim jamais se surpreenderão nas trevas da ignorância essencial (do espírito), ou nas dúvidas torturantes e inúteis do caminhar terreno, convictos de que o saber e o amor se entrelaçam, enfim, na fonte permanente da atividade criadora.

Ora dentre as inumeráveis, essas poucas características citadas aqui são suficientes para demonstrar ser a Doutrina Espírita evocadora e fascinante. Mas, é bom ressaltarmos, também ela se apresenta como um exigente convite ao estudo, à observação acurada e à meditação dilatada dos fatos espirituais. Melhor ouvirmos as próprias palavras de Allan Kardec:

"Dissemos que o Espiritismo é toda uma ciência, toda uma filosofia. Quem, pois, seriamente queira conhecê-lo deve, como primeira condição, dispor-se a um estudo sério e persuadir-se de que ele não pode, como nenhuma ciência, ser aprendido a brincar. O Espiritismo também já o dissemos, entende com todas as questões que interessam a Humanidade; tem imenso campo, e o que principalmente convém é encará-lo pelas suas consequências (*O Livro dos Médiuns*, cap. III, item 18).

A DOCTRINA ESPÍRITA

Allan Kardec desejou colocar como prefácio do *O Evangelho Segundo o Espiritismo*, que acabara de escrever, uma instrução dada pelo Espírito de Verdade que segundo ele, "resume a um tempo o verdadeiro caráter do Espiritismo e a finalidade da Obra." Sem dúvida nenhuma, trata-se da mais poderosa página da Doutrina Espírita, definindo uma estratégia e anunciando uma profunda mudança no teor espiritual do Planeta, reservada para os dias de hoje. É tão grande a sua autoridade, que a lemos emocionados, ao depararmos com uma certa expressão nela contida, referente ao estilo de Nosso Senhor Jesus Cristo: "Eu vos digo em verdade..."

Estamos informados que o Espírito de Verdade, ou simplesmente "Espírito Verdade", é um conjunto de espíritos que operam harmonicamente na condução da Terra às suas gloriosas finalidades, pertencendo a diversos graus de aperfeiçoamento e poder, tendo, porém, Jesus como diretor único e supremo. Por isso, não é de se estranhar aquela frase indetificadora do linguajar do Senhor, pois como inferimos, o Mestre estava orientando diretamente a mensagem sublime

oferecida por seus Prepostos, convidando-nos a inaugurar uma fase nova e mais elevada de espiritualidade para o Orbe. E Allan Kardec, amparado e inspirado por seus Maiores, notou a importância daquelas palavras, elegendo-as como as definidoras de seus esforços de tarefeiro escolhido como o polarizador adequado dos ensinamentos dos Espíritos para efeitos humanos. Envolvidos na energia do chamamento dos Emissários do Cristo, Kardec e seus amigos, encarnados e desencarnados, dedicaram-se, pressurosos, ao trabalho da Codificação dos ensinamentos fluentes do Espaço, contagiando os pósteros, e atingindo todos nós, ainda hoje. E o entusiasmo que a Doutrina dos Espíritos faz brotar em nossa alma, amparando e direcionando-nos as lutas e pelezas na romagem terrena, é bem o atestado de sua inescapável oportunidade e urgência na solução dos nossos maiores problemas de vida.

* Dentre os Espíritos que elaboraram O Livro dos Espíritos, Kardec cita alguns dos mais notáveis na época de suas reencarnações, que deixaram marca indelével nos registros sociais, quando palmilharam as estradas do mundo. São os seguintes: João Evangelista, Sócrates, Platão, Fénelon, São Vicente de Paulo, Hahnemann, Franklin, Swedenborg, São Luiz de França, Santo Agostinho, Paulo de Tarso, Espírito Verdade, etc...

• Verificamos, ainda, que os principais médiuns que trabalharam com Kardec foram as meninas BAUDIN (Julie, com quatorze anos de idade e Caroline, com dezesseis), e a senhorita JAPHET.. Também disse ele ter analisado mensagens obtidas através de muitos médiuns espalhados pelo mundo, em cerca de mil centros de sessões mediúnicas. Foi, realmente, uma notável obra de estudo e seleção criteriosa.

Nesse passo devemos considerar, todavia, o fato de terem os Espíritos queditaram os conceitos doutrinários de Kardec vivido em períodos diferentes, assim como terem pertencido, e talvez ainda pertençam, a correntes de pensamento igualmente diversas. No entanto, conseguiram urdir uma doutrina de proposições solidárias, representando um método novo, destinado a embasar uma renovada interpretação do Evangelho, segundo as exigências espirituais dos tempos modernos. É por esse motivo principal que o O Livro dos Espíritos representa, na verdade, apenas um começo, um ponto de partida e ao mesmo tempo um gabarito garantindo-nos os meios de melhor ajustamento às condições sempre mutáveis de nosso ambiente experiencial. O Livro dos Espíritos não é um tratado acadêmico de ciência ou filosofia e nem se fundamenta em sistemas definidores de escolas (estamos dando à escola a conotação de um sistema ou uma doutrina proposta por pessoa notável e sábia em qualquer ramo do Conhecimento, sendo, em consequência, adotada, sustentada e ampliada por seguidores ou discípulos). Por essa característica singular, permite ele mais de uma entrada ou referencial conducente a especulações válidas e apropriadas a certas linhas de pensamento, relacionadas à busca efetiva do Cristo da Fé, que é o globalizador do saber e dos

processos humanos, desde que respeitadas as leis de liberdade e escolha das pessoas. Dessa maneira, o Espiritismo fala a linguagem de todos, religiosos ou não, oferecendo-lhes as chaves interpretativas dos graves problemas do ser e do destino. Porque é preciso que todas as faixas de espíritos tenham sua parte de ensinamentos compatíveis com o respectivo grau de compreensão e de necessidades de momento. Pelo menos é o que tenta explicar o próprio Kardec ao referir-se ao Sacerdote, no Terceiro Diálogo constante do seu O que é o Espiritismo: "Melhor observado depois de sua divulgação, o Espiritismo faz luz sobre uma multidão de questões até hoje tidas como insolúveis ou mal compreendidas. Seu verdadeiro caráter é, pois, o de uma ciência e não de uma religião. A prova disso é que conta entre seus adeptos homens de todas as crenças e que não renunciaram às suas convicções: católicos fervorosos, que não deixaram de cumprir com os deveres de seu culto (quando não são expulsos pela Igreja), protestantes de todas as seitas, israelitas, mulçumanos e até mesmo budistas e bramânistas. Baseia-se, pois, em princípios que independem de toda a questão dogmática".

Penetrando mais profundamente as complexidades do imenso Universo, nossa morada na Casa do Pai, e participando competentemente das gigantescas e luminosas tarefas espirituais constantes de seu desenrolar fenomênico, procuram os Emissários do Senhor dosar os ensinamentos destinados à Terra considerando os limites e a extrema pobreza espiritual que nos define por agora. Daí nos afirmarem eles que somente nos transmitem o que nos convém, respeitando o grau de evolução de cada um em particular e das coletividades a que pertencemos no momento, criando-nos as melhores condições possíveis de progresso. Nesse fulgurante intercâmbio, dilatamos nossas possibilidades de aprendizado e atividades, evoluindo, por nossa vez, rumo aos grandiosos destinos que nos aguardam, também, na qualidade de futuros iluminados servidores conscientes do Criador.

Os Espíritos que trabalharam com Kardec trouxeram resultados de seus esforços, como já dissemos, colhidos em etapas diversas da história da humanidade, dando-nos a nítida impressão da continuidade da vida, como prenúncio da teoria das encarnações sucessivas, representativa de um dos pilares da Doutrina que desejaram comunicar.' Por exemplo: Sócrates foi um notabilíssimo filósofo grego, nascido cerca do ano **470** a.C. Platão foi seu maior discípulo, nascido, aí por volta de **427** a.C. Santo Agostinho nasceu em Tagasta (África) em **354** d.C. João Evangelista e Paulo de Tarso foram contemporâneos de Jesus. São Luiz, Bispo de Toulouse, nasceu em Brignoles, em **1274**. São Vicente de Paulo nasceu em Pouy, em **1576**. Swedenborg nasceu em Estocolmo (Suécia) em **1688**. Hahnemann veio ao mundo em Meissen, Alemanha, no ano de **1755**. Féneion nasceu em Périgord, em **1651** E assim vamos registrando um elenco de notáveis personalidades colaboradoras na obra da Codificação, como também aí anotamos o

testemunho importante dos socialmente mais simples, anônimos, contribuidores indispensáveis para a tecitura de um abrangente compêndio de experiências demonstrativas do grandioso drama humano, desdobrado na ingente conquista da espiritualidade maior.

* Pelo fato de ter sido professor, Kardec não encontrou maiores dificuldades em ordenar seu material de trabalho, habituado que estava a lidar com os planos e meios didáticos de ensino. Por isso, transparece-nos muito claro o método geral que usou para sistematizar os novos conceitos oferecidos pelos Emissários de Jesus, na confecção de seus livros doutrinários." Esse método geral resume-se no seguinte: Verificar, em primeiro lugar, a que renovadas consequências evangélicas conduzirão os ensinamentos revolucionários dos Espíritos, mediante suas novas chaves interpretativas do Novo-Testamento. Em segundo lugar, até que ponto os próprios ensinamentos dos Espíritos resistem à análise da razão, consoante aos conhecimentos da época. Em terceiro lugar, se eles são de caráter particular ou universal, comparáveis em várias situações, em confronto com as mensagens recebidas por médiuns estranhos uns aos outros, e, se possível, moradores em lugares diferentes. Em quarto lugar, se não fogem ao verossímil ou às possibilidades de compreensão geral. Em quinto lugar, se não se prestam ao incentivo de sectarismos referentes a sistemas políticos, econômicos e sociais, nem a religiões ou crenças esdrúxulas, ou a exaltar pessoas, classes ou povos determinados por causa de seu poder amoldado. Em sexto lugar, se não se mercadejam ou trazem vantagens pessoais para os médiuns. Em sétimo lugar, se revivem, invariavelmente, o Cristianismo. Em oitavo lugar, se admitem o evoluir de conceitos, de acordo com a lei de reencarnação e aperfeiçoamento.

Kardec resolveu dar ao livro básico da Codificação um cunho didático, usando a técnica das arguições indutivas, como empregava Sócrates com a maiêutica, de sua invenção. Os assuntos do O Livro dos Espíritos foram, então, divididos em quatro partes, que correspondem a grupos definidos de ideias. Para isso foram feitas **1019** arguições (na edição original, porque na tradução da FEB encontram-se só **1018**, pelo fato de uma delas ter sido transformada em desdobramento. É o caso da arguição **1011**, do original, que comparece como desdobramento da **1010**, na tradução febian).

A primeira parte consta de **75** arguições e **13** desdobramentos. Cuida de um assunto palpitante: Deus. Logo de início, os Espíritos oferecem duas entradas, à escolha do estudioso adremente preparado para perceber isso: a primeira indica o caminho dualista, teológico, próprio para os religiosos; a segunda, baseada principalmente nas sugestões contidas nos itens **10,14, 17,19**, ajudados pelos referentes à semântica, de n.ºs **28,138,139** e **153d**, permitem especulações no campo do Agnosticismo. De acordo com o pretendido pelo pesquisador, poderá garimpar no texto do livro todos os itens que conformem o seu pensamento com os atuais limites da mente humana, fundamentando uma grandiosa teoria humanística,

comprometida com a naturalidade de todos os fenômenos, tanto os ditos materiais como os espirituais (LE, item nº 617), porém, deixando de lado os assuntos mateológicos referentes a Deus, origem das coisas, finalidades últimas do Universo razões de nossa existência, etc... Exatamente, porque mateologia engloba os estudos inúteis de assuntos superiores ao alcance do entendimento humano, por enquanto, e é o que os Codificadores desejaram nos dizer nos itens 10 e 14, por exemplo, do *O Livro dos Espíritos (LE)*. Os adeptos das correntes religiosas do Espiritismo, no entanto, acatam também, e com muita paixão, as proposições qualificadoras do Deus antropomórfico e todas as consequências talmúdicas resultantes dessa atitude. Kardec preferiu seguir, pessoalmente, esse caminho, tanto que vai tratar desse assunto de sua opção em o *O Céu e o inferno*, livro que escreveu procurando conciliar (aliás inutilmente) as novidades do Espiritismo com a Teologia. Considerados pelos incautos como sem nenhuma importância, e tidos mesmo como abstrações bizantinas, esses estudos levam, no entanto, a resultados completamente diversos, tanto no que se refere à concepção do Universo, como no quadro do comportamento das pessoas, dos espíritos e das coletividades. Mais adiante esses temas serão retomados e aprofundados; no entanto, apenas apontaremos os assuntos constantes dos livros básicos do Espiritismo, tal como inscritos pelo Mestre de Lyon (cidade natal de Kardec) em sua obra.

Além desse tema de suma importância, na primeira parte encontramos outros referentes ao seguinte: os elementos gerais do Universo, a cosmogonia (origem do Universo), biogonia (origem da vida), pluralidade dos mundos habitados, etnologia (complexo de estudo da cultura material e espiritual das raças humanas), a inteligência e o instinto. Existem aqui, conforme podemos inferir, importantes indicações para os que estejam em condições de acompanhar o que se faz, correspondentemente, nessas áreas de estudos, nas academias do mundo.

A segunda parte dedica-se a assuntos básicos como a origem, natureza e forma dos espíritos e seu mundo normal, a classificação psicológica dos espíritos sob o ponto de vista moral e intelectual, a encarnação, a desencarnação e a correspondente vida espírita, as bases do mediumismo, o trabalho dos espíritos e assuntos referentes à Biologia. Nos itens 625 a 627, encontra-se a definição do eixo moral do Espiritismo. Essa parte do livro contém 538 arguições e mais 119 desdobramentos.

Já a terceira parte consta de 306 arguições e 41 desdobramentos. Funda-se no velho maniqueísmo dos teólogos; o bem e o mal. Dentre os assuntos pertinentes, Kardec propõe-se atualizar a Lei Mosaica, substituindo, por uma espécie de tautologia, a disposição do Decálogo judaico, indicando dez leis morais, assim alinhadas: 1) lei da adoração; 2) lei do trabalho; 3) lei da reprodução; 4) lei da conservação; 5) lei da destruição; 6) lei da sociedade; 7) lei do progresso; 8) lei de igualdade; 9) lei de liberdade; 10) lei de justiça, amor e caridade.

O último assunto desta parte refere-se ao aperfeiçoamento moral das pessoas, à luz dos fundamentos teológicos.

A quarta parte constada **99** arquições e **18** desdobramentos (na tradução febian). Fundamentalmente está preocupada com o problema da Lei de Talião, sob o novo ponto de vista, chamado de "ação e reação". Trata com muito interesse o tema relacionado com as penas, as recompensas e os gozos futuros, porém pela-óptica das religiões ditas cristãs.

O texto propriamente dito do livro é precedido da "Introdução", composta de **17** itens e os prolegômenos, em que Kardec examina questões de momento, define vocábulos, apresenta métodos de pesquisa para sessões espíritas, analisa a literatura de combate à Codificação, resume a Doutrina naquilo que considera, pessoalmente, o fundamental, estuda o problema das mistificações, focaliza a opinião das pessoas sobre o Espiritismo, levando-lhes em consideração a cultura e, por fim, aprecia o ceticismo face aos fenômenos mediúnicos.

Para terminar o livro, vem a "Conclusão" com **9** itens, Kardec aproveita a oportunidade para dissertar, mais uma vez, sobre o caráter científico do Espiritismo, o progresso da humanidade, os três aspectos da Doutrina, sua unidade e seu futuro, a respeito de sua força intrínseca e sobre as lutas naturais por sua consolidação entre os homens, na qualidade de conhecimento novo e revolucionário.

Além do O Livro dos Espíritos, o Codificador resolveu compor outros, com o objetivo de ampliar e explicitar os assuntos contidos na obra basilar. Conforme ele mesmo informou, não podia fazer isso ao corpo do livro inicial, sob pena de torná-lo demasiadamente volumoso e, portanto, impraticável. Assim surgiram os livros complementares: O Livro dos Médiuns, ou Guia dos Médiuns e dos Evocadores, "constituindo o seguimento do O Livro dos Espíritos" (**1861**). **OO** Evangelho segundo o Espiritismo (**1864**). O Céu e o Inferno, ou a Justiça Divina segundo o Espiritismo (**1865**). O A Gênese, ou Os Milagres e as Predições segundo o Espiritismo (**1868**).

O O Livro dos Médiuns "contém o ensino especial dos Espíritos sobre a teoria de todos os gêneros de manifestações, os meios de comunicação com o mundo invisível, o desenvolvimento da mediunidade, as dificuldades e os tropeços que se podem encontrar na prática do Espiritismo". Seus fundamentos encontram-se nos ensinamentos dos Espíritos, contidos principalmente na segunda parte da obra basilar, e estão distribuídos em **32** capítulos. Logo de início, Kardec classifica os fenômenos mediúnicos em dois grandes grupos: o de efeitos físicos e o de efeitos inteligentes. Os primeiros dependem das manipulações do ectoplasma; os segundos se realizam através da mente do médium, exigindo sua completa participação, porque o médium também se envolve nas comunicações feitas por seu intermédio. As comunicações se fazem, portanto, através do pensamento, que passa do espírito para o médium e deste para o encarnado ouvinte. Por causa desse mecanismo, Kardec criou a expressão: mediunismo de efeitos inteligentes.

A respeito do mediunismo, seu controle e utilização, devemos atentar para as seguintes palavras do mestre de Lyon: "No Espiritismo temos que lidar com inteligências que gozam de liberdade e que a cada instante nos dão provas de não estarem submetidas aos nossos caprichos. Cumpre, pois, observar, aguardar os resultados e colhê-los de passagem. Daí o declararmos abertamente que quem quer que blasfeme de os obterá vontade não pode deixar de ser ignorante ou impostor. Daí vem que o verdadeiro Espiritismo jamais se dará em espetáculo, nem subira ao tablado das feiras" (*O Livro dos Médiuns*, 1 * parte, cap. 3).

Por isso, o quanto é possível, ressalta-se a importância das consequências evangélicas dos fenômenos espirituais, bem como demonstra-se que, para tanto, é de fundamental exigência a moralidade elevada do médium. Kardec sugere, também, roteiros orientadores de sessões, oferecendo os meios intelectuais controladores do bom andamento das comunicações. Oferece ideias para o desenvolvimento de médiuns, bem como apresenta uma classificação de suas faculdades. Estuda o complicado assunto das obsessões, indicando os meios de combatê-las. Ainda fornece informações sobre a organização de sociedades espíritas, e as possíveis rivalidades e dissensões que possam surgir entre elas. Encontra-se no fim do livro um glossário organizado pelo Codificador, explicando e definindo 24 termos espíritas usados no correr da obra.

O Espiritismo é, no afirmar sectarista de muitos de seus profetas, o Consolador dos tempos atuais, porque pretende reviver as lições de Jesus, em espírito e verdade. Pelo menos essa é a opinião do próprio Kardec. É tido como tal porque liga os ensinamentos dos Espíritos de Luz ao Cristianismo, no campo do Amor, da Humildade e da Justiça. E essa tentativa encontra-se, principalmente, no *O Evangelho segundo o Espiritismo*, que se considera o livro das consolações e das esperanças. Consta ele de 27 capítulos de textos evangélicos, e mais um referente à prece.

Kardec considerou o conteúdo do Evangelho dividido em cinco partes, de acordo com as matérias suas componentes: 1^ª) os atos comuns da vida de Jesus; 2^ª) os milagres; 3^ª) as predições; 4^ª) as palavras que foram tomadas pela Igreja Romana para o fundamento de seus dogmas; 5^ª) ensino moral.

As cinco partes, apenas a última foi considerada como a devidamente própria para a composição do livro em pauta, porque é matéria incontroversa, livre de disputas religiosas e constitui-se em um roteiro certo para as consolações. Querendo facilitar a compreensão do texto, Kardec acrescenta, logo no início, notícias da época em que viveu Jesus, além de apresentar Sócrates e Platão como notáveis precursores do Espiritismo na História. Cada um dos capítulos divide-se, por sua vez, em duas partes: uma contém análises e interpretações de responsabilidade de próprio Kardec; a outra, estampa as lições dadas pelos Espíritos, moderadoras e orientadoras do comportamento humano. Para os religiosos, o *O Evangelho segundo o Espiritismo* é 44 um livro de cabeceira, que

justifica a euforia de viver dos mais felizes, consola os sofredores, ampara os desesperados, retifica os caminhos aos viciosos, levanta o ânimo dos decaídos, estimula os fatigados, enxuga as lágrimas das saudades doridas, ajuda na resignação diante dos fatos irremediáveis...

Fundamenta-se este livro na terceira parte do O Livro dos Espíritos, daí o seu título: O Evangelho segundo o Espiritismo.

O livro O Céu e o Inferno representa uma tentativa de Kardec em conciliar o Espiritismo à Teologia. Contém "O exame comparativo das doutrinas sobre a passagem da vida corporal à vida espiritual, sobre as penalidades e recompensas futuras, sobre os anjoseos demônios, sobre as penas, etc... Seguidos de numerosos exemplos acerca da situação real da alma durante e depois da morte".

É um estudo que faz Allan Kardec, à luz da Teologia, que ele adota, sobre questões relacionadas ao porvir e ao nada. Analisa conceitos tradicionais de céu, inferno e purgatório. Situa o problema da Justiça Divina no plano das ações e reações, pelo ângulo reencarnatório, ou das responsabilidades individuais no plantio e na colheita dos atos espirituais.

A segunda parte da obra trata dos informes obtidos nas sessões e nos comunicados de inúmeros médiuns, referentes ao modo em que os espíritos se encontram após desencarnados, de acordo com o tipo de vida terrena que levaram. Mas, nessa época de Kardec não era possível aos Codificadores oferecerem as "revelações" descritivas do Plano Espiritual, em sua estrutura verdadeira e completa, como aconteceu em nossos dias com o trabalho de Emmanuel e André Luiz, por intermédio do Francisco Cândido Xavier. Pois os dados transmitidos a Kardec por aqueles Espíritos restringiram-se a alguns poucos aspectos, não muito esclarecedores, da vida dos espíritos em seu mundo normal de existência. Mesmo assim, houve um começo, uma tentativa de relacionarem-se as atividades éticas das pessoas com os seus resultados práticos, repercutidos na vida do Plano Invisível, como sementeira do bem ou do mal. Nesses estudos, o Codificador classificou os espíritos, com os quais travou conversação, nas seguintes categorias: **1)** Espíritos felizes; **2)** espíritos em condição mediana; **3)** espíritos sofredores; **4)** suicidas; **5)** criminosos arrependidos; **6)** espíritos endurecidos.

O interessante é que, hoje em dia, nosso relacionamento com os espíritos se tornou bastante diferente em muitos e importantes aspectos, assim como, sem nenhum desrespeito, achamos que esta classificação não nos parece mais aceitável. Evidentemente, as coisas mudaram muito desde o tempo de Kardec. Mas, voltando às nossas análises, vemos que o mestre de Lyon colhe informes abundantes sobre "expições terrenas". Em cima de disto, o Autor apresenta o que chamou de "o Código Penal da Vida Futura", registrado em **33** itens, tal como imaginou fosse o mecanismo da Justiça Divina.

Este livro baseia-se na terceira parte e, principalmente, na quarta parte de O Livro dos Espíritos, de onde retira os fundamentos de argumentação.

, Por último, temos o A Gênese. É um livro de época, no que se refere aos conhecimentos alcançados pela Ciência do século XIX. Em virtude disso, já se encontra bastante ultrapassado. No entanto, apesar desse lado, além do valor histórico, contém muitos estudos doutrinários ainda válidos, principalmente no aspecto dos métodos e da ordenação do pensamento. Este livro divide-se em três seções: 1ª) Contendo assuntos relacionados com a "revelação" espírita e com a existência do Deus *antropomórfico*, adotado por Kardec; com as origens dos corpos *celeste, dos seres vivos, dos espíritos* e com uma análise do "Genesis" da Bíblia; 2ª) Aborda o assunto dos "milagres" no *Evangelho, seus caracteres, e faz* um estudo interessante sobre os "*fluidos*". 3ª) Apresenta novos dados sobre as predições constantes da escatologia evangélica, bem ao estilo judaico, e sobre a teoria da presciência, com os chamados sinais dos tempos.

Este livro consta de **18** capítulos e fundamentou-se em muitos pontos da primeira parte e da segunda parte do O Livro dos Espíritos. Também o Novo-Testamento forneceu material para compor a **3*** seção.

Existem outras publicações de Kardec, porém não integrantes, propriamente falando, do todo doutrinário, senão lhe constituindo um simples meio experimental, quando não de explicações de momento. No entanto, fazemos, aqui, especial referência ao T) que é o Espiritismo'', onde Kardec define peremptoriamente o Espiritismo, e fornece o seu pensamento e as suas concepções a respeito da Doutrina que codificara. Neste livro está grafado, em boa letra de forma, o que Allan Kardec entendia, mesmo, por Espiritismo.

Ad invés de entrarmos, neste ponto, em uma análise minuciosa do conteúdo dos livros, preferimos oferecer um vade- mécum, que será mais útil e prático, capaz de garantir ao consulente a liberdade para formular seus próprios conceitos a partir da leitura dos apontamentos doutrinários. Indicamos outrossim, para os que têm facilidade na leitura em idioma francês, o livro "Répertoire du Spiritisme", de J.P.L. Crouzet, edição da Federação Espírita Brasileira (FEB). Este Autor procurou esquadrinhar toda a obra de Kardec, e organizou um índice completo de seus assuntos, o que constitui um trabalho insubstituível e indispensável para os estudiosos do Espiritismo, ao tempo do Codificador.

Siglas que usamos no vade-mécum:

O Livro dos Espíritos - L O Livro dos Médiuns - M O Evangelho seg. o Espiritismo - E O Céu e o Inferno - CI A Gênese - G

Atentamos para o fato de que os números citados depois das siglas não se referem às páginas, e sim às perguntas, ou itens. No E, citamos, em primeiro lugar, o capítulo e depois o item referente a ele. No G, a mesma coisa.

Alguns exemplos:

AFLIÇÕES L n^o **926**

(justiça das) E cap. V, n^o **3**.

ADVERSÁRIOS

(reconciliação com) E cap. X, nº 6.

COMUNICAÇÕES

(natureza das) M nº133.

PENAS FUTURAS Cl cap. VII PRESCIÊNCIA

(teoria da) G cap. XVI.

"A"

ABORTO

L - nºs 358, 359.

AÇÃO

dos espíritos sobre a matéria - M nºs 52, 53, 73 a 81. ADORAÇÃO

objetivo - L - nºs 649 a 652. exterior - L - nº 653.

ADULTÉRIO

E - cap. VIII, nºs 6, 7.

ADVERSÁRIOS

reconciliação com - E - cap. X, nº 6.

AFABILIDADE E DOÇURA E - cap. IX. nº 6.

AFLIÇÕES

L - nº 926.

justiça das - E - cap. V, nº 3.

AGÊNERES

M - nº 125.

AJUDA-TE

e o céu te ajudará - E - cap. XXV.

ALIANÇA

da Ciência e da Religião - E - cap. I, nº 8. ALIMENTAÇÃO

de carne - L - nºs 723,724.

ALMA

definição - L - nº134.

afins - L - nºs 300 a 303.

divisibilidade - L - nº140.

gêmeas - L - nºs 298,299.

independência do princípio vital - L - nº136.

incompleta ou completa - L - nº142.

no centro vital - L - nº146.

no corpo-L-nº141.

que é depois da morte? - L - nºs 149,150,151,152. AMOR

lei do - E - cap. XI, nºs 8 a 10.

- cap. XII, nºs 3,4. materno - L - nºs 890,891.

ANJOS

L-nº, 129.

Cl - cap. VIII.

ANTIPATIA

L - n@s **389,390.**

APARIAÇÕES

ensaio teórico - M - n⁹s **101 a 110.** APTIDÕES

L - n⁹ **804.**

ARGUEIRO

no olho - E - cap. X, n⁹**10.** ARREPENDIMENTO

L - n⁹s **991 a 994,998,1000.** ASSASSÍNIO

L - n>s **746 a 750.**

ASSEMBLEIAS

espirituais - L - n⁸ **417.**

AUTORIDADE

entre os espíritos - L - n⁹s **274 a 277.**

"B"

BÍBLIA

concordância quanto à criação - L - **59.** BEM E O MAL

L - n[^] **630 a 634, 636, 638.**

G-cap. III.

BEM-ESTAR L-n⁹ **719.**

BENEFICÊNCIA

E-cap. XIII, n⁹s **11 a 16,20.**

BENS DA TERRA L - n@ **706.**

gozo dos - L - n@ **711** limites - L - **713.** necessarios - L - **715.** supérfluos - L - **717.** BICORPOREIDADE

M-n>s**114,119,121.**

CAÇA

L - n@ **735.**

CARIDADE

definição-L- n@**886.**

E -cap. XI, n@s **13 a 15.** E - cap. XIII, n@s **6,9.** CASAMENTO L - n@ **695.**

CELIBATO

L - n@ **698.**

CÉU

CI - cap. III CIÚME

L - n@ **933.**

CIÊNCIA

G - cap. IV. CIVILIZAÇÃO

limites - L - n@ **792.** CLARIVIDÊNCIA SONAMBÚLICA L - n@s **428,429,432,433.**

CÓLERA

E - cap. IX, n⁹s **9 e 10.**

COMPONENTES DO HOMEM M - n«s **54 a 57**.

COMUNICAÇÕES

natureza das - M - n® **133**. frívolas - M - n® **135**. grosseiras - M - n® **134**.
instrutivas - M - n® **137** sérias - M - n® **137**.

CONSCIÊNCIA

das plantas - L - n*s **586,587**. dos animais - L - n@s **598 a 600**. do período
pré-hominal - L - rf **608**. CONHECIMENTO

de si mesmo - L - n® **919**. CONQUISTADOR

missão do - L - n® **584**.

CONSERVAÇÃO

instinto de - L - n*s **702,703**. meios de - L - n@s **704 a 709,947**.

CONSOLADOR

prometido - E - cap. VI, n@s **3,4**.

CRENÇA

- L - n@s **832 a 842**.

CONTRADIÇÕES

entre os espíritos - M - n@s **299 a 302**. CRIANCINHAS

deixai vir a mim - E - cap. VIII, n@s **18,19**.

CRISTÃOS

pelas obras se reconhecem os - E - cap. XVIII, n^B **16**. CRISTO

E - cap.n^B **3**.

falsos - E - cap. XXI, n^Bs **8 a 11**.

CRUELDADE

L - n^os **752 a 755**.

CUIDAR

do corpo e do espírito - E - cap. XVII, n^B**11**.

..D"

DEUS

que ô? - L - n^B **1**.

atributos - L - n^B**13**.

compreender o mistério de - L - n^B **11**.

é o infinito? - L - n^B **2**.

fruto da educação - L - n^B **6**.

lei eterna e imutável - L - n^B **615**.

provas da existência - L - n^B **4**.

sentimento instintivo do homem - L - n^B **5**.

perfeição de - L - n^B**12**.

G - cap. II.

DECEPÇÕES

L - n^os **937,938**.

DEFEITOS ALHEIOS

estudo dos - L - n⁸s **903,904**.

DEVER

E - cap. XVII, n⁸ **7**.

DEMÔNIOS

L-n⁸**131**.

Cl - cap. IX e X.

DESENCARNAÇÃO

recepção após a morte - L - n⁸s **287 a 290**. DESGRAÇA REAL E - cap. V, n⁸ **24**.

DESENVOLVIMENTO

da mediunidade - M - n⁸s **200 a 218**. o**73** DESIGUALDADE

do bem-estar - L - n⁸ **812**.

das riquezas - L - n⁸s **808,884,885,811**.

social - L - n⁸s **806,807**.

DESPRENDIMENTO

dos bens materiais terrenos - E - cap. XVI, n⁸ **14**. DESTRUICÃO

lei da - L - n⁸ **728**. necessidade da - L - n⁸ **733**.

DIFERENTES CATEGORIAS DE MUNDOS E - cap. III, n⁸s **3 a 5**.

DIREITOS

iguais para homens e mulheres - L - n⁸s **817 a 822**. Gmrtes - L - n⁸ **878**.

DISTINÇÕES

entre bons e maus espíritos - M - n⁸s **262 a 266**. DUPLA VISTA

L - n⁸s **447 a 455**.

DIVISÃO

da Lei Natural - L - n⁸ **647, 648**.

DIVÓRCIO L - n⁸ **697**.

E - cap. XXII, n⁸ **5**.

EGOISMO

L - n⁸s **913,915,917**.

E-cap. XI, n⁸s **11,12**.

ENCARNAÇÃO

limites - E - cap. IV, n⁸ **24**. necessidade - E - cap. IV, n⁸ **25**. objetivo - L - n⁸s **132,133**. obrigatoriedade - L - n⁸**196**.

ESCÂNDALOS

E-cap. VIII, n⁸s **12a 17**.

ESCRavidÃO

L - n⁸s **829 a 832**.

ESMOLA

L - n⁸ **888**.

ERRATICIDADE

L - n⁸s **225 a 232**.

ESPAÇO UNIVERSAL L - n⁸s **35, 36**.

ESPIRITISMO

definição - E - cap. I, nº **5**.

- L - Introdução, I.

concordância doutrinária - L - Conclusão IX.

sectarismo - L - nº **982**.

sua força - L - Conclusão VI.

sua influência no progresso - L - nºs **798** a **802**.

seus três aspectos - L - Conclusão VII.

ESPIRITAS

os bons - E - cap. XVII, nº **4**.

ESPIRITO

definição - L - nºs **23,24, 76, 77**.

escala dos - L - nºs **100** a **113**.

escolha das provas - L - nºs **258** a **273**.

é divisível? - L - nº **137**.

concepção de espírito - L - nºs **26,83**.

forma - L - nº **88**.

criação do - L - nºs **80,81**.

do filho mais adiantado do que o do pai - L - nº **197**.

independente da matéria? - L - nºs **25,82**.

influência da matéria sobre - L - nºs **367** a **371**.

isenção das provas - L - nºs **119, 634**.

interesse pelas lutas humanas - L - nº **316**.

intercomunicações - L - nºs **282** a **285**.

movimento dos - L - nºs **89** a **91**.

ordens de - L - nºs **96** a **99**.

percepções do - L - nºs **237** a **257**.

plenitude das faculdades - L - nº **189**.

 pode degenerar? - L - nºs **118, 612**.

 pode progredir totalmente em uma só encarnação? - L -
 n» **192**.

 pode retrogradar? - L - nºs **193,194**. procrastinação do progresso pessoal - L -
nº **195**. princípio do - L - nºs **78, 79**. progressão - L - nº **114**. progresso - L - nºs **117**
a **129, 779**. protetores - L - nºs **489** a **521**.

 qualidades - L - nºs **364,365**. simpatia e antipatia entre os - L - nºs **291** a **297**.
 simples e ignorantes - L - nºs **115,121,127,133,190,191, 634,804**.

 escrevinhador - M - nº **247**.

ESPÍRITO DE VERDADE

 advento - E - cap. VI, nºs **5** a **8**.

ESQUECIMENTO

 do passado - L - nºs **392,393**.

- E - cap. V, n^B **11**.

ESTADO

de Natureza - L - n^a **776**.

EUGENIA

L - n^B **692**.

EUTANÁSIA

E - cap. V, n^Bs **27, 28**.

EVOCAÇÕES

da pessoas vivas - M - n^B **284**. gerais - M - n^B **282**.

EXORCISMO L - n^B **477**.

ÊXTASE

L - n^B **439**.

"Pv

FADIGA

L-n^B **412**. FASCINAÇÃO

L - M - n[@] **239**.

FATALIDADE

L - n^Bs **851 a 855,860**.

FÉ

E -cap. XIX n^Bs **6 a 12**. coragem da - E - cap. XXIV, n^Bs **15 a 19**. FELICIDADE

L-n^s **921,920,925,980**. dos bons espíritos - L - n^Q **967**. não é deste mundo - E

• cap V, n^o **20**. que a prece proporciona - E - cap. XXVII, n^B **23**. FINADOS

dia comemorativo - L - n^B **321**.

FLAGELOS

destruidores - LI n^Bs **737 a 741**.

FLUIDOS

G - cap. XIV.

FORMAÇÃO DAS COISAS

causas primárias - L - n^Bs **7,8**.

FRAUDES

espíritas - M - n^{*}s **314 a 323**.

FUTURO

pode ser revelado? - L - n^Bs **868 a 872**.

"G"

GÊNESE ESPIRITUAL G - cap. XI.

GUERRA

L - n[%] **742 a 745**.

GUIA E MODELO DO ESPIRITISMO L - n^{*}s **625, 626**.

"H"

HERANÇA ESPIRITUAL L - n^Bs **203,207,211**.

HOMEM DE BEM

E-cap. XVII, n^o **3**.
HOMEM INTELIGENTE
missão na Terra - E - cap. VII, n^o **13**.
HOMEM NO MUNDO
E-cap. XVII, n^o **10**.
"I"
INJÚRIAS
E - cap. IX, n^{os} **4,5**.
INDULGÊNCIA
E - cap. X, n^{os} **16,17**.
INIMIGOS DESENCARNADOS E - cap. XII, n^{os} **5, 6**.
IDENTIDADE DOS ESPÍRITOS
provas da M - n^{os} **255 a 261, 268**. IDIOTIA
L - n^o **373**.
INDUÇÃO AO MAL L - n^{os} **281,465**.
INFÂNCIA
L - n^{os} **379,383**.
IGUALDADE
todos os homens são iguais - L - n^o **803**. INFERNOS
Cl - cap. IV.
INFLUÊNCIA
dos pais sobre os filhos - L - n^{os} **208,582, 583**. nos acontecimentos - L - n^{os} **525 a 540, 567**. do meio nas manifestações mediúnicas - M - n^o **231**. moral do médium na comunicação - M - n^{os} **226 a 230**. INTELIGÊNCIA
suprema - L - n^o **9**.
como atributo do princípio vital - L - n^o **71**. fonte da - L - n^o **72**.
independe do instinto? - L - n^{os} **73 a 75**.
"J"
JUSTIÇA
definição - L - n^{os} **875, 876**. JUGO LEVE
E - cap. VI, n^o **2**.
"L"
LIBERDADE
L - n^{os} **825 a 828**. de pensar - L - n^o **833**. de consciência - L - n^{os} **835 a 837**.
LEIS DIVINAS L-n^o **617**.
LEI NATURAL
definição - L - n^{os} **614, 619 a 621, 776**.
LEGÍTIMA DEFESA- n^{os} **748, 749**.
60LEITURA DO PENSAMENTO L - n^{os} **457, 834**. LETARGIA
L - n^{os} **422, 423**. LIVRE-ARBITRÁRIO
L - n^{os} **843 a 850**. nos animais - L - n^o **595**. LOUCURA

L - n^o **375**.

"M"

MAIOR

no reino dos céus - E - cap. VII, n^o **6**. MAL E O REMÉDIO E-cap. V, n^o **19**.

MANIFESTAÇÕES VISUAIS M - n^o TOO.

MATÉRIA

animalização da - L - n^o **62**. criação da - L - n^o **21**. definição - L - n^o **22**.
diferenças - L - n^o **61**. força de ligação - L - n^o **60**. propriedades - L - n^{os} **29 a 33**.

MATERIALISMO L - n^o **148**.

MEDIUNIDADE GRATUITA E - cap. XXVI, n^{os} **7 a 10**. MÉDIUNS

audientes - M - n^B **165**.

de aparições - M - n^B **100** (pergunta **27***), **104**.

características dos - M - n^B **159**.

calmos - M - n^B **194**.

científicos - M - n^B **193**.

curadores - M - n^B **175**.

de ditados espontâneos - M - n^B **192**.

devotados - M - n^B **197**.

efeitos musicais (pergunta **24**) n^B **74**.

egoístas - M - n^o **196**.

experimentados - M - n^o **192**.

exclusivos - M - n^o **192**.

explícitos - M - n^o **192**.

evocação - M - n^B **192**.

facultativos - M - n^o **160**.

falantes - M - n^o **166**.

fascinados - M - n^o **196**.

filósofos - M - n^o **193**.

iletrados - M - n^s **191**.

indiferentes - M - n^{fl} **196**.

improdutivos - M - n^o **192**.

incorretos - M - n^B **193**.

inspirados - M - n^s **182**.

intuitivos - M - n^{os} **180,188**.

invejosos - M - n^o **196**.

involuntários - M - n^B **161**.

lacônicos - M - n^B **192**.

levianos - M - n^B **196**. literários - M - n^B **193**. maleáveis - M - n¹ **192**. mecânicos - M

- n^B **179**. mercenários - M - n^B **196**. modestos - M - n^a **197**. motores - M - n^a **61**.

noturnos - M - n^B **189**. novatos - M - n^B **192**. obsidiados - M - n^B **196**. orgulhosos -

M - n^a **196**. pneumatógrafos - M - n^a **177**. políglotas - M - n^a **191**. polígrafos - M - n^a

191. poéticos - M - nº **193**. positivos - M - nº **193**. pressentimentos - M - nº **184**.
presunçosos - M - nº **196**. receitistas - M - nº **193**. religiosos - M - nº **193**. seguros
- M - nº **197**. sérios - M - nº **197**, semimecânicos - M - nº **181**. sensitivos - M - nº
164. subjugados - M - nº **196**. suscetíveis - M - nº **196**. tiptólogos - M - nº **189**.
translações - M - nºs **75 a 81**.

transporte - M - nº **96**. triviais - M - nº **193**. velozes - M - nº **194**. versejadores
- M - nº **193**. videntes - M - nº **167**. MELANCOLIA

E - cap. V, nº **25**.

MÉRITO DO BEM L-nº **646**.

METEMPSICOSE L-nº **612**.

MILAGRES

G-caps. XIII e XV.

MORAL

L - nº **629**.

estranha - E - cap. XXIII. MISTÉRIOS

ocultos - E - cap. VII, nºs **8 a 10**. MISTIFICAÇÕES

M - nºs **303 a 313**.

MISSÕES

L-nº **568 a 581**. dos espíritas - E - cap. XX, nº **4**. MOLÉCULAS
forma - L - nº **34**.

MORTE

causa - L - nºs **68 a 70**. de crianças - L - nº **199**. medo da - L - nºs **730 a 941**.

Cl - cap. II, **1*** parte.

Cl - cap. I, da **2*** parte.

MUNDO NORMAL PRIMITIVO L - nºs **84 a 87**.

MUNDOS

constituição diversa - L - nºs **56, 57**. formação - L - nºs **39 a 41**. habitados
- L - nº **55**. iluminação - L - nº **58**.

tipos ou classes moraiá - E - cap. III, nºs **8 a 18**. transitórios - L - nºs **234 a 236**.
"N"

NAÇÃO ÚNICA

(aldeia global) - L - nº **789**.

NÃO JULGUEIS

E - cap. X, nº **13**.

NATALIDADE

controle - L - nº **693**.

NATIMORTOS L - nº **356**.

NATUREZA

conhecer os segredos da - L - nºs **19,20**. íntima dos espíritos - M - nºs **58, 59**.

NEUTRALIZAÇÃO

de influência má - L - nºs **467 a 472,475,478**. NOVA ERA

E - cap. I, nº 9.

"O"

OBEDIÊNCIA E RESIGNAÇÃO E - cap. IX, nº 8. OBSESSÃO

M - nºs 237, 238, 244 a 246. combate à - M - nºs 249 a 252.

OCIOSOS

L - nº 564.

OCUPAÇÃO

dos espíritos - L - nºs 558 a 563.

ÓDIO

E - cap. XII, nº 10.

ORAR

maneira de - E - cap. XXVII, nº 22. pelos mortos e sofredores - L - nºs 664 a 666. ORGULHO E HUMILDADE E cap. VII, nºs 11, 12.

"P"

PACIÊNCIA

E-cap. IX, nº 7.

PAIXÕES

L - nºs 228, 229, 907, 972.

PANCADAS

por espíritos - M - nº 83.

PANTEÍSMO

L-nºs 14 a 16.

PARENTELA

L [nºs 204, 205.

corporal e espiritual - E - cap. XIV, nº 8.

PAPEL

do médium na comunicação - M - nºs 223 a 225. PASSADO

reminiscências físicas e de caráter - L - nºs 216 a 221.

PENA

de morte - L - nºs 760 a 763. de Talião - L - nº 764. eterna - Cl - cap. VI. futura - Cl - cap. VII.

PENDORES L - nº 398.

PENSAMENTOS

influência dos espíritos nos - L - nºs 459 a 464. PERISPÍRITO

L - nºs 93 a 95, 135, 187.

PERDA

de entes queridos - L - nº 936. e suspensão da mediunidade - M - nº 220.

PERGUNTAS

simpáticas e antipáticas aos espíritos - M - nº 288. sobre existências passadas e futuras - M - nº 290. sobre interesse morais e materiais - M - nº 291. sobre saúde - M - nº 293.

PERDÃO DAS OFENSAS E - cap. X, nº 14.

PERIGOS

da mediunidade - M - nºs 22.1, 222. PERTURBAÇÃO
depois da morte - L - nºs 163 a 165.

PIEIDADE

E - cap. XIII, nº17.

PLURALIDADE DAS EXISTÊNCIAS considerações - L - nº 222.

PNEUMATOFONIA M-nºs150,151.

PNEUMATOGRAFIA

M - nºs 127 a 131, 146 a 149.

POBRES

de espírito - E - cap. VII, nº 2.

PODER OCULTO

L - nºs 551 a 557.

POLIGAMIA

L - nºs 700,701.

POLITEÍSMO

I - nºs 667,668.

PORTA

estreita - E - cap. XVII, nº 5. POSSESSOS L - nº 473.

PRÁTICA

do mal - L - nºs 640 a 644.

PRECE

L - nºs 479, 658 a 663. ação da - E - cap. XXVII, nºs 11 a 15. eficácia da - E -
cap. XXVII, nºs 6 a 8. inteligível - E - cap. XXVII, nº17. pelos mortos - E - cap.
XXVII, nºs 18 a 21. PREDIÇÕES

do Evangelho - G - cap. XVII. PRESCIÊNCIA

teoria da - G - cap. XVI. PRESENTIMENTO L - nºs 522, 523.

PRINCIPIO

das coisas - L - nºs 17,18. inteligente - L - nºs 606, 607. vital - L - nºs 63 a 67.

PROGRESSO

dos animais - L - nºs 601, 602. o maior obstáculo ao - L - nºs 185, 781.

PROPRIEDADE

direito de - L - nºs 880 a 885.

PROMISCUIDADE ESPIRITUAL DOS ENCARNADOS L - nºs 278 a 280.

PROVA

da riqueza - L - nº 815, 816. voluntárias - E - cap. V, nº 26.

PROPRIEDADE

a verdadeira - E - cap. XVI, nºs 9 e 10. PSICOGRAFIA M - nº 152. direta - M -
nº 157.

PUREZA

de coração - E - cap. VIII, nºs **3,4,10**. PURGATÓRIO CI - cap. V.

"Q"

QUALIDADE

dos espíritos - M - nº **267**.

R"

RAÇAS

diversidades - L - nºs **52 a 54**. primitivas - L - nº **691**.

REALEZA TERRESTRE E - cap. II, nº **8**.

REENCARNAÇÃO L- nº **166**.

ansiedade - L - nº **341**.

encarnação dos diversos mundos - L - nºs **172 a 186** escolha do corpo - L - nºs **334,335**. intervalo entre - L - nºs **223, 224**. justiça da -L-nº **171**.

livre escolha e compulsória - L - nºs **262 a 273,337**

momento da - L - nº **344**.

necessidade da - L - nº **330**.

número de - L - nºs **168,169**.

objetivo da - L - nº **167**.

perturbação ao - L - nºs **339,351**.

prova dos gêmeos - L - nº **213**.

recusa do corpo - L - nº **336**.

reencarnação grupai - L - nº **215**.

REFORMA

das leis - L - nº **797**.

REINOS

da Natureza - L - nº **585**.

REINADO

do Bem-L-nº**1018**.

RENÚNCIAS

L-nºs**720 a 722**.

70REPOUSO

L - nºs **682,683**.

REPRODUÇÃO

lei da - L - nº **686**.

RESIGNAÇÃO

E - cap. V, nº **12**.

REVELAÇÃO

da Lei de Deus - L - nº **623**. espírita - G - cap. I. do passado - L - nºs **395, 396**.

"S"

SACRIFÍCIO

da própria vida - E - cap. V, nºs 29, 30. religiosos - L - nºs 669 a 673.

SEMÂNTICA

L - nºs 28, 138, 139, 153d.

SEMATOLOGIA

M - nºs 139 a 145.

SEPARAÇÃO

da alma do corpo - L - nºs 154 a 159, 162. SALVAÇÃO
fora da caridade não há - E - cap. XV, nº10.

SEXO

nos espíritos - L - nºs 200 a 202.

SIMPATIA

L - nº 386 a 388.

SOFREDORES

L - nºs 931, 932, 973.

SOFRIMENTOS

L - nºs 726, 727, 970, 1004, 1006. E - cap. V, nº 18.

SONO

L - nºs 401, 402.

SONHO

L - nºs 403 a 405. SONAMBULISMO L - nº 425.

SUBJUGAÇÃO

M - nºs 240, 241.

SUICÍDIO

L - nºs 944 a 957.

E - cap. V, nºs 14 a 17.

"T"

TELEPATIA

L - nºs 420, 421.

TEMPOS

são chegados - G - cap. XVIII. TERRA

povoamento - L - nºs 43 a 50. TORMENTOS

voluntários - E - cap. V, nº 23. TRABALHO

L - nºs 674 a 679. limite do - L - nºs 683 - a 684. TRANSFIGURAÇÃO

fenômeno de - M - nºs 122 a 124.

TRANSPORTE

fenômenos de - M - nºs 96 a 99.

"U"

UNIÕES

antipáticas - L - nº 940.

UNIVERSO

elementos gerais - L - nº 27. criação - L - nºs 37, 38.

UTILIDADE DO ENSINO DOS *ESPÍRITOS* L - nº **627**.

"V"

VERDADE

ao alcance de todos - L - nºs **828, 801**. VESTUÁRIO dos espíritos - M - nº **126**.

VIDA

contemplativa - L - nº **657**. futura - E - cap. II, nº **2**.

VICISSITUDES

L - nºs **399, 984**.

VINGANÇA

E - cap. XII, nº **9**.

VIRTUDE

E - cap. XVII, nº **8**.

VISITAR

L - nº **144**. O ESPIRITISMO NA EUROPA E NO BRASIL

Allan Kardec (pseudônimo usado pelo prof. Hipolyte Léon Denizard Rivail), aceitando a incumbência dada por espíritos esclarecidos, que se comunicavam em França na segunda metade do século passado, como vimos, encarregou-se de dispor em código seus ensinamentos, ministrados através de vários médiuns, então comuns em Paris.

Como resultado desse esforço conjugado de médiuns e espíritos, transpareceu o conjunto de conhecimentos coesos e completivos, de características singulares, que recebeu o nome de Espiritismo, ou Doutrina Espírita. Seu objetivo principal foi o de auxiliar as pessoas a interpretar mais corretamente o Universo, em todos os seus aspectos, e o homem e seu destino, em particular.

Segundo o nosso ponto de vista, essa doutrina encontra-se exposta nos seguintes livros: O Livro dos Espíritos (**1857**); O Livro dos Médiuns (**1861**); O Evangelho segundo o Espiritismo (**1864**); O Céu eo Inferno (**1865**); A Gênese (**1868**). E está baseada em dois pilares inamovíveis: a teoria da reencarnação eo Evangelho.

• Quer dizer que o comportamento evangélico de seus profítentes deve ser, desse momento em diante, revisado por completo à luz da evolução do espírito, no perpassar das encarnações sucessivas, o que representa uma alta novidade para as crenças religiosas estabelecidas. Trata-se, portanto, de uma doutrina revolucionária, que poderia parecer, até, assustadora à primeira vista. Mas foi bem aceita, propagando-se rapidamente pela França e pelo resto do mundo ocidental.

É interessante anotarmos o fato de que na Europa do tempo de Kardec, os fenômenos de materialização dos espíritos foram acelerados pelos Emissários do Senhor com a finalidade primeira de provocar um chamamento especial para o "fenômenos mediúnico". A partir daí, por essa via inusitada de comunicação, a

doutrina agora proposta pelos Gênios do Espaço teria a sua oportunidade garantida. Afinal, através do mediunismo surgente em muitas pessoas, fluiria a nova doutrina destinada à revivescência do Cristianismo original, dos primeiros dias, livre das distorções, dos desvios descaracterizadores, dos prejuízos acumulados pela incúria humana em seu contexto no escoar desses dois últimos milênios de experiência e lutas pelo engrandecimento da criatura.

Essa tarefa pareceu, assim no primeiro momento, muito ambiciosa, porque pretendia o desencadeamento de uma ação retificadora do Cristianismo, que ainda aí se encontra encarcerado em instituições econômico-político-religiosas amplamente firmadas nos interesses materialistas e imediatos das pessoas, onde o "espírito vivificante" se asfixia sob a inexorabilidade da "letra que mata".

Todavia, é evidente não querer alguém se iludir com a ideia de que o Espiritismo, de inopino, possa alterar a estrutura social humana de hoje, colocando o mundo, miraculosamente, em uma bitola de espiritualidade superior. Seria ingênuo pensar que os Espíritos Codificadores propusessem uma campanha quixotesca dessa ordem... Contudo, foi lançada uma boa semente em terra fértil, isto é, a carência espiritual dos dias atuais recebe um socorro e felizes serão os que se beneficiarem dele imediatamente. Sabemos que o grande corpo social humano desenvolve-se, cresce e aperfeiçoa-se naturalmente, de acordo com um ritmo próprio, dentro de adequados ciclos cronológicos e das leis reguladoras do cosmos. A Doutrina Espírita vem, pois, participar desse movimento ascensional, acrescentando ao progresso geral o seu quinhão de diligência participativa.

Não é demais lembrarmos que Kardec chamava de "fenômenos mediúnicos de efeitos físicos" àqueles em que os espíritos usavam os fluidos ectoplásmicos dos médiuns para se manifestarem. Às vezes até se materializavam de corpo inteiro, o que sempre causava assombro nos assistentes desses acontecimentos. Os cientistas e os eruditos da época, principalmente na Inglaterra e na Alemanha, começaram a estudar sistematicamente essas manifestações mediúnicas tendo, mesmo, examinado em laboratório o intrigante "ectoplasma". Esta palavra foi proposta pelo cientista Charles Richet (prêmio Nobel de Fisiologia), para designar os fluidos densos, quase sempre visíveis e leitosos, como se fossem uma espécie de fumaça branca, que exsuda dos poros e das cavidades naturais do corpo do médium. Vem do grego, significando: éktos - por fora, lançar-se para fora; plasma: matéria branda, maleável, para modelar um corpo. É vitalizada e acionada pelo perispírito do médium, podendo agregar-se ao perispírito da entidade comunicante tomando-o compacto e visível a todas as pessoas. A materialização de um espírito é uma cena mediúnica sempre espantosa, inesquecível. Por isso, as reuniões mediúnicas eram nessa época, nos meios cultos dos centros mais evoluídos da Europa, principalmente em Paris, onde morava Allan Kardec, de preferência, as dedicadas aos fenômenos de efeitos físicos, com o objetivo de pesquisarem sobre a existência e a sobrevivência do espírito, assim como as condições concretas de

sua comunicabilidade com os homens. Dessa maneira, o europeu do século XIX ocupou-se muito seriamente com esse assunto, porém (deve-se enfatizar isso) quase sempre preso a pesquisas sistemáticas e de laboratório, alheio das consequências filosóficas e éticas provavelmente deriváveis do mediunismo (prática mediúnica) e de aplicação imediata na vivência comum.

• Quando os espíritos se comunicavam através dos médiuns, não por meios físicos, mas pela simples transmissão oral do pensamento (psicofonia), ou pela escrita, usando a mão do médium (psicografia), os mais diversos assuntos eram tratados. Muitos, de imediato, mereciam a atenção e podiam, mesmo, ser incorporados às concepções renovadas de mundo e ação já pretendidas pelas pessoas; outros, no entanto, não resistindo às exigências da teoria, desde logo sofriam restrições, e, até, o mais completo repúdio. Contava-se entre estes a teoria da reencarnação, de fundamental importância, sem a qual a doutrina proposta pelos espíritos a Kardec jamais se construiria.

Com esse proceder, foram-se questionando as manifestações dos espíritos, gerando-se duas tendências doutrinárias: a dos franceses, kardequiana, e a do resto da Europa, anti-reencarnacionista.

Sir Arthur Conan Doyle, o famoso escritor inglês, em seu "História do Espiritismo", escreveu o seguinte; "Os espíritas ingleses não chegaram a uma conclusão no que se refere à reencarnação. Alguns a aceitam, outros, não. A atitude geral é que, como a doutrina não pode ser provada, o melhor seria excluí-la da política ativa do Espiritismo".

Assim desde o início, quando os espíritos apresentaram sua doutrina ao mundo dos encarnados, detectamos a existência de pelo menos dois espiritismos: o kardequiano-reencarnacionista e evangélico -, e o não kardequiano. Nós, brasileiros, somos do primeiro tipo.

Perlustrando a obra de Allan Kardec, verificamos que ele se preocupou sobremaneira com as finalidades éticas da Doutrina, percebendo, desde o início e com muita clareza, a superioridade do mediunismo pelas consequências evangélicas, consoladoras e, o principal, pelas possibilidades nele inscritas da efetiva colaboração no programa remodelador do homem moderno, proposto pelos Espíritos iluminados, que se expunham, responsabilizando-se por um movimento de revivescência dos enunciados de Jesus Cristo, ao tempo em que palmilhava a poalha da Palestina.

Kardec compreendeu, evidentemente, a importância das pesquisas de laboratório que os cientistas levavam a efeito, na procura das leis que regem as materializações dos espíritos e as comunicações via pensamento, extra-sensoriais. Sabia do valor das Ciências Particulares na liderança do conhecimento da Natureza e do homem nela incluído, assim como acompanhava o grande impulso que imprimiam na solução dos graves problemas gerados pelo progresso social. Mas também soube ver, sentir e analisar a extensão do sofrimento humano,

comovendo-se o bastante para decidir trabalhar esse setor, na tentativa de minorar os males que assolam as sociedades e as pessoas isoladamente, esforçando-se por entregar à humanidade algo que a auxiliasse na busca e no encontro das soluções fraternais, para construir um mundo melhor de paz e harmonia entre todas as criaturas. Tinha o Codificador reconhecido três áreas distintas em seu trabalho, a que deu as especificações de "científica", "filosófica" e "de consequências evangélicas". Mas, sopesando bem as necessidades de momento, deu prioridade, em sua codificação, aos ângulos filosófico e evangélico. Indubitavelmente, esses três aspectos deviam, e devem, ser equilibrados em um conjunto harmônico; todavia, nesta fase histórica por que passa o mundo, está muito evidente a necessidade indeclinável de movimentos confraternizadores. Por esse motivo, se alguma das áreas da Doutrina convém ser destacada, certamente será a evangélica. Porque nos dias correntes, o ponto capital do aprendizado perseguido por todos é da conciliação do indivíduo consigo mesmo e com o meio onde vive. Ora, desde o princípio, Kardec conscientizou-se desta verdade, orientando o seu trabalho nesse sentido. Ao incumbir-se da Codificação, procurou congregar seus seguidores em torno dos maiores anéis do espírito, não desconhecendo, no entanto, o valor das pesquisas de base, metodológicas e indispensáveis para melhor se entendessem as finalidades da vida da Terra.

Podemos verificar, ainda, que por contingências históricas, o Espiritismo teria de brotar em terras francesas, no feitiço kardequiano. Daí propagou-se, irradiou-se pelo mundo, encontrando guarida no Brasil, onde manteve, inalteradas, suas características fundamentais, e conseguiu, além do mais, ampliar conceitos, experimentar-lhes a validade, consolidar seus princípios, evoluindo e adaptando-se corretamente ao mundo de hoje.

No século passado, enquanto o Brasil se encontrava no estado semi-feudal de governo, procurando libertar-se do jugo colonialista para poder evoluir e caracterizar-se na qualidade de uma nação civilizada, como qualquer outra do mundo europeu, em Portugal tudo se fazia para que esta colônia tão preciosa não lograsse êxito em seus propósitos de independência. Mas, era chegada a hora, e a nossa pátria começou a governar os seus destinos, depois das lutas que todos conhecemos, como povo livre e soberano. Contudo, surgia uma nação pobre, muito atrasada, carregando no bojo as mais sérias dificuldades, como, por exemplo, a escravatura do negro africano, confinado, principalmente, à lavoura. O território era muito rico, mas os seus habitantes se encontravam em estágio incipiente de progresso material. Em tudo dependiam das nações mais desenvolvidas da calota norte do planeta. Enquanto isso, a Europa, nesse tempo, achava-se em pleno florescimento da primeira revolução industrial, o que representava a mais completa reviravolta em todos os setores da vivência moderna. Tomava tudo um sentido novo: na política, no urbanismo, na agricultura, no comércio, nas artes, ciências e filosofias, na estruturação social, no trabalho, na economia, na escola,

saúde, imprensa e comunicação, no expansionismo ideológico, no militarismo, nos mares, nas famílias, na religião, enfim, no conjunto das atividades sociais. Mas, em ritmo acelerado e agitado. Os interesses materiais sobrepujando os outros, levando as nações líderes do mundo a irreprimíveis reivindicações de hegemonias às vezes injustas e arbitrárias. O estabelecimento do consumo mais intenso dos bens materiais passou a ser a base do novo e esmagador poder econômico, agora fortemente centralizado em instituições controladoras do capital, dos meios de produção e distribuição de mercadorias e serviços, de modo a submeter o consumidor aos seus ditames, orientando-lhe decisivamente o comportamento na vivência diária.

A França, dentre as nações europeias, talvez fosse a mais liberal politicamente, por isso abrigando as mais diversas correntes do pensamento da época, dando curso e sustentando as ideias, desde as simplórias até as mais notáveis e úteis. Nessa circunstância propícia, graças ao determinismo do progresso renovador dos rumos das civilizações, os Espíritos Superiores e Orientadores dessas correntes direcionadoras das atividades humanas estabeleceram os meios adequados e implantaram uma condição nova, Hberadora do pensamento, que é o Espiritismo. Foram feitos os cálculos e tomadas as providências para que essa novel doutrina tomasse impulso e permanecesse entre os homens para sempre. O momento era preciosíssimo e muito curto, porque grandes e dolorosos acontecimentos estavam prestes a se abaterem sobre a Europa e aguardavam, apenas, os instantes fatídicos para isso. As datas iniciais seriam **1914 e 1939**, oficialmente apontadas como o princípio de terríveis guerras, que acabaram por chamar-se de primeira e segunda grandes guerras mundiais. Os resultados dessas pavorosas hecatombes até hoje nos atormentam e prejudicam, parecendo, mesmo, que nos encontramos tão-somente no compasso de espera de um processo intérmino, aguardando a destruição final do planeta.

Apesar do grande avanço no aperfeiçoamento material de vivência humana em todos os sentidos, as diferenças entre o capital e o trabalho, a riqueza e a pobreza, a saúde e a doença, o saber e a ignorância, continuam gerando os maiores descontentamentos e dissabores, ao sustentar um clima universal de constante inquietação e desassossego. As contradições sociais têm-se agudizado, confrontando os povos ricos e pobres em constantes desarmonizações, e, eventualmente, desembocando em guerras e guerrilhas localizadas, para a defesa e manutenção do poderio econômico das nações líderes do mundo/De qualquer modo, desde a primeira grande guerra mundial, as provações coletivas atingiram níveis incrivelmente altos, aferindo os valores espirituais de todos nós, para a natural separação do "joio" do "trigo", no preparo do grande saneamento moral por que passará o orbe nesses últimos instantes do ciclo de provas e expiações, que testemunhamos em seus momentos finais.

Considerando os tremendos acontecimentos deste nosso século XX, podemos

medir as gigantescas tarefas que Nosso Senhor *Jesus Cristo* e os seus prepostos desenvolvem no apagar das luzes da civilização em curso. Não somente nós, os encarnados, sentimos o drama desses espantosos eventos, com o coração oprimido e a mente escaldante. O Plano Superior da Espiritualidade, igualmente, se pronuncia a respeito, não escondendo seus pesares, embora compreendendo perfeitamente a justiça desses processos desencadeados no cerce terreno por nós mesmos, suas causas e conseqüências, bem como, também, exaltando o seguro comando de tudo, sob a égide do Senhor Jesus, nosso Mestre Divino e Companheiro de todos os momentos. Atento para esse quadro, o luminoso Espírito Emmanuel, das mais altas esferas da espiritualidade terrena, através da psicografia de Francisco Cândido Xavier, assim se expressa: "Convenhamos em que o esforço do Espiritismo é quase superior à suas próprias forças, mas o mundo não está à disposição dos ditadores terrestres. Jesus é o seu único diretor no plano das realidades imortais, e agora que o mundo se entrega a todas as expectativas angustiantes, os espaços mais próximos da Terra se movimentam a favor do restabelecimento da verdade e da paz, a caminho de uma nova era)"

"Espíritos abnegados e esclarecidos falam-nos de uma nova reunião da comunidade das potências angélicas do sistema solar, da qual Jesus ó um dos membros divinos. Reunir-se-á, de novo, a sociedade celeste, pela terceira vez, na atmosfera terrestre, desde que o Cristo recebeu a sagrada missão de abraçar e redimir a nossa humanidade, decidindo novamente sobre os destinos do nosso mundo!" (A Caminho da Luz, cap. XXIV.)

Apesar de todos os percalços, estamos convictos de que o Espiritismo, na forma kardequiana, é uma poderosa fonte e um seguro meio de que dispõe o homem ocidental para solver mais corretamente os seus cruciantes problemas espirituais e existenciais. Dessa reunião referida por Emmanuel, certamente resultou o restabelecimento da atividade espírita renovada e adaptada ao dinamismo próprio do século em curso, independentemente das tentativas contrárias de pessoas e grupos recalcitrantes, o evoluir da humanidade segue a corrente de aperfeiçoamento que lhe diz respeito (LE -n^Q781). Nada poderá obstar-lhe o íntimo impulso de progresso, que conta firmemente com o esforço das noções exatas e o sentido de crescimento já assinalados nas proposições doutrinárias da Codificação.

No início, Kardec orientou, na parte referente aos encarnados, o movimento gerado pelo Espiritismo; recebia visitas de pessoas notáveis em todas as camadas sociais, portadoras de variados graus de experiência e cultura acadêmica: Reis, nobres, políticos, militares, magnatas, filósofos, cientistas, profissionais liberais, escritores, religiosos, trabalhadores, proletários, enfim, povo. Com todos confabulava e a todos orientava (História do Espiritismo, A.C. Doyle, cap. XXI). Depois de sua desencarnação, prosseguiram nas lições doutrinárias discípulos notáveis, como Léon Denis, Camilo Flammarion, Gabriel Dellane, etc. Léon Denis

foi o que mais assimilou as ideias do Codificador, mantendo sempre uma forte tendência evangelizadora em seus trabalhos? Desempenhou um notável papel como divulgador da Doutrina; viajou muito, tentando interligar os espíritas incipientes pelos ideais maiores, pela doutrina mesma, sem chefias espúrias, apelando incansavelmente para o espírito de fraternidade, que deve reinar entre as criaturas. Contudo, nem sempre conseguia o desejado, esbarrando, com frequência, no personalismo e nos interesses imediatistas dos mais equivocados, quando não se deparava com a incontida má-fé dos oportunistas e dos derrotistas.

Esse bravo lutador desencarnou octogenário, deixando um rastro de luz nos céus espirituais da França e do mundo.

Também, por essa época, o cientista Charles Richet interessou-se vivamente pelos fenômenos mediúnicos. Procurou sistematizar os de efeitos físicos, como materializações, pinturas espontâneas, modelagens espirituais em parafina, movimentação de objetos à distância sem toque aparente, transporte de objetos através de obstáculos sólidos, vidência à distância, vidência através de corpos opacos, telepatia, incendimento de substâncias sem causa aparente, premonição, etc... Ao meto- dizer os estudos desses inusitados e empolgantes fenômenos, propôs a criação de uma ciência especial: A Metapsíquica, que, infelizmente, não tomou corpo e caiu no esquecimento.

Mas', todos esses estudos notáveis seriam prejudicados pelos acontecimentos terríveis que assolariam a Europa, cujos ecos nos perturbam ainda agora, desviando o curso das pesquisas espirituais kardequianas e abafando os mais sentidos anelos de espiritualidade e fratemismo embutidos nas proposições do Espiritismo. As duas grandes guerras mundiais modificaram irreversivelmente a face da Europa e do mundo, rompendo com o passado de esperanças acalentado no século XIX e alimentando o duro século XX, carregado de distúrbios e ameaças de novos e mais destrutivos estragos. O nosso século está marcado dos estigmas das terríveis guerras, e o seu desassossego social conduziu revoluções de profundas consequências, como a marxista na Rússia, a fascista na Itália, a Nacional Socialista (Nazista) na Alemanha, a Maoista na China, as ditaduras em muitos países, inclusive aqui no Brasil; e as fronteiras geográficas, não só na Europa, como em várias partes do mundo, modificaram-se muitas vezes nestes últimos anos. Os atritos de fronteiras e de ideologias vêm agitando muitos povos, constantemente. Guerras localizadas, por vezes intensas, como as da Coreia, do Vietnã, de Israel, do Iraque-Irã; guerrilhas sangrentas, algumas de pretexto religioso, porém todas econômicas, é claro; desacertos e revoluções armadas intestinas derrubando e substituindo governantes em vários países; complicações internacionais de natureza econômica e política cada vez mais intensas, o terrorismo político-ideológico-econômico internacional, e mais toda sorte de desarmonia tem composto o painel da violência reinante nos últimos tempos.

A Europa, nessa convulsão, perdeu o clima de realizações espirituais mais

sublimes, entronizando a filosofia do anti-fratemismo, enveredando pelo beco sem saída das recapitulações reencarnatórias coletivas dolorosas e inúteis, pagando, por isso, um preço absurdamente alto! Contudo, extraordinárias pessoas, compondo um elenco respeitável de trabalhadores e missionários dos mais variados estilos e nas mais diversas áreas da atividade pelo progresso de todos, vêm desempenhando tarefas e cumprindo deveres de fraternidade com verdadeiro espírito de heroísmo, diante da relutância e da oposição dos recalcitrantes nos enganos clamorosos do egoísmo e do orgulho, do poder arbitrário e corruptor, da religião falida moralmente e da organização econômica consumista e esmagadora! Em todos os momentos e nas mais incomuns situações, o Plano de Mais Alto tem renovado meios aprimoradores das coletividades, tomando providências e recompondo condições para que a ninguém seja dada a oportunidade de reclamar a falta de apoio e instrução apropriada à escalada ascensional no campo do Bem! No entanto, eternizando a incúria, pessoas e coletividades inteiras descuidam de seus maiores interesses espirituais, consolidando as ilusões materialistas de vida planetária, em prejuízo de seu próprio futuro de felicidade plena no Mundo Maior.

Em virtude desse descaramento e dessa deliberada incompreensão, o ambiente tomou-se, afinal, muito desfavorável ao progresso do movimento espírita, fazendo o Espiritismo kardequiano percorrer um caminho desproporcionalmente penoso relativo às suas verdadeiras* intenções. Acabou ele perdendo o impulso inicial e, por fim, quase morreu na própria França, onde nascera; seu nome rareou na Europa, é agora uma lembrança melancólica da promessa que foi um dia. Mas, enquanto se desenrolavam esses eventos, o Plano Espiritual transportou-o para a América do Sul, e aí, especialmente no Brasil, encontrou terra fértil, onde tem produzido na razão de mil por um. A Europa cumpriu sua tarefa como pôde e de acordo com o determinismo histórico do seu evoluir. Estamos nós, os brasileiros, iniciando a nossa. E, pelo que tudo indica, a luz do novo dia já começou a raiar nestas terras do Cruzeiro.

Então, aferidos os valores da milenária e culta Europa, verificadas suas decididas disposições materialistas e tendências para as guerras, o Governo Espiritual do Mundo deslocou o centro das renovadas atividades cristãs para o Brasil, acalentando as mais alvissareiras esperanças de sucesso, nessas terras jovens, de horizontes infinitos, puros e livres.

Consta ter a nova pátria do Evangelho Redivivo merecido cuidadoso preparo e metucioso trabalho seletivo de espíritos, por parte dos Prepostos do Senhor Jesus, vistas voltadas para um diferente ciclo de experiências espirituais da humanidade (A Caminho da Luz - Emmanuel).

É interessante anotarmos que, desde **1818**, na Corte Imperial do Brasil, começavam transparecer ideias espiritualistas bastante liberais, onde tomavam assento, entre outros, os conceitos espirituais de cura pelo magnetismo, além de

certo entusiasmo pelo método hahnemaniano de tratamento pelo sistema da homeopatia.

Em **1840**, aportaram no Brasil o francês Bento Mure e o português João Vicente Martins, homeopatas e médiuns, pois o primeiro era clarividente, contactando espíritos com facilidade, e o segundo, psicógrafo. Além dos remédios homeopáticos, ministravam passes magnéticos a seus doentes e usavam, por divisa, a sugestiva expressão - "Deus, Cristo e Caridade". Portanto, antes da codificação da Doutrina Espírita ter-se realizado por Kardec, já se praticavam, em terras brasileiras, os passes curadores e alguns outros aspectos do mediunismo. Também faziam-se experiências de tiptologia (fenômenos de efeitos físicos, permitindo o comunicar de espíritos através de pancadas convencionadas para cada letra do alfabeto), atraindo o tento de notáveis figuras da sociedade de então, como Mello Moraes, José Bonifácio de Andrade e Silva, Marquês de Olinda, Visconde de Uberaba, General Pinto, etc. (Adolfo Bezerra de Menezes-de Canuto de Abreu).

Logo após a primeira edição na França, o O Livro dos Espíritos chegou à Corte Brasileira, encontrando campo favorável à sua pronta receptividade. A nossa imprensa já se referia a esses assuntos, tendo aparecido mesmo, em **1860**, dois livros em português: "Os tempos são chegados", do pfof. Casimir Lieutand, e o "Espiritismo na sua expressão mais simples", traduzido pelo prof. Alexandre Canu, demonstrando existir interesse generalizado pelo Espiritismo. Na "Revista Espírita", julho de **1864**, Kardec faz comentários sobre um artigo espiritualista constante do "Jornal do Comércio", do Rio de Janeiro, saído em **23** de setembro de **1863**. Ao mesmo tempo, na Bahia, organizou-se um núcleo espírita, fundando-se aí, em **1869**, a revista "Echo d' Além-Túmulo", tendo como redator Luís Olímpio Teles de Menezes, cerca de quatro meses após a desencarnação de Allan Kardec em Paris.

Os centros espíritas, nessa época, despontaram em vários Estados do Império Brasileiro, e, no Rio de Janeiro, em **1873**, fundou-se o grupo "Confucius" que, em quase três anos de funcionamento, deixou ao "Espiritismo brasileiro três serviços inestimáveis: a primeira tradução das obras de Kardec; a primeira assistência gratuita homeopática; a primeira revelação do nome do guia do Espiritismo brasileiro, que é Ismael" (A. B. de Menezes - Canuto de Abreu). Os seguidores deste Espírito adotaram também o lema "Deus, Cristo e Caridade", até hoje usado pela Federação Espírita Brasileira.

• Em **1876**, fundou-se a "Sociedade de Estudos Espíritas Deus, Cristo e Caridade" e em **1880**, a "Sociedade Espírita Fraternidade". Em **1883**, Augusto Elias da Silva fez circular a revista "Reformador". ,

Notáveis espíritas estavam em plena atividade. Mas, como acontecia em Paris logo depois do passamento do Codificador, da mesma maneira aqui surgiram divergências no modo de ver e de interpretar a doutrina, tal como se dá ainda nos dias correntes, em que presenciamos duras polêmicas e vigorosas disputas de

hegemonias entre os organizadores do movimento espírita em nossa pátria.

• Em **1884**, fundou-se a Federação Espírita Brasileira, que adotou a revista "Reformador", do Augusto Elias, como seu principal órgão de informações.

No princípio, as dissensões existentes entre os espíritas e a perseguição que lhes moviam seus naturais adversários da Igreja Católica, provocaram a enérgica interferência dos Espíritos do Senhor. Foi quando o espírito Allan Kardec, com a irresistível autoridade de Codificador, fez-se presente numa das reuniões da "Sociedade Espírita Fraternidade", em fevereiro de **1889**, transmitindo as famosas "Instruções", pelo médium Frederico Júnior, procurando unificar e orientar os espíritas brasileiros no sentido dos reais propósitos da Doutrina. Todavia, pelo que estamos hoje observando no chamado "movimento espírita", parece que a mensagem não atingiu os objetivos almejados, a despeito dos esforços e das ilusões dos ufanistas mais ingênuos, para sua consecução.

Entrementes, o país seguia o seu destino. Proclamou-se a República. Os princípios de liberdade ampliaram-se. O Estado separou-se da Igreja Católica, com o afastamento da Família Real do poder, embora a influência contundente do clero católico nunca tenha deixado de se fazer junto aos governos, negativamente, contra o Espiritismo, que, apesar de tudo, se instalou em todo o território nacional.

É interessante anotarmos o fato de que o aspecto dominante nos centros espíritas que se formavam era e é o evangélico. Acompanhando os estudos doutrinários, teóricos, firmou-se, aqui, desde o princípio, o mediunismo consolador, ao lado da assistência social, no amoroso amparo aos desvalidos da sorte e aos doentes mentais; os albergues, as farmácias, a distribuição de alimentos e roupas, os orfanatos, o socorro às viúvas pobres e assistência aos recém-nascidos, os asilos de velhos, os hospitais, surgiram como atividades resultantes da orientação dos Espíritos e do entusiasmo dos espíritas em geral. O Espiritismo alvoreceu no Brasil como atividade cristã e assim permanece, porque é esse o desejo de seu povo generoso. Os próprios intelectuais, ao adotarem seus princípios, não se deixam excluir nos laboratórios especializados e nem se fixaram no exclusivismo de pesquisas acadêmicas de mediunidade, como fizeram os seus colegas europeus. Aqui, na pátria do Cruzeiro, o "cérebro" procura acompanhar o "coração" em suave equilíbrio.

A propaganda doutrinária é feita através de jornais, revistas, livros, em esplêndida realidade. A própria imprensa leiga acolheu os assuntos espíritas, demonstrando sua alta sensibilidade a todos os temas referentes ao transcendental.

Atualmente, a literatura espírita brasileira é a mais vasta do mundo, e também a mais importante. Tanto que, será muito difícil para os outros povos assimilarem prontamente os conhecimentos que detemos nesta área, onde as experiências nos distanciam numa vanguarda, que leva a uma liderança ímpar; evidentemente acompanhada de proporcional responsabilidade espiritual. Milhões de cópias das

obras de Allan Kardec têm sido lançadas no mercado de livros, atestando o seu sucesso. Presenciamos também o uso de Rádios e TVs, onde até novelas espíritas já foram encenadas; a Empresa Brasileira de Correios já emitiu selos comemorativos de datas espíritas, incluindo, com isso, o movimento espírita no definitivo contexto sociológico brasileiro; em várias cidades há ruas com o nome de Allan Kardec.

E aí, a responsabilidade que nos pesa nos ombros cresce com o passar dos dias. Se a nossa missão é única no mundo, também será a mais difícil. Então, visualizando o horizonte espiritual de nossa pátria, diz-nos o Espírito Rui Barbosa, peia psicografia de Francisco Cândido Xavier:

"Grande Brasil! Berço de triunfos esplêndidos, aberto à glorificação do Cristo, seja Ele a tua inspiração redentora, o teu apoio infalível, a trave-mestra de tua segurança; e, enaltecendo o messianato do teu povo fraterno, em cujo seio generoso se extinguem todos os ódios de raça e se expungem todas as fronteiras do separatismo destruidor, que o Mestre encontre no âmago de teu coração o sagrado poiso das Boas-Novas de Salvação, descendo, enfim, da Cruz de nossa impenitência multissecular para conviver com a Humanidade terrestre, para sempre" (Falando à Terra - F. C. Xavier - FEB).

A PRODUÇÃO MEDIÚNICA NO BRASIL

Allan Kardec ressaltou bem a naturalidade da fenomenologia mediúnica, firmado no fato de ser a humanidade um complexo unitário de encarnados e desencarnados.

Sendo os espíritos, na essência, independentes da matéria, permanecem imodificados tanto na libré da carne, quanto fora dela, atuando e sentindo segundo as luzes que já conquistaram, reagindo, inevitavelmente, de acordo com os seus interesses fundamentais de momento.

Cada espírito é a súpula do passado que viveu, engendrando um futuro que mais lhe agrade, por isso fazendo o presente conformar-se aos anseios acalentados no plano reencarnatório, que estiver desenvolvendo. Na realidade, quando dois encarnados trocam ideias e discutem o mundo, são dois espíritos, embora encarnados, a confabularem. Quando os "mortos" se comunicam com os "vivos", essencialmente o que se dá é a mesma coisa: dois espíritos em inter-relação. No contacto comum, as pessoas falam e ouvem, influem e são influenciadas de diversas maneiras, analisam e julgam segundo a "imagem de seu caráter", ou seja, conforme o seu grau evolutivo. O mesmo acontece entre os invisíveis entre si. De modo que, tudo é espiritual, porque resulta, sempre, do relacionamento dos espíritos entre si. É bom não esquecermos isso. Fundamentalmente não existe a

diferença antagônica de mundos "espíritual" e "material", a não ser no referente ao envoltório de expressão do espírito, quer dizer, no corpo de carne, se for homem, ou corpo perispiritual, no caso do desencarnado.

Mas, em qualquer das duas circunstâncias, repetimos, o ser pensante é o espírito, esteja ele dentro do corpo de carne, ou apenas na condição de desencarnado. Aplicamos, portanto, para os espíritos, o mesmo método seletor das influências a que nos sujeitamos no contacto com os nossos semelhantes de rotação terrena, aceitando umas, que mais nos interessem, e rejeitando outras, que julgamos prejudiciais ou inconvenientes ao nosso viver.

Acontece que os espíritos, quer dizer, as pessoas desencarnadas, convivem conosco como qualquer, e a nossa atitude para com eles não poderá ser diferenciada: evitamos os malfeitores, acercamo-nos dos afins, e buscamos orientar-nos pelas palavras e ensinamentos daqueles que consideramos superiores a nós mesmos. Parece ser essa a lógica do bom proceder, principalmente se registrarmos as naturais oscilações da nossa personalidade, batida, que é, diuturnamente, pelos vendavais das paixões desencadeadas pela inquietação humana. Ora, cada pessoa representa um centro analisador de dados, ao mesmo tempo que sintetizador de interesses. E nas dificuldades triviais da vida, nem sempre conseguimos manter o equilíbrio interior, para a justa avaliação dos nossos "acazos", percebendo que os acertos e os enganos se misturam num compreensível processo representativo do burilamento espiritual, em que os princípios contrários se entrecrocaram obrigatoriamente, levando a dúvidas e incertezas apenas sanáveis como o auxílio dos mais esclarecidos e experimentados. É a lei da solidariedade humana em ação. Podemos melhor entender esse fato se atentarmos para a diversidade dos estágios evolutivos existentes entre os espíritos. Pois criados simples e ignorantes, no escoar dos evo, como ainda hoje estão sendo criados algures, apresentam-se, portanto, nos mais sortidos níveis de complexidade e sapiência, como é de fácil verificação na comunidade onde estivermos vivendo. Assim, a cautela na seleção das pessoas, ou dos espíritos, não é despropositada nem impertinente. Trata-se de uma natural triagem de condições para se estabelecer um relacionamento harmonioso. Porque no mourejar diário ninguém deve ser diferenciado unicamente pelo aspecto exterior, pela aparência corporal, pela riqueza material que detiver ou pela posição nos estratos sociais que ocupar, pois isso é perfeitamente enganador. Porém, o espírito deve ser avaliado em sua atuação no meio onde mora; o homem deve e será sempre medido pela quantidade de egoísmo ou de fraternidade que demonstrar na vivência particular, ou pública, às vistas de todo mundo. Portanto, para um bom convívio com os espíritos, tanto quanto com as pessoas, nada mais certo do que desejarmos saber com quem estamos tratando. E a qualidade do espírito transparecerá de imediato pelo conteúdo de suas intenções, pelo estilo e principalmente pelo sentido cristão de seus interesses, longe da vanidade do mundo, dos odiosos sectarismos

separatistas, da futilidade das questiúnculas e dos caprichos miúdos, enfim, distante de tudo o que não tenha validade espiritual perene. Daí a necessidade cio referencial evangélico para a ação humana e dos espíritos, como seguro revelador.

Pela inobservância dessas regras de bom-senso, vemos, com tristeza, que a produção mediúnica brasileira, como não poderia deixar de ser, teria de envolver-se com todos os tipos de manifestações espirituais, sem ordem nem restrições, oferecendo desde as mais desconcertantes e grosseiras até as mais sublimes e elevadas, ficando a seleção na dependência das luzes e das intenções de cada um.

Em obediência aos rigores da análise e dos propósitos de estudos avançados, ressaltamos, no entanto, o trabalho me- diúnico de Francisco Cândido Xavier, como sendo a continuação, no sentido evolutivo, da Codificação Kardequiana. Todavia, para chegarmos a essa conclusão, teremos de examinar, atentamente, a produção dos médiuns brasileiros. É tarefa bastante ingrata, por encontrarmos, no chamado movimento espírita deste imenso país, as mais desconstruídas interpretações doutrinárias, quase todas fortemente calcadas nas religiões, na ignorância, na magia, na superstição e, às vezes, na mais agressiva má-fé. Os próprios Espíritos Seareiros de Jesus, em atividade franca no cerce terreno, ressaltam esse percalço. Do cap. VI do livro "Os Mensageiros", de Andre Luiz, pela psicografia de Francisco Cândido Xavier, podemos destacar as seguintes palavras do Instrutor Telésforo, orientador de uma equipe em serviço especializado em nosso ambiente humano: "Grandes massas batem às fontes do Espiritismo sagrado, tão só no propósito de lhe mancharem as águas. Não são procuradores do Reino de Deus os que lhe forçam, desse modo, as portas, sim caçadores de interesses pessoais. São os sequiosos da facilidade, os amigos do menor esforço, os preguiçosos e delinquentes de todas as situações, que desejam ouvir os Espíritos desencarnados, receosos da acusação que lhes dirige a própria consciência. O fel da dúvida invade o bálsamo da fé, nos corações bem intencionados. A sede de proteção indevida azor- raga os seguidores da ociosidade. A ignorância e a maldade entregam-se às manifestações inferiores da magia negra".

"Tudo por quê, meus irmãos? Porque não temos sabido defender o sagrado propósito, por termos esquecido, em nossos labores carnis, que Espiritismo é revelação divina para a renovação fundamental dos homens. Não atendemos, ainda, como se faz indispensável, à construção do "Reino de Deus" em nós".

Conseqüentemente, tanto no meio dos encarnados, quando no dos espíritos, teremos de encontrar o "joio" misturado ao "trigo", na promiscuidade espiritual que caracteriza nosso ambiente humano de lutas e aprendizado.

Desde os tempos das primeiras experiências espíritas em nossa terra, que as confusões começaram a se estabelecer, e só fizeram crescer, resultando, hoje, num irreversível sincretismo religioso a que chamaram de "espiritismo". O sociólogo Cândido Procópio F. Camargo fez uma ampla pesquisa de campo sobre

esse assunto e concluiu que aqui existe, na verdade, um "continuum" espírita (sic) que vai desde a magia negra, a quimbanda, até ao mais ortodoxo "kardecismo" (Cândido P.F. Camargo, Kardecismo e Umbanda). Cresce, aí, portanto, a dificuldade de análise selecionadora da produção dos médiuns. Mesmo porque ela se enraiza nos próprios fatores da colonização da nossa terra. É assim que vamos compreender o comparecimento do mediunismo no Brasil colônia trazendo os recursos das religiões dos silvícolas e dos escravos africanos, além das crenças de europeus mais ignorantes, que aportaram aqui.

Por um lado, essa miscigenação permitiu a divulgação do mediunismo em todas as classes e rodas sociais, o que não deixou de ser interessante; por outro lado, no entanto, confundiu o caráter verdadeiro da Doutrina Espírita, deformando os seus postulados na atividade prática, pelas misturas indevidas e, em todos os sentidos, inconvenientes. Tanto assim que, para o entendimento geral do povo, "espiritismo" significa, hoje, qualquer sincretismo mágico-religioso, grotesco ou extravagante, calcado no mediunismo, ou, o que é pior, num falso mediunismo, na maioria das vezes.

Muitos analistas encarnados e desencarnados, no entanto, opinam favoravelmente a essa mescla, explicando ser inevitável a expressão livre e democrática dos espíritos, seja qual for o seu grau de entendimento ético da vida e seu alcance intelectual, deixando-nos a tarefa e recurso das seleções judiciosas por faixas espirituais.

A História tem demonstrado o quanto foi marcante a influência dos povos encaminhados para nossa pátria na condição de escravos, capturados em suas terras de origem e aqui vendidos, quase sempre, petos ingleses. Provinham eles de várias regiões da África, onde mantinham culturas diversificadas e o mediunismo desempenhava importante papel social e religioso. Na maioria, parece terem sido os seguintes: lorubá (nagô, kêto, egbá); daomeano (fon, ewe, jeje); banto (angola, congo ou cabinda, benguela, moçambique). Vieram, também, alguns grupos islamizados.

Aqui, nas terras ^Ncristãs do Cruzeiro do Sul, os grupos afins de origem procuraram, no terrível cativeiro, resistir à destruição de seus sistemas tribais, o que conseguiram somente em parte. Mantiveram, apesar de tudo, seus adivinhos e sacerdotes, como ainda amuletos, fetiches, tabus, petrechos de culto, tradições ancestrais, idiomas básicos, etc...

Foi nas grandes plantações que se concentraram os escravos, constituindo esse o principal fator da preservação de suas crenças. Acrescente-se às suas dificuldades a intolerância da Igreja Católica, que lhes exigia a "cristianização". Porém, na segunda metade do século XIX, a quantidade de africanos e seus descendentes nos centros urbanos, cuja presença já era natural entre as pessoas, criou melhores condições de práticas religiosas, agora amalgamadas a cerimônias católicas, com os respectivos santos, rituais e alguns paramentos. Daí

encontrarmos, nos quatro pontos cardais do Brasil de nossos dias, um sincretismo religioso definitivamente estabelecido e fundamentado no branco, no índio e no africano. Presenciamos, então, um mediunismo abundante e dos mais variados tipos, tomando conta das crenças populares e das superstições das pessoas das classes mais elevadas socialmente. Candomblé e o xangô, muito formais no nordeste, e a umbanda complexa, principalmente no sudeste do país, parece abrangerem o grosso das manifestações sincréticas. No entendimento geral do povo e das classes mais cultas, desde os analfabetos até os mais letrados, tudo se engloba naquilo que resolveram chamar de "espirtismo". Não adianta explicarmos que o Espiritismo é uma doutrina codificada por Kardec e nada tem a ver com o sincretismo religioso estabelecido pelos africanos e pelos brancos europeus incultos aqui aportados durante a colonização inicial. Não adianta! A palavra espirtismo caiu no domínio público com essa conotação de sincretismo, sendo impossível modificar-lhe o significado. Os esforços nesse sentido serão infrutíferos, porque as tentativas feitas com tal objetivo redundaram em completo fracasso.

Contudo, os núcleos legitimamente kardecistas organizaram-se, de preferência, nos centros urbanos mais populosos, onde vêm desenvolvendo grande atividade. Sua influência social tomou-se penetrante, merecendo respeito e acatamento. Mas, deve-se ressaltar que no seu programa de ação também usa-se o mediunismo em suas variedades mais práticas e dinâmicas, o que se presta a confusões com as correntes sincréticas, que igualmente lançam mão desse recurso. A diferença está no fato de que o "mediunismo kardecista" floresce, apenas e exclusivamente, sob o ponto de vista cristão, alheio aos interesses mesquinhos e subalternos da ignorância, da luxúria e da cupidez. Os "médiuns kardecistas" procuram treinar-se constantemente, prezando muito os estudos teóricos. Mas é óbvio que nos centros de sessões práticas, a apresentação doutrinária varia de tom e complexidade de acordo com a cultura acadêmica dos expositores e do nível social dos assistentes. Há, no entanto, grande empenho nos trabalhos de esclarecimento popular, sempre no sentido da iluminação evangélica das almas. Aliás, a literatura que os espíritas (kardecistas) já criaram nesse setor é substancial e profunda, comprovadora da tendência do povo brasileiro para os assuntos da fraternidade, como indicadora do caráter eminentemente consolador da Doutrina dos Espíritos.

Em quase todas as cidades, assim como nas diversas regiões do país, encontram-se médiuns em evidência graças ao zelo à causa que abraçaram e pela qual não medem sacrifícios. Alguns, por causa das tarefas especiais que executam, ou executaram, tomaram-se nacionalmente conhecidos. Do passado e do presente, podemos citar, por exemplo, Frederico Júnior, Zilda Gama, Yvone Pereira, Porto Carreiro Neto, Francisco Cândido Xavier, etc...

Vale ressaltar o fato de inexistir entre nós uma casta de médiuns, porque

todos se acham bem conscientizados a respeito da subalternidade de suas funções de medianeiros e sabem não lhes pertencer o resultado, o produto dos trabalhos dos Espíritos que lhes utilizam as faculdades. Os nossos médiuns mais esclarecidos, na generalidade, compreendem bem suas tarefas, entregando-se a elas com aquela alegria dos primeiros cristãos, dando de graça o que de graça recebem do Plano Espiritual, o que fazem por circular para os homens sem interferência indevida ou reivindicações descabidas. Graças a utilidade e a pureza de seus serviços cristãos, credenciam-se à amizade e à admiração de todos.

Devemos anotar, todavia, que num movimento vasto e complexo como o nosso, distorções surjam aqui e ali, algumas até bem extravagantes; porém os estudos teóricos e as exigências de autenticidade evangélica de ação procuram neutralizá-las. Os centros espíritas bem orientados não admitem mediunidade remunerada, direta ou indiretamente, bem como não toleram a fraude, o dolo e o comportamento moralmente duvidoso seja de que médium for. A democracia do movimento confere aos seus partícipes o discernimento individual e o controle das finanças. A vigilância que se exerce nessa área é bastante rígida, denunciando-se livremente o que se desvie dos padrões evangélicos propostos pela Doutrina. Os nossos médiuns se valorizam pela espontaneidade de seus serviços, pela dedicação e, sobretudo, pela utilidade do seu mediunato, referendado pela aprovação das pessoas que lhes procuram o amparo.

Paralelamente surgiu a figura do espírita, atento, trabalhador, interessado em manter os serviços dos médiuns e sustentar as condições definitivas para a continuidade da ação consoladora, esclarecedora, normativa, orientadora dos Espíritos, que passaram a comunicar-se habitualmente com os encarnados, principalmente pela psicofonia (fala dos Espíritos através dos médiuns de incorporação). Estes espíritas, homens e mulheres maravilhosos, tiveram e têm um esplêndido desempenho social, doando de si as mais preciosas aquisições da alma em benefício de todos os necessitados. São pessoas que, no desenrolar de suas vidas, não poupam sacrifícios em prol da comunidade, comprovando, na prática, o solicitado rigorosamente pela teoria.* Alguns dos mais proeminentes e mais conhecidos nacionalmente são biografados por Zêus Wantuil em o "Grandes espíritas do Brasil", editado pela Federação Espírita Brasileira (FEB).

Jornalistas, escritores, analistas têm contribuído com uma literatura doutrinária do mais alto nível, demonstrando o quanto se tornou vigoroso o Espiritismo em terras brasileiras.

O interessante é que, após sua romagem terrena, logo se encontrem recompostos no Plano Espiritual, continuam a luta junto dos que ficaram na retaguarda do mundo dos encarnados, usando os médiuns, de que dispõem em boa quantidade hoje. Quase sempre valem-se do nome com que se assinavam na última encarnação, comprovando a continuidade da vida e das obras, na carne e fora dela. É experiência única no mundo: a da humanidade conscientizada da conjugação dos

esforços dos dois planos, o invisível e o visível, a solucionar os mesmos problemas espirituais, em busca de Nosso Senhor Jesus Cristo. Para nós, brasileiros, este é um fato inquestionável, tanto que, ao se desencarnarem, são os nossos mais diletos companheiros convocados para a continuidade das tarefas que encetaram quando na libré da carne. Assumimos essa atitude sabedores de que a morte não existe, e que a humanidade é uma só, expressa com a maior franqueza, prazerosamente, comprovando a presença dos amigos em nossas sessões, contando com a sua ajuda certa e carinhosa nos momentos de nossas maiores dificuldades. O mais significativo, porém, é o hábito já estabelecido de nos contactarmos com os entes queridos, que nos antecederam na passagem para o Além-Túmulo, mantendo com eles perenes os laços de parentela (conjunto de parentes encarnados e desencarnados) anulando, assim, o pavor da separação pela morte do corpo físico. Mas não ficamos nisso. Os médiuns são, quase sempre, movidos por um sentimento fraternal, oferecendo as faculdades para a manifestação de qualquer espírito em sofrimento, possibilitando-lhe um entendimento direto com os "vivos", na tentativa de solucionar desacertos de momento. Dessa maneira, médiuns e dirigentes de trabalhos práticos doutrinários se apresentam na seara espírita impulsionados pelos maiores ideais cristãos, encontrando, nessa oportunidade, a alegria do serviço em nome do Senhor, esclarecendo, amparando e orientando os menos preparados e infelizes do Espaço, como também, no exercício do amor ao próximo, procuram, ao mesmo tempo, reavivar em si mesmos as chamas do Evangelho vivo da fraternidade.

Nas sessões chamadas de "desobsessão", as tramas do desamor, quase sempre estabelecidas no decurso de encarnações pregressas, compromissadoras de espíritos que se desentenderam entre si, têm o processo amenizado, quando não de todo sustado. É muito comum espíritos desencarnados e encarnados, em estado de mútua obsessão, com o auxílio de médiuns e dirigentes de trabalhos doutrinários, se ajustarem em paz, anulando desafeições às vezes seculares, e retomando o ritmo de progresso espiritual livremente.

Ao contrário do que ocorre em outras terras, em nossa pátria a atividade mediúnica kardecista é um pormenor do processo geral inseparável da vivência globalizante cristã, oferecendo a todos a certeza do futuro, a fé raciocinada, a unificação dos objetivos fraternais que devem ser a característica dos seguidores da Boa-Nova.

Como resultado do trabalho de alguns dos nossos mais notáveis médiuns psicógrafos, muitas obras literárias têm surgido, sendo algumas verdadeiros sucessos de livraria. Particularmente as oriundas da psicografia de Francisco Cândido Xavier são editadas às centenas de milhares! E a procura delas continua crescendo dia-a-dia, esgotando edições sobre edições, atestando o significado e a utilidade que têm para o povo.

Para as nossas análises, é óbvio devam ser elas classificadas não só pelos

assuntos ventilados, como também pelo conteúdo surpreendente e pela originalidade. Nesse passo, torna-se fundamental o cotejamento com os ensinamentos iniciais da Doutrina expostos na Codificação de Kardec. A concordância com esses princípios doutrinários, em profundidade e extensão, é que nos permite aceitarmos ou rejeitarmos qualquer aditamento por parte dos Espíritos. Considerando assim, com esse método de controle, podemos qualificar o trabalho literário de nossos médiuns sem receio de injustiças e falsas apreciações.

Sobre alguns médiuns psicógrafos de alto nível, nacionalmente conhecidos, podemos fazer sucintas referências. Por exemplo:

Zilda Gama foi o médium escolhido pelo Espírito Victor Hugo para psicografar livros de alto teor cristão, que ele desejava circulassem em terras brasileiras. Hoje, são livros muito apreciados e lidos. Ela conta no 'In Limine' do seu 'Na Sombra e na Luz' a experiência mediúnica e a odisséia de sua vida. Desencarnou em **1969**, aos **91** anos de idade, depois de prolongada doença. Foi um exemplo de amor à Doutrina e à humanidade.

Luiz da Costa Porto Carreiro Neto foi um médium de grandes recursos intelectuais. O Espírito Jaime Braga, cientista na última encarnação, encontrou em Porto Carreiro Neto ótimo instrumento para transmitir suas teorias. Este médium psicografava em línguas estrangeiras, principalmente em Esperanto, seu idioma preferido dentre outros, que dominava plenamente. Ainda fez traduções para esta língua internacional de obras de Kardec, Zilda Gama, André Luiz, Emmanuel, etc...

Frederico Pereira da Silva Júnior, apesar de todas as dificuldades de sua vida material, soube desempenhar brilhantemente as tarefas mediúnicas no início do Espiritismo no Brasil. Foi grandemente respeitado pelos confrades, merecendo, mesmo, a honra de ter recebido do Espírito Allan Kardec as famosas "Instruções" destinadas a nortear o movimento espírita que se iniciava na pátria do Cruzeiro.

Yvone Pereira notabilizou-se na psicografia intuitiva, tendo entregue ao público vários livros de subido valor evangélico. O seu "Memórias de um Suicida" é, talvez, o que de melhor se editou sobre o assunto.

Sua vida foi entrecortada de dificuldades, sempre superadas com o espírito de serviço ao Senhor, na consolação e no amparo aos necessitados. Esquecida de seus pesares e dores, colocou o mediunato acima dos simples interesses humanos de superfície, iluminando almas com a força do seu amor e recompondo destinos em vias de desmoronamento. Dedicada, trabalhou incessantemente pelo bem de todos, emprestando sua colaboração de médium a centros de socorro aos espíritos necessitados, assim como jamais negou ajuda a quem lhe procurava os serviços de medianeira do Plano de Mais Alto.

Inúmeros outros médiuns espalhados pela imensidão territorial do Brasil têm colaborado com mensagens que se publicam obrigatoriamente em nossos jornais e revistas, vivificando o Evangelho nos corações das pessoas. São todos credores do nosso profundo reconhecimento.

Todavia, sem nenhum desdouro para os demais, colocamos em destaque o trabalho do médium de Pedro Leopoldo, hoje residente em Uberaba, Francisco Cândido Xavier, por todos conhecido e respeitado.

'Médium absolutamente flexível, dotado de imensos recursos, tem servido de fidelíssimo instrumento para os Espíritos do Senhor. Sua obra psicográfica aborda assuntos referentes a todos os campos do conhecimento humano e, pela profundidade do conteúdo, ainda não foi devidamente analisada. Nos dias correntes têm surgido alguns comentários a respeito, porém são, quase todos, muito modestos diante da grandeza da produção mediúnica "xavierana" e a complexidade dos temas propostos.

O viver de Francisco Cândido Xavier tem sido de angustiantes dificuldades, como sempre acontece com os missionários do Senhor. Não tendo jamais auferido lucros das suas obras psicografadas, sempre manteve-se dentro de relativa pobreza material, em uma vida frugal e simples, permitida pelos magros proventos de um pequeno funcionário público federal, que era. Já psicografou centenas de livros e milhares de mensagens, umas publicadas e outras não, por serem particulares. É visitado por um grande número de pessoas de todas as classes sociais, do Brasil e do estrangeiro. Muitos de seus livros foram traduzidos para outros idiomas, como o espanhol, francês, inglês, japonês, esperanto. Até a centésima obra de sua psicografia, comunicaram-se por seu intermédio cerca de **491** autores espirituais. O número de edições dos livros foi de **298**, com **2.301.000** cópias (Catálogo Geral das **100** obras de F.C. Xavier -StigR. Ibsen).

Aqui estão satisfeitas a garantia do julgamento geral e a universalidade das comunicações, conforme recomenda Kardec, conferindo a esse trabalho a confiabilidade, a segurança e a autoridade compatíveis com as exigências doutrinárias.

Porém, o mais importante ainda não são os números. O impressionante é a variedade e a profundidade dos temas ventilados. Os Espíritos que trabalharam com o Francisco Cândido Xavier trouxeram uma contribuição inestimável à Doutrina Espírita, não só oferecendo-lhe mais amplo embasamento conceptual, como atualizando-a, por compatibilizá-la com o avanço, o progresso do mundo atual. Por isso a utilidade das proposições feitas pelas Entidades Superiores evidenciou-se, justamente, no encontro com as nossas aspirações, como homens do século XX, na tentativa de estabelecermos, no ambiente onde laboramos, um clima de paz e concórdia, capaz de tornar-nos mais eficientes e coerentes com os ensinamentos evangélicos já assimilados e em franco desenvolvimento em nós mesmos.

A produção mediúnica de Francisco Cândido Xavier é, por todos, considerada altamente significativa e muito requestada. Apresenta assuntos originais, concorda com a Doutrina codificada por Kardec em extensão e profundidade, tem utilidade prática imediata, enfoca os fatos históricos, filosóficos, científicos e éticos sob nova luz, é vazada em estilo inigualável em beleza e harmonia, obedece

ao mais apurado senso estético nas descrições, em admiráveis sínteses.

Sob um ponto de vista conveniente e por uma questão de didática, podemos distribuir os livros ditados pelos Espíritos pela psicografia deste médium, quanto aos objetivos e ao conteúdo, em três grupos: a) exegético e filosófico, sob a responsabilidade direta de Emmanuel; b) logístico e orgânico, sob a competência de André Luiz; c) literário e de apoio, devido a centenas de Espíritos.

É um hábito salutar procurarmos saber alguma coisa sobre a personalidade dos Espíritos que se comunicam conosco, não para vasculhar-lhes a vida particular, mas objetivando o melhor acatamento das lições, na familiaridade sugerida pela afeição espontânea que, inevitavelmente, de nossa parte se estabelece com eles, naquela empatia característica dos cristãos. Foi assim que, depois de várias consultas, verificamos que os conhecimentos, a sabedoria, a experiência e o temperamento do Espírito Emmanuel definem-lhe a preferência pelos temas éticos, onde pontifica com autoridade indubitável. Não quer dizer que ele não tenha possibilidade de tratar dos assuntos de outras áreas do conhecimento com a mesma competência; cuida-se, apenas, de um direcionamento de energias, num sentido mais produtivo e urgente no momento em que o Planeta seleciona intensamente os espíritos que herdarão a Terra, ou dela se afastarão, em obediência à grande lei evolutiva dos mundos. Terminou o ciclo de provas e expiações, agora em seus instantes derradeiros; surgirá o ciclo de "regeneração", segundo Santo Agostinho, onde prevalecerá a fraternidade, qualificadora dos que aqui permanecerem. Emmanuel, por isso, cerra fileira com os dedicados ao Evangelho de Jesus, tentando auxiliar os que, mesmo nos últimos instantes, procuram aproveitar as oportunidades de refazimento de caminhos, no aprendizado sublime do vero Cristianismo. Referindo-se a ele, informa-nos Francisco Cândido Xavier; "Solicitado por confrades nossos para se pronunciar sobre esta ou aquela questão, noto-lhe sempre o mais alto grau de tolerância, afabilidade e doçura, tratando sempre todos os problemas com o máximo respeito pela liberdade e pelas ideias dos outros. Convidado a identificar-se, várias vezes, esquivou-se delicadamente, alegando razões particulares e respeitáveis, afirmando, porém, ter sido, na última passagem pelo planeta, padre católico, desencarnado no Brasil. Levando suas dissertações ao passado linguístico, afirma ter vivido ao tempo de Jesus, quando então se chamou Públio Lântulus".

Hoje, temos em mãos os livros e as mensagens que nos envia ele de Mais Alto, como o fruto de suas experiências feitas nesses últimos dois mil anos de Cristianismo.

Emmanuel desenvolveu o seu pensamento num conjunto de obras de mais alto valor, expondo os conceitos cristãos puros em estilo incomparável. Sua sabedoria e seu amor à humanidade revelam-se imensos; a utilidade de seus livros, incontestável. Antes de analisarmos a obra doutrinária fluída pela psicografia do Francisco Cândido Xavier "por dentro", no desenvolvimento dos temas aí contidos,

procuremos, antes de mais nada, olhar "por fora" o que ela significa, e sobre o que vamos trabalhar.

Em primeiro lugar, então, começemos pelo livro "Emmanuel, Dissertações Mediúnicas". Numa visão renovada do mundo, sob o ponto de vista da Doutrina Espírita, dedica-se ele a variados assuntos referentes à fé, manipulada pela Igreja Católica, à ética dos cientistas, à cultura deste século, à estrutura espiritual do homem, à mediunidade, à doutrinação, a alguns temas filosóficos, enfim, à formação de uma atuante mentalidade cristã pura e simples, todavia no dinamismo das remodelações conceptuais próprias para os tempos modernos. O autor espiritual deseja, à base das inquietas disquisições do homem atual, colaborar para a melhoria de todos. Diz mesmo, no início do livro: "Fluidos misteriosos ligam a Deus todas as belezas da sua criação perfeita e inimitável. Os homens terão, portanto, o seu quinhão de felicidade imorredoura, quando estiverem integrados na harmonia com o seu Criador" "E a vida é sempre amor, luz, criação, movimento e poder". "Os desvios e os excessos dos homens é que fizeram do vosso planeta a mansão triste das sombras e dos contrastes".

Depois oferece um panorama do evoluir histórico da humanidade, em "A Caminho da Luz", onde se encontram subsídios para um entendimento renovado do progredirdos povos. As novidades que apresenta são inúmeras, sugerindo aos antropólogos e principalmente aos historiadores um reposicionamento dos conceitos de História e do progresso humano. Nesse passo, o Autor espiritual previne-nos: "Nossa contribuição será a tese religiosa, elucidando a influência sagrada da fé e o ascendente espiritual, no curso de todas as civilizações terrestres". "Nosso esforço consistirá, tão-somente, em apontamentos à margem da tarefa de grandes missionários do mundo e de povos já desaparecidos, esclarecendo a grandeza e a misericórdia do Divino Mestre".

Neste livro, o Autor procura conjugar os acontecimentos terráqueos desde a gênese planetária, até os dias de hoje. As suas revelações ampliam e elucidam o que, na Codificação Kardequiana, se acha apenas sugerindo ou pouco explicitado.

Os dois primeiros capítulos, relacionados à geogenia (origem da vida) e à origem e evolução da biosfera, fundam-se nas informações constantes em o "A Gênese" de Kardec. A história dos "capelinos" na Terra, aí contada em sentidas palavras, é uma complementação elucidativa das referências feitas por Kardec, sobre as raças que ele chamou de "adâmicas", no "A Gênese".

Descrevendo o perpassar das civilizações, conduz-nos o livro ao significado real dos medonhos acontecimentos atuais. Embora educadamente, Emmanuel dita-nos mensagens muito rigorosas, sacudindo-nos o espírito, face às inalienáveis responsabilidades individuais, dentro do quadro reencarnatório de cada um.

"A Caminho da Luz" é um livro de extraordinários esclarecimentos, orientação e esperanças.

Em "Paulo e Estêvão", Emmanuel anota, em tomo da excelsa missão de Paulo de

Tarso, os lances espirituais básicos da instauração do movimento renovador inaugurado por Jesus, esclarecendo, à luz do espírito, o que foi, em essência, providenciado pelo Mestre em nosso favor. Este livro põe-nos aos olhos a explosão de luz Divina, que marcou a presença da Mensagem Sublime na Judeia. E fornece os conceitos cristãos que deveriam orientar a atividade humana daí para diante. Em vista disso, adverte-nos, logo no início: "Nosso escopo essencial não poderia ser apenas rememorar passagens sublimes dos tempos apostólicos, e sim apresentar, antes de tudo, afigurado coe-rador fiel, na sua legítima feição de homem transformado por Jesus Cristo e atento ao divino ministério".

• Em sequência, comparece Emmanuel no trato com o problema da reencarnação. Ao invés de complexos e infundados argumentos acadêmicos, prefere ele abordar assunto tão polêmico por um lado prático e, talvez, mais convincente. Compõe para isso três livros contando a sua própria história, descrevendo três de suas encarnações antigas, a partir do Públio Lântulus, ao tempo de Jesus conosco. Nesta sequência, ele relata o mecanismo de condicionamento reencarnatório, historiando não só o ambiente, a estrutura, as condições, a tradição e o movimento das circunstâncias globais da sociedade, como a adaptação e o desenrolar do quadro reencarnatório de uma pessoa qualquer no meio onde vive e procura auto-iluminar-se, rumo à Espiritualidade Superior. Demonstra como um espírito é insignificante dentro das gigantescas tarefas que as Entidades Angélicas, sob a égide de Nosso Senhor Jesus Cristo, executam em benefício do progresso da humanidade como um todo! E transmite-nos uma clara noção do lento evoluir de uma alma no perpassar das gerações, à procura de seu destino glorioso. Assim, escreveu Emmanuel três maravilhosos romances: "Há dois mil anos..." "50 anos Depois" e "Ave Cristo!"

Não nos devemos esquecer, porém, que o personagem motivador da série de romances é o mesmo Emmanuel de hoje, que depois de ter sido, ao tempo de Jesus na Palestina, o senador romano Públio Lântulus, retorna à carne em condições sociais humildes, tomando o caminho da própria redenção em Cristo, por ele menosprezado em momentos de maior invigilância. A reversibilidade social possibilitada pelas encarnações sucessivas, fornece a Emmanuel o material doutrinário para desenvolver o tema da marcha ascensional do espírito em direção do Infinito Bem, dentro do fluxo progressivo das leis divinas.

Além disso, não deixamos escapar a oportunidade de reportar-nos aos tempos da Roma Imperial, lembrando, com esses três romances, o movimento cristão nascente, na intimidade dos núcleos religiosos, das famílias e das pessoas, bem como a vida particular dos judeus da época e do domínio dos Césares sobre um império que se considerava indestrutível. Sob muitos aspectos, tudo isso serve de espelho para o movimento dos espíritas de hoje...

No romance "Renúncia", Emmanuel desenvolve a tese das "almas gêmeas", tecendo as mais profundas considerações sobre os sacrifícios do amor sublimado

dos Espíritos Superiores. Além disso, no quadro geral do desenvolvimento do romance, transparecem as ideias básicas de conentes do pensamento religioso, também influenciado pela efervescência das cogitações libertárias renascentistas. Nas entrelinhas, há um mundo de informações interessantes sobre a organização clerical da Igreja de Roma, além de maravilhosos ensinamentos nos exemplos de vida de Alcíone, em contraposição ao do amado seu, um clérigo retardatário na estrada longa da ascese espiritual.

Depois desses temas, Emmanuel dita quatro livros exegéticos, garimpando no Novo-Testamento os versículos que interpreta e apropria à vida atual do planeta: "Caminho, Verdade e Vida", "Pão Nosso", "Fonte Viva" e "Vinha de Luz".

São **720** lições, colocando em mira as atitudes cristãs mais convenientes no trato comum com as criaturas, sugerindo um relacionamento social fraternista, em que a concórdia agasalhasse a euforia de viver. A fonte das citações evangélicas usada por Emmanuel foi a Vuigata Latina. Trabalhando esse setor, temos a impressão de surpreender esse grande Espírito analisando, estudando, acompanhando o inter-relacionamento das pessoas nas mais variadas situações, anotando-lhes as carências sentimentais e as angústias delas resultantes, sensibilizando-se. Mas não só se preocupa com o lado penoso das situações das pessoas; também oferece lições de estímulo e sustentadores da alegria de viver, porque o Evangelho em sua feição original de "Boa-Nova", em si mesmo, não é outra coisa: fonte de esperanças e de vida superior.

Kardec, no Evangelho que compôs em **1864**, representou uma adaptação dos textos sagrados à maneira doutrinária, da época, de interpretar e analisar seu mundo. De lá para cá, a face da Terra tomou novas feições, a humanidade complicou-se muito, as exigências sociais tomaram-se mais intensas e diversificadas. Nasceu, com isso, a necessidade de um realinhamento interpretativo dos enunciados evangélicos, mais condizentes com a dinâmica da vida de hoje. Kardec, na construção de seu Evangelho segundo o Espiritismo, generaliza as circunstâncias e as lições; refere-se a uma quadra da civilização europeia que já se foi. Emmanuel, nos seus quatro livros exegéticos, particulariza ensinamentos, adaptando-os ao dia-a-dia. Kardec valeu-se dos ensinamentos fornecidos por cerca de **46** Espíritos, praticamente todos católicos e muitos deles prelados da Igreja Católica. Emmanuel, nos seus livros, é uma alma que se expõe, querendo identificar-se com os semelhantes, em busca do Senhor da Vida. Para tanto, criou um método de exposição, concebendo a Terra como, simultaneamente, uma escola, uma oficina e um templo.

O hábito da leitura diária das lições desses livros é grandemente compensador, como afirmam todos que o adotam.

Continuando seus estudos Emmanuel escreve um livro, o "Religião dos Espíritos", á base de **91** comentários sobre outros tantos itens do O Livro dos Espíritos. Seu objetivo principal foi o de sugerir o não esquecimento do aspecto evangélico que pode ser encontrado em todas as questões do livro basilar da

Codificação. Naturalmente esse é um ponto de vista daquele que se preocupa mais com a ética, sem, no entanto, descuidar dos outros ângulos do conhecimento. É pensando assim, que Emmanuel opina: "Cremos poder afirmar que o primeiro livro da Codificação Kardequiana é manancial tão rico de valores morais para o caminho humano que bem pode ser considerado não apenas como revelação da Esfera Superior, mas igualmente como primeiro marco da Religião dos Espíritos, em bases de sabedoria e amor, e refletir o Evangelho, sob a inspiração de Nosso Senhor Jesus Cristo".

Com esse mesmo sentido, no "Seara dos Médiuns", faz ele **90** comentários sobre o O Livro dos Médiuns, de Kardec. Todos compreendemos a importância desses estudos, porque talvez o tema mais complicado do Espiritismo prático seja o mediúnico, daí a necessidade do preparo teórico, sem o que a função será sempre dúbia, às vezes positivamente inaceitável.

Vem, em seguida, o livro "Justiça Divina", com o desenvolvimento de **82** questões referentes ao O Céu e o Inferno, de Kardec. A intenção era a de oferecer um conjunto de conceitos evolutivos, hoje mais apropriados, das proposições kardequianas do século passado, relativas ao tema ingrato da "ação e reação".

No livro "O Consolador", Emmanuel põe suas respostas a **411** perguntas, que lhe fizeram alguns espíritas estudiosos dos respectivos assuntos. Como sempre, o Autor espiritual procura alertar para a realidade do espírito, acima dos fenômenos materiais, quase sempre ilusórios. Suas respostas sugerem uma visão renovada do mundo das Ciências Particulares, direcionando as indagações para os princípios mais elevados da alma. Dignifica o conhecimento científico, mas doutrina os cientistas no sentido da fraternidade e do amor a Deus. Aborda o pensamento filosófico, com a mesma finalidade nobre da construção do Espírito, à luz do Evangelho do Senhor. Conduz os assuntos referentes à fé dentro dos mesmos princípios básicos do Evangelho segundo a visão renovada do Espiritismo. Ainda, no campo do amor, expõe a teoria das "almas gêmeas", o que gerou, e ainda mantém, uma polêmica por parte daqueles que não aceitam tal relacionamento entre as almas. O livro O Consolador exige, evidentemente, vastos conhecimentos paralelos, acadêmicos, sem o que não será apreciado como convém. E em relação aos eruditos, é ele um norteador decisivo da nova cultura, um definidor de estudos avançados, para as revisões do saber.

Emmanuel apresenta, em sequência à exposição de seu pensamento, um livro da mais alta importância: "Roteiro". Este constitui um formidável "apelo à congregação de nossas forças em torno do Cristo, nosso Mestre e Senhor", segundo as possibilidades de cada um. Trata-se de um compêndio de **40** lições notáveis, cujo eixo de argumentação se acha em um conjunto de oito considerações sobre o Evangelho, relacionados aos temas alegria, individualidade, caridade, trabalho, exclusivismo, simpatia, dinamismo e educação. Em torno desse

eixo, giram notáveis instruções abrangentes de assuntos relevantes que, no habitual, preocupam os mais vigorosos pensadores espíritas. É um livro cuja leitura exige vastos conhecimentos paralelos e muita atenção mediativa.

Por fim, apresenta esse grande missionário do Cristo dois temas: "Pensamento e Vida" e "Vida e Sexo". Aparentemente desprezíveis livrinhos, contudo, pródigos de sugestões novas, com que enfoquemos assuntos tão debatidos hodiernamente.

Quanto ao item (b), relativo ao grupo de livros de André Luiz, podemos considerar o seguinte:

. André Luiz foi um espírito mobilizado por Emmanuel para se ocupar dos estudos referentes à dinâmica do mundo espiritual. Assim é ele apresentado: "Entretanto, de há muito, desejamos trazer ao nosso círculo espiritual alguém que possa transmitir a outrem o valor da experiência própria, com todos os detalhes possíveis à legítima compreensão da ordem que preside o esforço dos desencarnados laboriosos e bem intencionados, nas esferas invisíveis ao olhar humano, embora intimamente ligadas ao planeta" (Emmanuel, Prefácio de "Nosso Lar", de André Luiz).

* *André Luiz* é pseudônimo de um médico erudito, desencarnado no Rio de Janeiro, e que nos traz informações preciosas sobre a estrutura, o funcionamento, a constituição e a atividade do Plano Espiritual relativos à humanidade encarnada.

Iniciando sua tarefa psicográfica, oferece-nos o livro "Nosso Lar". Descreve, então, os primeiros tempos do despertar fora da carne, pelo fenômeno da chamada "morte", surpreso com a sua própria "verdade"; e, em seguida, apresenta-nos uma das colônias espirituais encontráveis nos céus brasileiros, onde foi recolhido e retomou o curso de suas atividades.

> "Nosso Lar", como ponto de referência, assume súbita importância para o desenrolar dos labores dos espíritas. Amplia muitíssimo a noção de estrutura, arranjos e continuidade das tarefas gerais, começadas aqui e prosseguidas no Plano dos Invisíveis, e vice-versa.^o

A intercomunicação dos Espíritos conosco, o entrosamento de trabalhos e objetivos, o sentido das peijas humanas tomam insuspeitado significado mediante as notícias fornecidas por André Luiz. Nossa visão dos céus dilatou-se, explicando e interpretando corretamente os habituais eventos. Os mistérios do além-túmulo dissiparam-se, deixando-nos a responsabilidade de, desde o presente, tecermos, sem ilusões, o futuro.

j "Nosso Lar" é uma cidade espiritual estruturada muito semelhantemente a materialidade terrena, em seus traços arquitetônicos gerais, o que pode causar espécie à primeira vista. Mas, como se trata de uma colônia onde os espíritos, na maioria, se preparam para o retomo imediato às lidas corporais, compreendemos, de pronto, ser de primordial importância o treinamento em condições muito aproximadas da realidade terrena da crosta*. Pretende-se, com isso, fazer os

automatismos lá fixados, na vivência diária e com as vistas voltadas para a retomada da carne em breve tempo, repetirem-se aqui, mesmo que apagadamente, através do abafador do corpo físico. As influências de "Nosso Lar" devem, o quanto possível, permanecer nas lutas humanas, para o aperfeiçoamento da sociedade, embelezando e felicitando o nosso ambiente, ao sopro das renovações evangélicas em estilo atual.

Por ser um espírito de incontestável cultura intelectual e da mais elevada sensibilidade sentimental, pôde André Luiz captar e filtrar com fidelidade os ensinamentos dos Maiores da Espiritualidade, compilando-os à luz da Boa-Nova estuante, porém dosando-os ao nosso entendimento e à utilidade prática da vivência hordiemana.

Baseado nas páginas da Codificação de Kardec, amplia sobremaneira os conceitos e as informações aí contidas, dilatando imensamente as possibilidades de trabalho educativo e orientador dos espíritos em nosso meio.

No "Nosso Lar", inicia o Autor espiritual a descrição das zonas invisíveis aos nossos olhos, demonstrando-nos a continuidade da vivência do espírito após o abandono definitivo do corpo de carne e apresentando o perispírito em seus primeiros aspectos. Descerra-nos o ambiente espiritual, levando-nos a um até agora jamais cogitado campo de pesquisas. As informações que detínhamos anteriormente sobre o Além-Túmulo eram apenas vagas, hipotéticas, quando não fantasiosas. Porém, agora não; a realidade se nos abre de par em par, modificando-nos totalmente o entendimento da "vida" e da "morte", do ser e do destino. Os graves problemas das ações e reações, da psicologia, da "justiça divina", do aprendizado, do uso dos bens terrenos, da exploração física da crosta planetária com as suas inevitáveis consequências, a correta apreciação dos grupos, sociedade, nações, e da economia, da saúde, do conhecimento acadêmico, da arte e do direito, das religiões e da moralidade devem, deste novo marco para diante, ser reequacionados, objetivando mais ajustadas soluções.

O primeiro impacto causado pelo livro, a partir da leitura das páginas iniciais, é o da constituição do perispírito, em tudo semelhante ao corpo de carne, quanto à morfologia e à função.

• Ficamos sabendo que o ambiente fluídico, onde estacionam, é para os espíritos o que o meio terrestre representa para o nosso corpo físico* Essa surpresa se desfaz, no entanto, desde que nos reportemos aos ensinamentos contidos nos livros de Kardec. Mas, as narrações de André Luiz põem-nos a descoberto o modo de viver e as circunstâncias da ação dos espíritos, realçando, além do mais, o condicionamento psicológico do desencarnado e as mútuas influências do perispírito e do corpo físico. São emocionantes, quando não admiráveis, os esclarecimentos que o livro encerra.

Sendo os espíritos nada mais que os homens desencarnados, não é de se estranhar a organização, tanto material, física, formal, como das relações sociais,

característica das colônias e cidades espirituais próximas da crosta, e com ela comprometidas em tudo por tudo.

No livro "Os Mensageiros", André Luiz levanta o problema da atividade humana, do mediunato espírita e suas consequências. Fornece notícias de um centro de mensageiros, sua finalidade e seu mecanismo; seleciona histórias de médiuns que, bem ou mal, desenvolveram o mediunato no meio que nos é próprio nas lidas dos centros e núcleos de trabalhos mediúnicos, hoje muito numerosos no Brasil. Descreve, também, trabalhos de espíritos protetores e orientadores; relaciona assistência a espíritos em desequilíbrio emocional; refere-se ao poder da prece e à vida social no posto de socorro onde estava estagiando; visita a crosta, e aprecia um culto evangélico no lar de encarnados; além de um passeio pelo campo, ressalta o cuidado que os Espíritos dedicam aos misteres rurais. Conta ainda como se processa um passamento dificultoso de uma pessoa comprometida com as intemperanças do mundo.

São lições úteis e esclarecedoras para os que desejam acautelar-se dos traiçoeiros chamamentos do materialismo, preservando o patrimônio espiritual condizente com as maiores aspirações da alma e das conquistas para o porvir. É um reforço dos ideais superiores contra as insinuações ilusórias da sociedade de consumo dos dias correntes.

Já nos "Missionários da Luz", André Luiz localiza o centro de interesses na pessoa do médium mesmo. As informações aí contidas são preciosíssimas para os que procuram aplicar as possibilidades mediúnicas na seara cristã, para o bem de todos. O intuito maior é o de oferecer ao encarnado as noções fundamentais, destinados a conscientizarem o medianeiro da Espiritualidade Maior a respeito da sua importância pessoal e, principalmente, da sua responsabilidade perante o mundo e o Cristo.

André Luiz fornece, nesta obra, um quadro vívido de sua própria experiência, no acompanhamento das realizações diversas na área mediúnica, dentro do dinamismo espiritual de que, pessoalmente, fazia parte. Procura ele escrever as diversas relações do médium com o seu meio ambiente, com os espíritos, enfatizando as harmonias e desarmonias vibracionais, resultantes do preparo evangélico dos interessados nos fenômenos mediúnicos. São variados os temas tratados, trazendo novidades sobre o estudo dos sonhos, da oração, dos diversos graus de interferências dos espíritos na vida do encarnado, tanto dos bons como dos desequilibrados do plano dos invisíveis; especifica o vampirismo e o socorro espiritual, com a respectiva intercessão; trata da mediunidade e o fenômeno de materialização, fornecendo subsídios para que se entenda melhor as dificuldades e os cuidados a serem tomados no preparo de uma sessão própria para os fenômenos de efeitos físicos; descreve as providências devidas a uma reencarnação, trazendo esclarecimentos sobremaneira importantes para se valorizar a vida dentro da carne, sob o ponto de vista da responsabilidade

individual face ao Evangelho de Jesus; mostra os mecanismos da obsessão; caracteriza o passe espírita, pormenorizando seus efeitos; fala sobre a glândula pineal, ou epífise, que, aliás, tem provocado muito desentendimento entre médicos, que não concordam com André Luiz, pois não compreendem eles como possa essa glândula representar o centro da mediunidade no corpo humano! Enfim, após a leitura deste livro, os horizontes do encarnado sobre o mediunismo e o funcionamento das sessões espíritas dilatam-se bastante.

André Luiz dedica a obra "No Mundo Maior" ao estudo minucioso do patrimônio experimental das almas. Exalta a competência cristã do espírito, conquistada no esforço de auto-iluminação, para o efetivo trabalho de amparo e esclarecimento dos desviados da rota do Infinito Bem. Os estudos apresentados são graves e exigem, além de acurada atenção, dilatados treinos meditativos de nossa parte. Neste livro, André Luiz leva a pessoa a olhar para dentro de si mesma, em busca de sua personalidade essencial, catalogando as vitórias alcançadas por ela nos caminhos da vida, sem ilusões ou rebuços. Os temas aí ventilados, referentes ao amor e ao sexo, às psicoses e mediunidade, ao amparo e às desafeições acordam-nos para as reavaliações das chamadas "trivialidades da vida", tão descuidadas ou desculpadas, mas de origem e conseqüências imprevistas.

No "Obreiros da Vida Eterna", diz Emmanuel, no prefácio, que André Luiz procurou fornecer algumas notícias das zonas do Plano dos Espíritos que envolvem a crosta do mundo, em todas as direções, comentando os quadros emocionais que se transportam do ambiente obscuro do cerce terreno para as esferas imediatas às cogitações e paixões desvairadas; mais uma vez explica ser a "morte" apenas um campo de seqüência, sem ser fonte milagreira de promoção à angelitude, e aqui ou no Além o homem é fruto de si mesmo, sendo as leis do equilíbrio o patamar de evolução do espírito, que se dá sem saltos ou privilégios.

Ao desenrolar suas considerações a respeito das experiências e os estudos novos, traz-nos o Autor revelações extraordinárias concernentes ao plano etéreo, ao trabalho especial dos socorristas da espiritualidade e aos problemas de desencarnação. Aqui, recebemos informações preciosas sobre este fenômeno que apavora as criaturas, de maneira geral; porque, ao contar os casos, sempre relaciona André Luiz as causas aos efeitos, à base das conquistas do espírito no Campo Evangélico, como determinantes da facilidade ou da dificuldade do des- **117** prendimento do espírito de sua veste carnal. A leitura deste livro pede muita meditação e bastante senso de auto-análise, que cada um de nós deve a si mesmo, no estudo de seu comportamento face às tribulações da vida diária.

Continuando a desenvolver sua tarefa, André Luiz coloca-nos sob os olhos um outro repositório impressionante de informações descritivas do além-túmulo. Trata-se do livro "Libertação". Colhemos nele lições do mais alto significado para a vivência terrena. Perplexos, tomamos conhecimento da organização das Mrevas espirituais" e sua íntima conexão com as "trevas terrenas". Jamais o problema do

anticristo foi tão severamente apresentado e considerado. Como também, nem de longe suspeitávamos da existência de organizações tão dolorosamente construídas pela mente humana.

O "Libertação" dá a medida exata da loucura mundana e da teimosia egocentrista dos que se recusam a vestir-se de luz, acomodando-se, por longo tempo e inutilmente, ao negrume da própria negação. Neste livro igualmente encontramos as explicações para o bom entendimento do equilíbrio energético dos dois planos (o visível e o invisível), resultando mais clara compreensão dos motivos da necessidade da urgente evangelização das pessoas, é um livro extraordinariamente sério e importante.

André Luiz compõe, em seguida, um tratado referente à Lei de Justiça, oferecendo-nos o "Ação e Reação". Trata-se, aqui, do afeiçoamento da Lei de Talião às concepções cristãs atuais.

Emmanuel, no prefácio, afirma que, escrevendo este livro, "o nosso amigo desvelou uma nesga das regiões inferiores a que se projeta a consciência culpada, além do corpo físico, para definir a importância da existência carnal, como verdadeiro favor da Divina Misericórdia, a fim de que nos adaptemos ao mecanismo da Justiça Indefectível", e ainda "demonstra o Autor que **118** as nossas possibilidades de hoje nos vinculam às sombras de ontem, exigindo-nos trabalho infatigável no bem, para a construção do amanhã, sobre as bases redentoras do Cristo".

Os temas concatenados neste volume confirmam, à sociedade, que "as soluções de todos os problemas moram no indivíduo".

Em seguida, André Luiz entrega-nos um livro, "Nos Domínios da Mediunidade", indispensável nos estudos doutrinários. Como que na sequência conceptual do livro anterior, promove-se aqui um relacionamento inquestionável entre o grau evolutivo da pessoa e a qualidade mediúnica, vistas voltadas para o aspecto ético que deve marcar qualquer mediunato. É como que um ampliar necessário para melhor compreender-se o papel exercido pelo médium nas comunicações, já estudado por Kardec em seus termos gerais.

Leiamos as insubstituíveis palavras de Emmanuel, inscritas no prefácio deste livro:

"Na grande romagem, todos somos instrumentos das forças com as quais estamos em sintonia. Todos somos médiuns, dentro do campo mental que nos é próprio, associando-nos às energias edificantes, se o nosso pensamento flui na direção da vida superior, ou às forças perturbadoras e deprimentes, se ainda nos escravizamos às sombras da vida primitivista ou torturada".

"Cada criatura com os sentimentos que lhe caracterizam a vida íntima emite raios específicos e vive na onda espiritual com que se identifica".

"E enquanto variados aprendizes focalizam a mediunidade, estudando-a da Terra para o Céu, nosso amigo procura analisar-lhe a posição e os valores do Céu,

para a Terra, colaborando na construção dos tempos novos".

"Todavia, o que destacamos por mais alto em suas páginas é a necessidade do Cristo no coração e na consciência, para que não estejamos desorientados ao toque dos fenômenos".

"Sem noção de responsabilidade, sem devoção à prática do bem, sem amor ao estudo e sem esforço perseverante no próprio burilamento moral, é impraticável a peregrinação libertadora para os Cimos da Vida".

Essas palavras explicam tudo, traçam um roteiro e levantam um desafio...

Trazendo-nos novos fatos, André Luiz entrega-nos outro livro, o *Entre a Terra e o Céu*, convidando-nos a meditação mais delongada sobre as oportunidades aí oferecidas ao espírito, para iluminar-se nas lutas corporais, vencendo mais rapidamente os empecilhos da ignorância, rumo às regiões mais altas da vida, no melhor aproveitamento das oportunidades oferecidas pela 'reencarnação'.

Por fim, ainda devemos acrescentar estas, outras obras de apoio, recebidas por Francisco Cândido Xavier e ditadas por centenas de Espíritos, em prosa e versos, abordando os mais diversos assuntos, nos mais distintos estilos.' É uma produção literária de valor incalculável, sempre girando em torno do mesmo tema fundamental: a construção do homem renovado em Cristo Jesus. Essa imensa e variadíssima obra literária certamente merecerá estudos e análises competentes dos especialistas, que lhe possam apreender, na plenitude, o conteúdo e o espírito vivificante, na grande jornada da revivescência do Cristianismo assumida pelos espíritos, sob o método e a medida das proposições kardequianas.

Supomos que, a simples leitura das obras de Emmanuel e André Luiz demonstra-nos o quanto deveremos fazer no campo da reestruturação dos conhecimentos e da ação que nos qualificam o espírito. O que foi exposto anteriormente, nestas páginas, apenas indica aquelas obras "por fora". O passo imediato será o das análises e do aprofundamento dos teias doutrinários apresentados, no estudo dessas mesmas obras "por dentro".

Como as de Kardec, elas exigem pré-requisitos especiais e erudição daqueles que lhes queiram apreender o sentido vasto e completo. Cada um, consoante as luzes espirituais e acadêmicas que detiver, dentro das experiências do momento, poderá encontrar os filões mais ricos de pesquisa e edificação própria que jamais pôde o mediúnico oferecer aos encarnados.

O Espiritismo nasceu com Kardec, na qualidade de uma doutrina cristã renovadora, livre de espírito de sistema e com a característica singular de ser evolutiva. Mas, estudando atentamente a obra do grupo de Emmanuel, pelo apoio e sustento mediúnico de Francisco Cândido Xavier, sem sombra de dúvida, concluímos que se encontra nela o sentido evolutivo atual da Codificação kardequiana.' Não somente a concordância de metodologia, conteúdo, estrutura, conceitos dinâmicos, precisão e finalidade existente entre as duas leva-nos a essa opinião. Mas, sobretudo, a proposta de aprofundamento dos conceitos, esmiuçados

e referendados por todos os estudiosos competentes, sob as exigências do pensamento moderno, bem como o desvelar de aspectos novos e necessários da vida espiritual, comprovados e comprováveis, confirmam-nos a tese.

Por todos os ângulos da questão estudada, verificamos que nós, os brasileiros, fomos beneficiados com essa tarefa da revivescência do Cristianismo em sua pureza primitiva. Compete-nos a responsabilidade da renovação correspondente dos conhecimentos, sob o impulso criador da Doutrina e do ali- cerçamentodo edifício esplendoroso que abrigará a crença geral da humanidade futura, apoiada na fé viva em Cristo, no sentimento e na ação fraternal plena.

Como sugestão de estudo, apresentamos um arranjo didático de algumas obras psicografadas por Francisco Cândido Xavier:

1ª) Escorço histórico da humanidade, revelando a ascendência evangélica nos acontecimentos terrestres.

I - A Caminho da Luz

II - Emmanuel, Dissertações Mediúnicas (Ditado por Emmanuel)

III - Brasil, Coração do Mundo, Pátria do Evangelho (Ditado por Humberto de Campos)

2ª) Romances (cujos acontecimentos foram reais)

I - Há dois mil anos...

II - **50** anos depois

III - Ave, Cristo!

IV [Renúncia (Ditado por Emmanuel)

3ª) Aditamentos evangélicos

11 Caminho, Verdade e Vida

II - Pão Nosso

III - Vinha de Luz

IV - Fonte Viva

V i Justiça Divina (Ditado por Emmanuel)

VI j Boa-Nova

(Ditado por Humberto de Campos)

VII - O Espírito de Verdade (Ditado por vários Espíritos)

4ª) Biografia

11 Paulo e Estêvão (Ditado por Emmanuel)

5ª) Assuntos mediúnicos

I - Seara dos Médiuns (Ditado por Emmanuel)

II - Nos Domínios da Mediunidade (Por André Luiz)

6ª) Aditamentos ao O Livro dos Espíritos- Religião dos Espíritos (Por Emmanuel)

7ª) Assunto de reencarnação- Entre a Terra e o Céu (Por André Luiz) " W

8ª) Estrutura, administração e funcionamento do Plano Espiritual

I - Nosso Lar

II - Os Mensageiros

- III - Missionários da Luz
- IV - No Mundo Maior
- V - Obreiros da Vida Eterna
- VI - Libertação
- VII - Ação e Reação
- VIII - Entre a Terra e o Céu
- IX - Nos Domínios da Mediunidade (Por André Luiz)
- 9^a** Máximas para a orientação evangélica das pessoas- Agenda Cristã (Por André Luiz)
- 10^a** Reajuste mental
 - I - Pensamento e Vida (Por Emmanuel)
- 123**
- 11^o** História e mecanismo de uma desencarnação- Voltei (Por Irmão Jacob)
- 12^o** Informações diversas, para a edificação das pessoas
 - I - Crônicas de Além-Túmulo
 - II - Contos e Apólogos
 - III - Pontos e Contos IV-Luz Acima
 - V - Novas Mensagens
 - VI - Lázaro Redivivo
 - VII - Reportagens de Além-Túmulo (Por Humberto de Campos)
- 13^o** Educação no Lar
 - I - Jesus no Lar (Por Neio Lúcio)
 - II - Evangelho em Casa (Por Meimei)
- 14^o** Fabulário
 - I - Alvorada Cristã (Por Neio Lúcio)
- 15^o** Análises eruditas diversas
 - I - Roteiro
 - II - O Consolador (Por Emmanuel)
- 16^a** Mensagens de diversos Espíritos
 - I - Vozes do Grande Além
 - II - Falando à Terra
 - III - Instruções Psicofônicas
- 17^a** Poesias dos nossos maiores poetas desencarnados
 - I - Parnaso de Além-Túmulo
 - II - Cartilha da Natureza
 - III - Gotas de Luz
- 18^a** Literatura Infantil

- I - Caminho Oculto
- II - Os Filhos do Grande Rei (Por Veneranda)
- III - Histórias de Maricota (Por Casimiro Cunha)
- IV - Mensagem do Pequeno Morto (Por Neio Lúcio)
- V - Jardim de Infância (Por João de Deus)
- VI - Pai Nosso
- VII - Cartilha do Bem (Por Meimei)

Estamos convencidos de que o estudo do Espiritismo, sob o prisma novo da contribuição da equipe espiritual que trabalha com o Francisco Cândido Xavier, é de importância capital para os que não desejam comprometer-se com as forças negativas, desencadeadas nestes nossos tempos de transição, de mudança de ciclo de vida planetária. As nossas análises, aparentemente pessimistas, na realidade são duramente realistas e guiadas pelas informações constantes da grande imprensa e dos Maiores da Espiritualidade. O Orbe atravessa, na expressão ética, uma fase de real dificuldade. As observações mais acuradas e os estudos indicam-nos que, nos dias correntes, há uma tendência persistente em satisfazerem-se necessidades materiais, em detrimento das mais preciosas aquisições do espírito. Grupos inteiros envolvem-se com as ilusões do mundo, fazendo crescer o egocentrismo e fixando-se, absurdamente, nos interesses imediatistas, na suposição de que vale, apenas, o presente, pois o resto seria o não ser, como se as identidades psicológicas das pessoas pudessem aí se perder.

Como um prejuízo irreparável, esse comportamento materialista anula a autodisciplina e conduz a um saciamento enganador, quando não ao tédio arrasador, ao mau humor e à fúria inconsequente. Os resultados têm sido os piores, levando, frequentemente, ao desespero coletivo, quando, então, explodem reivindicações raivosas, quase irracionais, dos mais variadas tps, às vezes com um saldo de acidentes mutiladores e mortes desnecessárias.

Não há hoje um só recanto do mundo ausente da ronda tenebrosa da violência, com o cortejo do desassossego, da inquietação, da insegurança. Avofcmam-se as exigências econômicas. S ninguém quer ficar para trás nas vantagens fugazes e de superfide. Os grupos sociais lutam por um desenvolvimento econômico equitativo, às vezes irrealístico, descambando, não raro, para as teorias do íguaJitarismo radical, impossível de ser atingido, porque vivemos em uma completa promiscuidade de espíritos em estágios diferentes de evolução, com a prevalência do mal, em meio a uma total disparidade de aspirações e interesses imediatos. A insuflação das massas para o consumo materialista sem restrições, a todo custo, indiscriminado e imprevidente, estabelece a anarquia dos padrões éticos, que oscilam com as inconseqüências do momento.

Vemos crescer uma preocupação, que em outras circunstâncias seria meritória, mas, no atual contexto é simplesmente neurotizante, com o evitarem-se as doenças e a morte, embora estejam, paradoxalmente, aumentando a criminalidade

e o desprezo pela vida ante as agressões à Natureza sustentadora da vida humana e a poluição impiedosa do meio ambiente e a ameaçadas guerras de destruição total do mundo!

Alimenta-se a crença de que o enriquecimento material das pessoas é o único objetivo a ser alcançado, firmando-se, então, o desejo da abolição dos méritos morais, em benefício da eficiência egocêntrica, capaz de nivelar todos tão-somente pela posse dos bens materiais de uso.

Dessa atitude contraditória ante a vida, surge a incompreensão da existência de finalidades mais altas do que o simples bem-estar das pessoas e das populações. As tradições úteis, criadas pacientemente no perpassar dos tempos e que sempre desempenharam função auxiliar na congregação das sociedades, bem como a fé no semelhante, estão se diluindo na desarrazoada concorrência pela posse das coisas, num arrivismo contudente e quase inexplicável. O poder, hoje em dia, pede pessoas apenas treinadas nas técnicas burocráticas. Os ideais mais nobres de futuro estão perdendo rapidamente o significado diante da obsessão do sucesso no presente. Os bens naturais dos campos, as águas e o ar têm sido aviltados ao ponto do inconcebível, desde que daí se extraia alguma vantagem passageira, sem se cogitar do futuro da humanidade, numa expressão cruel de cego egoísmo. A educação, em todos os tempos considerada de fundamental importância para o progresso equilibrado das sociedades, cede lugar, assustadoramente, à simples instrução mecânica sem alma e sem objetivos maiores, mirando apenas o preparo exclusivo para o consumo sem objeções. As campanhas de dessensibilização das pessoas, a substituição do amor e da afetividade elevada pelo sexo em si, a desvinculação de pais e filhos, a eliminação da vontade pelo uso imposto dos tóxicos, o lazer fundamentado na violência e no extravagante, à procura de emoções fortes e descontroladas, apelando para o grotesco e a irresponsabilidade, a depravação da Arte e da Fé, a rebeldia e a inconformação geral, a instalação da arrogância e da irreverência, firmam uma constante a favorecer a escravização do homem às mais vãs ilusões. A compaixão é ridicularizada, para a exaltação da brutalidade, agora entronizada como símbolo da eficiência, do sucesso, da "personalidade vitoriosa", forte e admirável* A impaciência e a intolerância, principalmente para com os mais velhos, amalgamam-se no ritmo da vida, onde se tornam inoportunos os mais mezinhas princípios de respeito à propriedade física e moral das criaturas, edos bens coletivos. Estimula-se uma correria mórbida pelo dinheiro e pelo poder fnaterial ou social, numa luta incessante contra todas as distinções firmadas no mérito e no trabalho simplesmente honesto.

Essa conversão materialista geocêntrica toma-se a cada dia que passa mais opressiva e intransigente. Ninguém pode negar ou deixar de sentir isso. Mas, em contrapartida, perlustrando os Céus, jamais deixamos de registrar as providências do Alto, e de fato nunca foram descuradas. Mesmo nesse ambiente

tão contrário e desfavorável ao progresso espiritual rumo aos cimos de glória, que nos aguardam, encontramos a forte presença e a decisiva influência das correntes de pensamento do Plano Espiritual Superior, na proposição de princípios norteadores e retificadores dos desacertos da ignorância. É assim que, em nosso meio, encontramos lideranças que propõem a propriedade material equilibrada, à base do justo e do conveniente, sem o esquecimento das necessidades do espírito. Há uma contra-oferta de meios para um crescimento econômico contínuo, estribado em melhoramentos tecnológicos, para a redução da pobreza real dos povos, resultante da defeituosa circulação das riquezas na sociedade, porém sem traumas ou convulsões desnecessárias. Indicam-se as possibilidades do amparo seguro à saúde física e mental, à longevidade, ao lazer sadio. Propugnam-se métodos democráticos de governo, mais condizentes com a dignidade humana, com as liberdades individuais e os direitos básicos de todos. Apontam-se soluções para uma estrutura social a estabelecer-se nos méritos pessoais, e não em faixas de riquezas e espúrias proteções políticas. Existem fluxos do pensamento e da ação indicando aos homens as finalidades maiores da vida, libertando-os dos limites terrenos, para os vôos no Infinito.

Na área espírita, encontram-se essas novidades do transcendente, fartas de energias renovadoras e de otimismo, de esperança, confiança e fé, inaugurando uma literatura ditada pelos Emissários do Senhor, abordando os assuntos que interessam a todas as inteligências e a todas as situações, porém completamente livre do espírito de seita ou de escolas acadêmicas estanqueantes. Pretende ela exercer sua função educativa, colaborando com os que, por decisão própria, vivem neste mundo de desacertos, sem se comprometer com ele, mas tentando influenciá-lo no bom sentido. As Entidades Sublimadas, no convívio conosco, lutam pela remodelação da mentalidade materialista do homem mecanizado de hoje, esperando, no entanto, que as respostas venham espontâneas e definitivas, livres e desimpedidas. São Propostas apresentadas em defesa do bem, do progresso e da concórdia universal, sob qualquer forma por que sejam adotadas.

Apesar do progresso realizado pela humanidade, principalmente pelo apuro da inteligência, ainda restam-lhe obstáculos de monta a ser vencidos. Há necessidade urgentíssima de estabelecer-se um clima permanente de fraternidade e solidariedade, não só entre as pessoas como entre as nações, mantenedor do bem-estar coletivo. Nesse ponto, sentimos que as crenças mágicas e as instituições antiquadas em seus dogmas, sejam religiosas ou econômicas e financeiras, precisas e úteis no passado, constituem, hoje, um entrave ao progresso do espírito. Por isso, devem ser substituídas por outras modernas, já em elaboração, resultantes da experiência anteriormente vivida e querendo adequar-se aos objetivos maiores do futuro.

Porém, as mudanças de agora não serão parciais, ou próprias de um povo em particular. É o mundo todo que desemboca na fase das grandes remodelações. Mas

isso significa uma crise geral, prenunciadora do estabelecimento de uma nova ordem de coisas. As comoções esperadas para esse fim de segundo milênio de Cristianismo certamente se relacionam às grandes lutas de ideias, que definirão de vez o joio e o trigo, no dizer evangélico.

Não mantemos ingênuas (apesar de aterradoras) imagens escatológicas das épocas antigas, esperando violentos cataclismos, fenômenos meteorológicos esmagadores, entranhas da Terra abrindo-se e regorgitando fogo devorador dos "impenitentes filhos de Eva". Contudo, já percebemos que estamos vivendo momentos decisivos, consequentes aos desmandos e imprevidências do egoísmo generalizado e encastelado no comando e na administração dos povos líderes do progresso material terreno. É justamente isso que se modificará. Todavia, não sem enormes e penosas lutas e imensos esforços das correntes avançadas do pensamento mais elevado e correto, o que toma difíceis as conquistas superiores das gerações que se sucedem na evolução social. Segundo advertências dos Amigos Espirituais, há mais de um século esse trabalho de transformação vem agitando tanto o meio dos encarnados, quanto o dos espíritos, impelido por incoercível força que, certamente, parte do Comando Maior do Mundo.

Mesmo bastante atentos para o efervescente cerce terreno, não podemos esquecer outro aspecto da questão: o mundo dos invisíveis, que faz corpo contínuo com o nosso, igualmente se inquietando e experimentando todos os reflexos dos choques por nós desencadeados. A organização do Plano Espiritual Inferior, trevoso como o nosso mesmo, baseia-se na problemática das reencarnações em nosso ambiente, cujas loucuras representam o sustento de suas pretensões anticristãs. Os espíritos aí associados estiveram na carne, e para ela retornarão em tempo previsto. É, portanto, natural que as nossas comoções lhes interessem muito de perto, obrigando-os a se identificarem corneias e participando em toda a extensão onde, como e quando tiverem oportunidade. E a grandiosidade das lutas planetárias, dentre outros pormenores dos múltiplos aspectos do conjunto fenomênico do Orbe, pode ser medida diante desta informação de Emmanuel (*Roteiro*, cap. IX): "Mais de vinte bilhões de almas conscientes, desencarnadas, sem nos reportarmos aos bilhões de inteligências sub-humanas que são aproveitadas nos múltiplos serviços do progresso planetário, cercam o domicílio terrestre, demorando-se noutras faixas de evolução".

Por motivos óbvios, qualquer revolução social na crosta terrena repercutirá no mundo dos espíritos contíguo, provocando reações inimagináveis.

Presos aos interesses imediatistas de encarnados, talvez estejamos desatentos à gigantesca movimentação espiritual ora em curso, que passa com afúria de um ciclone. Mas, depois, serenados os céus, a nova humanidade (visível e invisível), reconstituída por ideais nobres, começará a desenvolver magnífica etapa de progresso.

No mundo diferente do futuro, os vezos do passado e os enganos do presente

não prevalecerão. Os espíritos cristalizados na mentalidade do anticristo não mais reencarnarão aqui, como nos informa Kardec em *A Gênese*. Serão encaminhados a outros orbes, alhures, moralmente ainda equivalentes às suas paixões, onde poderão recapitular a vivência egoísta que para si mesmos erigiram, até se exaurirem dentro das inconseqüências de seus atos desvairados, aprendendo, a duras penas e por escolha própria, a dirigirem o caráter e a vontade no sentido das maiores conveniências da alma, rumo à Eterna **Luz**.

A nossa Terra contém, atualmente, cerca cinco bilhões de encarnados! Todos atingiram seu ponto crítico de suficiência para uma auto-avaliação nesse desencadear de solicitações e de exigências dos mais variados tipos, sendo os problemas administrativos de agora os mais complexos que podemos suportar, depois de tantas encarnações e oportunidades de aprendizado. Não há um recanto do planeta que não tenha merecido adequada solícitude do Cristo e seus Prepostos, na preparação das experiências e na condução certa rumo aos objetivos maiores do espírito. Desde as selvas até às montanhas e às megalópolis. ninguém ficou sem o seu competente quinhão de espiritualidade esclarecida, dosado para cada faixa com amor e carinho, para a compatibilização das pessoas com o regime de fraternidade e de paz.

Ao nos precavermos contra os ludíbrios das aparências, quase sempre enganadoras, poderemos supreender os bilhões de espíritos, encarnados e desencarnados, fazendo experiências sociais equivalentes, em todos os setores e lugares do mundo. Mas é evidente não estarmos esquecendo os graus evolutivos diferentes, que fazem a heterogeneidade do conjunto, impedidores de comparações estereotipadas, ou de modelos universais quanto às atividades exteriores, "aparentes", da vivência geral, sempre justificadas pelos preconceitos de momento. O que permanece é a realidade profunda, são os enganos e os comprometimentos negativos do egoísmo, ou as conquistas da alma no campo da fraternidade legítima. O egoísta tanto pode ser um sefvícola ou um "civilizado sofisticado de uma grande cidade qualquer. Um homem fraternal também pode ser encontrado em um recanto humilde de uma comunidade, ou num palacete de uma cidade "civilizada".

Por isso, entendemos o fato de serem os mesmos os ensinamentos para os bilhões de espíritos que, na trepidante vida diária, adestram-se para dias melhores, embora seja tudo feito em obediência ao princípio das dosagens do ensino apropriadas a cada pessoa, ou grupo, ou nações.

No futuro, os habitantes do nosso Orbe compreenderão ser o aprendizado espiritual o mesmo para todos, na identificação de suas naturezas, suas origens e destinos universais.

Disse Kardec: "O Espiritismo é a chave, com o auxílio da qual tudo se explica de modo fácil". E Santo Agostinho replica: "O Espiritismo é o laço que um dia unirá os homens, porque lhes mostrará onde está a verdade, onde o erro".

As convulsões sociais e morais do século XX indicam muito bem as tarefas dos espíritas de hoje. Mas, olhamos firmemente para o futuro, encontrando aí os nossos objetivos maiores de luta e a motivação principal do aprendizado.

Firmados nos esclarecimentos dos Espíritos, dos quais garimpamos as linhas orientadoras do movimento espiritual que estamos gerando, já sabemos que no "planeta de regeneração", venturoso e belo a despontar, "as relações, sempre serão amistosas entre os povos, jamais perturbadas pela ambição, da parte de qualquer deles, de escravizar o seu vizinho". "Não há senhores, hem escravos, nem privilegiados pelo nascimento; são a superioridade moral e intelectual que estabelece a diferença entre as condições e dá supremacia. A autoridade merece respeito de todos, porque somente ao mérito é conferida e se exerce sempre com justiça. O homem não procura elevar-se acima do homem, mas acima de si mesmo, aperfeiçoando-se. Seu objetivo é galgar a categoria dos Espíritos puros, não lhe constituindo um tormento esse desejo, porém uma ambição nobre, que o induz a estudar com ardor para os igualar. Lá, todos os sentimentos delicados e elevados da natureza humana se acham engrandecidos e purificados; desconhecem-se os ódios, os mesquinhos ciúmes, as baixas cobiças da inveja; um laço de amor e fraternidade prende uns aos outros todos os homens, ajudando os mais fortes aos mais fracos.

Possuem bens, em maior ou menor quantidade, conforme os tenham adquirido, mais ou menos por meio da inteligência; ninguém, todavia, sofre, por lhe faltar o necessário, uma vez que ninguém se acha em expiação" (O Evangelho segundo o Espiritismo).

"Buscai, pois, em primeiro lugar o reino de Deus e a sua justiça, e todas estas coisas vos serão dadas de acréscimo" "Vós sois a luz do mundo"

"Vós sois o sal da terra"

"Assim, brilhe a vossa luz diante dos homens, para que eles vejam as vossas boas obras" "Alegrai-vos e exultai, porque grande será a vossa recompensa".

E agora, como sugestão de estudos de alguns temas da Doutrina Espírita, oferecemos um arranjo de assuntos:

1º) Reencarnação

2º) Dos espíritos

3º) Da vida dos espíritos

4º) Aperfeiçoamento dos espíritos

5º) Espiritismo

6º) Das chamadas leis morais

7ª) Mediunismo

Em primeiro lugar, apontamos os assuntos encontráveis no **0** Livro dos Espíritos, com a sigla "LE". Em segundo lugar, damos uma complementação de ideias, apresentadas nas obras da equipe de Espíritos que trabalhou pela psicografia de Francisco Cândido Xavier. Nesta lista foram os títulos colocados

em ordem alfabética, por motivos claros.

Reencarnação

Almas dos selvagens -LE n^o **191** (refere-se ao item, e não à página).

Apressamento ou retardamento da reencarnação - LE n^o **332, 333**.

Ansiedade do espírito na época da reencarnação - LE n^o **341**.

Aperfeiçoamento do espírito - LE n^o **192** Depuração das almas - LE n^o **166**.

Designação de corpos para a reencarnação - LE n^os **334 e 338**.

Encarnação nos diversos mundos - LE n^os **172 e 188**. Encarnação e reencarnação dos espíritos - A Gênese, cap. **11**, n^os **17 a 34**.

Época da reencarnação - LE n^os **392 a 399**.
135

Esquecimento do passado - LE n^os **392 a 399**.

Estado da alma na primeira encarnação - LE n^o **190**. Finalidade da reencarnação **1**
LE n^o **167**.

Intervalos das reencarnações - LE n^os **223 e 224**. Metempsicose - LE n^os **611 a 613**.

Natimortos - LE n^os **355 e 356**.

Necessidade da reencarnação - Céu e o Inferno, cap. **3**, n^os **8 a 11**.

Ninguém poderá ver o reino de Deus se não nascer de novo ! O Evangelho Segundo o Espiritismo, cap. **4**.

Número de encarnações para o espírito - LE n^os **168 a 170**. Objetivo da encarnação - LE n^os **132 e 133**.

Plenitude das faculdades do espírito - LE n^o **180**. Perturbação do espírito ao reencarnar-se - LE n^o **339**. Preocupação com a reencarnação - LE n^o **331**.

Pode o espírito degradar-se? -LE n^os **193 a 195**. Reencarnação - LE n^o **171**.

Sede da alma no corpo - LE n^o **146**.

União da alma com o corpo - LE n^os **334 a 346**.

Complementação

Obras psicografadas por Francisco Cândido Xavier. Antepassados do homem - A Caminho da Luz, cap. **2**. Berço - Pensamento e Vida, cap. **11**.

Bezerra de Menezes - Brasil, Coração do mundo, Pátria do Evangelho, cap. **22**.

Busquemos a eternidade - Fonte Viva, lição **169**.

Carta ao leitor - **50** anos depois, prefácio.

Corpo - Pensamento e Vida, cap. **14**

Destinos - Emmanuel, Dissertações Mediúnicas, cap. **32**. Dívida e resgate - Contos e Apólogos, cap. **23**, de Humberto de Campos.

Dois amigos - Há dois mil anos... Emmanuel, cap. **1**.

Entre o berço e o túmulo - Fonte Viva, lição **168**.

Fermento velho - Vinha de Luz, lição **64**

Homem (O) e seu pretérito - O Consolador, n^os **116 a 121**.

Lei de retomo - Pão Nosso, lição **127**.

Lição a Nicodemos - Boa-Nova, cap. **14**, H. de Campos. Louvor e gratidão - Obreiros da Vida Eterna, cap. **9**, André

Luiz.

Na senda evolutiva - Roteiro, cap. **4**.

No plano camal - Roteiro, cap. **2**.

No Campo físico - Vinha de Luz, lição **171**.

No centro de mensageiros - O Mensageiros, cap. **3**, André

Luiz.'

Preparando caminhos - Ave, Cristo! cap.**1**.

Preparação de experiências - Missionários da Luz, cap. **12**, André Luiz

Que é a carne? - Caminho, Verdade e Vida, lição **13**. Reencarnação - Religião dos Espíritos, cap. **24**.

Reencarnação e progresso - Religião dos Espíritos, cap. **65**.

Reencarnação - Caminho, Verdade e Vida, lição **108**. Renasce agora - Fonte Viva, lição **56**.

Reencarnação - Missionários da Luz, cap.**13**, André Luiz. Reaproximação - No Mundo Maior, cap. **19**, André Luiz.

Santuário sublime - Roteiro, cap. **3** Sacrifícios do amor - Renúncia, cap. **1**.

Vaso - Vinha de Luz, lição **156**.

Volta de Laura - Nosso Lar, cap. **47**, André Luiz.

Dos Espíritos

Alma e espírito são a mesma coisa - LE n⁸ **134**, **2⁸** desdobramento.

Criação permanente dos espíritos - LE n⁸ **80**.

Definição de espírito - LE n⁸ **76**.

Definição de alma - LE n⁸**134**.

Diferentes ordens de espíritos - LE n⁸s **96** a **113**.

Ensaio teórico da sensação dos espíritos - LE n⁸ **257**. Forma dos espíritos - LE n⁸ **88**.

Importância do mundo espiritual - LE n⁸ **85**.

Influência do organismo no espírito - LE n⁸s **367** e **370**. Linguagem dos desencarnados - Livro dos **Médiuns** Mundo dos espíritos - LE n⁸ **84** Natureza do espírito - LE n⁸ **79**.

Noção que os espíritos **têm da distância** - LE n⁸ **90**. Origem dos espíritos - LE n⁸ **78**.

Obstáculo oposto ao espírito pela matéria - LE n⁸ **91**. Perispírito - LE n⁸s **93** e **187**.

Percepção dos espíritos - LE n⁸s **237** a **250**.

Relações da alma com o corpo - LE n⁸s **141** a **146**. Sensações dos espíritos - LE n⁸s **251** a **256**.

Tempo gasto pelos espíritos para percorrerem o espaço - LE n⁸ **89**.

Complementação

Obras psicografadas por Francisco Cândido Xavier Corpo espiritual -

Emmanuel, Dissertações Mediúnicas, cap. **24**.

Poderes do espírito - Idem, cap. **25**.

Perispírito - Roteiro, cap. **6**, Emmanuel.

Problema da alimentação dos espíritos - Nosso Lar, cap. **36**.

Da Vida dos Espíritos

Afeições particulares entre os espíritos - LE nº **291**.

Ódio entre os espíritos - LE nº **292**.

É voluntária ou obrigatória a missão do Espírito protetor? LE nº **493**.

Felicidade e desgraça dos espíritos errantes - LE nº **231**. Hierarquia de poderes entre os espíritos - LE nº **274**. Instrução dos espíritos errantes - LE nº **227**.

Influência dos espíritos em nossos atos e pensamentos - LE nº **459**.

Missões dos espíritos - LE nºs **568m 569, 572, 578**. Interesse dos espíritos pelo progresso das artes e ciências - LE nº **316**.

Ocupação dos espíritos - LE nºs **558 e 563**.

Progresso dos espíritos errantes - LE nº **230**.

Podem os espíritos errantes ir a todos os mundos? - LE nº

232.

Podem os espíritos conhecer os nossos mais secretos pensamentos? - LE nº **457**.

Complementação

Obras psicografadas por Francisco Cândido Xavier Afinidade espiritual - O Consolador, nº **178**, Emmanuel.

Crônicas de Além-Túmulo - de Humberto de Campos. Famílias espirituais - O Consolador, nºs **176 e 177** Aqui é necessário que se conheça a obra completa de André Luiz.

Aperfeiçoamento dos Espíritos

Afinidade - LE nº **386** Celibato - LE nº **698**.

Divórcio - LE nº **697**.

Estado em que se encontram os espíritos ao serem criados - LE nºs **115, 127, 133**.

Escolha das provas - LE nºs **258, 259, 264**.

Espíritos mais evoluídos nascem entre os canibais? - LE nº **271**.

Idiotismo - LE nºs **371 a 373**.

Igualdade dos direitos do homem e da mulher - LE nºs **817 a 822**.

Por que homens inteligentes podem ser viciosos? - LE nº **365**.

Pode o homem eximir-se da influência dos espíritos que procuram arrastá-lo ao mal? - LE nº **467**.

Qual, na loucura, a situação do espírito? - LE nºs **375 a 377**.

Relaxamento dos laços de família - LE nº **775**.

Complementação

Obras psicografadas por Francisco Cândido Xavier.

O casamento e o instituto da família - O Consolador, nºs **175,177,179**.

No aprimoramento - Roteiro, cap. **7**, Emmanuel.

Onde o maior auxílio para nossa redenção espiritual? - O Consolador, nº **241**.

Qual a diferença entre provação e expiação? - O Consolador, nº **182**.

Espiritismo

Biografia de Allan Kardec, em três volumes, por Zêus Wantuil e Francisco Thiesen - edição da FEB.

Definição de Espiritismo - O que é Espiritismo - de Kardec, Prólogo.

Método de estudo do Espiritismo - O Livro dos Médiuns, **1^a** Parte, cap. **3**.

Qual a missão do Espiritismo? - LE nº **627**.

Que faz a moderna ciência espírita? - LE Conclusão, VI.

Complementação

Obras psicografadas por Francisco Cândido Xavier.

Allan Kardec - A Caminho da Luz, caps. **22 e 23**.

Aos espíritas - Lázaro Redivivo, cap. **37**, de Humberto de Campos.

Devemos reconhecer no Espiritismo o Cristianismo redivivo? § O Consolador, nº **352**.

Doutrina Espírita - Religião dos Espíritos, cap. **80**.

Espiritismo veio ao mundo para substituir as outras crenças? IO Consolador, nº **353**.

Direção do Espiritismo - O Consolador, nº **218**.

Espiritismo e as grandes transições - A Caminho da Luz, cap. **24**.

Espiritismo na atualidade - Roteiro, cap. **22**.

Ensino espírita - Seara dos Médiuns, cap. **3**.

Espiritismo - Vozes do Grande Além, cap. **53**.

Missão do Espiritismo - Emmanuel, **dissertações Mediúnicas**, cap. **31**.

Missão do Espiritismo - Roteiro, cap. **38**.

Das Leis Morais

A todos os homens facultou Deus os meios de conhecerem a sua lei? - LE nº **619**.

Alimentação de carne animal - LE nº **723**.

Aquele que não pratica o mal, mas que se aproveita do mal praticado por outrem, é tão culpado quanto este? - LE nº **640**.

Confiou Deus a certos homens a missão de revelarem a sua lei? - LE nº **622**.

Como pode o homem conhecer o limite do necessário? - LE nº **715**.

Caberá vitória ao Espiritismo? - LE nº **918**.

Divisão em dez partes da lei natural, segundo o modelo de Moisés - LE nº **648**.

Em que consiste a adoração? - LE nº **649**.

É da lei da Natureza o controle da natalidade? - LE nº **693**. É da lei da Natureza o instinto de conservação? - LE nºs **702 e 703**.

É da lei da Natureza a destruição? - LE nº **728**.

Força para progredir haure-a o homem em si mesmo? - LE n^o799.

Esmola - LE n^o 888.

Lei natural - LE n^o 614.

Legítima defesa - LE n^{os} 748 e 749.

Livre-arbítrio - LE n^o 843.

Merece censura o homem por procurar o bem-estar? - LE n^o 719.

Onde está escrita a lei de Deus? - LE n^o 621.

Por que a verdade não foi sempre posta ao alcance de toda gente? - LE n^o 628.

Precisa de manifestação exterior a adoração? - LE n^o 653. Pode-se, com utilidade, orar por outrem? - LE n^o 662.

Por trabalho só se devem entender as ocupações materiais?

- LE 675.

Pena de morte - LE n^o 760.

Por que não efetua a civilização, imediatamente, todo o bem que poderia produzir? - LE n^{os} 792 e 793.

Perante Deus, são iguais todos os homens? - LE n^o 803. Que definição se pode dar da moral? - LE n^o 629.

Qual o caráter geral da prece? -LE n^o 659.

Que acontece com aquele que explora o trabalho alheio?

- LE n^o 684.

Qual o maior obstáculo ao progresso? - LE n^o 785.

Qual o verdadeiro sentido da palavra caridade? LE n^o 886.

São meritórias aos olhos de Deus as privações voluntárias? - LE n^B 720.

Segue sempre marcha progressiva o aperfeiçoamento da humanidade? - LE n^B 783.

Tem o homem o poder de paralisar a marcha do progresso? -LE n^B781.

Todas as crenças humanas são respeitáveis? - LE n^B 838. Vida social está em a Natureza? - LE n^o 766.

Mediunismo

Ação oculta dos espíritos - LE n^B 501.

Como havemos de distinguir os pensamentos que nos são próprios dos que nos são sugeridos? - LE n^B 461.

Podem os espíritos comunicarem-se, estando completamente despertos os corpos? - LE n^B 420.

Podem os Espíritos que dirigem os acontecimentos terrenos ver obstada sua ação por espíritos que queiram o contrário? - LE n^B 529.

Qual a causa da clarividência sonambúlica? - LE n^B 428.

Fazer uma leitura cuidadosa do O Livro dos Médiuns. Complementação

Obras psicografadas por Francisco Cândido Xavier.

Curas - Pão Nosso, lição 44.

Desenvolvimento mediúnico - Missionários da Luz, cap. 3. Doutrinação - Idem, cap. 17.

Doutrinação - Caminho, Verdade e Vida, lição 145.

Epífase, sua função - Missionários da Luz, cap. 2. Fenômeno mediúnico - Religião dos Espíritos, cap. 5. Influenciação - Missionários da Luz, cap. 5.

Incorporação - Idem, cap. 16.

Mediunidade - O Consolador, 3ª parte, cap. 5.

Mensagem aos médiuns - Emmanuel, Dissertações Mediúnicas, cap. 11.

Mediunidade - Roteiro, cap. 27.

Mediunidade e dever - Religião dos Espíritos, cap. 16. Mediunidade e fenômeno - Missionários da Luz, cap. 9. Materialização - Idem, cap. 10.

Mediunidade - No Mundo Maior, cap. 9.

Mediunidade - Caminho, Verdade e Vida, lição 10.

Nos Domínios da Mediunidade - Um livro de André Luiz. Obsessão - Pensamento e Vida, cap. 27.

Obsessão - Missionários da Luz, cap. 18.

Psicógrafo - Idem, cap. 1.

Proteção - Idem, cap. 14.

Passes - Idem, cap. 19.

Seara dos Médiuns - Um livro de Emmanuel.

Sintonia - Roteiro, cap. 28.

Socorro espiritual - Missionários da Luz, cap. 7. Tratamento das obsessões - Pão Nosso, cap. 184. Vampirismo - Missionários da Luz, cap. 4.

É aconselhável, aqui, a leitura dos livros "A Mediunidade sem Lágrimas" e "O Evangelho da Mediunidade", de autoria de Eliseu Rigonatti.

Mais particularmente devemos, agora, centrar a figura de Jesus Cristo que, em sua época, segundo estamos informados, recebia dos conterrâneos o nome de Yeshua ben Yoseph (Jesus, filho de José).

Em nosso Mestre encontraremos os grandes desafios para a nossa compreensão. No entanto, o Cristo da Fé será sempre o ponto central das indagações e dos interesses maiores do nosso espírito. Não podemos, jamais, deixar de procurar-lhe os ensinamentos e a orientação, sem o que vaguearemos inapelavelmente sem rumo no mundo de sombras da infinita ignorância humana.

Comecemos, pois, alguns estudos sobre Ele.

YESHUA BEN YOSEPH

Allan Kardec informou terem-lhe atribuído a séria e dificultosa tarefa de classificar e distribuir metodicamente as matérias constantes da doutrina "escrita por ordem e mediante ditado de Espíritos Superiores". Como resultado desse empenho, já sabemos, surgiu o O Livro dos Espíritos (LE), contendo, em

espécie, os princípios fundamentais do Espiritismo. Sem dúvida, foi um magnífico trabalho, que exigiu o esforço total de um grande espírito, tão respeitável, competente e ativo que levou Emmanuel a anotar: "Um dos mais lúcidos discípulos do Cristo baixa ao planeta... e nascia Allan Kardec, aos **3** de outubro de **1804**, com a sagrada missão de abrir caminho ao Espiritismo, a grande voz do Consolador prometido ao mundo pela misericórdia de Jesus Cristo" (A Caminho da Luz, cap. XXII).

Esse evento descortinou-nos um novo e amplíssimo panorama, trazendo um insistente convite a avançados estudos sobre a origem, a natureza e o destino dos espíritos, possibilitando, além do mais, o estabelecimento consciente de normas adequadas às possíveis inter-relações dos encarnados com os desencarnados. Na prática, os resultados têm sido os mais profícuos, com imensa vantagem para os nossos sucessos no mourejarcomum. Todavia, é interessante verificarmos quem são aqueles "Espíritos Superiores" referidos, e o que significa a doutrina que nos propõem. No próprio LE comparecem eles descritos por Kardec, naquele escorço de classificação apresentado nos itens de n^{bs} **100** e seguintes, relacionado à especificação dos espíritos de acordo com o seu grau evolutivo. Sua exata descrição está no item n^o **111**, que reza o seguinte:

Espíritos Superiores

Esses em si reúnem a ciência, a sabedoria e a bondade. Da linguagem que empregam se exala sempre a benevolência: é uma linguagem invariavelmente digna, elevada e, muitas vezes, sublime. Sua superioridade os toma mais aptos do que os outros a nos darem noções exatas sobre as coisas do mundo incorpóreo, dentro dos limites do que é permitido ao homem saber. Comunicam-se complacetemente com os que procuram de boa-fé a verdade e cuja alma já está bastante desprendida das ligações terrenas para compreendê-la. Afastam-se, porém, daqueles a quem só a curiosidade impele ou que, por influência da matéria, fogem à prática do bem.

Quando, por exceção, encarnam na Terra, é para cumprir missão de progresso e então nos oferecem o tipo da perfeição a que a humanidade pode aspirar neste mundo".

Quer dizer que o Espiritismo não é doutrina derivada de uma simples confabulação com todos os espíritos, de maneira indiscriminada e descompromissada, nem seletivamente com uma ordem qualquer, escolhida entre os menos esclarecidos. É, isto sim, originário do pensamento e mantido sob a responsabilidade dos que já alcançaram notável grau de superioridade e aperfeiçoamento e cujo desempenho de funções obedece às mais elevadas qualidades da alma.

A Doutrina dos Espíritos pode ser comparada, portanto, àquela máquina motriz a arrastar o imenso comboio do Conhecimento e da sociedade humana.

Interpretando a "humanidade" como um só sistema de duas fases

perfeitamente inter-relacionadas (espíritos encarnados e espíritos desencarnados) compreendemos ser válida a classificação de Kardec igualmente para os dois planos. Parece muito simples o que estamos expondo, mas ao considerarmos, na prática, o entendimento das pessoas em geral, nesta etapa de intensas e decisivas lutas espirituais, veremos ser esse enfoque da realidade quase que inteiramente inapreensível para a grande e esmagadora maioria, nos termos de nossa crença espírita. Evidentemente estamos nos referindo ao mundo inteiro, e não apenas às limitadas terras brasileiras...

Estamos querendo dizer que o Espiritismo se apresenta como uma doutrina proposta pela faixa mais elevada de Espíritos, desde sempre diretores da Terra e presentes na totalidade dos acontecimentos planetários. Por "acontecimentos planetários" significamos tudo o que se refere à sua física, química, meteorologia, geologia, biologia e às relações do Orbe com o resto do Universo, e, também, à ação humana, ao homem nos seus aspectos corporais e psíquicos, particularmente quando desencarnado. Não estamos pensando, portanto, segundo costumam fazer as religiões intituladas de cristãs, mas apenas firmadas nos "preceitos morais", atribuídos a Jesus Cristo e seus prepostos, como se o nosso Mestre Supremo devesse representar-se somente por esse lado e inseparavelmente seguido de seus Auxiliares Sublimes. Ora sabemos que os Espíritos Superiores dirigem, comandam, lideram, relacionam tudo sob o influxo direto e omnipresente de Jesus Cristo. Apesar disso, ao estabelecer-se esta hierarquia, foi-nos garantida, rigorosamente, a liberdade interior para a tomada de decisões, que nos interessem. Dai a natural ilusão de que os eventos se criam e sucedem por ato da nossa vontade, e que o mundo resulta, em consequência, de nossas representações psicológicas, sem relação com qualquer fator de controle ambiental e de atividades espirituais, que se fazem independentes de nossa percepção e à nossa revelia.

Aos poucos, no decorrer do tempo e com os favores das experiências reencarnatórias, os espíritos vão galgando as posições sempre melhoradas de aprendizado e vida, ajustando-se às ações cada vez mais dinâmicas e abrangentes no seu universo de responsabilidades individuais.

Mas, por se encontrarem em estágios evolutivos tão diferenciados na promiscuidade desse nosso globo terreno, no acotovelamento habitual da vida em sociedade é naturalíssima a divergência de opiniões e atitudes. Aí encontramos de tudo: as ideias mais nobres e elevadas de mistura às mais extravagantes, primitivas e perversoras da personalidade humana, aliadas umas e outras às ações ora construtivas e progressistas, ora torpes e destrutivas.

O nosso ambiente de aprendizado oferece-nos, portanto, as mais inusitadas oportunidades de edificação pessoal, segundo os objetivos maiores da alma. Todavia, é compreensível que, no estudo inevitável de nosso ser e seu consequente destino, sintamos as maiores dificuldades em vencer as ignorâncias e os impedimentos egoísticos próprios do espírito em crescimento moral, estacionado em enganos clamorosos, que

talvez ainda exista em nós. Contudo, o esperançoso e importante é o movimento ascensional, a decisão da caminhada rumo aos altiplanos da Espiritualidade Superior.

Adotando o Espiritismo (doutrina dos Espíritos Superiores) como um meio de explicarmos o "mistério" da nossa existência e de desvendarmos o da própria Terra, nossa morada sideral, estamos, efetivamente, descerrando o véu que nos toldava a visão do Mundo Maior, agora ao nosso inteiro dispor.

Mas é preciso considerarmos que ainda hoje prevalece na crença da maioria o dualismo contraditório-mundo físico versus mundo espiritual - com uma incompatibilidade interior tão profunda, que faz um configurar-se eternamente separado do outro, e quase sem meios de intercomunicação, tomando-os praticamente isolados, por terem origem e destinos havidos como diversos e conflitantes. As consequências dessa maneira de ver traduzem-se nas maiores contradições do existir, permitindo, afinal, a opção pelo mais livre e desejado desempenho materialista de uma economia baseada tão-somente na unicidade da vida corporal, e assim mesmo por um curto espaço de tempo. Geralmente uma pessoa comum crê apenas na sua vida atual, essa que transcorre do berço ao túmulo, a esvaír-se em poucos anos de atividade verdadeiramente útil, ativa, dinâmica, socialmente realizadora. Para ela, a única realidade, no concreto da vivência vulgar, será a parte visível da humanidade, de onde nascem todos os interesses imediatos, motivadores das ações sociais, e com o que justifica as lutas do dia-a-dia. A problemática da continuidade da vida na condição de espíritos ou almas no mundo dos invisíveis, quando não recebe uma recusa total, impeditiva de qualquer consideração ou indagação séria, recai nas proposições religiosas, que a resumem em um simples arranjo de tabus, liturgias, preceitos morais, incertezas, magias e, o que é pior, oferecendo um futuro abstrato para as pessoas, que não pode ser cogitado em termos de conhecimento real e evitado de desesperança, por depender, segundo se presume, de forças desconhecidas e tremendas, manipuladas por Alguém cujas decisões, inabordáveis e incontestáveis, estão acima de qualquer interferência ou expectativa humana.

Os religiosos partem de um antropomorfismo excludente e de um geocentrismo isolacionista, onde os seres são como que "criados" distintamente, dotados de conteúdo e finalidades opostos. Em particular o homem, visto como uma criatura singular no Universo, não se considera comparável a nada, afirmando-se sem relação de origem com qualquer coisa conhecida. E apesar disso, tudo começa a medir-se e qualificar-se só e somente por esse homem, que passa a representar, então, o único ponto de referência definidora da Terra, dos mundos, do cosmos, semelhante a um aferidor solitário de todos os valores, ou eremita universal a decretar o que é certo ou errado, bom ou mau, permissível ou proibido nesse Universo sem fim, sem tempo, sem limites!

Não temos, por exemplo, dificuldade alguma em analisar a vida e a infinidade das galáxias dos céus, partindo do Plano dos Invisíveis para tudo mais, porque para

riosa única realidade imperecível é a do espírito. Para os geocêntricos, incapazes de conceberem a vida além dos lindes terrestres, essa análise, no entanto, só é possível iniciando-se e terminando dentro e com a humanidade visível, dos encarnados, omitindo-se o plano dos espíritos, para eles inexistentes. Crêem ser a vida uma só, com a rejeição completa da teoria reencarnatória do espírito; a humanidade, assim, passa a impor-se como o concreto, o real, o imediato palpável, o princípio e o fim de todos os interesses das criaturas. O mundo das almas toma-se uma longínqua propriedade de Deus (antropomórfico), envolvendo seus desígnos insondáveis. A Terra permanece, outrossim, misteriosa em suas finalidades, por ser, nessa opinião, o exclusivo planeta habitado nas profundezas cósmicas, das quais se considera o centro e onde mora a ímpar e solitária criatura racional existente. Tudo no megacosmos, então, permanece vazio de pensamento e estéril, compondo simplesmente um panorama de enfeite sideral para os olhos do rei da criação; o homem!

É óbvio se oponham as nossas interpretações a essa maneira primitiva de entender o mundo, ao descrevermos tão diferentemente o Orbe que nos abriga e o Universo que nos inclui.

Dizem os especialistas em didática que o aprendizado humano vem-se conduzindo sempre pelas vias sensoriais do corpo, sob o amparo dos instintos, sábios e preservadores de todas as conquistas biológicas, enquanto o espírito não atinja a condição de voar mais alto e com maior liberdade. Desde o início de sua arrancada evolutiva, na condição de simples e ignorante, tem-se guiado, sim, por esse meio, mas sob a direção e o comando dos Espíritos Superiores, responsáveis por esse mister. A religião teria de complementar, portanto, o esforço organizativo da economia do conjunto tribal, no princípio, acompanhando-lhe o desenvolvimento até hoje. Contudo, nos dias correntes uma certa faixa da sociedade não precisa mais de seu auxílio, embora continue ela desenvolvendo notável papel educativo para outras extensas áreas das populações menos esclarecidas. Daí considerarmos o método espírita de pesquisa, na atual efervescência do progresso, muito importante e absolutamente necessário para a ordenação do Conhecimento em fase de renovação. Com a sua ajuda, uma consulta mais atenta às páginas da História evidenciará o quanto têm influído as crenças religiosas no desdobramento das civilizações. E esse Espiritismo, hoje, significa o passo à frente dado pelo indivíduo "zeloso das coisas de Deus", por ter deixado nos vales do passado as sombras das crenças primitivas.

O caminho humano da evolução social para esses níveis mais elevados de compreensão e fé, sempre foi erigido de imensas dificuldades e contradições, e um desses momentos culminantes configurou-se no estabelecimento do Cristianismo pelo Senhor Jesus, em "corpo e espírito", encarnado na Palestina, nos tempos recuados da dominação imperial de Roma.

Uma vez que o processo de aprendizado evolutivo se faz pela transformação da

quantidade em qualidade, é óbvio que os saltos quânticos do progresso da coletividade se dêem como consequência dos acúmulos de experiência, de conhecimento, de reivindicações imperiosas firmadas em anseios incontidos e de fermentações mais ou menos delongadas. Mas, é da lei da marcha processual, que qualquer ação renovadora desencadeada gere inevitavelmente uma reação contrária, tradicional e retrógrada, por parte dos que não atingiram as necessidades iluminativas da vanguarda remodeladora. O poder constituído jamais deixará de revidar, na tentativa de perpetuar-se nos privilégios do arbítrio e do mando. Dessa maneira, as contradições das conquistas do progresso, infortunadamente, em uma fase de precária vida planetária espiritual de "provas e expiações", terão por companhias constantes as pelejas dolorosas e os sofrimentos marcantes.

É o que acontece, porexemplo.com o episódio referente à presença de Jesus na Palestina, no início do período preparativo da retificação da conduta ética da humanidade e o consequente saneamento espiritual da Terra. A Sua atuação e profunda influência na história do Ocidente vem provocando muita confusão e acirradas disputas. Tudo, naturalmente, por causa do enfoque ora materialista ora religioso primitivista na abordagem de tal tema. Dependendo do ponto de vista, faremos, d'Ele, as mais discordantes apreciações, que têm, conosco, variado bastante no tempo. Para nós todos, almas em aperfeiçoamento, espíritos claudicantes, às vezes ainda tangenciando e penetrando um ou outro os mundos de luz e sombras, guardamos de sua augusta pessoa imagens a se substituírem na medida em que o esclarecimento nos vai ampliando a percepção do profundo significado do "ser". No ambiente terreno, pois, a visão do Cristo evolui em nós, com o perpassar das gerações, numa aceitável oscilação.

Há cerca de dois mil anos que a maneira de viver dos povos, tanto no campo econômico como financeiro, político e social embate duramente a mensagem Cristã. Neste lapso de tempo, apesar dos esforços em contrário, envidados pelos Espíritos Superiores, que habitualmente nos assistem e orientam, a ignorância, ou a má-fé, ora faz surgir o Cristo como entidade puramente mística, dentro de um insuportável ambiente de fanatismo, ora como um mito, alienado e contrário ao mundo de utilidades; às vezes apresenta-O como esquisita mistura de Deus e homem, psicologicamente incompreensível e inimitável, ou em outras ocasiões leva-O a comparecer na condição de comparsa dos desesperos e desatinos vulgares; outras vezes costuma retrata- O descaracterizado, de acordo com os momentos emocionais descontrolados, que alimentam ou exaltam os ânimos. Mas a compreensão objetiva do Cristo, como completa mensagem a governar-nos as atividades e as especulações diárias, permanece distanciada da nossa realidade atual, longe do antropomorfismo miúdo que O reduz a um simples revolucionário fracassado, mas pretensioso e arrogante. Jesus Cristo prevalece na condição do próprio Deus encarnado, no mistério da Santíssima Trindade... No entanto, para

nós, espíritas, é inacreditável ainda permanecer essa crença, justamente neste século dos mais extensos avanços do Conhecimento, de técnica aprimorada e de tanta ciência... Todavia, o antropomorfismo aí está, à espera das luzes do Espiritismo para a substituição dos avelhantados e bolorentos conceitos medievais de religiosidade primária.

Apesar de tudo, o Cristo continua sendo objeto dos mais descontraídos quanto profundos estudos. Trata-se de uma busca enérgica e, por vezes, heróica. As dificuldades prendem-se, quase sempre, às próprias fontes materiais, documentais, a Ele referentes. Pois Jesus preferiu encarnar-se entre nós em uma época de grande pobreza cultural dos povos do Oriente Próximo, quando os meios de comunicação eram muito problemáticos, ao ponto de os registros históricos não terem, sequer, mencionado as importantíssimas atividades de Sua vida pública, tão decisiva para a condução futura da humanidade. Mas sem nenhum argumento contestatório, obviamente apoiados nos pilares da fé, achamos que devia ter sido assim mesmo; apenas as razões desse proceder escapam-nos de todo, por agora.

À base da omissão histórica, os cristãos sempre se valeram das anotações reunidas sob o nome de "Novo-Testamento" e classificadas em históricas (as quatro versões do Evangelho e os Atos dos Apóstolos), didáticas ehortativas (as Epístolas) e profética (o Apocalipse).

Todavia, pelo fato de Jesus não ter escrito nada, o que anotaram e venceu os tempos, estando agora em nossas mãos, tomou-se algo duvidoso em muitos pontos, o que não deixa, de certa maneira, de ser bastante constrangedor.

Rezam as lendas que as quatro versões do Evangelho foram escritas muitos anos depois da desencarnação de Jesus, quando as lembranças dos eventos sagrados já haviam sofrido os prejuízos naturais das distorções próprias da transmissão oral de qualquer fato distanciado no tempo e sujeita às oscilações emocionais. Mas informa Emmanuel que, em compensação, o Plano Espiritual Superior, atento a esse pormenor, envidou todos os esforços na inspiração dos textos do Novo-Testamento, para que o essencial da Mensagem não se perdesse. Por não possuímos, no entanto, os documentos originais, saídos diretamente do instante da verificação dos acontecimentos ao redor do Mestre e das mãos dos apóstolos presentes a eles, é natural nos sintamos algo frustrados com a simples leitura do que herdamos como "escritos sagrados".

Em vista disso, alicerçados em fatores de diversas ordens, além dos psicológicos, e da oposição natural às Igrejas ditas cristãs nas lutas econômicas, políticas e financeiras dos dias de hoje, os críticos do Cristianismo, nestes últimos duzentos anos, vêm questionando severamente a autenticidade do Novo-Testamento, incluindo, aí, a dúvida sobre a existência do próprio Cristo. É um desafio ingrato e muito penoso. Desde o século passado cresce a corrente dos que julgam ser a figura do Cristo apenas hipotética na fundação do Cristianismo.

Acreditam ter sido ela tão-somente resultante da necessidade da criação de um líder que resumisse em si não só as aspirações dos judeus daqueles tempos, desejosos de se libertarem do dominador romano, que invadira e submetera suas terras e sua gente, como também que se revestisse do carisma capaz de intimidar todos os gentios, ameaçadores potenciais da estabilidade de Israel. Dessa maneira, o Cristo teria sido a mais astuciosa e espetacular invenção de um povo tradicionalmente místico, e agora revoltado com a detestável dominação de César. O Cristo seria, então, uma conveniente e apropriada bandeiradeluta, assim como uma espécie de deus em peleja contra os adversários do Povo Escolhido! O Cristo do Evangelho teria sido um símbolo ideal para a arregimentação ordenadora para a guerra das massas na sagrada pugna de alijamento das legiões romanas das terras judaicas! Porém, aproveitando a oportunidade, certos políticos mais ambiciosos, agitadores hábeis do povo, fariam uma revolução paralela, em nome do nacionalismo radical, contra o Sinédrio e o governo vigente, tomando o poder civil num golpe espetacular, para que se solucionasse o problema das fortes dissensões internas e se processasse uma esquiva substituição de ocupantes dos cargos de decisão e mando, conforme indica o espírito Judas Iscariotes ao espírito Humberto de Campos em "Crônicas de Além-Túmulo".

As argumentações apresentadas por esses singulares estudiosos do Cristianismo têm sido rigorosas e, por vezes, de contestação difícil. Os documentos referentes ao Cristianismo primitivo foram e ainda são vigorosamente postos à prova da trituração racionalista. Não ficou pedra sobre pedra do edifício cristão sem ser removida e minuciosamente analisada. Sob certos aspectos, é providência muito boa, porque o Cristo, afinal de contas, se coloca mais profundamente à disposição dos homens, e a atual democracia prevalecente no território do Conhecimento permitirá, como proverbial condição, o amortecimento das religiões primitivas, ainda hoje persistentes, supersticiosas e reacionárias, inadequadas à dinâmica do mundo moderno. Mas ao contrário do que pensam, das cinzas desse incêndio inconoclasta ressurgirá o Cristianismo com a força dos primeiros tempos, porém com o sabor dos avanços tecnológicos e das conquistas científicas hodiernas.

O determinismo da história humana sempre expôs as dificuldades que a mensagem Cristã teria de encontrar em sua jornada até o ponto em que se acha. E para desgosto nosso e satisfação dos mais ferrenhos críticos do Cristianismo, consideramos como outra dificuldade a ser vencida o fato de terem existido muitas versões do Evangelho e vários escritos "sagrados" apócrifos para compreendermos o quanto ficou complicado o trabalho de autenticação do que nos chegou às mãos. E estes não foram poucos, citando-se, por exemplo: O Evangelho dos Hebreus, ou Nazarenos, o Evangelho de Pedro, o de Marcion, os de Felipe, Matias e Tomé, o dos Ebionitas ou dos doze Apóstolos, o dos Setenta, o dos Egípcios, o de Nicodermos, o Árabe da Infância, os de Tiago, Eva, Mana

Magdalena, a História de José, as Narrativas de Tomé sobre a infância de Jesus, os Atos de André, Bamabé, Bartolomeu, João, Paulo, Pedro, as epístolas aqueanas, as cartas de Paulo a Sêneca, etc., etc...

Esta literatura objetivava, naturalmente, a doutrinação e a catequese, consoante ao entendimento do povo, na intenção primeira da mais rápida e eficiente propagação da nova -doutrina proposta pelo Cristo e da alimentação religiosa dos inúmeros núcleos que, por toda parte, se fundavam.

Os problemas resultantes desse movimento inaugural têm ensandecido cérebros de escól, principalmente pela falta de maiores registros históricos, e devido à* efervescência reinante à época do estabelecimento da revolucionária doutrina do Senhor num clima emocional exacerbado, extremando opiniões, exaltando atitudes e, quem sabe, até adulterando os fatos.

A famosa referência a Jesus, devida a Flávio Josefo, importante e respeitado historiador daqueles dias, em "Antiguidades dos Judeus", é negada pelos atuais críticos. Acreditam eles tratar-se de um enxerto, feito segundo as conveniências dos interessesque.talvez, na época de sua invenção necessitassem de um reforço para provarem a existência humana do Cristo.

Agravando tudo, desponta o problema das traduções e dos copistas, cujas crenças pessoais nunca deixaram de influenciar as cópias. Pois até hoje, em relação às nossas produções literárias postas em circulação, este obstáculo não pôde ser removido. Temos como exemplo, sobre o mesmo Flávio Josefo, o que se encontra na História da Civilização de Will Durant, vol. VI: "Nesse tempo viveu Jesus, um homem santo, se homem pode ser chamado, porque fez coisas admiráveis, e ensinou aos homens, e alegremente recebeu a verdade. Era seguido por muitos judeus e muitos gregos. Foi o Messias" (Tradução de Monteiro Lobato).

A Editora das Américas, de São Pauto, em "Seleções de Flávio Josefo", apresenta a mesma passagem, da seguinte maneira: "Nesse tempo apareceu Jesus, que era uma sábio, se todavia devemos considerá-lo simplesmente como homem, tanto suas obras eram admiráveis. Ele ensinava os que tinham prazer em ser instruídos na verdade e foi seguido não somente por muitos judeus, mas mesmo por muitos gentios. Era o Messias" (Tradução do Padre Vicente Pedroso).

Ora seria fastidioso insistirmos nesse tema.

Não há dúvida de que as versões canônicas do Evangelho, examinadas colunarmente, apresentam diferenças entre si. E também é verdade terem os críticos encontrado nelas motivos de incertezas quanto à coerência, à história, ao bom-senso... Contudo, é evidente, nelas todas, um conjunto doutrinário fidedigno, capaz de sustentar esse grandioso movimento religioso do mundo ocidental. Escapou aos ferrenhos críticos o mais importante aspecto da questão: o fluxo inspirador de todas elas.

E é esse, para nós, o ponto certo, o centro das indagações, no qual firmamos a nossa fé. Os que jogam só com as aparências e os dados concretos da unicidade da

vida das pessoas, acreditando apenas na existência que fulgura no berço e se apaga no túmulo, querem unicamente confinar cada geração em si mesma, negando-lhe qualquer relação de continuidade espiritual com as antecedentes ou com as vindouras, senão pelos vínculos teóricos, imponderáveis e abstratos das tradições que, por sua vez, se modificam no correr do tempo. Mas os cristãos reencarnacionistas sabem que a história dos espíritos é contada integralmente, isto é, levando em consideração os dois momentos de sua existência: um dentro da carne, outro fora dela, no plano dos invisíveis, mas nem por isso menos atuantes no mundo, cujas gerações se sucedem totalmente compromissadas umas com as outras, formando uma esteira de perfeitos relacionamentos de causa e efeito. Os cenários podem mudar, mas os atores são os mesmos, nas suas experiências de auto-iluminação e aperfeiçoamento. Aí a intercomunicação, o intercâmbio de interesses se mantem através do mediunismo atuante, de tal sorte que as necessidades de mútuo apoio dos espíritos e encarnados estejam sempre preservadas. A mensagem contida no Evangelho, englobando os vestidos de carne e os do Plano Invisível, é um desses casos, em que o Espírito esteve sempre presente, ora ostensivamente, ora com maior discricção, usando os recursos intuitivos dos evangelistas e de todos os implicados na elaboração dos chamados "textos sagrados". As páginas evangélicas testemunham, portanto, a presença dos Espíritos e o sustento dos ideais nobres nas lutas vulgares, em busca da paz e da harmonia geral, fato que não é percebido com clareza pelos contumazes negadores do Mestre.

Porém, às conclusões negativas dos críticos sobre a autenticidade do Novo-Testamento, e a existência mesmo do Cristo, opõem-se os resultados das averiguações executadas por especialistas nestes mesmos assuntos, na tentativa de demonstração cabal de ser autêntico o Novo-Testamento como um todo, e que o Cristo de fato se fez representar formalmente entre nós. As imprecisões e os pontos falhos de muitos pormenores do texto do Evangelho, ou melhor, das versões do Evangelho dadas pelos evangelistas, não invalidam o seu significado geral, global. Nesse passo, Will Durant (*História da Civilização*, vol. VI) julgou: "Seria um milagre ainda mais incrível que apenas em uma geração uns tantos homens simples inventassem uma tão poderosa e atraente personalidade como a de Jesus Cristo, uma moral tão elevada e uma tão inspiradora ideia de fraternidade humana. Depois de dois séculos de Afta Crítica as linhas gerais da vida, do caráter e dos ensinamentos de Cristo permanecem razoavelmente claras e constituem o acontecimento mais fascinante da história do homem ocidental".

Também de uns tempos a esta parte, têm aparecido muitas "Vidas de Jesus" como propostas de estudos mais vastos e como popularização de assuntos da mais alta relevância alusivos ao Mestre. Mas, quase todas essas produções trazem a cor da personalidade dos seus autores, evidenciando-lhes os preconceitos, a variável cultura e os compromissos confessionais. Uns autores são sóbrios, outros se

revelam mais apaixonados, não se excluindo aqueles que, levianamente, se comprazem em confundir os incautos.

A tentativa de se afeiçoar o Cristo aos acontecimentos e às circunstâncias da vida moderna, é muito louvável. Contudo, quase todos os seus expositores não tiveram, e não têm, meios de apresentar a Mensagem Cristã livre das imposições econômicas, políticas e sociais dos tempos em que viveram, ou vivem; nenhum deles lhes fugiu às influências. O dualismo metafísico deles - Mundo e Jesus - torna-se de tal maneira imperioso que a Mensagem acaba por se confinar nos restritos círculos de interesses de grupos, aprisionando-se, inadvertidamente, nas obras de alvenaria, nos templos de pedra, na pompa do culto exterior das cerimônias religiosas. Pior ainda, a História Universal tem registrado tantos desatinos, tantos ódios, guerras e crimes perpetrados em Seu nome, ao ponto da própria materialidade do século XX procurar uma saída mais digna para a Divindade que, aparentemente, lhe dá significado e sustento. Mas, debalde. Sem a renovação conceptual proposta pelo Espiritismo, em bases mais autênticas e sólidas, aquele intento de religiosidade superior almejado por todos os sinceros humanistas jamais será conseguido. De tal sorte se prendem os biógrafos de Jesus ao seu aspecto formal, humano, conferindo-lhe todas as nossas torpezas, de tal maneira se agarram aos milagres e ao maravilhoso estupefaciente que Ele vem a se transformar em um novo mito bem talhado para ociosos comentários de fins de semana. Essa extravagância apresenta-se tão descaracterizadora, que a crença n'Ele se toma simplória, ou fantasiosa, ou de conveniência, ou então Ele, como foi até agora apresentado, não tem cabida na febricitante sociedade de consumo, neurotizada, preñe de incertezas e desacertos que esmagam as mais caras esperanças de vida harmoniosa e feliz.

É nesse ponto que as lições do Espiritismo se tomam convenientes, porque os interesses materiais imediatistas são muito constrangedores, levando as pessoas aos mais sérios questionamentos a respeito do significado de sua própria existência nisso tudo, e qual sentido tem o seu destino. Os dirigentes religiosos, criaturas como outras quaisquer, não fogem a esses imperativos. Acontece, por consequência, deixarem-se levar pela onda das pressões subalternas do poder econômico, da política, dos objetivos e momento da sociedade onde vivem, adaptando-lhes, finalmente, o pensamento religioso. Devido a isso, os contumazes adversários do Evangelho chegaram a afirmar ser a religião, tal como exposta pelas igrejas constituídas, o "ópio do povo", usada, como de fato o é, na qualidade de um excelente instrumento auxiliar de dominação e espoliação do bem coletivo!

Na verdade, podemos compreender serem, até certo ponto, justas as decepções com determinadas atitudes e ações de imprevidentes líderes religiosos, equivocados em seu ministério, despercebidos da responsabilidade que lhes pesa nos ombros. Mas, apesar de todas as incongruências de diversas Igrejas, a alma do povo mantém o grande ideal de identificação com as diretrizes do Bem

Supremo, sentindo-lhe os imediatos benefícios e a sua indispensabilidade para o viver comum. Porque, diante das dificuldades da vida, não é inabitual passarmos por momentos em que nos obrigamos baixar os olhos, ora ansiando pela ressurreição da crença simples, ora suplicando amparo diante das dores morais agudas e quase insuportáveis, ora procurando explicações para certos acontecimentos trementos, e sempre buscando o alento em dias melhores. Pois dos escombros da fé abalada pela ignorância dos mitos entronizados nos altares que deveriam sustentar as esperanças e as crenças puras, quanta vez temos tentado seu revigoramento, para não perdermos a noção de nossa própria identidade de seres humanos!

O Espiritismo, portanto, leva ao ressurgir da Mensagem. É como inspiradamente escreveu Rui Barbosa (A Imprensa, Tomo IV 1889, pag. 193): "Ressurgir da mensagem! Digam aqueles que têm amado, e sentiram a sombra da agonia projetar-se no semblante de um ente estremecido, qual a impressão que lhes transpassava o seio nesses momentos de infinita amargura. Digam os que fecharam os olhos a seus pais, a seus filhos, a sua esposas. Digam os que já viram apagar numa cabeça reclinada para a terra a beleza, o gênio, o heroísmo, ou o amor. Digam os que assistiram, regelados, ao assentar da última pedra sobre o ataúde de um coração, pelo qual dariam o seu. Quem, senão Deus mesmo, nesse soçobro de esperanças, poderia evocar do abismo taciturno, onde só se ouve o cair da terra sobre os mortos, esta alegria, este alvoroço, este azul, esta irradiação resplandecente, este dia infinito, a ressurreição?"

'Tu ressorges todos os dias, com a mesma periodicidade, com que se renovam os teus benefícios e as magnificências da tua obra. Nega-te a nossa maldade. Nega-te a nossa presunção. Nega-te a nossa ignorância. Nega-te a nossa saber. Mas a negação te reergues, deixando vazios os argumentos, que te negavam, como o túmulo, onde dormiste outrora um momento, para reviver dentre os finados. Entre o termo de um século assombroso e o começo de um século impenetrável, essa ciência, que te pretende remover para o domínio das lendas, surpreende-se agora deslumbrada na região do maravilhoso, onde se parecem tocar as coisas da terra com as do céu, em pleno amanhecer de uma criação nova, sobre a qual pairas, como pairavas no princípio dos tempos, e de cujo caos, decifrando os problemas humanos, emergirá outra vez a tua palavra, dardejando em plena ressurreição".

Para nós, Jesus é o Irmão Maior, nem Deus nem homem, mas espírito puro, "cuja história se perde na noite dos tempos". Dirigente da Terra, tem a seu serviço uma imensa falange de espíritos de luz, gênios celestes a seguirem-lhe as inspirações na condução de todos os fenômenos do Orbe.

Ao avaliarmos apropriadamente a vida terráquea, ao sopesarmos os fenômenos da Natureza, dentro do Tempo geológico dos bilhões de anos já decorridos desde a formação planetária; ao imaginarmos as providências que têm sido tomadas em

nosso favor no desenrolar das etapas de nossa evolução física e espiritual, sentimo-nos infinitamente pequenos neste concerto de lutas e experiências iluminadoras, e temos, por último, a dimensão do Cristo!

Ele aparece-nos naquela renovada visão, proposta pelos Espíritos Codificadores na obra de Kardec, não mais como o humano, o material, o limitado, o oscilante entre o místico do Sermão e o irascível da purificação do Templo, mas como o universal, não sujeito a descrições das mentes ainda em trânsito para as regiões superiores da espiritualidade. Ressurge-nos Ele como o divino orientador, o Mestre de hoje, de ontem, de todo o sempre!

Daí a Mensagem Cristã rebrilhar na alma de cada um de nós, consoante a permissão de nossa sensibilidade, favorecendo-nos como mais completo amparo na romagem terrestre, sem nos ferir, no entanto, o livre-arbítrio. Podemos, já, compreender que o Cristo é a força diretora e coordenadora de todos os fenômenos físicos do Orbe, desde a sua formação. É igualmente o inspirador de todas as experiências que se fizeram e se fazem à superfície do globo, nossa morada sideral. Recebendo-nos e Terra, da criação de Deus, nosso Pai comum, promoveu e promove, previu e prevê, todos os acontecimentos planetários, de todas as ordens, materiais e espirituais, para que nossas almas tomassem o seu destino, no desempenho consciente da parte que nos compete na execução das Leis de Deus no cosmos (LE nº 558).

Impulsionando-nos aos mundos de plena felicidade, Jesus, conforme ensina Emmanuel, instrui-nos no trabalho de harmonização com os Seus superiores designos, dosando-nos as lições de acordo com as possibilidades reencarnatórias de cada qual. Dá-nos a consciência de nossas responsabilidades e infunde-nos a noção de dever. Mostra-nos como é digna a resistência pacífica diante das perturbações do mal, e oferece-nos as normas convenientes para a renúncia dos bens terrenos, materiais, quando e como for proveitoso para o nosso progresso espiritual. Substitui-nos as labaredas da discórdia pela serenidade e pela diligência no bem de todos, acendendo em nossas almas a coragem designativa dos espíritos mais elevados, que esquecem as inutilidades dos erros individuais e das ofensas dos erros alheios, conduzindo-nos ao cultivo dos valores morais, indispensáveis à edificação do futuro. Prepara-nos, dentro dos postulados da ordem, da compreensão e do respeito aos outros, para trabalharmos em Seu Augusto Nome, com independência de ação. Acorda-nos a memória para nos lembrarmos da fuga das cidades dos impérios humanos, construídos à base de enganosas vitórias sobre os fracos e indefesos. Demonstra-nos a força dos ideais superiores, ao nascer sobre as palhas entre os animais, para habitar, depois, os corações e as mentes das pessoas, revolucionando o mundo. Concita-nos a uma sóbria vida material de utilidade, evitando-se esforços desnecessários para a aquisição do supérfluo, em detrimento da esplêndida vida do espírito. Procura levar-nos a um clima interior de equilíbrio entre o conhecer e o sentir, para fazer

crescer em nós a humildade verdadeira, que é a conformação da criatura às leis universais, capaz de refletir a glória das Alturas num ambiente de paz, porém dinâmico, que, só então, saberemos criar ao nosso redor. Aponta-nos as estradas da paciência, como as melhores para a assimilação das lições, ou experiências da vida, e sedimentação da cultura da alma, para a eternidade. Cria sempre condições novas, a nos permitirem o refazimento de caminhos, livrando-nos dos ódios, do desamor, das invigilâncias e da imprevidência. Dissemina recursos educativos escolares sistemáticos, para o apagar da ignorância, permitindo resplandecer em seu lugar a grandeza e a beleza da Criação. Transforma-nos os medos e os sustos da caminhada ascensional do espírito em crença e fé. Quebra-nos a concha do primitivismo, limite da nossa vacuidade interior, arrojando-nos aos paramos da volição, revestidos do poder contemplativo e criador. Esclarece-nos em que ponto os sacrifícios se transmudam em bênçãos, que apagam as angústias e as tristezas, fazendo acenderem-se as alegrias a se transformarem no pábulo sagrado do sustento da alma. O Cristo é onnipresente em todos os acontecimentos materiais, físicos, em todos os fenômenos espirituais, em todas as manifestações da vida, através de sua Mensagem. Mas é preciso a alma aprender a vibrar nela, em fulgurações de Verdade e Ação, ciente da existência de um ser divino, que nos segue como uma luz a iluminar-nos as veredas do aperfeiçoamento individual.

A inconsistência das críticas dos negativistas, o acanhamento das concepções religiosas de culto externo pomposo e o poderio das forças econômicas governadoras e condutoras provisórias da sociedade de consumo onde nos mantemos, não Lhe resistirão por muito mais tempo. Dentro das contradições da vida social de hoje, a angústia e o sofrimento gerados pela busca inglória da felicidade, em termos materialistas, se encarregarão de demonstrar, ante a visão cósmica do Amor, que os tempos são chegados, para que tudo se renove no sentido maior da concórdia, da paz e da vida plena!

Basta olharmos para a arena humana da vida comum e aí surpreenderemos uma inquietação irrefreável, onde se entrecrocavam os mais díspares interesses na cabal demonstração da fragilidade das teorias econômico-sociológicas em voga, pretensivas delineadoras da correta conduta das jaessas, na perseguição daquele ideal maior. Técnicas, ciências e filosofias, um universo de ensaios, são propostas para a solução desejada das dificuldades do "ser coletivo" mas em vão, porque sempre substituídas no elenco das tentativas frustradas de se viver melhor, em paz e feliz. Pois a nossa inteligência é convocada para resolver os intrincados da vivência do dia-a-dia, porém esbarra sempre na pobreza espiritual que nos define a atual posição evolutiva. Daí a inocuidade das teses e explicações das lideranças apaixonadas e, às vezes, atrevidas, que comumente conduzem ao círculo vicioso dos beneficiamentos ao povo, mas com a exigência de retorno de sustentação dos privilégios subalternos dos donos do poder administrativo. Ora, rodopiando em torno das mesquinhas conveniências particularistas, ignorando a

nossa própria realidade espiritual, colheremos inevitavelmente os frutos do desalento. Mas estaremos fadados a viver na Terra uma simples e eterna repetição de sofrimentos, um amontoar de cinzas e um perene derramar de lágrimas? Não teremos encontrado motivos de satisfação de viver? não haverá alegrias no mundo? não temos tido momentos de intensa felicidade pessoal? não surgiram estágios de calma social, quando grupos inteiros de homens se sentiram em paz? não emergem entre os povos, jamais, condições que, embora não sejam as melhores e mais desejáveis, possam, no entanto, levar as criaturas às doces expectativas de dias promissores?

Certamente, há pesos e contrapesos na caminhada. Trata-se de uma simples olhada no conjunto, através do tempo, para melhor aferição dos valores do nosso próprio espírito. Procuramos o ser coletivo em seu aspecto temporal, desejando compreender as causas dos desajustes, das reclamações de cada um, para mais correta orientação dos nossos passos. Temos em mira as soluções para as dificuldades, encontradas na luta pelo progresso, pela superação da inferioridade. Por isso, atentamos, nesse ponto, para os obstáculos que se nos antepõem à caminhada, e cuja remoção é de fundamental importância e não menor urgência.

Na tomada de consciência da atual condição, valemo-nos das informações dos historiadores, dos analistas das ações humanas, encarnados e desencarnados. Classificamos notícias, as mais próximas da realidade que vivemos, com a intenção de divisarmos, no panorama, as estradas que mais nos convêm. Configura-se, afinal, uma busca de orientação, a mais acertada que pudermos encontrar.

Procedendo assim, andaremos sem ilusões e não adentrando atalhos traiçoeiros. Portanto, mesmo correndo o risco da pecha de pessimismo, perfilaremos, nesse diapasão realista de fortes contrastes, os informes mais elucidativos e próprios para colimarmos os objetivos que nos guiam nesta análise. Ouçamos os especialistas, em suas mesmas palavras - "A humanidade seguiu um longo caminho coberto de espinhos desde o percutidor em pedra até à utilização da automação e da energia do átomo; do acampamento à volta do fogo ou da cabana até às gigantescas cidades de hoje; das coletividades de selvagens nômades até às grandes nações; dos conhecimentos primitivos feitos de imaginações mitológicas até uma penetração profunda nos segredos do universo. Mas a humanidade dispendeu muita inteligência e força física por caminhos errados. Os teatros da história viram a representação de muitas cenas grandiosas ou mesquinhas, heróicas ou infames. Em guerra sangrentas, os homens empilharam montanhas de cadáveres. Durante seis mil anos de história houve sobre a Terra cerca de **14.000** guerras, que ceifaram **3** bilhões e **600** milhões de vidas humanas. Desde há **3.600** anos, os historiadores não registraram mais do que **292** anos de paz. Bastaram alguns meses, dias, ou mesmo algumas horas, para destruir o que tinha sido feito durante dezenas ou centenas de anos. Apareceram estados poderosos, impérios colossais prosperaram e depois morreram. De grandes que eram, tomaram-se

pobres e pequenos depois de terem sido ricos. A história das sociedades antagônicas é uma cadeia contínua de lutas ferozes entre classes opostas; os escravos lutam contra os seus donos, os servos contra os grandes proprietários e os senhores, os operários contra os capitalistas. No fogo das revoluções sociais, consumiu-se o poder de certas classes, enquanto nascia o poder de outras classes. Os tronos dos tzares e reis partiram-se e acabaram em minas. As coroas caíram das cabeças e, às vezes, as cabeças com as coroas. Entre os choques das forças sociais hostis, do passado e do presente, do que nasce e do que morre, a humanidade seguiu e segue inelutavelmente o seu caminho" (Fundamentos da Dialética da História - Podossetnik e Spirikine, Moscou).

É verdade, seguiu o seu caminho, mas inadvertidamente esquecida dos maiores e mais caros anelos do espírito. Emmanuel, em seu *A Caminho da Luz*, explica: - "Nos primórdios da humanidade, o homem terrestre foi naturalmente conduzido às atividades exteriores, desbravando o caminho da natureza para a solução do problema vital, mas houve um tempo em que a maioria espiritual foi proclamada pela sabedoria da Grécia e pelas organizações romanas". "Debalde enviou o Divino Mestre seus emissários e discípulos mais queridos ao ambiente das lutas planetárias. Quando não foram trucidados pela multidões delinquentes ou pelos verdugos das consciências, foram obrigados a capitular diante da ignorância, esperando o juízo longínquo da posteridade". "Mas toda a realidade é do espírito, e toda a paz é do entendimento do reino de Deus e de sua justiça". Porque "ditadores, exércitos, hegemonias econômicas, massas versáteis e inconscientes, guerras inglórias, organizações seculares, passarão com a vertigem de um pesadelo. A vitória da força é uma claridade de fogos de artifício".

Assim, a nossa inquietação de todos os tempos tem oscilado na grande encruzilhada, que aponta os dois caminhos: o do materialismo, gerado pelo egocentrismo, e o da fraternidade, originado no amor inscrito no coração das criaturas pelo Criador, aguardando uma espontânea dinamização. Todavia, por escolha precária devido à pressão da ignorância e entregues às injunções do determinismo dos acontecimentos, não raro temos seguido na direção do desentendimento, com aconsequente colheita de decepções. Insistentemente, mesmo depois dos esclarecimentos adequados e advertências severas, temos recrudescido nossa teimosia, sempre orientados pelo egocentrismo, numa incompreensível atitude negativista de inútil recalcitrância nas ilusões e nos enganos clamorosos. Nos dias de hoje, basta nos informarmos a respeito das providências armamentistas das nações poderosas no momento, para nos capacitarmos a uma análise completa a respeito do que foi escrito linhas atrás. A máquina de destruição, os preparativos para uma nova e eventual guerra entre os povos líderes do mundo atual, são aterradores. Um confronto armado entre eles resultará num quase total extermínio de tudo o que vive sobre a Terra. Não é alarme falso que diz isso. São os próprios militares e governantes que o afirmam.

São os livros especializados e o noticiário da imprensa que nos informam minuciosamente dessa terrível perspectiva. E a dura realidade que testemunhamos agora!

Desatentas do fato por ignorância, por desinteresse, desinformação ou displicência, ou ainda por dureza dos corações, afinal seja pelo que for, as pessoas pouco se preocupam com as suas responsabilidades espirituais nas correrias loucas do século da "informática" e da "cibemética"...Excetuando, é evidente, aquelas que, acordadas para a vida espiritual mais elevada, vigiam o suficiente para imprimirem às suas atividades comuns o sentido das mais apuradas concepções éticas, não na teoria, mas na prática do dia-a-dia, tendo por escopo a contribuição pessoal para a construção de um reino de fraternidade à face da Terra.

Já sabemos que em todos os momentos das lutas, tanto na área dos governos quanto na das pessoas isoladamente, a Mensagem do Bem fez-se e permanece presente. A ninguém faltou ou falta o chamamento para a escolha da via correta. A questão prende-se à livre opção que se fizer. E agora, em que os horizontes da Terra se ensombram, outra vez, diante da configuração da mais pavorosa guerra de destruição que jamais poderíamos suspeitar, igualmente os grandes apelos, os mais pungentes convites, vêm-nos convocar para um esforço éspiritual capaz de induzir os que, de boa vontade, não querem e não devem perder os frutos do burilamento colhidos na esteira de todas as reencarnações pregressas. Porque, os que o desejarem "serão salvos, e herdarão a Terra".

Nesse passo, explica-nos Emmanuel: - "Todos somos chamados ao grande labor e o nosso mais sublime dever ó responder aos apelos do Escolhido". "Revendo os quadros da história do mundo, sentimos um frio cortante neste crepúsculo doloroso da civilização. Lembremos a misericórdia do Pai e façamos as nossas preces. A noite não tarda e, no bojo de suas sombras compactas, não nos esqueçamos de Jesus, cuja misericórdia infinita, como sempre, será a claridade imortal da alvorada futura, feita de paz, de fraternidade e de redenção" (A Caminho da Luz - cap. XXV).

E o véu desta noite cerrou-se sobre nós! No seu conteúdo estão todos os pesadelos a nos assombrarem. Mas dentro da profunda escuridão da impenitência humana encontraremos, se quisermos ver, os archotes da fé nas asperezas das trilheiras da difícil romagem e o fulgor das estrelas nos céus da esperança. Pois em todos os momentos de hesitação, de dúvidas, de incertezas, de desorientação, de desânimo e de sustos, colocou-nos Mestre, ao lado de nossa provisória incapacidade, o auxílio pronto, a instrução apropriada, o norte orientador, o amparo conveniente, o esclarecimento completo, aguardando a decisão do espírito pela luz ou pelas sombras.

Nos espíritos, tanto nos mais lingínguos rincões, onde a simpleza dos silvícolas embasa a ingenuidade, como nos mais sofisticados laboratórios de ideias, onde a vontade possante desafia os mistérios do ser, a pesquisa do mundo tangível

sempre se acompanhou de elucidações de ordem moral. A criatura humana, nas constantes conquistas do conhecimento, nunca deixou de se preocupar, e de se ocupar, com os enigmas do Universo. Esta é uma afirmativa da História e da Antropologia de nossos dias. E nas perquirições infindas, os céus jamais permaneceram mudos. Tão-somente os olhos viram, ou deixaram de ver, e os ouvidos ouviram, ou se recusaram a ouvir, o que quiseram, selecionando livremente o que desejaram selecionar. Mas, a lei universal de concatenação dos eventos teria de orientar esse aprendizado, tanto na trilha do bem, como na dos enganos preferidos. Todavia, nenhuma reclamação pode ai ser levantada, porque os instrumentos espirituais para o perfeito discernimento foram impressos na alma pelo Criador, à espera do seu livre uso (LE nºs **631,779**), dependendo a formação da personalidade daquelas decisões que se encontrarão, apenas, no silêncio das íntimas deliberações de cada um (LE nºs **117,120,122**).

Conquanto pareça muito rude esse quadro da iluminação espiritual a que nos devemos sujeitar no carreiro terreno, mais semelhando lamúrias religiosas, na verdade diremos ter escudado tais asserções nas palavras dos historiadores e antropólogos, que estudam e anotam autorizadamente os acontecimentos das pugnas, das derrotas, dos sucessos e das conquistas dos povos, no perpassar das gerações. Através de seus assentamentos, podemos, sem dúvida maiores, notar que as verdades dos céus transparecem, brilhantes, em cada passo do labor dos homens. De um lado, as nuvens da ignorância e o penoso esforço das lideranças falíveis e transitórias. De outro lado, a onnipresença das rútilas instruções espirituais, convidando à liberação à da inútil carga de pesares e recalitrâncias nos desvãos da romagem ascensional, que nos curvam os ombros ao solo, para tomarmos, então, o "jugo leve", onde só se encontra o essencial para os testes e aprendizados acordes com as mais profundas necessidades da alma.

Enquanto os tropeços, as intempéries, a agressão da Natureza, as distâncias, as doenças, o desentendimento, o desamor exigirem das pessoas estudos e providências arrojadas e constantes, tem o Mestre suprido a indigência que nos caracteriza, fazendo reencarnarem-se espíritos capazes, adredemente preparados para promoverem o progresso material, o modo de produção dos bens de consumo, a indústria, o comércio e os serviços, com o objetivo do ensino e da transformação do cerce terreno, de agreste que é "inNatura", em um jardim e em um pomar de farturas e belezas sem fim. Não descurou Ele, aí, das informações espirituais, que nos dotariam das perspectivas sublimes e do significado real das coisas, dos seres para construção de uma sociedade equilibrada nos mais legítimos sentimentos de fraternidade. A História tem apontado esses missionários incansáveis do Bem no campo das pesquisas intelectuais de todos os tipos e das tentativas de harmonização do homem ao seu meio físico, ao ambiente circunstancial. Homens que, no desempenho de suas tarefas missionárias (LE nº **617**), deram de si, em benefício de todos, o que possuíam como os mais preciosos

valores pessoais: os sentimentos de amor, as lágrimas, o sangue, a vida. Sua passagem pela Terra é sempre estigmatizada de labores ingentes, de renúncias aflitivas de persistência obstinada na procura e na socialização da verdade, como também de heroísmo nos testemunhos.

Ao lado deles, dos eruditos, poetas, artistas, filósofos, cientistas, técnicos, sábios, profissionais liberais, inventores, navegadores, mestres escolares, comunicadores, líderes políticos e da administração, ainda colocou o Senhor os homens de "espírito", os que se encarregassem da iluminação da mente para a apropriada assimilação das coisas de Deus no ímo dos corações. Seriam eles o lume a vivificar o carvão frio das conquistas no campo do material, clareando a noite escura da desinformação, abrindo um sol nas almas, só então prontas para a contemplação do universo de maravilhas inenarráveis, que nos aguardam no porvir. Contudo, devido às circunstâncias da marcha evolutiva dos espíritos, que por si mesmo se desajustam, junto ao trigo das tarefas edificantes misturam-se as do joio, embarçando o dinâmico labor dos missionários do Alto (LE n^os 119 e 781). E a luta prossegue...

Parados numa esquina qualquer da Vida, eis-nos ainda surpreendendo as pessoas em sua liça cotidiana: guerrinhas familiares, acertos e desacertos sociais, correrias e cansaços em torno de quimeras e utopias, irrefletidos compromissamentos reencarnatórios, caminhar, desatento nas ruas da ilusão, esperas angustiantes, colheitas fartas de decepções... E o joio permanece misturado ao trigo! Mas essa é a condição do aprendizado.

Porém nós, os espiritas, qualificados, pelo menos teoricamente, como cristãos redivivos, vemos, observamos, analisamos, examinamos e sentimos tudo com os olhos da alma, compreendendo melhormente o que se passa dentro de nós e ao nosso redor. Não nos falta a perspectiva histórica do suceder das reencarnações, como bendita fonte das lições maiores a nos clarearem o entendimento, ampliando-nos infinitamente o panorama terreno da evolução dos espíritos. Estamos, pois, mais capacitados que os não espiritas para avaliar os lances mais profundos da ação humana. Portanto, com esse reforço conceptual, promovido pela teoria das reencarnações, adentramos, definitivamente, a "era do espírito".

Com os conhecimentos reciclados pelos progressos hodiernos é que nos propomos a revivescência do Cristianismo em nós e junto de nossos semelhantes. Atingiremos esse objetivo?

Ora as nossas hesitações de hoje, guardadas as proporções dos tempos e dos lugares, também foram as dos antepassados. Nesse sentido, os anseios, os desalentos e as expectativas de agora não diferem, em substância, dos do pretérito. Ao tempo de Jesus, em plena florescência do Império Romano, as comunidades ocidentais do planeta igualmente gemiam, tentando resolver seus mais prementes problemas sociais. Tantoque Emmanuel em se referindo a essa quadrada história, diz: "Atingindo um período de nova compreensão concernente aos mais graves problemas da vida, a

sociedade da época sentia de perto a insuficiência das escolas filosóficas conhecidas, no propósito de solucionar as suas grandes questões. A ideia de uma justiça mais perfeita para as classes oprimidas tomara-se assunto obsidente para as massas anônimas e sofredoras" (A Caminho da Luz).

Porém, muito antes de Sua vinda à poalha terrena, já o Mestre fazia fluir Sua Mensagem em nosso meio, por intermédio de incontáveis emissários e, principalmente, pela via da intuição, comum a todas as criaturas. A história das crenças e das religiões conta-nos como as coisas se passaram nessa época. Todavia, o ponto culminante dos acontecimentos espirituais da Terra foi a tomada do corpo de carne pelo Mestre e o pessoal estabelecimento definitivo das normas conducentes ao acume do nosso alvo humanista de concórdia e paz. Esta foi a maior demonstração de que jamais estivemos entregues a nós mesmos, tateando nas escuras da elevação, sem amparo, sem norte, sem guia seguro. Junto ao labor das almas, à procura de si mesmas, deslumbradas diante do conhecimento progressivo e da posse inteligente das coisas, colocou Jesus igualmente à disposição todos os ensinamentos precisos destinados à escalada das cordilheiras da plenitude anímica. Seus augustos ensinamentos encontram-se entesourados nas luminosas páginas do Evangelho, prontos para serem assimilados e praticados.

Mas, estranhamente, quão contraditório sempre foi o uso desse livro sagrado dos cristãos! Quanto já se escreveu e disse a seu respeito; quantos grupos e igrejas e instituições se formaram em torno dele; quanta discussão tem provocado; e quanto se encontra ainda incompreendido!

Nós, pretensos cristãos redivivos, acolitados pelo método kardequiano da análise, também oferecemos uma interpretação do Novo-Testamento, calcada não em tradições medievais escolásticas, ou em fixações dogmáticas de conceitos; mas em bases em bases sólidas, conjugando os conhecimentos e o dinamismo do mundo moderno à mais perfeita orientação do Plano Espiritual, pela via mediúnica, auxiliados e seguidos de perto pela teoria das reencarnações (LE nº 627).

A nossa vantagem sobre os cristãos de outras áreas é incomensurável. Os instrumentos de pesquisa teórica e prática, os métodos e as novas concepções de que dispomos dão-nos um imenso poder de penetração espiritual. Pois as nossas atividades não mais se alicerçam no geocentrismo limitador, e a nossa visão da alma amplia-se ao infinito, no sentido cósmico da palavra. Encontramo-nos, enfim, conscientemente participando da trama universal da Vida!

Por isso mesmo, no sideral pormenor chamado Terra, já nos surpreendemos em apressado adestramento, mirando as mais altas conquistas da "Era Cósmica da Religião do Amor e da Sabedoria".

Mas, o tempo não passou em vão. Somos detentores de um patrimônio cultural resultante, como é claro, das mais custosas pelejas do passado reencarnatório. Sim, porque a nossa personalidade de hoje deriva das inúmeras encarnações anteriores, permitindo-nos, já, o descortínio dos pródromos da Espiritualidade

Superior.

Volvendo aos eventos da passagem de Jesus pelas terras palestinas, admiramo-nos do quanto nos falta para a compreensão, na sua devida grandiosidade, de todos os lances de Seus ensinamentos. Jesus aliou a todas as suas atividades e palavras um significado, cujo conteúdo se tornou, até o presente, assunto dos mais vastos e profundos estudos. Contudo, reservara Ele, durante sua romagem pela face do planeta, muitos esclarecimentos que somente no futuro viriam completar o Evangelho (João, **14:26** a **16:30**). Hoje, com os conhecimentos acadêmicos engrandecidos por uma imensa e minuciosa pesquisa sobre o Universo e o próprio homem, o Espiritismo, na feição kardequiana, exatamente, se encarrega dessa tarefa complementar. Mas buscamos, por enquanto, as bases do pensamento do Mestre, diretamente entregue aos povos ocidentais, e nada mais agradável do que ouvirmos Paulo de Tarso dizer:—"Quando, porém, chegou a plenitude do tempo, enviou Deus o seu Filho, nascido de uma mulher, nascido sob a Lei, para redimir os que estavam sob a Lei, a fim de que recebêssemos a adoção filial" (Gálatas-IV, **4**).

Em meio aos mais desconcertantes antagonismos sociais gerados pelo egoísmo desenfreado, e no ambiente de sua comunidade convulsa e sofredora, encarnara Jesus, trazendo a mensagem definitivamente orientadora para as conquistas mais altas do porvir.

Mas, neste ponto, vamos abrir espaço para comentar uma novidade reservada somente aos espíritas, porque ela não se encontra em nenhum outro apontamento além das páginas da nossa Doutrina. Trata-se de um assunto talvez incompreensível à maioria das pessoas. No entanto, para nós, vem esclarecer uma grande quantidade de importantíssimas questões.

Como se lê em João **14:2** e no LEnº **55,176,178,179**,—"na casa de meu Pai há muitas moradas", ou, como dizemos, há mundos habitáveis e habitados solidários entre si, temos que o "princípio inteligente individualizado" dos animais e o "espírito" humano intemam-se neles de acordo com as suas necessidades e afinidades, podendo passar de uns para outros quando possível e indispensável, em busca de aprendizado e aperfeiçoamento.

As semelhanças entre os mundos, neste caso, devem ser, em primeiro lugar, físicas; em segundo lugar, morais, quer dizer, os espíritos seus habitantes precisam de estar em graus evolutivos próximos, dentro de limites que lhes marquem não só a possibilidade de vida em comum, mas também que queiram seguir em conjuntos definidos por semelhantes caminhos iluminativos. Assim, quando grupos de milhões de espíritos se transferem de um para outro orbe no gigantesco cosmos (LE nºs **172** e segts.), objetivam o progresso e a confraternização das famílias formadoras da humanidade universal. Evidentemente essas transmigrações eiderais se encontram nos planos e sob controle dos Espíritos Puros, diretores dos sistemas astronômicos e das galáxias incontáveis do firmamento, no desempenho do mandato divino de sua competência (LE nº **558** e A Caminho da Luz,

Emmanuel, cap. I).

Confinados neste ponto minúsculo e materialmente inexpressivo no megacosmo chamado Terra, sequer podemos imaginar a grandiosidade da organização espiritual do Universo, e nem sonhamos, ainda, perceber a infinita ventura das comunidades celestes em ação, glorificando a Deus em Sua obra. Em virtude da simplicidade atual de nossas almas, por enquanto não podemos compreender, na realidade profunda, os mecanismos da administração espiritual das esferas dos Gênios Redimidos dos céus. Porém, convenientemente dosadas, alcançam-nos muitas informações das paragens dos Espíritos Puros, clarificando-nos o intelecto e elevando-nos o sentimento. Dessa maneira, colhemos notícias a respeito em Kardec (LE e A Gênese, cap. XI, itens 35 e segts.) e em Emmanuel (A Caminho da Luz, cap. III). Beneficiando-nos com os esclarecimentos deste último, ficamos sabendo que em um sistema planetário constante da constelação de Capela há um orbe irmão da Terra, com o qual se identifica em muitos pontos fundamentais. Há uns 15 mil anos atrás, segundo nos explica, de lá emigraram para o nosso planeta muitos milhões de espíritos. Mas é bom que se diga ser esse tipo de transmigração natural e rotineira, como providência normal de condicionamento de espíritos que, em não podendo acompanhar a evolução do mundo onde estagiam, se localizam em outro com o qual, naquele momento, guardam afinidade estrutural dos graus semelhantes e onde encontrarão condições apropriadas para uma repetência de aprendizado. Se mal não comparamos, é como uma família que, não podendo manter-se mais numa casa de bairro chic, cujo aluguel e representação social conseqüente cresceram acima de suas posses, vê-se na contingência de mudar-se para outra, mais barata, compatível com o salário-família que detem no momento, em ambiente mais simples, de exigências sociais amenizadas...

Segundo Emmanuel, em um dos planetas de Capela desenvolvia-se uma grande operação seletora de espíritos para que os mais elevados de seus habitantes, no momento, devessem prosseguir em seus processos evolutivos, na direção do Bem e da Concórdia; mas, pelo determinismo daquela coletividade, eram barrados em seus intentos por uma grande maioria renitente no egoísmo e no seu subproduto imediato: o desamor. A carreira fratêmista dos mais identificados com o Bem não teria curso se os opositores, ainda comprometidos com a ignorância agressiva e demolidora, ali permanecessem. Houve uma natural separação do "joio" do "trigo" e os mais inferiorizados na rebeldia, na discórdia e na anarquia viram-se reunidos e afastados do ambiente, que procuravam desmerecer com a sua contumácia no mal. Retirados desse planeta capelino que, por sua vez, subia de posição moral na hierarquia dos mundos, qualificando-se como "planeta emergente no Bem", foram transmigrados para a nossa Terra, que, à época, ainda se caracterizava no grau de "planeta primitivo", porém já em seus limites superiores de conquistas próprias para a passagem à condição moral imediatamente superior ao primitivismo. E foi o que aconteceu. Estando nosso Orbe no nível cultural que, aqui, chamamos de

"neolítico superior", no linguajar da Antropologia vigente, ao receber os milhões e milhões de "capelinos" inaugurou um período novo, denominado de "Provas e expiações".

Ao deixar de ser "planeta primitivo", representou isso um grande progresso no direcionamento das experiências que os "terrícolas" teriam de executar deste ponto para diante. Os habitantes autóctones da Terra (mongóis e africanos), ou "terrícolas", receberam os "capelinos" à conta de verdadeiros semideuses benfeitores, tal a sua superioridade em relação aos que aqui iniciavam sua carreira de espíritos. No entanto, esses estrangeiros recém-chegados sentiram-se aviltados em seu orgulho e, no ambiente para eles inóspito, deram largo curso às emoções de quem se julga condenado a doloroso degredo. Geograficamente, os mongóis confinaram-se na Ásia e os negros localizaram-se na África. O Ocidente foi reservado para os capelinos, que se vestiam de corpos de uma raça diferente, chamada de "raça branca", que ainda não existia na Terra, e criada pelos Maiores da Espiritualidade especialmente para eles.

Para entendermos bem esse assunto, é imprescindível que se leia o "A Caminho da Luz", de Emmanuel, para onde remetemos o leitor. Somente as lições deste espírito instrutor é que podem esclarecer autorizadamente a questão. Mas, neste ponto, não devemos esquecer alguns pormenores, que tomam o maior interesse para a nossa edificação espiritual. É que, lá no sistema Capela, aqueles espíritos também se organizaram segundo um semelhante modelo de hierarquia que adotamos aqui em nosso mundo. Dessa maneira, tinham eles os seus "guias" e "instrutores" em uma pirâmide de valores e responsabilidades, ocupando o vértice o Diretor geral, o "Cristo" deles! Pois bem, aquele "Cristo" e os seus Auxiliares, entrando em contacto com o nosso, daqui da Terra, por razões de uma espécie de sociologia sideral, que não entendermos por agora, passaram-lhes a responsabilidade imensa, gigantesca, de reeducar os Seus tutelados, agora em exílio obrigatório. Aceitando essa incumbência, Jesus Cristo, Nosso Senhor, e Seus Sublimes Prepostos, por sua vez, criaram todas as condições rigorosamente necessárias para a reabilitação dos capeunos neste novo lar, que lhes era oferecido como um templo sagrado, uma escola de luminosos ensinamentos e uma oficina de trabalhos dignificantes, tudo dentro de um clima do mais profundo amor espiritual, mantenedor das mais alentadoras esperanças de breve retomo à pátria distante.

Emmanuel conta que, ainda no Plano Espiritual, Jesus, ao receber os milhões e milhões de exilados da Capela tratou de orientar-lhes o sentido para as tarefas do recomeço de aprendizado, dentro de uma oportunidade maravilhosa de recomposição espiritual, pelo auto-aperfeiçoamento resultante da substituição paulatina do egoísmo pela fraternidade legítima, a ser conquistada em regime renovado de proposições e atividades mais elevadas de vida. Reforçando-lhes as boas intenções, Jesus prometeu-lhes um auxílio especial, para que cumprissem,

ornais depressa possível, com as suas obrigações e se arrumassem convenientemente para a volta ao planeta de origem, lá de Capela, agora bem mais aperfeiçoado e belo. E no fim do prazo combinado para que lograssem êxito em suas tentativas de autolibertação, Nosso Senhor Jesus Cristo viria, ele mesmo, estar, em carne e osso, com todos, no último esforço de recuperação dos que, retardatários na ascensão gloriosa, ainda permanecessem cristalizados nas teimosias do egoísmo.

Assim, há cerca de **15** mil anos atrás, a Terra abrigou esses capelinos, espíritos muito experientes e capacitados no intelecto, porém pouco desenvolvidos na área dos sentimentos. Com essa presença, como já dissemos atrás, nosso mundo elevou-se, de "planeta primitivo", à categoria de "provas e expiações", que ainda é, mas em seus finais extortores de rebeldia e recalcrância do mal. Porque nestes próximos dois ou três séculos, aqui, igualmente, se dará uma grandiosa mudança de estágio, passando a Terra a "mundo de regeneração" (O Evangelhoseg.o Espiritismo, cap. III). Está havendo, para isso, um derradeiro acerto, e um trabalho saneador, já em franco desenvolvimento, que libertará nosso Orbe, tal como aconteceu na distante Capela, dos espíritos que hoje vemos obstinados no erro consciente, desde os socialmente mais simples, até os mais titulados e pretensos donos e comandantes dos destinos das coletividades. Milhões de milhões de espíritos que, apesar de todos os apelos em contrário, permanecem arraigados aos enganos clamorosos do desamor, à irresponsabilidade da corrupção pelos tóxicos e drogas derruidoras, aos crimes de todos os tipos, enfim, ao egoísmo cego e brutal, serão alijados para um mundo ainda primitivo, em alguma constelação longínqua, para o recomeço de sua esteira de reencarnações retificadoras, na tarefa paciente de auto-iluminação que, a duras penas, se conquiste com o trabalho disciplinado sob as decisões enérgicas da vontade de acertarem, rumo à paz e à concórdia, para a construção do Reino de Deus na própria alma.

O que aconteceu em Capela, está agora dando-se na Terra! De cerca de **15** mil anos para cá, todos os espíritos, terrícolas e capelinos, tiveram sua oportunidade de crescimento para Deus, vistas voltadas para o futuro luminoso e feliz que a todos aguarda. Mas, nos dias correntes, em que o tempo de promoção da Terra na escala hierárquica dos mundos está em um dos seus limites, grandes acontecimentos deverão dar-se.

Na preparação final do alijamento dos espíritos porventura não aprovados para o mundo de regeneração que se avizinha, seria concedido o prazo de **2** mil anos. E como havia prometido, Nosso Senhor Jesus Cristo tomou a carne no momento certo e, no ponto isoespiritual do território de Israel, dinamizou os derradeiros recursos para a reabilitação dos capelinos. Jesus veio, portanto, trazer Sua Mensagem para os estrangeiros que, à maneira de filhos adotivos, deveriam, nas lidas terrenas, acordar os sentimentos nobres da alma, para o retorno ao coração

do "Cristo" da Capela. Jesus não veio para os terrícolas, quer dizer, para os espíritos de Sua responsabilidade direta, porque estes sempre foram sensíveis ao Seu influxo, recebendo-lhe os ensinamentos e assimilando-os convenientemente, através dos Emissários sempre aceitos sem restrição pelas coletividades, tanto quanto pelos indivíduos. É assim que os africanos e os mongóis demonstraram-se receptivos aos ensinamentos ministrados pelos mestres e instrutores qualificados, porém com a simplicidade dos humildes e a ingenuidade das crianças, que acreditam nos "homens santos" como os filhos nos pais. Não houve e não há necessidade de o Senhor Jesus tomar a carne para dirigir o seu povo ao "Reino de Deus", isto ocorre naturalmente, no envolvimento do Seu Amor, por intermédio dos Prepostos e Auxiliares Iluminados de Sua esfera. No entanto, no caso dos capefinos tudo foi diferente. De modo que, também ajudado por Instrutores vindos da Capela para isso, Jesus contou com os "mestres" capefinos que, sob o hausto do Cristo de lá, tomaram a carne aqui, numa demonstração de sublime amor aos seus pupilos, para a congregação mais fácil de seu povoem tomo dos ideais mais elevados do amor e da fraternidade. Juntamente com os nossos, nunca faltaram aos "exilados" os seus profetas, oráculos, sacerdotes e sábios categorizados, acompanhando lhes as lutas na difícil romagem de regresso ao lar remoto.

Conta-nos Emmanuel que muitos milhões de capelinos já se reintegraram às comunidades felizes de seu orbe, na condição de entidades redimidas após o bom aproveitamento das oportunidades terrenas. Mas em contrapartida muitos outros milhões deles por aqui permanecem, inamovíveis em sua rebeldia, de ponta-a-ponta resistentes aos chamamentos mais sentidos dos "avatares da raça". Demoram chumbados ao solo dos interesses menores semitas, iranianos, eslavos, celtas, germanos, vickings, hindus, etc., milhões deles, impassíveis diante de invocação da Vida Maior. Todavia, para a Terra soou a hora do fecho do ciclo de provas e expiações. Agora, assistimos ao término do "grande vestibular" de dois mil anos, oferecidos pelo Mestre, para as decisões conclusivas de cada um. Se quiserem reavaliar a vida e construir uma cosmovisão própria para a garantia do futuro luminoso de paz e concórdia, muito bem; se não quiserem, paciência... Associados aos que, embora temcolas, também se candidataram ao reaprendizado alhures, e a outros estrangeiros de diferentes globos porventura aqui presentes nas mesmas condições, vão ser despedidos nos próximos dois ou três séculos, deixando para trás todo um mundo de promessas que não concretizaram e oportunidades que não quiseram valorizar. Foi uma pena!

O pior tem sido a rejeição à ajuda oferecida pelo nosso Cristo. Um grupo O aceitou e, através d'Ele, se reabilitou para a Capela. O resto, não. Conforme a promessa, o Senhor Jesus fez-se presente na opacidade da carne, num extremo ato de misericórdia, com o objetivo de iluminar os caminhos tão obscuros daqueles povos perdidos no ódio e nas intolerâncias que trouxeram do lar de origem e continuaram mantendo mesmo nas provações do degredo!

Podemos verificar o comportamento dos capelinos acompanhando-os na sua movimentação à face do planeta. A história escreveram com as próprias vidas de custosos labores e jeras pelejas, organizando-se em sólida sociedade, mas sempre impenitentes inconformados com o exílio terreno, conta-nos tudo a respeito de seu caráter e de sua rebeldia. Por isso estamos analisando-lhes a conduta, tanto grupai quanto individual, na expectativa de avaliarmos com a objetividade possível o que tem sido, para eles, a profunda e decisiva experiência em nosso mundo.

Além do mais, aqui reencarnados, tiveram garantida literalmente a liberdade de ser e de movimentar-se, mas os resultados, até hoje, não são animadores. Guardaram suas in- diossincrasias de origem estelar, repetindo e alimentando cuidadosamente os mesmos erros do egoísmo imodificado, apesar de todos os sofrimentos a que, historicamente, se sujeitaram. Como sugere Emmanuel, relativamente poucos foram sensíveis às mudanças necessárias à sublimação da alma. A maioria conservou-se cristalizada em seus propósitos orgulhosos e arrogantes, reagindo inconsideradamente às providências tomadas em seu benefício por Jesus Cristo, e Seus mensageiros de Luz. Quando Jesus, cumprindo a promessa feita no passado já distante, tomou a carne em seu favor, como procederam com Ele, e também com os Instrutores, Guieiros, Amigos e Protetores na grande romagem ascencional? É o que vamos ver.

Jesus Cristo, o Messias, ou como o chamavam em Nazaré, em seu berço palestino. Yeshua ben Yoseph, tomou a carne provavelmente entre os anos **747** e **750** da fundação de Roma. Recordamos que, nessa época, tendo perdido a Palestina a sua autonomia, penava sob o jugo romano de César Augusto. A Judeia era, então, governada por Herodes Magno.

A palavra cristo vem do grego e significa ungido; e do arameu, vem messiah (redentor), cuja forma helenizada é messias. Estamos habituados a dizer: Jesus Cristo, sem atentarmos devidamente no ato de fé que isso significa.

Enquanto nos ocupamos apenas com a devoção, num processo indentificador de princípios, encontramos o Novo-Testamento, hoje impresso aos milhões de cópias e distribuído por todos os recantos do mundo, nada nos inquieta. Porém, ao ocuparmo-nos com as minudências dos eventos da época do Cristianismo nascente, penetramos em um nevoeiro denso, onde as notícias quase sempre se acompanham de dúvida. As fontes de informações tomam-se um tanto imprecisas, e muitos pormenores diluem-se num clima de incertezas bastante incônmodas. Desde aí, quase dois mil anos são decorridos. Infelizmente nesse lapso de tempo muitas anotações sobre o Messias foram distorcidas, desfiguradas ou adulteradas, enquanto outras, para infortúnio dos pesquisadores, levantam suspeição de falsidade, como dissemos páginas atrás; mas os óbices são superados graças aos estudos autorizados feitos por especialistas, auxiliados por excelentes recursos de técnica.

A possível preocupação com o restabelecimento da verdade plena sobre os

acontecimentos que envolveram a missão de Jesus encarnado, é, além de necessária, providencialmente útil. Essa necessidade reside no fato de que o desencontro de muitos registros históricos com os eventos cristãos do início possam sugerir a inverdade, o que levaria ao descrédito o esforço dos evangelistas e dos primeiros seguidores de Jesus. Mas o mundo de hoje não aceitaria um engodo dessa natureza, se ele de fato tivesse existido. Sendo certo que as imprecisões de datas e discordâncias referentes a pormenores da ação dos primeiros cristãos não referendam a invalidez do movimento redentor da humanidade ocidental, capelina, e a **Doutrina**, a Mensagem, em si, permanece intacta.

Com essa preocupação maior, parece-nos irrelevante, por exemplo, a idade do corpo de carne de Jesus, se foi de **33,37** ou **41** anos, bem como se toma inexpressiva para nós a sua genealogia, segundo as tradições e os preconceitos das tribos de Israel. Tudo se reduz a simples fumaça diante do significado da Mensagem, para as almas. Aqui, a forma não altera o conteúdo e o "provisório" humano minimiza-se à vista dos interesses imorredouros do "espírito eterno".

Para a ordenação do pensamento e das atividades terrestres, pode ser até salutar a apreciação dos acontecimentos sociais, cronometrados e comentados com a finalidade básica de demonstrar-se a dinâmica dos espíritos. É a experiência acumulando-se no suceder reencarnatório, qualificando o aprendizado. Mas isso não prejudica a compreensão nem a aplicação dos conceitos doutrinários em nós mesmos e no ambiente que nos comporta; pelo contrário, reanima-nos. Neste particular, o desencontro de opiniões até ajuda, por impossibilitar a estagnação das ideias. Tais as pesquisas conducentes ao diálogo elevado e competente permitem o esclarecimento das situações e o dilatar de horizontes da alma, que busca nas tribulações da vida sua auto-iluminação (LE nº **133**).

Pois bem, com o nascimento de Jesus, em termos humanos, iniciou-se a "nova-era", ou "era cristã", das últimas decisões dos capelinos quanto ao seu futuro.

Consta ter vivido o Mestre **30** anos em relativa obscuridade, e d'Ele temos apenas vagas referências, como se lê em Lucas **2**. Temos ainda uma ou outra notícia indireta mas nada esclarecedoras sobre a Sua vida diária. Esse tempo corresponde à vida oculta do Mestre, trazendo um ensinamento a escapar-nos de todo. **9** um enigma impenetrável. Nem mesmo os Espíritos Codificadores abordaram o assunto, dando a impressão da inutilidade ou da inconveniência das pesquisas nessa área. Há muitas hipóteses levantadas em tomo da questão, porém nenhuma convincente, sendo algumas até insultuosas.

Rezam as tradições ter-se desdobrado a vida pública do Senhor entre os **30** e **33** anos de idade. Esse curtíssimo espaço de tempo foi o suficiente para que Ele estabelecesse Sua doutrina entre os encarnados, como nos contam os evangelistas.

Nessa época, o povo judeu mantinha um ortodoxo conceito sobre o "messias",

que aguardavam ansiosamente. O nacionalismo estreito, aliado às ilusões cristalizadas nas castas sacerdotais, nas hostes políticas, bem como acrisoladas nas faixas de domínio econômico do povo, não deixava dúvidas quanto à missão salvacionista de um messias talhado à sua maneira, sob a medida de suas pretensões imediatistas. Queriam um tipo de salvador estereotipado naquelas concepções totalmente humanas e materiais, para a manutenção do modelo de seu Estado, bem como capaz de impor sua hegemonia a todos os outros povos conhecidos. Pois Israel não era escolhido para isso? Aguardavam, portanto, um messias imbatível, portador de todos os conhecimentos cabalísticos e dotado dos caracteres próprios da Divindade, ante o qual nações, tribos e a própria Natureza nada pudessem obstar.

O clima social da Palestina era o de um vulcão em prenúncios de atividades eruptiva. Além das lutas intestinas pelo poder, sempre presentes desde tempos imemoriais, havia o ódio ao novo dominador romano. "Nas montanhas da Galileia, ainda nominalmente governadas pelo tetrarca Ântipas, mas na realidade pouco mais do que uma província romana, tomou-se endêmico um estado de revolta. Um certo Judá, cujo pai Ezequias fora executado por Herodes, e que já empunhara armas na época da morte do tirano, colocou-se à testa dos rebeldes. Foi denotado e morto. No entanto, seus seguidores continuaram a buscar inspiração em sua figura. E por muitos anos, consideraram líderes os filhos de Judá. Acabaram conhecidos como kanaim (cananeus) ou zelotes. Nas regiões mais remotas do país, não hesitavam em matar quem quer que lhes parecesse excessivamente amigo do opressor romano. Nas festas dos Peregrinos, em especial, Jerusalém continuava a ser uma incubadeira de agitação. Em 33 e.v., um pregador afirmou ser descendente de David, foi crucificado na noite de Pessah (Páscoa), depois de um julgamento sumário pela "administração nervosa" (*História do Povo Judeu - Cecil Roth*).

Mas, como o Yeshua ben Yoseph presente em nada se assemelhasse ao requerido pelos caprichos desses senhores, causou aborrecimentos e não foi aceito. Jesus trazia, contrariando as exigências daquela angustiante e confusa espera, não a turbulência das conquistas espetaculosas, nem o sectarismo reacionário de uma sociedade em declínio, mas a mensagem de libertação definitiva do indivíduo em seu mundo interior, onde a alma assumisse o governo dos propósitos superiores, para tornar-se dona de seu destino, mirando o retomo ao lar distante, um dia perdido em momentos de profunda incúria moral. Não foi Ele compreendido de pronto. Muitos, desde logo, sendo os mais exaltados e incondicionais defensores de uma provisória realidade social, tornaram-se odiosos inimigos da doutrina que se revelava a um povo sofrido, como o judeu. Dentro da mesquinhez de seu fanatismo, acreditavam representar aquele messias popular exatamente o contrário de tudo o que desejavam. Todavia, os sofrendores resignados, os despossuídos, os doentes, os descrentes, os desesperançados, os

sonhadores, os sensatos porém decepcionados componentes das classes altas, enfim, os desiludidos de toda sorte e de todas as camadas sociais, logo perceberam a importância daquela doutrina de amor, concórdia e paz, ora proposta em condições especiais e inusitadas de comunicação para a época: ensinamento vivificado pelo correspondente exemplo na prática do cotidiano!

E todos sabemos como os fatos se desenrolaram desde o aprisionamento até à crucifixão do Mestre.

Contudo, queremos estabelecer e perpetuar a nova orientação espiritual dali para diante, no escoar dos séculos vindouros, o Mestre inaugurou um novo sistema de liderança e comando. Cercou-se de gente cujo valor pessoal nunca havia sido desmentido pelos testes das naturais agoiras da vida, e assim procurou levar o conteúdo de sua Mensagem aos corações que A desejassem por norma de conduta. Os Seus primeiros seguidores eram homens simples, porque a simplicidade aliada à pureza de intenções seria o instrumento preferido nas tarefas de instrução popular, e aqueles homens traziam o poder de espírito adequado ao movimento de libertação que se iniciava. Adotando estilo de linguagem próprio para a época, segundo os costumes tradicionais e as condições ambientes, pôde o Mestre impulsionar a ação renovadora, à qual damos o nome de Cristianismo.

Escolheu Ele, para o grande começo, doze homens descompromissados do Sinédrio e designados como "apóstolos", que são os seguintes: Simão Pedro, André (irmão de Pedro), Tiago (filho de Zebedeu), João (irmão de Tiago), Felipe, Bartolomeu, Tomé, Mateus (o publicano), Tiago (filho de Aifeu), Tadeu, Simão, o Zebte, Judas Iscariotes. Mais tarde, foi escolhido para substituir a Judas, Matias (Mat. 10:2 e At. 1:15 e segts.).

Jesus preparou-os na doutrina e nos exemplos, ensinando-lhes a prática da mediunidade conveniente para o exercício dos serviços assistenciais, dotando-os de imensa autoridade sobre os que lhes quisessem acompanhar os passos. A Boa-Nova estava endereçada não somente aos judeus, mas a todos os povos da época e do porvir. A mensagem veio para ficar, e assim aconteceu!

Firmou-se o Mestre, portanto, para sua vida pública, em primeiro lugar, nas necessidades humanas diante da encruzilhada que se **lhes antepunha** no raiar dos dias finais de separação do joio do trigo, quando se fazia presente o trabalho espiritual da preparação das condições básicas para a mudança de ciclo espiritual da Terra. Ciclo de provas e expiações a se aproximar do fim, devendo terminar dentro de mais ou menos dois mil anos. Presentemente estamos no epílogo deste gigantesco esforço. E agora, nos extertores dos últimos momentos, já pressentimos a fase espiritual de regeneração, muito mais elevada, cujos alicerces estamos implantando e, segundo informações dos Espíritos, estarão prontos dentro de dois ou três séculos. Em segundo lugar, baseou-se o Mestre, referindo-se ao movimento recém-inaugurado, nas oportunidades reencarnatórias do planeta, cuja maioria intelectual estava firmada graças à missão

desenvolvida pela Grécia Clássica. Em terceiro lugar, apoiou-se Ele em doze humildes apóstolos, demonstrando como, acima das especulações, podem os ideais superiores quebrar a rocha da iniquidade, no recesso das almas.

Não veio o Mestre cercado de honrarias, prestígio, títulos e fortuna. Não trazia o apoio do Estado nem comandava exércitos. Não dominava academias nem os meios usuais de comunicação popular, que eram a cátedra, o pódio dos pregadores religiosos e os nobres purpurados e as praças de agitação política. Não se fazia seguir das multidões em raivosas reivindicações nem liderava partidos no festim do poder. O único meio de que lançou mão foi a força doutrinária dos exemplos, do amor em ação. Com doze apóstolos seguidores, paupérrimos de cultura acadêmica e de bens materiais, acionou esse imenso movimento espiritual que nos envolve e entusiasma. Da mais completa obscuridade, em termos de sociedade humana, fez nascer o sol da libertação das almas, esquecidas dos compromissos assumidos no Plano Espiritual, agora mergulhadas no abafador da carne e entregues à desenfreada cupidez. Mas todos os ensaios dos povos, até aquela data, foram reavaliados, para traçar-se o novo caminho, conducente ao Reino da concórdia e da paz.

Nesses dias de Jesus encarnado, Roma exercia seu poder em extensas áreas, que cobriam a Europa ao sul do Reno e do Danúbio, parte da Britânia, o Egito e toda a costa norte da África, atingindo também a Mesopotâmia, no Oriente. O hábil domínio romano aliava à força de suas legiões as conquistas políticas, levando aos povos submissos o valor de sua civilização, inquestionavelmente elevada e sedutora. O poder de administração dos romanos provou sua eficácia principalmente nas terras adjacentes ao Mediterrâneo, primeiro palco da expansão cristã. A unificação dos povos, estabelecida nessa quadra da História, demonstra as providências tomadas pelo Plano Espiritual Superior, a partir do governo instalado em Roma, no sentido da preparação para o desenvolvimento da doutrina a ser exposta pelo próprio Mestre (A Caminho da Luz - Emmanuel). As intercomunicações dos habitantes desta parte do mundo foram altamente beneficiadas pela orientação que o governo dos Césares dava às gentes, é claro que em proveito do Império; mas afinal redundando em lucro de todos, permitindo um livre trânsito entre as nações agora sob o domínio centralizado e vigilância, anulando os conflitos de fronteiras. As pessoas podiam locomover-se de uma cidade para outra, de um país para outro, com uma liberdade nunca antes adquirida. Igualmente, ao levar às diversas comunidades dominadas as vantagens de sua requintada civilização, Roma, em contrapartida, recebia o melhor delas, material e culturalmente. Não cabe aqui lembrarmos as causas aparentes, nem os lances sócio-econômicos registrados pela História, para as explicações acadêmicas da Pax Romana. Queremos, apenas, ressaltar certos momentos inseridos na vida dos capelinos e tornados compreensíveis na sua grandeza autêntica, enfatizando algumas causas da bem sucedida difusão do Cristianismo no

mundo daqueles dias. Assinalamos, por exemplo, ter Roma se iluminado com o saber dos gregos, então seus súbitos, assimilando-lhes o idioma, que representava a chave para abrir as portas do edifício da mais alta cultura acadêmica daqueles tempos, e era, por isso mesmo, bastante difundido. Os próprios romanos ousavam, preferentemente, por ser de melhor manejo nos negócios e na diplomacia entre as nações. Daí terem sido os escritos evangélicos, como medida de precaução e utilidade, traduzidos para ele, garantindo-lhes maior e eficiente propagação. A sabedoria belênica, aliada ao Direito Romano, deu aos cristãos primevos já detentores da teologia judáica uma feliz alternativa de exposição da nova doutrina.

Com a presença da legiões romanas em terras palestinas, principiou uma grande dispersão dos judeus, que se espalharam por quase todas as cidades do mundo greco-romano, mantendo nelas sua religião e construindo sinagogas, que eram os lugares onde os israelitas se reuniam para discutir seus principais assuntos, notadamente os religiosos, porque para o judeu a administração da vida prática deveria, sempre, derivar do influxo religioso. Esse hábito eles consolidaram desde sua primeira dispersão para a Pérsia, vários séculos antes. Assim, acabaram influenciando nos gentios desses lugares, angariando, até, muitos adeptos. Acreditamos ter sido esse, também, mais um recurso para o estabelecimento das bases comunitárias da ação cristã em terras distantes da Palestina, por representarem um ponto de encontro de judeus viajantes, espontâneos propagadores da nova fé.

Prevalencia no mundo romano de então o politeísmo e a pluralidade de crenças, algumas adotadas à base das religiões do Extremo Oriente. Não obstante as práticas religiosas politeístas calcarem-se mais nos interesses políticos dos governos, os homens cultos, geralmente, não acreditavam naquilo que eles mesmos diziam professar, tanto quanto as massas versáteis vinham demonstrando pouca receptividade ao ensinamentos tradicionais, que se achavam muito desmoralizados pela cumplicidade com as arbitrarias atividades de espoliação do povo trabalhador.

O grande movimento filosófico grego, ao definir a maioria intelectual do mundo, perdera o impulso, e os romanos estavam mais interessados nas filosofias epicurista e estoica, querendo melhor compreender a sua própria missão de império. Mas, pela força das circunstâncias, as condições morais do ambiente de então achavam-se bastante baixas. Como a tendência das sociedades das nações dominadas era para um constante declínio moral, acompanhando o relaxamento dos costumes dos romanos que, cada vez mais ricos e poderosos não conseguiam manter as tradições nobres e severas herdadas dos fundadores da República, resultava disso um cansaço do povo, uma descrença seguida de grande amargura, principalmente entre os melhores e mais inteligentes membros das comunidades. E foi nesse meio sofrido, entenebrecido, sem roteiro plausível de vida espiritual, sem esperanças e em franca corrupção que penetraram os cristãos, trazendo a Mensagem, de todos, intuitivamente, reclamada dos céus.

Ao escolher os doze apóstolos e, depois, mais setenta e dois (Luc. **10:1**) discípulos, quis o Mestre organizar uma sociedade capaz de continuar sua obra de propagar e sustentar o Evangelho, dentro de uma nova ordem de coisas.

A história de Israel evidencia, ainda, outra dificuldade para os discípulos de Jesus: adas línguas edialetos prevalectentes na época. Parece que o idioma preferido por Jesus e seus Apóstolos era o galileu, dialeto arâmico. Os três dialetos arâmicos da Palestina - judeu/arâmico, samaritano e galileu - recebiam do mundo grego-romano a denominação genérica de "dialeto hebreu". Já no mundo asiático, a denominação era a de "língua cakfáica" e "lingua siríaca". Nas sinagogas (templos israelitas) os dizeres santos afixados às paredes estavam em arameu (O Evangelho por Fora - Canuto Abreu). Para nós, hoje, esse assunto se tomou nebuloso, de difícil decifração. Emergem, então, divergências de várias ordens, principalmente no que se refere à composição das versões do Evangelho, segundo os evangelistas Mateus, Marcos, Lucas e João. Os textos originais se consumiram, prevalecendo, então, as cópias. Por exemplo: Diz-se ter Mateus escrito em sua língua materna, pensando apenas nos judeus. O original perdeu-se: considera-se, porém, sua tradução em grego como réplica exata. E assim por diante. As datas de sua composição, igualmente, são incertas. Questiona-se a possibilidade das mútuas influências, sendo certo ter Lucas se valido dos textos dos outros. João escreveu, dando as interpretações evangélicas que achou convenientes, no sentido de complementar o que os outros deixaram de citar. Afirmam os críticos terem sido grafadas as versões evangélicas a partir do ano **42**, indo até o fim do século, com as anotações retardadas de João, que preferiu escrever, ou segundo alguns, ditou suas informações já nonagenário. Emmanuel informa, em "Paulo e Estevão", que no ano **35** circulavam as anotações de Mateus.

Conforme o objetivo que nos move neste trabalho, em que procuramos, antes de mais nada, o "espírito" do Evangelho, relegamos a tarefa desta disquisição erudita e aclaradora para os especialistas. Entretanto, obrigamo-nos a certas referências, no propósito de dar corpo ao que estamos compilando. Afinal, pertencemos à corrente daqueles que consideram ociosa a discussão da veracidade dos escritos evangélicos, no que se refere aos pormenores de secundária importância. Ora, muitos fatores compreensíveis e quase que inevitáveis, contribuíram para essas incertezas miúdas, que muitos querem artificialmente supervalorizar para tentarem abalar a cidadela cristã. Para nós, as versões do Evangelho devem ser aceitas como um todo, e a doutrina, fluida mediunicamente pela intuição dos evangelistas, como tradicional, pois Jesus nada escreveu. As versões sinópticas do Evangelho (Mateus, Marcos, Lucas) dependeram bastante da catequese oral, que se diferenciou segundo o meio onde se faz presente. E a versão chamada de "história", de João, completou o que ele achou necessário acrescentar à mensagem já exposta pelos outros. (Coleção "La

Sainte Bible", 14 vols. - Pirrot e Ais.) Esta catequese oral seguiu-se de anotações fragmentárias, alicerçadas em máximas e nos fatos decorridos no cotidiano. Mas esta literatura subordinou-se à memória dos pregadores, que procuravam uniformizar, de alguma sorte, suas prédicas. Papias, de Hierápolis, disse: "Mateus reuniu as 'logias' de Jesus em língua hebraica, e cada um traduzia como desejava".

Há controvérsias sobre o significado de 'logia': para a maior parte dos católicos, quer dizer discursos, para outros, não católicos, indica discursos, sentenças e também oráculo, que é mediunismo, muito cultivado naqueles tempos.

Não se sabe onde e quando se fez a versão grega do Evangelho de Mateus. Mas ele existia, já, no 1º século.

Mateus era um publicano morador em Cafarnaum, usava também o nome "Levi", possivelmente seu verdadeiro nome. Pouco se sabe de sua vida e pregação. Parece ter acompanhado Jesus Cristo em seu ministério, tendo assistido às aparições do Mestre post-mortem. Participou da fundação do primeiro núcleo de cristãos a pé na desencarnação do Senhor, núcleo ou eclésia (igreja), ou seja, uma reunião, congregação, de pessoas responsáveis pelos destinos do movimento a que presidiam. Acredita-se ter pregado na Pérsia. Elaborou o que é considerado o 1º Evangelho. A finalidade principal dos apontamentos de Mateus parece ter sido a de demonstrar ser Jesus o Messias prometido nas Escrituras. Supõe-se ter escrito entre 35 e 48 da era vulgar.

Marcos, ou João Marcos, segundo a tradição, é o autor do 2º Evangelho. Era primo (sobrinho?) de Bamabé e filho de uma das Marias daquela família, em cuja casa se reuniam os primeiros cristãos, quando das perseguições em Jerusalém. Foi discípulo predileto de Pedro, com o qual esteve em Roma. Consta ter sido secretário e fiel intérprete deste Apóstolo. Com Paulo e Bamabé, evangelizou em Chipre, seguindo depois para a Panfília, retornando para Jerusalém. Fundou a eclésia da Alexandria, onde morreu. O seu Evangelho objetivava, principalmente, demonstrar que Jesus é Filho de Deus, na concepção judaica, e parece estar mais interessado nos fenômenos efeitos de Jesus, do que em sua doutrina. Foi escrito, ao que tudo indica, em Roma, no ano de 44. É o mais curto dos quatro Evangelhos. Quase tudo o que registra está, igualmente, em Mateus e Lucas. Caracteriza-se pela vivacidade dos pormenores concretos, pela falta de polimento literário, pela abundância de latinismo e pelo destaque dado à atuação de Pedro.

Lucas, segundo a tradição, compôs o 3º Evangelho e as Atas ou os Atos dos Apóstolos. Consta ter sido médico e pintor.

Ao contrário dos outros evangelistas, não era judeu, mas provavelmente grego. Daí a diferença de seu temperamento e de sua cultura. Converteu-se ao Cristianismo graças à pregação de Paulo de Tarso, que acompanhou nas viagens missionárias. Após a morte de Paulo, evangelizou na Grécia, é tido como o porta-voz das ideias e das palavras do Apóstolo dos Gentios. Deve ter escrito o seu Evangelho entre os

anos 55 e 60. Apresenta correta ordenação dos documentos, tem um prólogo e uma dedicatória (A Teófilo); complementa os dois primeiros evangelhos, contando alguma coisa nova sobre Jesus, mas sem nenhuma intenção biográfica.

João era pescador em Genesaré; é tido como o autor do 4º Evangelho, já nos últimos anos de sua vida, lá pelo fim do século 1º. Foi o discípulo predileto de Jesus, tendo recebido no Calvário a incumbência de cuidar de Maria, a Mãe Sublime. Participou com Pedro na fundação da eclésia de Jerusalém. Depois da morte de Maria, dirigiu-se para Êfeso, de onde orientava os núcleos cristãos da Asia. Viajou para Roma; depois foi remetido para Pátmos, escrevendo, aí, o apocalipse, ou livro das Revelações. Além do primado de Pedro na igreja de Jerusalém, João era respeitado como o mais bem informado Apóstolo a respeito de Jesus. Morreu em Êfeso, para onde se transferira, depois do exílio em Pátmos.

Dos outros discípulos nada se sabe praticamente. Consta que Tiago Maior permaneceu em Jerusalém, morrendo aí. Tiago Menor teve o mesmo destino. Felipe evangelizou na Frigia e morreu em Hierápolis. Tomé chegou às índias Orientais, sendo morto em Melipor. André evangelizou a Cítia, e morreu crucificado em Patras, na Grécia. Bartolomeu pregou na Arábia meridional, tendo sido esfolado vivo na Armênia. Simão exerceu o apostolado na Mesopotâmia, sendo morto na Pérsia. Judas Tadeu trabalhou a Palestina, abatido barbaramente ao evangelizar na Pérsia, no mesmo dia da morte de Simão. Judas Iscaritotes enforcou-se, nas condições de todos nós conhecidas. Matias, seu substituto, evangelizou a Etiópia, morrendo af.

Todos doaram a sua vida à causa sagrada do Evangelho. Mas de acordo com as informações de Emmanuel (A Caminho da Luz), nesse tempo, "a doutrina do Crucificado propaga-se com a rapidez do relâmpago". "Fala-se dela, tanto na Roma como na Gálias e no norte da África. Surgem advogados e os detratores. Os prosélitos mais eminentes buscam doutrinar, disseminando as ideias e interpretações. As primeiras igrejas surgem ao pé de cada Apóstolo, ou de cada discípulo mais destacado e estudioso".

Podemos imaginar as dificuldades dos Apóstolos e dos primeiros doutrinadores na preservação dos conceitos da nova doutrina, diante da ignorância generalizada do povo e da precariedade dos meios gráficos de comunicação. O problema das cópias dos textos, de qualquer um, em todos os tempos, sempre se constituiu em um escolho de quase impossível remoção. Acrescentando-se as interpolações e as interpretações particularistas dos copiadotes, teremos um quadro dos percalços inevitáveis dos cristãos primevos.

Porém, explica-nos Emmanuel: "Nesse tempo, quando a guerra formidável da crítica procurava minar o edifício imortal da nova doutrina, os mensageiros do Cristo presidem à redação dos textos definitivos, com vistas ao futuro, não somente junto aos Apóstolos e seus discípulos, mas igualmente junto aos núcleos das tradições. Os cristãos mais destacados trocam, entre si, cartas de alto valor

doutrinário para as diversas igrejas. São mensagens de fraternidade e de amor, que a posteridade muita vez não pôde ou não quis compreender". Para uma razoável reconstituição desses trechos das primeiras lutas dos cristãos no estabelecimento de sua doutrina renovadora, devemos socorrer-nos das informações de Lucas a respeito constantes do livro "Atos dos Apóstolos".

Contudo, não podemos perder de vista a natureza evolutiva dos espíritos através das portas das sucessivas reencarnações. Como em todos os tempos, os povos, nos dias de hoje, como nos de Jesusconosco na Palestina, se constituem de uma heterogeneidade de espíritos nos mais variados graus de desenvolvimento, compatível com o aspecto de planeta de provas e expiações, ainda vigente. Daí todos os desacertos de interpretações que levaram os iluminados do início a pelejas dolorosas em seu próprio ambiente de pregação. Encheram-se eles, no entanto, de coragem, paciência e mentalidade missionária, superando os maiores obstáculos do momento.

Não há dúvida de que Jesus sugeriu a obrigação de se estabelecer uma sociedade composta de Seus seguidores, cuja finalidade era a de oferecer ao mundo o Evangelho. Mas, pelo que estamos informados, Ele não estruturou planos definidos de governo para essa sociedade. Não criou uma hierarquia humana para o comando de nenhum movimento doutrinário. Não prescreveu rituais para as prédicas ou formas de culto. Não estabeleceu códigos de regras para a convivência dos fieis seguidores. Deixou os discípulos livres de chefia humana precária e perecível, de afirmações exteriores de crença, de métodos rígidos de ensino, permitindo-se expressassem eles pelos modos que lhes parecessem mais apropriados. Mas, impregnou-os de Seu amor. Criou-lhes um corpo de doutrina bastante flexível, deixou ao alcance de todos, apontou-lhes os caminhos para a grande ascensão, vistas voltadas à reintegração no mundo de paz e felicidade da distante Capeta, assegurou-lhes todos os recursos da unidade enobrecida da legítima fraternidade, colocando-lhes à disposição uma falange de Prepostos, oferecendo-lhes os espíritos de alegrias e vida nova.

As práticas mágicas, de passagem, não eram novidade, porque desde os tempos mais antigos o intercâmbio com os espíritos se fazia livremente. As triboz nômades, as aglomerações incultas, sempre cortaram com os seus adivinhos e feiticeiros que eram médiuns ativos. Os povos do Extremo Oriente, em todas as fases de sua evolução social, sempre se ocuparam com os fenômenos da intermediação espiritual. Os egípcios, no esplendor de sua civilização, se notabilizaram como profundos cultivadores do mediunismo. Moisés (Deut. **18:9-14**) procurou disciplinar a ação mediúnica de sua gente, tentando livrá-la das influências dos médiuns de outros grupos, que ia encontrando pelo caminho, na grande romagem em direção de Canaã. Entre os judeus, os profetas jamais deixaram de desempenhar um papel importante. Os gregos norteavam muitos de seus atos pela palavra dos oráculos, que, quase sempre, influíam até nas grandes

decisões tomadas pelo Estado. Entre os romanos, estes oráculos não tinham a mesma relevância, mas, não se furtavam de consultar os deuses, embora por outros meios, herdados dos etruscos, e através de médiuns de outras raças por acaso residentes em Roma, ou noutras cidades da península. Em suma, era trivial na vida diária dos habitantes das terras conhecidas o fenômeno mediúnico através de oráculos, sacerdotes, iniciados dos mais extravagantes cultos, pitonisas, adivinhos, magos, feiticeiros, profetas, videntes e semelhantes. Portanto, igualmente entre os cristãos a prática do mediunismo não se constituía em assunto polêmico, pois era simples e natural. Contudo, justamente entre esses mesmos cristãos, o mediunismo fora rigidamente disciplinado (João 1^o ep. 4:1). A ampará-lo e norteá-lo contavam eles, agora, com uma nova doutrina a indicar as bases em que homens e espíritos deveriam pautar a vida, as ações e os maiores interesses. Porque a doutrina destinava-se, como é óbvio, a todos os espíritos, encarnados e desencarnados, esclarecidos ou não. De maneira que, a novidade, o caráter distintivo, a marca, os estilos, o objetivo do mediunismo a ser praticado pelos seguidores de Jesus era a fluência dos ensinamentos sob a responsabilidade dos Espíritos Superiores, em tomo de sublimes conceitos de vida e redenção. Nisto, a atividade mediúnica dos cristãos contrastava frontalmente com a dos médiuns de outros cultos e interesses imediatistas. Nada, naquele mediunismo cristão, trespassava interesse subalterno ou superstição de mistura a materialismo dourado com as primitivas e enganadoras concepções religiosas do momento, nem rituais idólatras e acenos mágicos. A alma sensibilizada dos cristãos, sob o impulso do novo ideal, vitorava em níveis muito altos de espiritualidade. A paixão pela doutrina garantiu a pureza das intenções, dos motivos, da vontade daqueles homens renovados pelo amor do Mestre, sustentando as veredas de luz, por onde transitariam, entre a terra e o céu, as almas sublimadas a serviço do Amor Universal. E os textos da Boa-Nova puderam ser gravados pela psicografia iluminada, segundo a capacidade perceptiva humana dos Apóstolos, naquela esplendorosa tarefa de congruamento dos corações encarnados e desencarnados, sob a proteção do próprio Mestre.

O movimento dos seguidores de Jesus crescia e se encorpava, exigindo maior atenção, tanto dos Espíritos quanto dos Apóstolos e incipientes discípulos. Assim que os primeiros pergaminhos receberam as letras do Evangelho, a pureza das lições aí grafadas deveria ser mantida. Naquele tempo, com em todos os tempos, as reproduções dos textos por copistas nem todos igualmente confiáveis e competentes, com as respectivas influências deturpadoras haveriam de sofrer a pressão da indigência cultural e do despreparo envoltos no manto da boa vontade, embora ingênua, por isso mesmo perigosa.

Por outro lado, as pessoas viviam sua vida no dia-a-dia segundo a organização da época: amanhando a terra, colhendo, vendendo, produzindo pelo artesanato o que necessitavam para a própria manutenção; tudo em termos de grande simplicidade,

se comparado ao mundo de hoje. E assim os dias rolavam tediosamente iguais sob o sol escaldante ou as chuvas encharcadiças.

Existiam naquelas terras, segundo cálculos mais ou menos certos, cerca de **1.500.000** judeus, ou melhor dizendo, israelitas. O relacionamento humano deies revelava, como hoje, como sempre e em qualquer lugar, a qualidade das pessoas, dos espíritos, na miscigenação de bondade e egoísmo, de fraternidade e brutalidade, de exasperação e paciência, de amor à vida e ódios desencadeados, de submissão e rebeldia, de honestidade e infâmia, de companheirismo e traições, de dignidade e depravação, enfim, de sombras e luz, que caracterizam as almas ainda presas aos círculos da animalidade inferior.

Por outro lado, as aspirações e os anseios de progresso, inscritos no espírito de cada um, impulsionavam em direção oposta ao mal.

As lições do Mestre, ampliando ao infinito as proposições religiosas já assimiladas por todos, cuja finalidade era o bem comum, vinham dar-lhes cumprimento, escoimando-as de enfeites humanos restritivos que as obscureciam. O Cristianismo queria desenlear as pessoas do urdume social negativo, escravizador do pensamento e da ação.

Em contrapartida, as altas camadas sociais, dominadoras e insaciáveis de poder, não desejavam modificar sua condição demandando. Qualquer intenção nesse sentido era batida com extremo rigor. E as pessoas viviam submissas e gemendo sob o jugo do poder de César, do poder do Governo local, do poder dos espíritos umbralinos ligados pelos traços da afinidade com os encarnados, igualmente ignorantes, formando a faixa dos rebelados e desajustados de baixa condição moral, e do poder das próprias paixões negativas da alma desavisada, resistente ao chamamento da remodelação interior, à luz renovada da doutrina libertadora.

As comunidades viviam os seus dias num ambiente de febril excitação, com a perspectiva da rebelião contra o domínio de César, o que, aliás, se deu nesse tempo, levando Israel aos destroços de uma guerra irremediavelmente perdida para Roma.

Nesse clima convulso medrava o Cristianismo, cujo corpo social crescia depressa, no recrutamento indiscriminado dos componentes de todas as classes. É óbvio que, nesse mar de paixões mal contidas, os perigos de adulteração dos ensinamentos do Mestre na prática da vida se tornassem um pesadelo para os poucos discípulos competentes à disposição do Senhor. Mas eles eram de uma têmpera especial. Estavam preparados e prontos para as pelejas. O Plano Espiritual detinha, em última instância, as rédeas do poder de comando. O Cristo velava por todos!

Muito natural, portanto, que os médiuns do Senhor se obrigassem a conviver no ambiente umbralino dos espíritos e dos homens. Pois o direito de manifestação era também garantido aos espíritos não iluminados, cuja recalcitrância no erro e nas ilusões se confundia com a dos encarnados desprevenidos de seu próprio futuro.

Mas o Cristianismo é para todas as almas, e não para grupos restritos de privilegiados. Daí tanta confusão nos primeiros dias, até que os textos necessários do Evangelho pusessem a salvo a essência do pensamento do Senhor, alcançando-nos ainda hoje.

Apesar de tudo, a Boa-Nova do Mestre foi oferecida em estreme confecção mediúnica. Os adornos que A acompanham, de origem humana ou de espúria influência espiritual, nada desmancham ou modificam. Em meio às maiores carências humanas, nasceu o Cristianismo. E o Evangelho do Senhor permaneceu. Permanece, permanecerá.

E A AÇÃO HUMANA...

Logo no início, os seguidores de Jesus reconheciam-se como "os homens do Caminho". A livre movimentação do Mestre, dando ritmo Ele mesmo às atividades dos discípulos, a natureza de suas missões e o atendimento que dispensavam aos necessitados em qualquer sítio, fora das sinagogas, a alusão ao Mestre como sendo o Caminho de Deus, justificavam esse epíteto. Também o primeiro símbolo que usavam foi o de um peixe, lembrando a pesca de almas (Mat. 4:19) e cuja direção da cabeça indicava onde seriam eles encontrados, assim como por outro lado não contrariava a sugestão esotérica deste símbolo, segundo as crenças em voga. Mais tarde, passaram a ser chamados de "cristãos" e o símbolo modificou-se para a cruz, onde o corpo do Senhor fora crucificado.

Mas, aí, já havia uma organização que se caracterizava como um incômodo, sendo objeto de atenção especial e repressão por parte dos poderes constituídos de César e do Sinédrio.

Aliando a teoria à prática, Pedro, João, Tiago e Felipes sustentavam uma igreja em Jerusalém. Nessa época, o Cristianismo ainda se firmava apenas no ambiente do Palestina, embora já se comentasse a seu respeito nas rodas dos gentios, que se valiam, igualmente, de seus benefícios, pois o "espírito" da nova doutrina envolvia todos, sem sectarismos, de acordo com as recomendações do Mestre.

Não podemos deixar, nesse passo, de transcrever' as insubstituíveis palavras de Emmanuel a respeito: - "As primeiras organizações de assistência ergueram-se com o esforço dos Apóstolos, ao influxo amoroso das lições do Mestre". "Era por esse motivo que a residência de Pedro, doação de vários amigos do "Caminho", regorgitava de enfermos e desvalidos sem esperança. Eram velhos a exibirem úlceras asquerosas, procedentes de Cesareia; loucos que chegavam das regiões mais longínquas, conduzidos por parentes ansiosos de alívio; crianças paralíticas, da Indumeia, nos braços maternos, todos atraídos pela fama do profeta Nazareno, que ressuscitava os próprios mortos e sabia restituir tranquilidade aos corações mais infortunados do mundo" (Paulo e Estêvão).

Nessas penosas ocupações, os seareiros da primeira hora sabiam encontrar em

si mesmos, na força dos ideais renovados, o ânimo suficiente para distribuírem aos semelhantes sofredores as côdeas do pábulo divino, acendendo nos corações a alentadora esperança de vida superior. Mas, com a inexperiência própria de qualquer iniciante, estavam os Apóstolos completamente absorvidos pelas árduas tarefas do auxílio material, visando principalmente ao corpo, pois a miséria e as dificuldades de todas as ordens pediam socorro imediato, e essa urgência não podia aguardar pelas soluções econômicas, estatais, que viessem debelar o mal coletivo resultante da exploração tirânica que os potentados exerciam sobre o povo. Daí a preocupação em organizarem-se os serviços de assistência aos sofredores de todas as espécies. Porém João, inspirado pelos Espíritos do Senhor, reuniu os companheiros, fazendo considerações da mais alta importância-"Foi quando João considerou irrazoável que os discípulos diretos do Senhor menosprezassem a sementeira da palavra divina e despendessem todas as possibilidades de tempo no serviço do refeitório e das enfermarias" (Paulo e Estêvão). Porque desde os primeiros momentos de trabalho independente dos seguidores de Jesus, entregues a si mesmos, agora sem a presença física do Mestre, e contando apenas com as instruções mediúnicas veiculadas pelos Espíritos, deveriam se valer, tão-somente, do poder de seu próprio discernimento. Era a vez de ensinarem com os recursos pessoais, experimentarem nos imprevistos do cotidiano, aprenderem e, sem privilégios de nenhuma ordem, sofrerem... Ainda encontravam-se eles sob o impacto dos dramas representativos da vida do Senhor e da ação violenta há pouco desencadeada contra Sua pessoa. Diante dos olhos da alma dos discípulos fieis, continuavam muito acesas aquelas cenas de perseguição recém-vividas e sofridas por eles, restando em seus corações aflitos o resíduo das mágoas e das tristezas sobrantes de tanta incompreensão, de tanta mesquinhez dos que se julgavam os poderosos donos do mundo.

Durante sua vida pública, a atuação de Jesus havia tomado dois aspectos principais: o de ensinar e o de "fazer milagres". Este último foi o mais impressionante, porque desafiava o entendimento das pessoas, além de sugerir um poder singular, aterrador mesmo aos olhos simplórios e incultos dos homens do povo. Ai, Jesus excursionou pela área da própria Natureza, como pela cura dos corpos, "expulsão de demônios" e soerguimento da morte. Eram fenômenos fantásticos a emocionarem quantos os presenciavam ou deles obtinham informações fidedignas. As pessoas se prendiam a eles, não os esquecendo nem explicando. O Mestre era respeitado talvez antes pelo temor, ou pelo susto, ou pela estupefação, ou ainda por interesse, representando, quiçá, o Messias esperado.

Mas, sempre logo depois do grande estremecimento emocional dos espectadores de tão insólitos sucessos, o Senhor expunha os seus conceitos de vida, de comportamento e de mundo. Passava, de imediato, a ensinar, dando ênfase a esse mister. Houve circunstâncias em que Ele se negou a apoiar os ensinamentos em

fenômenos de efeitos físicos, que habitualmente empregava nas curas, ressaltando exclusivamente o que deveria ser compreendido "em espírito". Quase sempre agia assim com as pessoas desuficientecapacidadeparaentenderemoque lhes dizia (Mc 8:11 e segts; Mt 16:1 e segts). Porém, em nenhum instante, em nenhum núcleo, falando com qualquer pessoa, deixou Ele de dar primazia aos ensinamentos, à doutrina.

Os Apóstolos, experimentando em si mesmos os poderes da mediunidade em ação, cheios de fé e sentindo-se missionários escolhidos diretamente pelo Senhor (Mt 10:1,8), cada vez mais se certificavam de seus mandatos sagrados, na colheita dos frutos de sua atividade social. O Mestre havia-lhes evocado a memória profunda do espírito, acordando neles os compromissos antes assumidos, no Plano Espiritual, de companheirismo, suporte e ação do novo movimento social proposto. Eram, aos olhos do mundo, nada mais que homens comuns, mas, na realidade, compunham uma equipe de espíritos iluminados, cuja força do amor e da compreensão já se havia firmado nas inúmeras encarnações anteriores. Homens simples, é verdade, mas Espíritos Esclarecidos a brilharem na carne. Assim, os sofredores e os desvalidos de todas as categorias e de todas as raças encontravam, pelas mãos e nos corações daqueles gigantes da fé, a cura e o consolo para os seus males do corpo e da alma. Entretanto, uma nova dificuldade surgia, imperiosa e desafiadora, quando não inquietante, a exigir muito cuidado desses servos humildes do Senhor. Era o engrossamento das fileiras dos necessitados, agora valendo-se da misericórdia do Alto, à procura de reabilitação e paz. As pessoas traziam consigo, muito naturalmente, um imediato interesse: a cura do corpo enfermo, ou o alívio para as dores da alma. Esse o primeiro e motivador objetivo. Secundariamente, poderiam atentar para aquela misteriosa força espiritual, que alicerçava a ação dos seguidores do "Caminho". Portanto, a preocupação dos discípulos deveria ser desdobrada. Mas, também traziam eles sedimentadas na alma as noções judaicas arraigadas, embaladas desde o berço e, até aquele ponto, aceitas como norma de vida e comportamento. Os do "Caminho", antes dos outros, se viam na obrigação de reformas íntimas, desde o modo de pensar até a maneira de ser e agir. Todavia, essa transformação íntima não admitia delongas, porque, neste caso, poderia significar o abortamento da doutrina agora exposta. Não podiam seguir por dois caminhos ao mesmo tempo, e preferiram tomar o mais desagradável, porém seguro e verdadeiro, que é a "estrada pedregosa e estreita da auto-iluminação nas tribulações da vida", apontada pelo Mestre. É o caminho mais curto para atingir-se a Espiritualidade Superior, prenúncio da angelKude. Como todos os discípulos se encontravam na mesma luta interior de autoconhecimento e auto-superação, é perfeitamente compreensível que discordassem, entre si, em muitos pontos da aplicação dos preceitos evangélicos neles mesmos e no movimento geral que se indava. Alguns, como Tiago, denotavam a tendência à adaptação dos novos ensinamentos de Jesus ao judaísmo, mas, dentro de um clima de bondade passiva. Ainda outros, como Pedro, acreditavam mais na assistência social, material, à

base da consolação por via mediúnica, porém com uma fé simplória, transigente. Tinham, no entanto, o bom-senso de resolver tudo em conjunto, onde o diálogo, apesar de ser feito em nome do Mestre, às vezes extravasava os simples limites da franqueza, recaindo na perigosa cesura de orientações. Evidentemente, pela via mediúnica, os Espíritos do Senhor agiam, sem ferir a liberdade fundamental daqueles valorosos servidores do Bem, apaziguando, esclarecendo, providenciando recursos para as lutas e entendimentos.

Foi assim que Jeziel, posteriormente Estêvão, entra em cena, quando, doente, é recolhido pela bondade de Pedro ao núcleo do Caminho, onde haveria de recuperar a saúde e cooperar com o imenso valor de sua alma redimida.

Estêvão deu grande impulso aos estudos dos textos evangélicos, funcionando como seguro médium do Senhor.

Enquanto essas questões se propunham entre os batalhadores humildes do "Caminho", a corte de sofredores, amparados material e espiritualmente por eles, crescia, pressionava e oscilava. As ideias do "Caminho", ao atingirem os setores administrativos e as próprias esferas militares de Jerusalém, modificando as disposições não só de soldados, como também de oficiais, tomaram-se alarmantes no Sinédrio.

Em determinado momento, considerado oportuno, desencadeou-se a primeira perseguição organizada ao Cristianismo nascente. Saulo, da cidade de Tarso, na Cilícia, doutor da Lei em Jerusalém e esperança do Sinédrio, graças ao seu talento e à sua cultura filosófica, é lançado na arena, responsabilizando-se pelos graves acontecimentos desta primeira perseguição. Martirizado, a mando de Saulo, morre Estêvão, e a igreja de Jerusalém estremece. Mas, ao contrário do que esperavam os opositores de Jesus, encarnados e desencarnados, os eventos daquela explosão de ódio tomam rumos inesperados e insuspeitados. Morre Estêvão em corpo de carne. Ressurge em espírito e ideal. Tanto Apóstolos, quanto seguidores comuns do "Caminho", tremem diante dos primeiros testemunhos, sob a pressão da fera enraivecida dos poderes de Roma e do sacerdócio judaico, mas resistem, indómitos. Os acontecimentos seguem o seu trilho de sombras e violências. Todavia, as forças do Alto permanecem vigilantes e ativas. As surpresas não demorariam...

E por fim, comparece o próprio Saulo transmudado em Paulo, agora humílimo seguidor do "Caminho", escolhido pelo Senhor em Espírito, no memorável episódio de Damasco, conhecido de todos nós. Haveria ele de representar um fundamental papel no estabelecimento do Cristianismo no mundo, porque representava a força potencial de unificação dos conceitos cristãos, da energia de expansão das ideias, da autoridade pessoal, da vontade inquebrantável, da visão global do movimento iniciado, do desprendimento individual absoluto, agora posta a serviço do Senhor. Ora a verdadeira história desses extraordinários acontecimentos é contada, em sua completa profundidade espiritual, por Emmanuel, em "Paulo e Estêvão".

Deste ponto em diante, a luta continuou, mas em outras dimensões. Enquanto

Paulo, ao chamamento direto do Senhor, agora modificadò, se recolhia aos ermos do deserto, como providência necessária, à procura do homem novo, dentro da diferente ordem de coisas apresentada, estudando, meditando, inspirando-se, os Apóstolos e demais discípulos continuavam em suas tarefas benditas. Houve um certo arrefecimento da fúria do Sinédrio contra o "Caminho", ao afastar-se Saulo de suas fileiras de intolerância. O Cristianismo avança e consolida-se. O ex-doutor da Lei, num processo de interiorização e acordar da sua personalidade real, dedicava-se, a fundo, ao estudo da nova e excelsa doutrina. Cotejava, dissecava, batia duramente os conceitos judaicos seus velhos conhecidos e familiares, substituindo o velho pelo novo. Num caldeamento interior de ideias, com os favores do tempo e das sugestões sutis dos Espíritos Iluminados, foi-se delineando em sua mente o quadro de nova luta, não mais contra, porém a favor d'Aquele que ensinou, segundo os textos sob os seus olhos, que:

"Não viera Ele para desacreditar o esforço construtivo dos ensinamentos anteriormente assimilados, desde a distante Capela, enquanto se preocupassem e se ocupassem com a prática do bem, ressaltando e ampliando o conteúdo das lições sublimes da fraternidade universal" (Mt. **5:17,18**).

Não se tratava de anular o trabalho dos Espíritos, desde todo o sempre por Ele mesmo orientados, no amparo e no direcionamento das civilizações, que vinham sendo aperfeiçoadas no tempo e nos lugares. Sua preocupação de Mestre encontrava-se, justamente, no sentido diferente a ser dado a velhas e estabelecidas "verdades", como as leis mosáicas do Decálogo, e outras já tradicionais, porém asfixiadas e deturpadas pelas ilusões puramente humanas. As condições político-sócio-econômicas do mundo, o ritmo das reencarnações, as etapas espirituais vencidas, justificavam esse intento. Chegada a época da reavaliação do aprendizado espiritual conseguido até o momento, estabeleceram-se as recomposições dos meios para a ascensão dificultosa.

Paulo, conhecedor profundo da Lei e da Tradição judaicas, soube, mais do que os outros Apóstolos, cujos limites intelectuais não permitiam ser diferente, traduzir com fidelidade o pensamento do Senhor: - "Não vim destruir a Lei, porém, cumpri-la".

Aprofundando-se aí, logo de início, Paulo percebeu as intenções do Mestre no preparo das circunstâncias para as maravilhosas realizações do futuro. Sentiu, de pronto, ser a personificação religiosa do judaísmo apenas um momento histórico da humanidade, agora superado e caído na insuficiência. Diante de seus olhos descerrou-se o mundo todo, sem limites, sem raças, sem barreiras sociais, onde transparecia o Reino, a envolver homens, terras ecéus. A Lei destinava-se a todos, sem privilégios. A alma constituía-se da mesma natureza fundamental, meditava ele, tanto nos escravos quanto nos senhores, nos bons ou nos ignorantes, nos judeus ou nos gentios, merecendo do Senhor igual solicitude. Só as aparências e o grau de aprendizado de cada um é que variavam; por isso, havia as que precisavam

ser "tratadas a leite", porém outras, não; mera questão de maturidade relativa, portanto, dependente do suceder das experiências no tempo. Com isso, ao apreciar a vivência normal do povo, soube melhor compreender as diferenças, na interpretação do Mestre; - "Não são os que têm saúde que precisam de médico, mas os doentes. Eu não vim chamar justos, mas pecadores" (Mc **2:17**)

Paulo enlevou-se com as revelações do Mestre. Sentiu que elas unificavam e davam, simultaneamente, um significado e um dinamismo próprio a todas as coisas. Abrangiam, sim, a terra e os céus, onde se encontram inúmeras moradas, cada qual com uma categoria própria, proscênio das mais variadas experiências espirituais. Assim compreendidas, transpareciam no cosmo todo! As considerações sobre a reencarnação (ressurreição) tomaram-se mais definidas e precisas, explicavam esse mundo de aparências e de desacertos sociais, exaltando a responsabilidade do indivíduo no encadeamento das ações práticas da vida. As aflições tinham uma causa atual ou remota, como consequência de um passado mal aproveitado, mas, para elas havia reajustes ao alcance de qualquer, dentro do consolo, da resignação consciente e do novo sentido dos destinos ora proposto. O jugo do Senhor era, de fato, o mais leve, porque todos os pesares, todas as carências e tristezas encontravam suas causas na incúria do espírito, alimentada pelas ilusões nos eventos reencarnatórios compromissadores da consciência de cada um; no entanto, removidas as causas do sofrimento pela compreensão dessas grandes verdades, estaria liberta a alma, como a ave nos céus. Tudo dependia de uma só decisão interior, a partir da certeza, da fé no futuro promissor, que direcionava a vontade e os sentimentos mais nobres. Nada seria imposto. A liberdade para a solução dos problemas individuais era a garantia de leveza do jugo do Senhor. O Mestre não exigia ilustração escolar do seu seguidor, não obrigava ninguém a ostentar conhecimentos filosóficos para O entender, porém solicitava de todos tão-somente a vontade de se iluminarem, o bom-senso, a perspicácia ' natural, a sensibilidade da alma; - "Bem-aventurados os pobres em espírito" (Mt **5:3**).

Propunha Ele se atentasse para a rebeldia irracional do orgulho e da vaidade, lembrando a supremacia da resignação consciente e consoladora nos atos da humildade, entendida como uma identificação da criatura com as leis universais, e nunca se propondo como subserviência indigna e despersonalizadora, e sim como esperança filha da fé: - "Bem-aventurados os aflitos, porque serão consolados". "Bem-aventurados os que têm fome e sede de justiça, porque serão saciados" (Mt **5:5-6**).

Indicava a desnecessidade dos embuços teóricos, pretensamente sábios, que ensombram a simplicidade e a pureza das intenções, velada ou ostensivamente levando à hipocrisia, ao dolo, às falsidades escudeiras do egoísmo: - "Bem-aventurados os puros de coração" (Mt **5:8**).

Evidenciava o clamoroso engano dos que preferem resolver os problemas pela violência que, antes de, ilusoriamente, solucionar, desajuda e compromete o

espírito com os dolorosos refazimentos de caminhos em encarnações futuras, porque, pela Lei, nenhum delito jamais ficará impune: -"Bem-aventurados os mansos, porque herdarão a Terra". "Bem-aventurados os que promovem a paz, porque serão chamados filhos de Deus" (Mt 5:4-9).

Ressaltava as vantagens da misericórdia, filha da compreensão, concebida como uma simples ajuda excedente, além da solicitada por alguém, como vertente de paz interior e do descompromissamento ante, até, a adversidade: - "Bem-aventurados os misericordiosos, porque alcançarão misericórdia" (Mt 5:7).

Alertava contra a inflexibilidade na análise dos valores dos outros, que são sempre julgados defeituosos, enquanto nós mesmos seríamos as perfeições encarnadas, donos exclusivos da verdade... Por que reparas no cisco que está no olho do teu irmão, quando não percebes a trave que está no teu?" (Mt 7:3-4).

Acordava contra a ignorância do espírito em relação à sua origem, levantando a impossibilidade dos reconhecimentos justos e serenos nas suas próprias encarnações anteriores, acompanhados do equilíbrio necessário para não se chegar a falsas, ilusórias e inconvenientes conclusões sobre a qualidade e a ação dos outros - "Não julgueis para não serdes julgados. Pois com o julgamento com que julgais sereis julgados, e com a medida com que medis sereis medidos" (Mt 7:1-2).

Oferecia uma regra de ouro para a ação imediata, dentro do "espírito do mundo", simples de ser entendida, mas difícil de ser aplicada, se não partisse da sinceridade da alma: "Tudo aquilo, portanto, que quereis que os homens vos façam, fazei-o vós a eles, pois esta é a Lei e os Profetas" (Mt 7:12).

Esclarecia que o homem, no mundo, deve servir à coletividade, na configuração das leis que evoluem com ela, sem rebeldias inconsequentes nem dolo, porém colaborando para o seu progresso das mil maneiras possíveis, pois cada um faz suas experiências reencarnatórias onde, quando e como é necessário: - "Devolvei, pois, o que é de César a César, e o que é de Deus, a Deus" (Mt 22:21).

Considerava ser muito melhor espírito não se envolver nas malhas do desamor, para se ver livre, o mais depressa possível, dos grilhões que o algemariam a uma sucessão de dolorosas recapitulações reencarnatórias, impedidoras dos vãos mais altos e definitivos da alma: -"Eu, porém, vos digo: amai aos vossos inimigos e orai pelos que vos perseguem" (Mt 5:44).

Conclamava o homem a exercitar-se no campo da fraternidade e da solidariedade espontaneamente, com o calor de seus ideais de serviço pessoal, com a alegria de descobrir em si mesmo os germes do amparo desinteressado aos outros, porém livremente, prazerosamente, com a cor da sua personalidade, e sem nenhum interesse subalterno de barganha de benefícios com Deus: -"Guardai-vos de praticar a vossa justiça diante dos homens para serdes vistos por eles. Do contrário, não receberéis recompensas junto ao vosso Pai que está nos céus. Por isso, quando deres esmola, não te ponhas a trombetear em público, como fazem os

hipócritas nas sinagogas e nas mas, com o propósito de serem glorificados pelos homens" (Mt 6:1 -2).

Dilatava os conceitos de família, partindo dos laços de consaguinidade, para englobar todos os semelhantes pelos liames das encarnações progressas e pela identidade de origem espiritual, daí atingindo os limites da humanidade toda:- "Jesus respondeu àquele que o avisou: 'Quem é minha mãe e quem são meus irmãos? - E apontando para os discípulos com a mão, disse: 'Aqui estão a minha mãe e os meus irmãos, porque aquele que fizer a vontade de meu Pai que está nos Céus, esse é meu irmão, irmã e mãe" (Mt 12:40 a 50).

Advertia ser imprescindível a convicção no que se faz, o conhecimento das razões espirituais de tudo o que acontece, a firme adesão aos ideais sempre renovados para melhor, para que se não esmoreça ou se perca a motivação nas pelejas do mundo, participando dele, mas sem se prender a ele, apenas usando-o com conhecimento de causa e por inteiro, mas sem remorsos: — 'Seja o vosso sim, sim; e o vosso não, não. O que passa disso vem do Maligno" (Mt 5:37).

Verberava a indolência, a desocupação, a irresponsabilidade, o negativismo, o vandalismo, que levariam ao tédio dissolvente, à irrealização, à loucura: - "Quanto ao servo inútil, lançai-o fora nas trevas. Aí haverá choro e ranger de dentes" (Mt 25:30)

Solicitava a atenção de cada qual para diligenciar paulatinamente a auto-iluminação e aplicar-se com destemor às causas construtivas e progressas, úteis para todos, dentro da lei da liberdade, no intento de uma colaboração inteligente na obra de Deus: - "Portanto, deveis ser perfeitos como o vosso Pai celeste é perfeito" (Mt 5:48).

Informava, no campo das responsabilidades pessoais, que os entusiasmos levianos, as decisões impensadas, sem os competentes lastros da experiência, as exaltações infantis, a pressa nos compromissamentos sem avaliações bem fundamentadas, poderiam conduzir a dolorosas decepções e consequentes afastamentos das lutas construtivas: - "Com efeito, muitos são chamados, mas poucos escolhidos" (Mt 22:14) 214Admoestava no sentido da escolha judiciosa do tipo de vida a ser preferida, segundo os novos ideais, em relação ao mundo circundante, encantador, materialista e muito chamativo, para que não se iludissem com as vantagens de superfície, em detrimento dos mais profundos interesses do espírito: - "Entrai pela porta estreita, porque largo e espaçoso é o caminho que conduz à perdição. Emuitos são os que entram por ele" (Mt 7:13).

Demonstrava como era de fundamental importância a autoridade moral daquele que desejasse doutrinar, pois esta autoridade é a única medida para se estabelecer a hierarquia dos espíritos. A superioridade de um espírito está na razão direta de sua sabedoria (conhecimento aliado ao amor em ação), somente adquirida nas experiências positivas, esgotadas em inúmeras reencarnações. E exemplificando, disse: - 'Trazei-o aqui. Jesus o conjurou severamente e o demônio

saiu dele. E o menino ficou são a partir desse momento" (Mt **17:18**).

Cuidava das instruções dos seguidores, quanto às prédicas mediúnicas e à exposição doutrinária, acautelando-os contra a falta de autoridade moral daqueles que, incautos, astuciosos ou de má-fé, em proveito próprio, sempre ousaram desempenhar funções para as quais não se achavam espiritualmente preparados: - "Guardai-vos dos falsos profetas, que vêm a vós disfarçados de ovelhas, mas por dentro são lobos ferozes. Pelos seus frutos os conhecereis" (Mt **7:15-16**).

Pedia aos profitentes de Sua doutrina que não se deixassem abater, até ao desânimo, diante da ação dissolvente dos enganadores umbralinos: - "E pelo crescimento da iniquidade, o amor de muitos esfriará. Aquele, porém, que perseverar até o fim, esse será salvo" (Mt **24:12-13**).

Compreendia o sofrimento interior de Seus seguidores, por estarem diante de uma doutrina revolucionária. Ora, toda revolução se caracteriza, em primeiro lugar, pelo reboliço. Cada qual, estudando a si mesmo, descobrirá em sua personalidade imensos desvãos, paixões a serem retamente canalizadas, **215** sentimentos incoerentes, cristalizações do passado remoto bem acomodadas, indisposições contra o ambiente e os semelhantes bem sustentadas, desejos subalternos cuidadosamente alimentados. Tudo a exigir corajosa reconstituição, decidida remoção e completa reforma. O que leva a uma constante inquietação interior: - "Não penseis que vim trazer paz à terra. Não vim trazer paz, mas espada" (Mt **10:34**).

Chamava a atenção dos discípulos para a necessidade do preparo individual, visando às tarefas exegéticas, lembrando-lhes a responsabilidade nas lutas de iluminação das mentes dos outros, perturbadas e sem norte: - "Vós sois a luz do mundo. Não se pode esconder uma cidade situada sobre um monte. Nem se acende uma lâmpada e se coloca debaixo do alqueire, mas no candelabro, e assim ela brilha para todos os que estão na casa. Brilhe do mesmo modo a vossa luz diante dos homens, para que, vendo as vossas boas obras, eles glorifiquem vosso Pai que está nos céus" (Mt **5:14 a 16**).

Encorajava os mais tíbios a servirem aos semelhantes, livres de preconceitos, sem acomodações enganosas, deste- merosas, apesar dos prejuízos materiais que porventura colhessem daí, porque, servindo ao Senhor, embora batidos e às vezes vencidos no mundo, estariam, na realidade, conquistando as maiores vantagens no plano do espírito, para a vida eterna: Todo aquele, portanto, que se declarar por mim diante dos homens, , também eu me declararei por ele diante de meu Pai que está nos Céus" (Mt **10:32**).

Estimulava os discípulos a darem primazia às coisas do espírito, descartando-se o quanto fosse possível do supérfluo e preferindo o aprendizado efetivo, no refazimento de caminhos perdidos no passado de sombras: - "Buscai, em primeiro lugar, o Reino de Deus e a sua justiça" (Mt **6:33**).

Enfatizava a circunstância especial de atendimento aos que pediam socorro. Não deixara dúvidas, a respeito do trabalho mediúnico, no qual participavam os Seus mensageiros, dirigindo e orientando nas curas e consolos. Nenhum encarnado era o responsável único e direto por essas maravilhas, portanto, não poderia reivindicar vantagens diretas ou indiretas, muito menos favores e agradecimentos, ou cubiçosos presentes. - "Curai os enfermos, ressuscitai os mortos, limpai os leprosos, expeli os demônios. Dai de graça o que de graça recebestes" (Mt 10:8).

E Paulo, na orla do deserto, tecendo em seu tear rústico, vendendo o produto do trabalho de suas mãos, vivendo do suor de seu rosto, decifrando a simbologia evangélica *meditava e sofria em silêncio*. Seu espírito estava abrasado, ainda, pela grandiosa visão às portas de Damasco. Naqueles textos à mão, tentava compreender e sentir, o quanto lhe permitia o limite de criatura humana, dentro do abafador da carne, aquela sublime aparição. As escamas de seus olhos materiais haviam caído, pela assistência de médiuns bondosos. Porém, as da alma, somente com um prolongado mas vigoroso empenho se diluíram.. De versículo em versículo, esquadrinhou os textos da Boa-Nova. Ouvindo histórias sobre histórias, notícias após notícias, somando e sopesando tudo, aos poucos reconstituiu o quadro inteiro da presença de Jesus entre os homens, localizando-se, mentalmente, na comunidade cristã. Por meio do raciocínio atilado e com os sentimentos profundamente modificados, merecendo o auxílio amoroso e as sugestões dos Espíritos do Senhor, particularmente Estêvão, antes sua vítima agora como espírito um de seus mais dedicados protetores, Paulo concluiu o tempo de isolamento e aprendizado teórico. "Radicalmente transformado pelas meditações de três anos consecutivos, passados no deserto, tomou o rumo de Damasco" (Emmanuel). Sabia, sentia ter chegado a hora; considerava-se pronto para a liça na seara bendita do Cristo.

Entrando em contacto com os núcleos do "Caminho", era sempre bem recebido, embora com certa e natural reserva, dado o seu passado de perseguidor do movimento dos cristãos. Mas a garantia do seu companheirismo acabou por dissipar as suspeitas, e Paulo, renovado, iniciou atividades pessoais, porém muito timidamente. Era um estágio inicial diferente de tudo o que havia feito até então; e como se encontrava mudado! O brilhante tribuno estava agora quase emudecido, e quanta dificuldade teria ainda a vencer! Porém, com a vontade inquebrantável, treinou-se na simplicidade como servo obediente, experimentou o total abandono dos amigos de outrora, e dos familiares (o que foi mais doloroso), amargou a queda vertical da posição social antes ocupada como respeitável rabino nas altas esferas do poder, e, por fim, adquiriu a confiança dos novos companheiros. Já em Jerusalém, na casa de Pedro, respondendo a uma pergunta, diz simplesmente: - "Necessito entrar numa fase ativa de trabalho com que possa desfazer o meu passado culposo. É verdade que fiz todo o mal à Igreja de Jesus, em Jerusalém;

mas, se a misericórdia de Jesus dilatar minha permanência no mundo, empregarei o tempo em estender esta casa de paz e amor a outros lugares da Terra" (Paulo e Estêvão -Emmanuel).

Contudo, teria o ex-rabino de observar, acompanhar, servir, mas, primeiramente, em tarefas singelas, próprias para um neófito, mesmo sendo daquela excepcional categoria espiritual. Isso era necessário, porque como se sabe as obrigações do começo de qualquer empreendimento são as que maior influência exercem na alma de um iniciante. Paulo aceitou a condição com real boa vontade, embora já suspeitasse do indispensável e fundamental papel que o Senhor lhe reservara no estabelecimento do Cristianismo entre os gentios, garantindo-lhe a sobrevivência fora da Palestina. Tanto que a humanidade capelina tem conhecimento de que, sem Paulo de Tarso, hoje não haveria cristianismo no mundo.

Pedro, Tiago, João, Felipe e Barnabé se desdobravam, dentro das possibilidades e das missões que deviam desenvolver, atendendo ao sagrado labor da sustentação da Mensagem em terras palestinas. Nisso encontravam sérios obstáculos. O Sinédrio, diante da expansão da doutrina do Cristo, de modo próprio como também acolitado pelos espíritos anticristãos organizados na região umbralina da espiritualidade, recrudeceu em suas atividades perseguidoras, trazendo os do "Caminho" em constantes sobressaltos, num clima de inquietante insegurança pessoal. As prisões se multiplicavam, acompanhadas de torturas selvagens; e muitos tombavam, naquele sinistro holocausto de sangue, mas a resistência cristã não conhecia limites. Todavia, os Apóstolos não podiam operar frontalmente contra os perseguidores. Obrigavam-se a contornar muitas situações, para salvarem e alimentarem a plantinha terra do Cristianismo nascente. Nessa quadra, eram frequentes as reuniões dos Apóstolos para o estudo e a análise dos acontecimentos e a tomada de decisões mais cometas. Como se faziam segundo o modelo adequado do mediunismo, os Espíritos do Senhor ali se manifestavam, orientando decisivamente. Apesar disso, Paulo, que trazia em si o ímpeto das grandes lutas, des- temeroso e apaixonado, sentia a tentação de aceitar o repto do anticristo, disposto e enfrentá-lo. Entretanto, sob a influência da Espiritualidade Superior, bem como amparado pela prudência e pela autoridade dos outros Apóstolos, principalmente de Pedro, acabou por afeiçoar seu temperamento passional às conveniências do movimento maior, no momento de expansão e procura de unidade.

Certa feita, Bamabé dirigia um culto do Evangelho, tendo Paulo por assistente, quando se aproximou um jovem médico, interessado em conhecer as atividades dos divulgadores do "Caminho". Impressionado com as exposições ouvidas, acercou-se de Paulo, por quem, desde logo, sentiu maior afinidade, por se encontrarem ambos na mesma faixa cultural. Curvou-se ante as argumentações do ex-rabino, aderindo à nova doutrina. Estava iniciada, também, a carreira cristã de Lucas, que, dali em diante, se tomaria companheiro inseparável do convertido de Damasco. Conta

Emmanuel que, em uma costumeira reunião, Lucas propôs ao núcleo dirigido por Bamabé e Paulo um novo nome para eles, mais designativo de sua verdadeira qualidade: "cristãos". E esse nome entrou logo em voga, permanecendo até hoje.

O clima social desta época se assemelhava a um novelo de ignorância, revoltas, seitas idólatras entre os gentios, desmandos de todos os tipos, doenças, misérias, brutalidades, corrupção, escravidão. Era um ambiente duro. Compreendemos, pois, o quanto se exigia dos cristãos... E hoje?

Conforme se avolumava o movimento, seus líderes, acompanhados de perto pelos Espíritos do Senhor, se enrijavam nas tribulações do cotidiano. Com a presença crescente de seguidores recém-chegados, porém intelectualmente mais esclarecidos, das várias seitas e filosofias circulantes, naturalmente as interpretações dos textos evangélicos, como dos acontecimentos crísticos, começavam a causar embaraços. Correntes diversas despontavam, ameaçando a clareza das lições sagradas do Evangelho. Já os Apóstolos entretiam, nas suas habituais assembleias, discussões causadoras de mal-estar e, não raras vezes, de dissensões mais sérias. Uns acreditavam ser o Cristianismo de propriedade judaica; portanto, a cristianização do mundo somente deveria ser feita sob o comando e à maneira dos judeus. Outros, dentre eles Paulo, não aceitavam isso. Alguns preferiam misturar, por acomodação, o Cristianismo ao Judaísmo tradicional, o que era severamente combatido por poucos, tendo à frente Paulo e Lucas. Surgem os "gnósticos", juntando os sistemas filosóficos do Oriente à doutrina de Jesus. Apresentam - se os "docetistas" com a hipótese de ter tido Jesus Cristo uma natureza não de carne e osso, mas aparente, como a materialização de um fantasma. Docetismo enraizava-se na Grécia, em Alexandria e no Oriente, onde se especulava, há tempos, sobre a imperfeição da matéria e as aparições opacas (materializações) de espíritos, por via mediúnica. Os mais exaltados docetistas pregavam, em sua doutrina, que Jesus nascera sem a participação da matéria, e que todos os acontecimentos de sua vida, incluindo a crucificação, foram apenas aparentes. Marcion afirmava ter sido o corpo de Jesus só uma "sombra", explicando, com isto, a ressurreição e a ascensão do Mestre aos céus. As perigosas consequências desta interpretação para o doutrina do Senhor foram imediatamente percebidas pelos Apóstolos, levando João a afirmar: - "Nisto se conhece o espírito de Deus: todo espírito que confessa que Jesus Cristo veio na carne é de Deus" (1^o Ep4:2).

Começara a disputa intelectual, que se prolongou pelos séculos a fora, trazendo mais prejuízo que benefícios ao movimento dos cristãos. Entrementes, os Apóstolos se desdobravam em cuidados, não desfalecendo ante os obstáculos da estrada, ante os muros da incompreensão, ante as lanças e as espadas e as grades da perseguição-impiedosa. A igreja de Pedro, apesar de tudo, se consolidava, engrandecendo-se aos olhos do povo, merecendo a mais alta consideração de todos quantos, até na cidade alta de Jerusalém, sofisticada e rica, se inteiravam do seu

significado real. Contribuições preciosas surgiam, espontaneamente, de várias fontes. Daquele núcleo pobre, materialmente falando, onde se aglomeravam os assistidos dos cristãos, irradiava-se uma luz suave, a da beneficência pura e simples, clareando os horizontes de todas as almas sequiosas de vida diferente, em que os ódios se apagassem.

Paulo, Lucas e Barnabé prepararam-se para a grande missão de levarem a Boa-Nova muito além dos modestos limites geográficos da Palestina. Entregaram-se a essa tarefa, visitando longínquas terras, sofrendo absurdos contratempos, vencendo inauditas dificuldades, mas ficando em todos os rincões onde pisaram a bandeira do Reino. Fundaram inúmeras igrejas, adaptando-as às condições locais, dirigindo-as pessoalmente ou à distância, unificando-as tão somente no ideal do Cristo, porém tão seguramente, que nenhuma delas feneceu. Com uma adequada atividade epistolar, pôde o Apóstolo dos gentios alimentar e garantir a expansão do Cristianismo, estendendo uma rede, cujas malhas de luz enredavam na esplêndida pesca uma preciosa carga no mar revolto da inquietação humana, conforme nos conta Emmanuel em o "Paulo e Estêvão".

Enquanto isso, os governantes provisórios do mundo se chocavam agora contra os rochedos de sua próprias conquistas, tentando guardar o espólio de seus domínios em garras de ferro. Os povos seguiam os seus destinos, e os Césares se proclamavam timoneiros do orbe.

Após o desempenho dos mandatos sagrados, os Apóstolos, um a um abatidos pelo vendaval da intolerância, foram retomando à pátria espiritual, não sem antes terem legado à humanidade os frutos de uma grandiosa e florescente sementeira.

Fieis profrentes, beneficiados pela nova doutrina, permaneceram unidos no ideal maior. O tempo avança. Os Espíritos do Senhor já contavam com um vasto patamar no qual se firmassem para longa escalada dos próximos dois mil anos. Médiuns dotados de alta qualidade e sensibilizados pelo Evangelho estavam a postos. As claridades do Alto iluminavam os trilhos da redenção em meio à noite das inexplicáveis rejeições dos capelinos, revoltados e inquietos como sempre. Os pianos do Mestre se desdobravam, e o grande chamamento para as responsabilidades da marcha de retomo ressoou, outra vez, aos exilados da Capela distante. João, o último dos Apóstolos, deixa a carne, reunindo-se aos companheiros, nas esferas sublimes da Espiritualidade. E depois dessas intensas e sacrificiais pelejas, as derradeiras luzes de um pesado crepúsculo encerram o primeiro século cristão. E agora...

ENGANOS E DESVIOS

Com a desencarnação do último dos Apóstolos, o movimento cristão, já transposto ao mundo dos gentios, crescia e se fazia sentir na ordem das coisas. Inevitavelmente, o Governo sempre atento de Roma teria de percebê-lo, em

primeiro lugar, pelo aspecto político/econômico que suscitava, pois os princípios de igualdade preconizados pela Boa-Nova pareciam ameaçar a estrutura do Estado Romano (A Caminho da Luz - Emmanuel). Como era de se esperar, essa "subversão" seria intolerável à casta do patriciado.

O Evangelho de Jesus transparecia, assim, como transgressor de todas as concepções de vida estabelecidas pelo Império aristocrático, escravocrata, colonialista, guerreiro, dominador arrongante e implacável. A organização da Águia Romana não permitiria nenhuma alteração na sua máquina sócio/econômica, principalmente daquela ordem proposta pelas lições de um judeu, simples carpinteiro, em que as transformações seriam, além de materiais, sobretudo espirituais, com uma revisão total cios valores até então aceitos e consagrados. Em vista dessa realidade, Emmanuel informa: - "Antes do movimento de propagação das ideias cristãs no seio da sociedade romana, já os prepostos de Jesus se preparavam para auxiliar os missionários da nova fé, conhecendo a reação dos patrícios em face dos postulados de fraternidade da nova doutrina" (A Caminho da Luz).

Enquanto isso, cresciam as fileiras do cristianismo impulsionado por irresistível força espiritual. A nova doutrina envolvia os corações das pessoas, descerrando-lhes os panoramas de um Reino maravilhoso, por isso mesmo conferindo-lhes um poder, misto de alegria e esperanças infindas, capaz de sustentar as mais duras provações por que viessem passar.

A nova doutrina era contagiante, arrebatadora, prática, e propunha a quebra dos milenários grilhões de sofrimento impostos pela truculência dos donos do poder a que sempre se sujeitaram as gerações do povo. Era um mundo novo de fé, concórdia, paz e solidariedade a despontar aos olhos deslumbrados das gentes, a quem jamais fora dedicada especial atenção e o reconforto de uma doutrina libertadora. Naturalmente que o movimento iniciado nestas bases logo se avolumasse e, também, inquietasse o poder de César. De um lado, a monstruosa máquina econômico/político/militardo Império; do outro lado, a massa enorme de escravos, servidores, trabalhadores empenhados, povo, submissa às múltiplas dificuldades da miséria, da ignorância, da dor, dos anseios insatisfeitos.

Os potentados da época, como de qualquer época, não podiam compreender o drama do povo e nem lhe concediam o direito de viver, sentir e amar livremente, dignamente. Por vicejarem despreocupados e na abundância, jamais consideraram corretamente a fermentação popular, sempre caracterizando-a como rebeldia injustificável, pois quem era aquela turba, aqueles bárbaros insensíveis, brutos destinados pelos deuses aos serviços rudes e sujos? Ora, aos olhos do poder estatal de Roma, tudo se configurava em um simples confronto do pigmeu com o gigante.

Mas, o que não se percebia, era a qualidade do novo cotejamento, dentro do quadro histórico da evolução humana. O que escapava à acuidade dos observadores

e analistas de César era a natureza das forças em jogo. Não lhes acudia à percepção o valor da Boa-Nova para as populações infelizes, nem o fato de que eles todos, dominadores e dominados, estavam sujeitos e incluídos no mesmo processo de evolução humana/espiritual, sob a mesma lei de concatenação dos efeitos da ação de cada um, dependentes das tramas reencarnatórias por eles mesmos tecidas. Não queriam avaliar o significado real do período que se iniciava porque, pelo vezo habitual do poderosos, jamais se lembram que são mortais como outros quaisquer e que seus mandatos, como em todos os tempos, permanecem fugazes, provisórios.. Por isso não suspeitavam que os acontecimentos às suas vistas tinham características diferentes por obedecerem a especiais determinações de Jesus, cuja presença nos eventos agora principiados igualmente desejavam ignorar, como bons capelinos que eram. Permaneciam iludidos com as perecíveis e passageiras conquistas de ordem material, enleados nas paranóicas sensações do poder sem peias, numa pretensa estabilidade, garantida, sem dúvida, pela inteligência mal orientada, pela argúcia, pelo orgulho sem medida e pela força da opressão econômico/militar. Porém, no universo tudo é movimento, é modificação, é vir-a-ser permanente. Mas, os poderosos egoístas, em todas as épocas da história da nossa humanidade, sempre estiveram enganados a este respeito!

O Cristianismo dirigia-se às almas e não aos corpos, ao essencial e não às aparências, ao espírito eterno e não às questionáveis posições sociais efêmeras. As batalhas iriam ferir-se no campo imponderável das almas, onde as espadas nada podiam. Pois a História conta-nos ter exatamente sucedido isso: as ideias venceram os ferros da opressão e da iniquidade. Os Césares foram batidos. A reencarnação, inexoravelmente, mudaria a libré da carne e o posicionamento social deles todos. Todavia, não sem lutas, agressões e ódios desencadeados. Os cristãos dos primeiros tempos obrigaram-se a esse tipo de pelejas, sofrendo injustiças, perseguições e torturas de todos os jaezes, emboradentrode um esquema espiritual previsto. Mas, venceram. As ideias substitutivas corporificaram-se e o edifício da original doutrina firmou seus alicerces na crosta da Terra.

Os impulsos do progresso espiritual geram sempre um movimento uniformemente acelerado. Assim, começara um ree- quilíbrio nos acertos das nações entre si, como ainda no âmbito dos relacionamentos étnicos e sociais, cujas estruturas jamais permanecem imutáveis. Enomundodos espíritos, dos invisíveis, igualmente, profundos reajustamentos se operavam para o correto equacionamento das lutas que se avizinhavam. A quantidade de conhecimentos e experiências dos povos ocidentais dessa quadra histórica chegara ao ponto crítico da transformação qualitativa dos valores estabelecidos nos séculos já vencidos. As reencarnações grupais estavam preparadas para o início da agora diferenciada progressão espiritual, a consumir-se nos vindouros dois mil anos, cujo epílogo estamos presenciando hoje.

Os pioneiros da revolução cristã nas almas, os Apóstolos e primeiros discípulos,

já haviam, nesta época, retornado a condição de desencarnados, e do Plano Espiritual continuavam sua lida gloriosa. Substituindo-os, permaneciam em seus postos os seguidores secundários adredemente preparados e distribuídos entre as diversas nações, ora representadas por fronteiras demográficas, de encontro de povos, que seriam o palco dos mais decisivos acontecimentos espirituais. Claro que nos outros setores geográficos do mundo oriental, e em terras americanas ainda desconhecidas e insuspeitadas nesse tempo, pelos grupos humanos sob o nosso exame, o Plano Espiritual Superior, obediente às determinações do Senhor, prosseguia nas tarefas de construção do homem pleno, em condições apropriadas para isso, longe do drama dos povos capelinos da Europa nascente.

Em contrapartida, as igrejas fundadas pelos cristãos em suas limitadas áreas de atividades permaneciam como fontes do cristalino das orientações veiculadas pelos Espíritos do Senhor, na tarefa da manutenção e expansão da Mensagem renovadora do Mestre.

O momento histórico permitia essa experiência. O mundo ocidental estava chegando aos limites de uma transição, em que o Império Romano veria o seu fim, diante da mobilização e ação de povos que acabariam atacando e fragmentando o arrogante Império dos Césares, agora desviado de seus mais nobres objetivos civilizadores. Os três séculos seguintes assistiriam à desmontagem de um cenário pomposo de domínio e despotismo, aparentemente indestrutível. No desenvolvimento dessa contradição, as igrejas simples, espalhadas, graças ao esplêndido desempenho dos Apóstolos e dos primeiros discípulos de Jesus, em todos os lugares em que firmaram os pés, até na própria Roma, desdobraram suas tarefas de estudos, mediunismo, amparo, solidariedade, consolo, orientação, altruísmo, renovação, dentro dos mais puros e elevados sentimentos. Era o rocío divino alimentando a plantinha tenra da sementeira Cristã.

○ Reino do Cristo começava a delinear-se no consenso geral, tranparecendo como uma realização próxima. Naturalmente, o outro reino, o dos Césares, devesse reagir. E foi o que aconteceu.

O Governo de Roma sempre enfrentou problemas relacionados com as reivindicações populares, as vezes raivosas. Escravos, trabalhadores livres, artezãos, militares subalternos, camponeses, pequenos e médios proprietários de terras e oficinas, afinal, pessoas descontentes, jamais abstiveram-se de lutar por seus direitos de melhor vida. Mas os entretuchos de governo e povo fizeram e ainda fazem parte de um processo único de desenvolvimento social, até a presente data. É assim no mundo de provas e expiações em que vivemos: lutas de grupos e classes sintetizando o progresso.

Portanto, a ação inicial dos cristãos significava mais um modo de expressão reivindicatória da vontade popular e não constituía novidade para o poder repressivo do Estado, atento a tudo o que se passava no Império. Mas, a diferença estava na doutrina que se socializava. O que se pretendia não era a simples tomada

de Poder, ou melhor tão-somente a substituição de homens no mesmo Poder. O plano configurava-se bastante mais ambicioso: a revolução deveria ser feita antes no interior das almas, no sentido da paz permanente, da concórdia, da fraternidade sem limites de fronteiras e raças, da sublimação de sentimentos, de finalidade de vida de cada um rumo à harmonia universal. Os líderes desejavam, e as pessoas esperavam, que a qualidade do indivíduo assim acrisolada garantisse o redirecionamento do modo de produção dos bens materiais de uso e de troca, como ordenasse a justa distribuição das riquezas, segundo as necessidades de todos, se o poder estivesse entregue às mãos certas.

Para os mais simples, isso seria logo alcançado, embora os missionários de vanguarda, mais realistas e esclarecidos pelos espíritos, trouxessem no recesso das lembranças as noções claras do grande e custoso evento, a firmar-se, de fato, porém em um futuro mais distante. Não pretendiam, de imediato, a concretização daquilo que lhes parecia o Reino, porque compreendiam que estavam lançando apenas as bases, sobre as quais ele se edificasse, no escoar dos séculos. Contudo, o entusiasmo contagiava e sustentava os recém-vindos às novas pelejas. Ainda hoje, conforme nos informam os Espíritos do Senhor, o próprio Mestre vem controlando diretamente os mínimos pormenores da situação, mantendo e realimentando os esforços e as esperanças de todos. Se, de um lado, os grupos ainda versáteis vez por outra se assustavam com os perigos de tão importante empresa mediante a repressão dos Césares, brutal e inexorável, por outro lado, comode costume, a liderança firme e vigorosa dos principais instrutores, amparada pelos Espíritos, sustinha a ação geral no mais alto nível de resistência e desafio.

Mas, de qualquer modo, acabaram sendo anotados como perigosos revolucionários, e foi por isso que haveriam de imolar-se à mais nobre das causas que jamais beneficiaram tanto os homens!

Conjugadas aos interesses políticos do Estado, estouraram as iradas perseguições dos Césares, que durariam cerca de dois séculos e meio (de 64 a 313 dC), querendo a extirpação da árvore do Cristianismo até às raízes. Todavia, paradoxalmente, quanto maior se tornava a opressão, quanto mais cruelmente caíam os ferros sobre os humildes seguidores do Mestre, mais esplendia e se fortificava a fé nos corações das pessoas. A História, descreve-nos, em tintas fortes, esses epopeicos testemunhos.

Quanta luta, quantos sofrimentos, quanto heroísmo provaram almas de escól, nesses tempos! Como, também, quanto compromisso assumido por espíritos com as trevas da ignorância e da violência, na inútil tentativa de oposição às determinações do Condutor de nossos destinos aqui na Terra, vistas voltadas para a Capela distante!

O séculos decorridos ainda não abafaram de todo os clangores destes recuados acontecimentos. Sob certa forma continuamos ligados a eles...

Registraram-se dez grandes perseguições movidas contra os cristãos primevos. Se atentarmos melhor, porém, verificaremos ter sido essa fase não só de definidas perseguições, mas igualmente de inquietação e repetidos molestamentos dos fieis seguidores do Caminho, nos entreatos dos mais crueis e marcantes desatinos dos Césares. O desassosego era uma constante.

As grandes perseguições foram desencadeadas pelos seguintes Césares: Nero (64), Domiciano (94), Trajano, seguido de Adriano, Antônio Pio (106), Marco Aurélio (166), Septímio Severo (202), Maximino Trácto (235), Décio (249), Valeriano (257), Diocleciano e outros (303). Terminaram com o Edito de Milão, em 313.

O número de mártires cristãos não pode ser calculado exatamente. Podemos dizer, tão-somente, que se sacrificaram, nesse periodododois e meio séculos, muitos milhares de cristãos, independentemente de idade, sexo, raça, posição social ou cultura acadêmica. Como também anotamos terem as provações morais e físicas a que se sujeitaram abrangido tudo o que a imaginação dos espíritos perseguidores puderam maquinar, na época.

Apesar dos pesares, venceram os seguidores do Caminho! Mas venceram a César. Porque outra luta, infortuna- damente, tão ou mais importante que esta, travou-se no seio mesmo das organizações cristãs, e prossegue até hoje! Qual seja a da assimilação para a competente aplicação do verdadeiro cristianismo na prática da vida, como doutrina normativa da ação humana, dentro do programa de paz e concórdia, justiça e fraternidade...

Nos dias do princípio, mesmo tendo o êxtase da visão superior do Cristo acalentado os ideais nobres e a esperança daquelas criaturas sofridas, logo logo, no entanto, as nuvens da discórdia intestina nos núcleos recém-formados, resultantes das sombras existentes nas almas dos próprios cristãos mais incautos, começaram a envolveras manifestações da crença pura e simples. Acompanhando o avolumar das fileiras de ação, o joio misturou-se ao trigo. Mas isso era inevitável, pois o campo destinava-se a todas as plantas, e o sol brilha indistintamente para elas. É da essencia do processo evolutivo que os espíritos se reúnem e se valham uns dos outros, solidarizando-se na longa e penosa caminhada para o grande retomo à pátria de origem. Os percalços encontrados na estrada da Vida eram e permanecem lógicos e necessários. Por isso, diante de César, os van- 230 guardeiros e os mais iluminados compareceram destemidamente, amparando, orientando o movimento nascente com o sacrifício até da própria vida do corpo de carne, ensinando, pelo exemplo, criando e estabilizando um clima de experiências inusitadas para os mais tfbios, frágeis, incautos, mas desejosos, tanto quanto necessitados de progresso. Mas, no interior do movimento, as incompreensões, as ambições mesquinhas, a avidez de dinheiro, o intelecto mal orientado, as disputas hegemônicas de mando, por mais incrível que possa parecer, começaram a descaracterizar o pretendido Reino da Paz a estabelecer-se dentro de cada um, e

no conjunto, sob a égide do Senhor.

O espetacular avanço do Cristianismo, no entanto, deveu-se ao vigoroso ímpeto idealístico dos primeiros dias.' Fora de Roma, as igrejas igualmente exerciam uma poderosa força civilizadora na Antioquia, na Síria, nas costas da Gália, na Espanha. Também se fazia presente, embora mais debilmente, em outras áreas, bastante remotas, como a Britânia, a Gália Central, o norte da Europa, e não havia alcançado o Extremo Oriente.

Aqui, é preciso notar-se o fato de estar a Boa-Nova entre povos das mais variadas línguas, dos mais diferentes estágios de progresso social e de costumes bem diversificados.

O Cristianismo fora assimilado pelas pessoas, em proporção correspondente às suas aspirações e cultura. Com o tempo, ele ultrapassou os limites das classes populares e iletradas, atraindo os das classes altas e ricas. Até na corte imperial, elementos do Governo e das forças armadas aderiam à nova doutrina. Compareceram homens de cultura elevada, usando os seus dilatados recursos acadêmicos e pecuniários na propagação da causa do Carpinteiro. Mas o grosso do movimento continuava dependendo do esforço anônimo dos artezãos, dos pequenos proprietários e dos despossuídos, escravos e submissos trabalhadores e camponeses. Missionários prosseguiam nas tarefas de Paulo de Tarso, viajando e procurando fortificar os laços do ideal, que, por sua energia intrínseca, interligava os cristãos de todas as partes, pela fé e pela fraternidade. Porém, o determinismo dos acontecimentos foi escasseando essa atividade e, já no ano 200, tais missionários se tornaram raros.

Agora, as igrejas teriam de valer-se mais dos seus recursos próprios, quase isoladas umas das outras, esperando tudo de seus médiums e de seus guias espirituais, além da atuação dos melhores componentes locais.

Embora tenhamos de reconhecer a importância das contribuições dos "mestres" locais, despontados naqueles núcleos de fé e oração, tentando salvaguardar a pureza dos conceitos doutrinários contra as investidas diluidoras e distorcidas dos recém-chegados pretensamente mais ilustres, a maior parte do sustento da Cruz permanecia na dependência dos mais simples. E dentre eles, os de espírito mais iluminado deram de si a única dádiva preciosa que possuíam: a própria vida!

Mas, as perseguições só contribuíram para enrijar o caráter moral dos agrupamentos dessa fase custosa de testemunhos, destacando-os sobremaneira na sociedade da época.

A atividade dos seguidores de Jesus batia todas as realizações desse tempo. Diz-nos A. Toynbee (A Religião e a História):-"O Cristianismo falava ao coração das massas, por três motivos: tratava-os, não como almas proletárias, mas como humanos, demonstrava-lhes consideração de um modo prático, cuidando da viúvas e dos órfãos, dos doentes e dos velhos, em cujo benefício nem o governo municipal

das Cidades-Estado, nem o governo ecumênico do Império realizava quaisquer serviços, que lhes comparassem. E tudo isso faziam, desinteressadamente, sob a inspiração dos ideais cristãos, e não com o fito ulterior de angariar adeptos. O mais convincente tributo destas obras de caridade cristã foi pago pelo opositor da décima-terceira hora do Cristianismo, o Imperador Romano, ex- cristão, Juliano, numa carta a um dos prelados da abortada anti- igreja pagã: - Estamos-nos recusando a encarar o fato de que o 'Cristianismo' deve seu sucesso, sobretudo, à filantropia em relação aos estrangeiros e às disposições do funerais e à apresentação de princípios morais de elevada pureza... Este trecho de uma carta de Juliano a Ársaces, o Grã-Sacerdote pagão da Galácia, prova que a caridade cristã conquistara os corações pagãos”.

E os dias rolavam, pesados, uns após os outros no tédio da vivência comum. As perseguições, por si mesmas, serviam, outrossim, para expurgar as igrejas de seus membros apenas nominais e oportunistas, interfessados principalmente nos benefícios que podiam receber no imediatismo de suas vidas precárias. Nessas circunstâncias, os núcleos operacionais da nova atividade costumava esvaziarem-se, periodicamente, permanecendo somente os fieis à Cruz, mais vigorosos nos testemunhos necessários. Com isso, a moralidade das igrejas oscilava, ora baixando nos momentos de tréguas devido a um certo relaxamento das disciplinas, ora elevando-se, nos momentos mais graves de perseguição intensa, quando era exigida maior firmeza de caráter. Não obstante, em geral, a moralidade dos cristãos estava costumeiramente bem acima do comum, pelas expressões de fraternidade espontânea, pela pureza de intenções e honestidade habitual.

Contudo, num ciclo de provas e expiações em que nos achamos até hoje, a heterogeneidade de espíritos encarnados e desencarnados teria, como também agora, de cobrar o seu tributo.

A presença no corpo do movimento libertador de pessoas de todas as raças, culturas, posições sociais e de vários níveis de saber, significava bem a extensão do trabalho dos Espíritos do Senhor no controle adequado das situações. Atentemos para essas palavras de Emmanuel: - "A vinda do Cristo ao Cenáculo obscuro do planeta, trazendo a mensagem luminosa da verdade e do amor, assinalara o período da maioridade espiritual da humanidade. Essa maioridade implicava *direitos* que, por sua vez, se fariam acompanhar do agravo de responsabilidade e deveres para a solução de grandes problemas educativos do coração. Se ao homem físico rasgavam-se os mais amplos horizontes nos domínios do progresso material, os Evangelhos vinham trazer ao homem espiritual um roteiro de novas atividades, educando-o convenientemente para as suas arrojadas conquistas da ciência e de Gberdade, com vistas ao porvir”.

Portanto, o plano crísuco para as novas experiências entrou em plena execução. As lições do Mestre, como normativas do Reino que se esperava alcançar, a partir

das reformulações «tenores de cada um, puseram-se à disposição de todos, à luz meridiana.

Agora, cada qual deveria avaliar as forças que possuía no espírito, aferindo as suas verdadeiras conquistas, sem ilusões ou desculpas. As luzes e as trevas dos que se davam à auto-análise se desfiariam no recesso da alma, diante da grande realidade a ser granjeada, dentro do modelo do novo mundo proposto pela sabedoria do Mestre Supremo. E aqui se inicia a mais séria das batalhas, nos escaninhos secretos do espírito, deflagrada entre o "homem velho" e o "homem novo renascente em Cristo"...

Os cristãos primeiros reuniram-se, ao chamamento do Alto, trazendo, em maior ou menor grau, a compreensão de quem já atingiu a maioridade espiritual. Ante a Mensagem, seria provado o que verdadeiramente se assimilou e entendeu d'Ela. Não mais ilusórias aparências, no exterior, na epiderme, nas desculpas habilmente postas, mas no profundo do ser, na inquestionável transformação interior, na efetiva construção do "homem do terceiro milênio", como se costuma dizer.

Agora vamos ver o que se fez:

Em Roma, os cristãos sempre perseguidos, numa ilegalidade calculada a princípio, reuniam-se às escondidas, em grupos mais ou menos numerosos. Até as catacumbas serviram para os seus furtivos encontros. Nas outras partes do Império, as igrejas gozavam de certa liberdade, embora as esporádicas batidas policiais causassem muito aborrecimento. No entanto, avançavam as atividades renovadoras, dentro das características especiais de lutas nossas conhecidas.

Começa, aí, infelizmente, o problema resultante do crescimento: a da organização humana do movimento. Edesde logo surgiram duas tendências. A primeira, a do ascetismo; a segunda, a do legalismo.

Interpretando exageradamente as conveniências da vigilância interior dos pensamentos e dos sentimentos tidos como anti-fratemos, baseados nas próprias fraquezas nos embates do dia-a-dia, muitos profitentes partiram para um ascetismo fanático, abstendo-se voluntariamente até das coisas lícitas, perfeitamente de acordo com a doutrina que professavam. Desde aí começaram adeturpar o Cristianismo, firmados em uma defeituosa visão das tarefas que deveriam executar. Em número crescente, tomaram o rumo da solidão e, "retirando-se para a vida monástica, povoaram os desertos na suposição de que se redimiam mais rapidamente para o Cordeiro" (A Caminho da Luz). Estavam começando a capitular ante as asperezas da remodelação do próprio ser moral, na incompreensão dos postulados mais simples da Boa-Nova.

Já o legalismo, por sua vez, transparecia como consequência da qualidade dos recém-vindos bem aquinhoados pela vida material, preocupados com a mordomia dos "próprios" das igrejas, do patrimônio concreto que se ia acumulando pelas doações dos profitentes. Os núcleos antes de fé simples e pura estavam se

enricando... de ouro e pertences de todos os tipos. Essa tendência, portanto, resultava de uma certa interpretação condescendente do sentido moral da doutrina, levando, apenas, à observância superficial e mais exterior dos rituais, das liturgias nascentes, das leis e regras do proposto Reino que, agora, já precisava de cuidados especiais, de acordo com a "realidade" humana! É verdade que os legalistas oravam muito, e até jejuavam em dias certos da semana, assistiam aos agora "santos ofícios", não se recusavam às solicitações de esmolas e não repudiavam os semelhantes pobres, pelo menos aparentemente...

Nos intervalos das grandes perseguições, quando as coisas ficavam mais calmas e seguras, esses quase-convertidos opinavam e influenciavam no ânimo dos verdadeiros componentes das igrejas, rebaixando o nível moral e a qualidade da doutrina em ação no conjunto. Com a reação dos sinceros, humildes e vixantes cristãos a tal circunstância, estabeleceram-se duas condutas de grupo: a dos sujeitos tão-somente às "exigências" evangélicas para a administração, que, afinal, se constituíam em uma singular observância de regras e preceitos, tomados amenos, elásticos e acomodaticios; e a dos integrados com os avisos (mediunismo), desejosos de vida ascética, à procura de santificação exaltada e compulsória, principalmente pela pobreza e pelo celibato espontâneo. Os dois grupos acabaram se extremado nisso.

Enquanto o elemento humano se banhava no arco-íris das informações espirituais, os sacramentos, as prescrições, o culto e a assistência social se complicavam, levando ao estabelecimento de uma nova religião, contrariando tudo o que desejaram os cristãos mais esclarecidos e afinados com o pensamento do Mestre. Os rituais diversificavam-se, paganizavam-se, desembocando nas primeiras e graves confusões. Aliás, as igrejas, daí para o futuro, assimilariam quase tudo dos cultos politeístas e extravagantes da época. Correntes judaizantes, outras simoníacas, ainda outras gnósticas, emolduravam o quadro desse período. Ao lado disso, com os favores das pessoas das classes mais altas e do espírito organizador dos financistas e comerciantes, o poder temporal, material, crescentemente expressivo graças às doações cada vez mais polpudas dos potentados, começava a delinear a personalidade jurídica das igrejas. O dinheiro mal administrado já estava entrando em ação...iludindo, deturpando. Primeiro, para a organização da "caridade", agora mecanizada, como se a simples distribuição de roupas, remédios e alimentos representassem a finalidade exclusiva do Cristianismo! Segundo, para as obras de alvenaria e sustento de seus guardiães, presbíteros e diáconos, que se recolham então a um bem nutrido "ascetismo", a uma vida monástica despreocupada, a uma bela mordomia, resultando na constituição do clero profissional.

Nas vacilações dos profitentes quanto ao rumo tomado pela organização e diante dos perigos que o poder temporal representava, em contrapartida as igrejas, pelo lado dos mais sinceros instrutores, aprofundavam estudos sobre a fé,

na tentativa de orientação mais segura para suas atividades. Mas, até o ano **313** e.v., com eficiência, os expurgos se encarregavam, por mais incrível que possa parecer, como consequência das perseguições estatais, da manutenção da pureza do movimento inicial. Porque havia momentos em que somente a fé mais viva, os valores mais altos do espírito, as decisões mais dramáticas deveriam marcar, indubitavelmente, as atitudes das pessoas, acima das questões temporais ou, mesmo, intelectuais. No entanto, o determinismo dos acontecimentos deu ganho de causa ao poder temporal, resultando nesse fabuloso patrimônio material das igrejas cristãs, caudatárias do poder econômico do mundo, em detrimento das lições libertadoras do Mestre!

As obras de pedra tumultuaram as realizações dos cristãos primevos. Infelizmente. E não foi por falta do esforço dos Espíritos Superiores, que desde todo o sempre procuravam manter a ascendência transcendental em tudo isso. Suas vozes se faziam presentes nos núcleos de oração, em todas as oportunidades, até serem silenciadas pelas rejeições intestinas desencadeadas contra os médiuns, cada vez em menor número e de qualidade moral duvidosa, dentro do próprio movimento da organização das igrejas.

As probalidades estavam esquematizadas rigorosamente de acordo com as possibilidades antes adquiridas pelos espíritos, nessa nova experiência, levando-se em consideração a labilidade e a tibieza que poderíamos, como de fato se deu, prejudicar a obra de conjunto. Competia cada um fazer o que bem entendesse com o presente, o que vale dizer, com o seu próprio futuro. É o que nos informa Emmanuel: - "A ilimitada liberdade de ação dos indivíduos e das coletividades é integralmente respeitada. Cada qual é responsável pelos seus atos, recebendo de conformidade com as suas obras" (A Caminho da Luz).

Pouco adiantou o sacrifício de milhares, porque uns relativamente poucos incompetentes, oportunistas e de má-fé acabaram postando-se no vertice da pirâmide organizadora, levando a massa toda das igrejas.

Começara a luta das ideias, das razões políticas e sociais, da administração tendenciosa dos bens materiais a se avolumarem rapidamente, das adaptações, das concessões, embora contrariando as contínuas advertências do Alto. Conscientemente, calculadamente, a direção humana das igrejas se afastava da rota prevista e proposta pelos Espíritos Esclarecidos. As lições severas do Plano Espiritual se perdiam nas teias da incúria tecidas pelos incautos, manipulados pelos ambiciosos de todos os jaezes, pelos usurpadores de má-fé. Lamentavelmente.

O Plano dos Desencarnados não esmorecia na tarefa de esclarecimento, de amparo, de direcionamento; mas as nuvens escuras da ambição e do egoísmo envolviam os corações mais endurecidos, orgulhosos e ávidos de poder material.

No correr do segundo século havia, já, reuniões de presbíteros, ou chefes, das igrejas, destinadas a estudos e análise da situação geral do movimento e particular dos profíctos com obrigações definidas na defesa dos princípios doutrinários.

No fim deste século, os chefes das igrejas de Roma reivindicaram a autoridade geral, que, por fim, veio a ser aceita pelas igrejas do Ocidente a partir do século terceiro.

Conforme sabemos, os acontecimentos se precipitaram, mudando o quadro das relações dos povos desse período histórico; o declínio das possibilidades imperialistas de Roma se verticaliza, levando ao início do desmoronamento do pretensioso império dos Césares. Jesus desenvolve oportunas providências de caráter geral, substituindo poderes temporais, elevando nações e quietando outras, dinamizando instituições e grupos reencarnatórios e adormecendo outros. Há um reequilíbrio de etnias e de relacionamento social em cada nação. O tempo avança sem esperar as Indecisões dos oportunistas, nem os desmandos e investidas dos ímpios e recalcitrantes no ódio. As surpresas se sucedem, conduzidas pelo ímpeto das paixões. As páginas da História narram como as tempestades, enfim, os vendavais da ação de exércitos se desencadearam assustadoramente, irresistíveis, sobre Roma Imperial, representando, dentro da lógica dos eventos, o início, o desenvolvimento e o fim dos processos montados pelo egoísmo das criaturas. Povos diversos guerrearam Roma, humilhando-a, rendendo-a, do século IV em diante.

Infortunadamente, também no corpo da organização humana das igrejas cristãs, acompanhando o mote geral da organização de César, infiltraram-se e terminaram por se entronizar a pusilanimidade, a vaidade, o interesse subalterno, a tartufice, a luxúria, a cupidez

Quantas sinceras tentativas foram feitas, por homens e Espíritos, no sentido de se evitarem as distorções e as deturpações agora presentes!

A contranítência da ignorância violenta, dentro e fora da carne, aproveitou-se das liberdades oferecidas pelo Senhor, tomando-se de tal modo contundente, que o Mestre se obrigou a tomar medidas saneadoras apropriadas à sua neutralização. Pois não bastaram os exemplos edificantes, as pregações claras, límpidas de uma luminosa Boa-Nova; não foram suficientes os sacrifícios inomináveis, as orações pungentes, as súplicas humildes, as profundas argumentações dos sábios e santos homens. Nada, nada amorteceu a rebeldia dos sátrapas desenfreados, encarnados e desencarnados.

A princípio subtilmente; depois ostensivamente os hábitos e costumes, os ritos e cultos externos, as ideias e as acomodações escusas mesclaram-se ao que era puro e sincero, novo e saudável, reformador e progressista. Assim, do terceiro século de Cristianismo em diante, sintomas desoladores revelaram a descaracterização da Doutrina proposta e pessoalmente exposta pelo Mestre. Então, as pelejas não mais se referiam ao poder de César, mas à "luz" e às "trevas", ao ontem e ao hoje, ao novo e ao velho na secreta residência do espírito de cada um. Foi essa a verdade daquele tempo. É essa a verdade de hoje.

Jesus esteve conosco, respirando a poalha da Terra. Os Apóstolos e primeiros

seguidores sustentaram Sua palavra no primeiro século. Lutas imensas, dramas indescritíveis argamassaram com sangue e lágrimas doridas a argila das igrejas simples e livres dos três séculos do início; porém agora, conscientemente, envolvendo-se em sombras compactas e pesadas, imposições quase incompreensíveis, procurando outra vez a centralização de poder temporal, levariam a um outro império ainda de base materialista em suas pretensões, ironicamente alimentado pelas lições sublimes do Conductor Maior, falseadas pela má-fé dos homens. Como tudo isso poderia parecer desconcertante, se os acontecimentos não fossem, como o são, absorvidos e redirecionados pelo Plano Espiritual! E agora... agora que aconteceu? Ouçamos Emmanuel: - "Desde a décima perseguição que o Cristianismo era considerado em Roma como doutrina morta, mas os prepostos do Mestre não descansavam, com o fim nobre de fazer valer os seu generosos princípios. A fatalidade histórica reclamava a sua colaboração nos gabinetes da política do mundo e, ainda uma vez, a indignação dos homens não compreendeu a dádiva do plano espiritual, porque, logo depois da vitória, os bispos romanos solicitavam prerrogativas injustas sobre os seus humildes companheiros de episcopado. O mesmo espírito de ambição e imperialismo, que de longo tempo trabalhava o organismo do império, dominou igualmente a igreja de Roma, que se arvorou em suserana e censora de todas as demais do planeta. Cooperando com o Estado, faz sentir a força das suas determinações arbitrárias. Trezentos anos lutaram os mensageiros do Cristo, procurando ampará-la no caminho do amor e da humildade, até que a deixaram enveredar pelas estradas de sombra para o esforço de salvação e da experiência, e tão logo a abandonaram ao penoso trabalho de aperfeiçoar-se a si mesma, eis que o imperador Focas favorece a criação do Papado, no ano de **607**" (A Caminho da Luz).

"Dessa data em diante, ia começar um período de **1260** anos de amarguras e violências para a civilização que se fundava"(Idem).

Como vemos, não caminhamos ao azar da sorte. Dentro do plano geral, apesar da aparência em contrário, a logística do Governo do Mundo, acompanhando os eventos, localizando os encarnados e estabelecendo-lhes as rotas, os grupos, os limites na crosta planetária; administrando-lhes as organizações e realimentando-lhes o aprendizado; providenciando as reencarnações e recompondo experiências; veiculando recursos espirituais pelo mediunismo e impulsionando os ideais de progresso; amparando os desencarnados e estreitando-lhes as faixas de afinidades, equilibrando regiões, agrupamentos, colônias, cidades e esferas no Plano dos Espíritos com o ambiente dos vestidos dos fluidos densos da carne: revitalizando e corrigindo a Natureza para o homem; ritmando as conquistas e reabsorvendo enganos de ação; saneando ambientes e iluminando consciências; ampliando fronteiras geográficas para os homens e unificando esforços para o bem de todos; encadeando tradições e assegurando a continuidade das vitórias no aperfeiçoamento geral e no melhoramento das pessoas em particular; enfim,

garantindo o sustento e o surto da evolução das almas, a logística espiritual, repetimos, não nos deixa perdidos, nem estacionários, nem desvalidos dos recursos para a grande ascese, respeitada a nossa liberdade de escolha, tanto para aceitação como na recusa dos chamamentos.

É por isso que, às vezes, nos surpreendamos com aparentemente incompreensíveis atitudes de pessoas, ou com estranhos comportamentos de grupos e povos.

Acautelados com essas advertências, podemos seguir os estudos sobre o Cristianismo e nós, procurando perceber, pelo menos em pequena parcela que seja, a extensão das providências tomadas em nosso favor pelo Cristo e seus Prepostos.

O Cristianismo tomou o caráter da mais profunda doutrina de fraternidade, oferecida ao grupo dos capelinos qualificados para uma nova experiência conducente, se coroada de êxito, a inimagináveis alturas de uma superior civilização. O Império Romano havia se beneficiado com recursos pródigos para unificar, dentro dos princípios de fraternidade e compreensão, todos os povos que lhe recebiam os influxos civilizadores, conforme nos diz Emmanuel. Enriqueceu-se, além do mais, com as lições do Mestre, que eram suficientes para indicar-lhe a rota de um Reino transcendental, através de notáveis e valorosos médiuns e de exegetas judeus que, dentre seus súditos, se credenciaram como os mais fervorosos na fé, monoteístas, zelosos das coisas do Espírito.

Todavia, os ilustres, poderosos e imponentes patrícios da Roma Imperial preferiram resvalar pelas diáclases do materialismo, perdendo o sentido da própria vida, candidatando-se à inevitável autodestruição.

Agravando a situação, depois de tantas pelejas e sofrimentos por implantarem-se, as igrejas, agora, mal dirigidas por deficientes e falsos cristãos, se aliaram ao Estado Romano, embarcando no comboio do materialismo dissolvente, apesar de se apresentarem dourados superficialmente de calculada demagogia religiosa.

Avaliados os resultados de séculos de lutas, verificou-se a firme determinação daqueles grupos pagãos e cristãos, já afinizados nos ideais humanos de poder e mando, em vias de um indissolúvel casamento de interesses mesquinhos e inconfessáveis, em se afastarem definitivamente do caminho dos objetivos espirituais de progresso e vida superior.

Em face dessa decisão desarrozoada, conscientemente tomada naquele tempo,urgia um plano de ação, que redirecionasse o trabalho custoso de soerguimento dos espíritos das primitivas crenças e baixa moralidade às alturas da crença superior dos capelinos redimidos.

E foi o que aconteceu, como nos conta Emmanuel: - "As forças do mal, aliadas à incúria e vaidade dos homens, haviam obtido um triunfo relativo e transitório".

"É então que Jesus determina a destruição do império organizado e poderoso. Suas águias orgulhosas haviam singrado todos os mares, o Mediterrâneo era propriedade sua, todos os povos se lhe curvavam para a homenagem e para a

obediência, mas uma força invisível arrancou-lhe as energias e lhe reduziu as glórias a um punhado de cinzas" (A Caminho da Luz).

Considerando o episódio da queda do Império Romano como conhecido de todos nós, lembremos, apenas, o fato de que, nessa fase, estabeleceu-se o caos social. A presença de exércitos invasores, a mortandade, o saque, as doenças, explicam porque Roma gloriosa e bela, de **1.500.000** habitantes passou, em pouco mais de meio século, a um aglomerado de cerca de **300.000** almas, rodeadas de ruínas, estragos e fome. É nesse ambiente que, na maioria, os bispos cristãos se colocam na condição de sucessores do que foi o império, disputando raivosamente o espólio dos Césares e patrícios, como os abutres no festim dos cadáveres.

Nas áreas cristãs, por sua vez, os desencontros de interpretações dos textos evangélicos conturbavam a fé sincera dos homens do povo. Os costumes do atascadeiro moral dos habitantes de Roma, agora misturados à soldadesca invasora provinda de regiões distantes e menos civilizadas, mais rudes, tomavam muito penosas as tarefas dos missionários seguidores do Cristo. De um lado, a luxúria dos bispos pervertidos; do outro, a ignorância dos simplórios; por fim os debates desordenados conduzidos por pessoas incompetentes e pela empáfia dos pseudo-sábios. Enquanto isso, o dinheiro rolava nas obras pias, na construção de templos suntuosos e adaptações de refúgios agradáveis para os agora bem nutridos e tranquilos "ascetas", tanto quanto nas mesas opíparas e no sustento das concubinas insaciáveis dos novos purpurados. Um historiador daquele tempo, Amiano Marcelino, "surpreendeu-se ao ver que o bispo de Roma vivia como um príncipe no Palácio Laterano e percorria as ruas da cidade com a pompa de um imperador".

A farta literatura sobre os desregramentos desses tais é de estarrecer. Mas, o importante é que, nesse meio, se apresentaram pessoas valorosas, aliás relativamente poucas, porém dotadas de grande nobreza de alma e cultura intelectual do mais alto nível, totalmente à disposição do Mestre. Foram espíritos que retomaram à carne para suportar as investidas do chavascal filosófico e cultural da época, covardemente dirigidas contra os incautos e ignorantes, por isso mesmo torpemente explorados, como sempre! Por ser a grande massa inculta e despreparada facilmente dirigível para caminhos errados, sujeita ao caudilhismo dos sátrapas e parasitas de todos os tipos e graus, não poderia o movimento cristão, por sua vez, prescindir do concurso de homens sábios, porém decididos ao enfrentamento da má-fé e das ações dolosas. A fé singela sempre correu os riscos das deturpações, das credices, da superstição, do fanatismo destruidor. Por isso, o Plano Espiritual providenciou a reencarnação daqueles que esbarrariam o anti-humanismo em sua própria potência intelectual demagógica, evitando o desnorteamento do povo. Ora no seu tempo o próprio Cristo, em terras palestinas, teve momentos de desafio, obrigando-se a anular as teses dos "sabichões" que tentaram confundí-**lo**. Mas os registros históricos de Roma, embora limitados

nesse ponto, também apontaram a presença de homens que souberam dominar os conhecimentos acadêmicos, alinhando-os aos mais puros sentimentos de fraternidade, elevando-os aos píncaros da sabedoria, em favor de todos. Detiveram eles a mais clara noção de rumo, liderando as comunidades sinceras em direção do Sol nas Almas. Foram missionários que souberam dignificar as tarefas que o Senhor lhes confiara. Pois pressentiam, em toda a extensão, a importância missionária do "homem inteligente na Terra" (O Evangelho seg. o Espiritismo, cap. VII).

No ínterim, as igrejas tomaram trilhos diferentes quanto à interpretação doutrinária e intenções sociais, impulsionadas por chefes nem sempre afinizados com as veras lições da Boa-Nova. A confusão, no entanto, só interessava e beneficiava as organizações espirituais umbralinas, o que, por sua vez, deveria ser coibido. Mas os debates, as interpretações e as análises dos novos cristãos seguiam os caminhos tortuosos das polêmicas. Os entendimentos e a pacificação no campo doutrinário eram quase impraticáveis ainda. Inevitavelmente os grupos se formariam e... se detestariam.

Não podia ser diferente. O Plano Espiritual devia contar tão-somente com esse patamar de encarnados, onde a miscigenação dos graus havia de exigir alto valor moral de dirigentes honestos e de médiuns generosos no serviço aos semelhantes, para dinamizar a revolução em desenvolvimento nas almas. A presença da soldadesca (suevos, visgodos, lombardos, teutões, etc.) em Roma, ampliava o campo de pregação. Novas gentes, novas terras distantes conheceriam a Mensagem, pelo retorno dos soldados e acompanhantes aos seus lugares de origem, levando as novidades de Roma e do Cristianismo. A mistura dos grupos traria vantagem para os povos que, no futuro, estruturariam a Europa de hoje. O tempo escoava, as pessoas viviam a sua vida e, aos poucos, as lições do Mestre testavam criaturas na grande experiência em curso.

Com a fragmentação do Império, os povos libertados tinham que promover seu próprio desenvolvimento, enquanto a pobreza humilhava Roma e quase toda a península itálica. A indisciplina das fronteiras e dos poderes em todas as áreas do território europeu, com a queda do Império Romano, colocou as criaturas em sobressalto. Segundo informações de Emmanuel, o Plano Espiritual, sob a égide do Senhor, nessa qu adra da vida dos povos, conduzia as pessoas ao isolamento do campo, a vida bucólica, à simplicidade dos costumes, às meditações mais prolongadas referentes aos problemas da fraternidade ativa.

A nascente situação de vida nesse fim de império, a insegurança reinante, a desaceleração do progresso material, o empobrecimento generalizado, dentre outras causas, levaram à estruturação de um sistema de feudos, como resposta à necessidade de um qualquer governo que evitasse a anarquia total e permanente. Esses feudos representavam, nessa época, as unidades mínimas de dependência entre senhores e trabalhadores, em busca de sobrevivência e mútuo amparo, mas,

como sempre, os senhores levando a melhor vantagem. Com esse sistema, estava iniciada a Idade Média, que duraria cerca de mil anos de intensas provações para todos. As páginas da História referentes a esses tempos feudais revelam-nos uma fase de transição e conseqüente mobilização de vastas faixas humanas, para as lutas do porvir.

Não podemos, aqui, de acordo com os objetivos de nossos estudos, afastar-nos da ideia central, que é a de enfatizarmos a presença dos Espíritos do Senhor, e d'Ele próprio, em todos os acontecimentos desencadeados por nós mesmos, *convidando-nos* à superação de deficiências e inferioridades; as referências históricas que fazemos apenas tentam recordar-nos os conhecimentos dos fatos que todos detemos sobre o assunto.

Bem sabemos que nessa fase de vida sob exame, os reis se tomaram incapazes de proteger o seu reinado. Dai ter surgido o feudalismo como opção viável de manutenção de uma certa ordem social. Aqueles mais competentes para o comando organizavam vilas ajustadas em modos suaves, quase fortaleza. Na vila baronial, servos semi-livres e livres construíam residências que, por motivos de segurança, se cercava de altos muros. O senhor do feudo protegia o pessoal de serviço, tanto militar como economicamente, representando-o perante o rei, que, afinal, não passava de um débil ponto de referência para os senhores feudais, num arremedo de organização superior.

A lealdade mútua constituía o princípio fundamental do feudalismo: obrigação de trabalho do servo ou vassalo ao senhor, e desde ao rei; do rei ao senhor, e do senhor aos inferiores.

O senhor feudal podia possuir mais de um feudo, quando, então, nomeava um "senescal" para superintender o "domínio", quer dizer, todos os feudos, e um "mordomo" ou "alcaide", para se ocupar de cada um deles.

O acampamento murado (castrum, castellum) das legiões romanas inspiraram a construção física da vila fortificada feudal. Lá dentro, tudo se referia mais à segurança que ao conforto, pois nessa época as investidas das hordas assassinas e piratas, as batidas de feudos rivais, as ambições dos "domínios", levavam a um constante estado de sobreaviso. Aliás não vamos descer aos pormenores das descrições dos feudos, mas, dizer algo a respeito da participação comprometida da igreja e do clero nisso tudo. As vezes o senhor feudal era um bispo ou um abade. Através desses singulares cristãos donos de feudos e das compras que a Igreja (cada vez mais rica pelas doações e participações no banquete das rendas gerais - em nome do Senhor!) fazia, tomou-se a principal dona de terras na Europa. Por exemplo: o mosteiro de Fulda (Alemanha) possuía **15.000** vilas; o de S.Gall (Suíça) detinha **2.000** servos; o prelado Flaco Alcuino, em Tours, era dono de **20.000** servos. E assim por diante.

Arcebispos, bispos, abades, ostentavam títulos de nobreza, cunhavam moedas, vestiam armaduras e combatiam nos campos de batalha, mantinham cortes

faustosas, mesas fartas de boas bebidas, comidas e iguarias de toda sorte. A Igreja Católica se enleou nessa trama feudal, tomando-se, efetivamente, uma instituição política, econômica e militar. Jesus Cristo? Oral

Mas, explica Emmanuel: -'Todavia, nesse pantanal de ambições floresciam, igualmente, os lírios da misericórdia de Jesus, em sublimadas realizações de sacrifício e bondade. Espíritos heróicos e missionários, cuja maioria não se incorporou aos nomes da galeria da história terrestre, exerciam a função de novos sacerdotes da ideia sagrada do Cristianismo, conservando-lhe o fogo divino para as futuras gerações do planeta. Subordinados, embora, à disciplina da igreja romana, eles ouviam, no ádito do coração, a palavra eterna e suave do Divino Jardineiro e sabiam, por isso, que a sua missão era a da renúncia, do sacrifício e da humildade. Roma podia negociar os títulos eclesiásticos com a política do mundo e estabelecer a simonia nos templos sagrados, esquecendo os mais severos compromissos; eles, porém, nas suas túnicas rotas, atravessariam o mundo alentando a palavra das promessas evangélicas, edificariam pousos de silêncio e de misericórdia, onde guardassem as tradições escritas da cultura sagrada, para os dias do porvir" (A Caminho da Luz).

Durante os seguintes mil anos, à revelia da Igreja, os feudos, as comunidades, os grupos de produção industrial evoluíam.. As técnicas, as artes, a guerra, as instituições econômicas, financeiras e do trabalho se aperfeiçoavam, em atendimento às crescentes necessidades das populações. Os reinos, por isso, iam melhor se configurando e a vida se tomava mais refinada. O progresso material, da indústria, do comércio, do **dinheiro**, da agricultura impulsionava as organizações burocráticas e a melhoria das legislações; os embates de classes, que se caracterizavam com o progresso sempre crescente e que se conscientizavam de sua força intrínseca e de seus direitos, começavam a preparar as futuras e inevitáveis mudanças das estruturas sócias.

Na organização da Igreja, os desacertos conceptuais continuavam, agora em faixas bem definidas: uma, a dos clérigos transformados em sátrapas de feudos e mosteiros, homens e mulheres iludidos nos socavões das trevas materialistas, gozadores implexos em sórdidas atividades; outra, a dos sinceros e honestos cristãos, preocupados com os profundos problemas da alma e dispostos a uma vivência acorde com os textos puros e simples do Evangelho, distantes das pretensões muito humanas e egoístas dos "altos dignatários" do culto católico romano.

Muitos cismas estabeleceram-se no seio da Igreja, como advertência aos desmandos e desacertos dos chefes irresponsáveis e alheios do sentido evangélico de vida. Como também novidades aconteceriam, ao mesmo tempo, no Oriente próximo e na África. A mais notável delas, nestes séculos VI e VII, foi a missão desenvolvida por Maomé (570-632), fundador do Islam, cuja base de crença passou a ser o Alcorão, livro sagrado dos muçulmanos. O Islam conta hoje

com quase **900** milhões de adeptos.

Segundo Emmanuel, "numerosos espíritos se reencarnam com as mais altas delegações do plano invisível" (A Caminho da Luz) para a tentativa de redirecionamento da Igreja rumo aos postulados da Boa-Nova. Dentre estes, Maomé deveria reunir as tribos árabes, doutriná-las nos ditames da fraternidade, opondo-se aos abusos dos bispos romanos, na restauração da fé e da espiritualidade. Alcorão, segundo o próprio Maomé, foi recebido mediunicamente, tendo por revelador o Anjo Gabriel. Consta de **114** suratas (capítulos) divididas em trinta livros. As referências feitas a Jesus encontram-se nas seguintes suratas: II - **87, 253**; III - **45,55**; V - **17,46,110,112,114,116** e segts.; VI - **85**; XIX - **23,24,30,31**; XXIII - **50**; XLIII - **57,58,59,63,64**, LVII - **6,14**.

Jesus Cristo é apresentado aí simplesmente como um profeta judeu, cuja história difere muito daquela contada no Novo-Testamento.

Entrementes, a Europa seguia o seu destino e conso Wava-se dentro do eterno clima de disputas, guerras, guerrilhas e brutalidades de todo o sempre. As contendas e contestações entre o Islamismo e Cristianismo teriam, inevitavelmente, que terminar em guerra. Os interesses mercantilistas em jogo eram mulo grandes.

Os muçulmanos são, por prescrição de seu livro sagrado e do próprio Maomé, tolerantes com todas as religiões e prefeririam viver em harmonia com os religiosos de outros cultos. Mas, os chefes cristãos sempre foram sectários e violentos perseguidores dos que lhes não adotavam a ladainha. Em matéria de crueldade, nada ficaram a dever à mais baixa barbárie. Aliás, o sectarismo e o resíduo de rancor e ódio existentes no atual movimento "cristão**", mostram bem o horror que foi a Idade Média, idade das sombras e do crime solto. Basta olharmos para os instrumentos de tortura usados nas prisões da época, como eficazes meios de "esclarecimentos e doutrinação" dos "herejes" e manutenção da autoridade do Santo Clero, para reconstituirmos o pavor imperante naqueles tenebrosos tempos.

Lá por volta do ano **1095**, as condições de vida levaram à eclosão de uma demorada guerra entre cristãos e muçulmanos. Durante cerca de duzentos anos brigaram por terras, mercados comerciais, domínios produtivos, expansão demográfica, requisição de matérias-primas para a indústria, por mais eficiente controle bancário do capital, e assim por diante. Mas o interessante é que a coisa se fez em nome do Cristo! Daí os duzentos anos de "cruzadas sagradas", pelo extermínio dos não cristãos em defesa de Deus e... confisco de seus bens! O comércio e a Cruz dos católicos estavam confundidos nas empresas do ódio e da cupidez. Porém, paralelamente, as comunidades gerais começaram a estruturar uma vida social mais aprimorada, porque o espírito não pára nunca, está sempre progredindo, mesmo quando submetido às mais adversas condições. Pois terminadas as cruzadas santas dos cristãos, sem os resultados materiais que esperavam alcançar, porque fracassaram, as circunstâncias principiaram a variar.

De retomo das aventuras guerreiras em nome da Cruz em terras islâmicas, assim de surpresa, trouxeram os remanescentes dos exércitos nova chama de fé, algo contestadora daquela exposta pelos, na maioria, desacreditados sacerdotes cristãos simoníacos e despravados. Inciava-se um movimento regenerador impulsionado pelo Plano Espiritual Superior, no sentido das aspirações mais altas do ser.

Uma corrente anticlerical vinha fortificando-se, atingindo o auge lá pelo fim do século XII. Calcula-se que, durante o século XIII, proliferaram cerca de **150** seitas consideradas heréticas pela Igreja. Representavam desamarras de interpretação mais direta e livre da Bíblia, em que compareciam, em número apreciável, sacerdotes inconformados com o comportamento impróprio dos chefes da Igreja. Eram cristãos pela alma, pela fé sincera, pelo amor à humanidade; e por causa disso, pobres, simples, honestos, ardorosos nas manifestações de fraternidade. Evoluídos espíritos se encontravam encarnados entre eles, com o objetivo de doutrinar a própria Igreja Católica, na esperança de a reconduzirem ao Cristianismo. Com essa intenção, "um dos maiores apóstolos de Jesus desceu à carne com o nome de Francisco de Assis. Seu grande e luminoso espírito resplandeceu próximo de Roma, nas regiões da Umbria desolada. Sua atividade reformista verificou-se sem os atritos próprios da palavra, porque o seu sacerdócio foi o exemplo da pobreza e na mais absoluta humildade. A Igreja, todavia, não entendeu que a lição lhe dizia respeito e, ainda uma vez, não aceitou as dádivas de Jesus" (A Caminho da Luz). Mas a reação da Igreja a esse movimento contestador das prerrogativas odiosas e prepotência não se fez esperar. Aliada aos grandes senhores das terras e dos meios de comércio e capital de reconversão de moedas, começou desatinada perseguição aos "herejes", torturando-os, matando-os impunemente e saqueando-lhes os bens. Gregório IX, que estava no trono papal desde **1227**, oficializou a "Santa Inquisição" proposta pelos padres Dominicanos, em **1231**, como resposta à pressão das correntes libertárias e moralizadoras que surgiam aqui e acolá.

"Cumpre-nos colocar a Inquisição, juntamente com as guerras e perseguições de nosso tempos, no rol das manchas mais negras de que há registro na história e em que mostra uma ferocidade que se desconhece em qualquer animal selvagem" (História da Civilização - W.Durant. vol.9).

Mas, o progresso humano, que não depende das religiões (até muito pelo contrário), se fazia, apesar da oposição da Igreja. A indústria artesanal e o comércio geraram classes mais livres e poderosas de produção e distribuição de bens, aliadas à melhora da mentalidade dos homens do campo, da lavoura.

Com as inspirações do Alto, o pensamento secularizava-se aos poucos e a laicidade começou a conquistar posição de comando, vagarosamente, na satisfação dos interesses sociais. As escolas de alfabetização foram aparecendo; o povo, pelo menos em parte, teve acesso aos raros bancos escolares; fundaram-se

universidades laicas, como a de Salerno (cerca de **1150**), a de Paris (**1200**), e de Bolonha (**1158**), e assim por diante. Redescobriram-se os filósofos da Grécia Clássica e começaram a firmar-se os livres-pensadores. A Igreja vê-se obrigada a atentar para o fato, e Tomás de Aquino, no século XIII (nasceu em **1225**), firmando-se em Aristóteles redescoberto impõe-se à Igreja como um de seus mais notáveis pensadores. A partir do século XV, as artes tomam um grande impulso. Os idiomas se definem nos diversos países, o racionalismo retoma sua carreira. Florescem o drama, os poemas e sagas, os trovadores, os romances e as sátiras. As ciências são sacudidas ao influxo dos conhecimentos do Oriente, há séculos desconhecidos ou proibidos pela Igreja. Aos poucos foram vencidas as florestas e saneados os pântanos; a agricultura progrediu bastante e a escravidão foi sendo proscrita, mesmo contra a vontade e os protestos da Igreja. Os burgos começaram a organizar-se mais eficientemente com os progressos da arquitetura, as feiras comerciais reuniam homens e mercadorias de todas as partes da Europa e do mundo conhecido fundamentando a troca de experiências e ambições novas, a regularem preços e monopólios de produção e venda, fortificando e ampliando bancos e moedas. As corporações de trabalhadores e Estado se aperfeiçoavam, aos poucos, as terras cultiváveis melhor se questionavam para reformas agrárias e cooperativas de produção tudo levando de vencida as oposições retrógradas da Igreja. Paulatinamente, as bases de reforma inevitáveis e promissoras, em cumprimento às leis naturais do desenvolvimento histórico da humanidade, se alargavam. As fundações econômicas influíam nos costumes, na indumentária, nos idiomas, nas ideias e leis, finanças e literatura. De repente, o "trono de São Pedro" entra em disputa, reivindicado por mais de um papa. Engraçado: a Igreja com mais de um Papa! Mas, no fim, acabaram se entendendo.

"Assim, pois, o bem e o mal, o belo e o tétrico se misturaram no fluxo e caos da vida cristã. As criaturas simples da Itália permaneceram prazerosamente medievais, ao passo que as classes média e alta, meio embriagadas com o antiquíssimo vinho da cultura clássica, iam avançando para criar a Renascença e o homem moderno" (História da Civilização - W. Durant. vol. **11**).

Do século XIV em diante, um surto de progresso beneficiou a Europa, porque as "grandes assembleias espirituais se reúnem nas proximidades do planeta, orientando os movimentos renovadores que, em virtude das determinações do Cristo, deveriam encaminhar o mundo para uma nova era" (A Caminho da Luz).

A navegação progride bastante; grandes descobertas de terras desconhecidas até então começam a unificar o mundo. A imprensa foi oficialmente inventada na Europa, quando Gutenberg, em **1450**, editou a Bíblia num sistema de tipos móveis de impressão e máquina impressora apropriada. Desenvolveu-se a indústria do papel e das tintas de impressão. Com isso, a cultura, que era apanágio de poucos letrados, popularizou-se, tomando a pena de escrever mais poderosa que as armas de guerra e opressão. As ordens religiosas sofreram tremendo impacto, e, para se

defenderem e refazerem, permanecendo no banquete dos poderosos, também procuraram aperfeiçoar-se. No entanto, a Igreja se afunda cada vez mais na ambição do ouro, e desemboca numa desenfreada simonia.

Diante dos novos e inomináveis abusos, inúmeras revoltas populares bem orientadas pelos potentados príncipes da aristocracia nascente, cada vez mais cobiçosa de poder mais dilatado e das terras da própria Igreja, explodem, culminando com os eventos da Reforma religiosa encabeçada pelo sacerdote agostiniano Martin Lutero, na Alemanha, seguido por Calvino e Zwinglio, na Suíça.

Eis que a Igreja de Roma se vê enfrentada e barrada por esses reformadores, acolitados por poderosas forças militares de senhores da nascente e mais educada aristocracia e das classes médias. Cresce o movimento de rebeldia, a Inglaterra promove o afastamento de sua Igreja, a Anglicana, da de Roma, enquanto os Ortodoxos das igrejas grega, russa, bizantina se consolidam, o livre exame das Sagradas Escrituras sem a tutela do Papa e do Vaticano agora se toma comum, pois a Bíblia é impressa em grande quantidade, e começa a aparecer em outros idiomas que não o latim, língua oficial da Igreja de Roma.

Paralelamente, os feitos dos navegantes, em especial espanhóis e portugueses do século XVI, permitem terras ainda desconhecidas ser mobilizadas para as finalidades evolutivas do homem.

No território europeu, a dinamização do progresso em todos os sentidos da atividade leva as comunidades a grande inquietação social. Em determinado momento, estorou a Revolução Francesa, como repulsa à opressão e ao absurdo, inaugurando fase diferente de progresso para as nações. Cai o absolutismo de muitas coroas, promovendo-se uma profunda reforma comercial e industrial. O século XVIII desponta sob os auspícios de um colossal impulso de progresso em todas as áreas e em todos os níveis da sociedade. Napoleão Bonaparte, a partir da França, tenta unificar a Europa, como prenúncio da unificação do mundo, que é o que se espera para os dias de hoje. As ciências, as técnicas, as invenções levam à primeira revolução industrial que anotamos, abrindo, definitivamente, os portões dos campos ilimitados do mundo livre de obscurantismos religiosos, de superstições, de misticismos toscos de uma religiosidade falida. E a Igreja de Roma, para sobreviver, tomou-se caudatária servil dos governos do mundo, como fiel servidora de seus interesses, comensal de suas sobras e parceira em seu materialismo.

Como sempre, estamos, mesmo agora, no dobre final do século XX, atentos para a ação profunda dos Espíritos do Senhor junto de nós, nos derradeiros testes por que estamos passando. Herdaremos a Terra? Conseguiremos superar a fase de "provas e expiações" existentes em nós mesmos?

Jesus e seus Prepostos aguardavam-nos para as experiências do momento. Chegamos a elas. Mas foi uma longa espera...

AS BASES SÓLIDAS DO ESPIRITISMO

Não podemos, aqui, historiar os tempos da Renascença, mas também não temos como deixar de lado algumas referências indicativas da inevitabilidade da revivescência do Cristianismo em nossos dias, revestido de novas aparências e dotado de um especial dinamismo, sempre realimentado pelos desafios do momento. Para atingir tal objetivo, teria de nascer a doutrina própria, composta de todos os princípios adequados e da força interior capaz de sacudir as estruturas sociais milenarmente estabelecidas. Foi por isso que vicejou o Espiritismo, suportando a responsabilidade magna de recolocar o Cristianismo, desviado de sua rota principal, no caminho certo, antes abandonado pela incúria dos falsos-cristãos. A História explica como isso aconteceu.*

Todavia, a Doutrina dos Espíritos, na codificação Kardequiana, como já dissemos anteriormente, transpareceu no momento devido para o desempenho dessa tarefa, na oportunidade apresentada pelo fluxo da evolução natural da humanidade.

Os povos da Idade Média, feudal, continuamente progrediam, elevando o padrão de vida geral e aumentando o conseqüente poder organizador do capitão, da indústria, do comércio e da lavoura, como resultado do aperfeiçoamento das técnicas e do modo de produção. Este, no correr dos séculos, passava do feudalismo consolidado na estagnação do baronato para o capitalismo, estribado na aristocracia e na burguesia nascente da classe média que surgia empregando e explorando a força de trabalho das novas classes despontantes com as feições de proletariado e campesinato. O emprego do carvão fóssil como poderosíssima fonte de energia para a fundição do ferro e para a metalurgia geral em aperfeiçoamento, começava a revolucionar o fabrico de máquinas e ferramentas cada vez mais sofisticadas e produtivas. A mineração fornecia matérias-primas abundantes porque os engenheiros estavam aprendendo a explorar minas a maiores profundidades, graças aos novos inventos e métodos de bombeamento de água, furos e fornecimento de luzear às profundidades dos túneis. Os metais ferrosos não ferrosos eram agora trabalhados mais apuradamente sob os auspícios da "Química Científica", que comparecia substituindo a Alquimia supersticiosa e mágica da Idade Média. Os altos-fornos, mesmo na sua singeleza do princípio e quase uma brincadeira de criança diante dos que hoje forjam o ferro e o aço, sustentavam uma revolução profunda no mundo de então, mudando o cenário da vida e propondo um futuro antes inimaginado.- Máquinas e mais máquinas se projetavam e fabricavam como expressão do gênio humano agora fulgurando na construções dos tempos novos. Deram-se importantes mudanças nos meios de transporte e, no mar, a bússola e as tabelas aperfeiçoadas, fornecidas pela

Astronomia copremicana recém-inaugurada, substituta lógica da Astrologia medieval, libertaram, permitindo as aventuras do alto-mar e as inevitáveis descobertas de terras e gentes antes insuspeitadas, significando desde logo mercados valiosos para o consumo e, ao mesmo tempo, fonte fornecedora de abundantes matérias-primas as mais variadas, além de muito ouro e pedras preciosas. O mundo estava, então, crescendo espontaneamente, reformulando tudo o que os medievais sabiam a seu respeito.

Com a revolução industrial avançando, todos os segmentos da sociedade sofreram profundo impacto e se diversificaram sobremaneira as atividades de produção e consumo. O mundo intelectual igualmente se refez, redescobrimo o pensamento da Grécia Clássica, que, dois milénios antes, já havia conferido à Terra a sua maioridade intelectual, para logo procurar superá-lo, de acordo com as circunstâncias atualizadas. Despeitando após aquele milenar sono da negra ignorância religiosa medieval, por fim os povos ocidentais viram o relógio marcar as horas a favor do progresso, e, então, os Espíritos Superiores impulsionam a grande massa espiritual/humana, a imprensa comparece multiplicando o potencial das inteligências postas em ação, os profissionais, os sábios, os eruditos e os gênios florescem, qualificando e direcionando as notáveis conquistas do espírito.

O modo capitalista de produção recém-criado na indústria, no campo, no combate ao latifúndio, na lavoura de arrendamento, alterou, por completo, o mundo da época, com a criação da poderosa burguesia, do campesinato e do proletariado. O resultado foi o mais significativo. Até a Igreja obrigou-se a algumas reformas, vendo limitados seus poderes e perdendo vastas extensões de terra. Muitos cismas começaram a apoiar-se à autoridade eclesiástica, e as reformas protestantes, no raiar do séc. XVI, se estabeleceram definitivamente, progredindo sempre e procurando valorizar a fé e as criaturas pelo exame livre dos textos bíblicos e pela descentralização do comando religioso, barrando o poder político-econômico do Vaticano. Os príncipes ampliaram suas conquistas, enriquecendo-se cada vez mais, e os Espíritos, enfim, dilataram sua intervenção em benefício do plano de melhoria geral, da compreensão e da fraternidade, segundo as leis do evoluer histórico da humanidade.

O Humanismo e a Renascença constituem, então, fenômenos inseparáveis da cultura europeia. O aprimoramento da economia e das atividades gerais puseram de lado a cosmovisão católica medieval, que sempre pretendeu considerar o conjunto, em prejuízo do individual. Era (e ainda é) seu vezo predicar a favor do "vale de lágrimas" e das recompensas distantes, no "outro mundo", onde o povo, os trabalhadores e principalmente as mulheres seriam considerados como os preferidos de Deus, por terem sofrido muito em favor dos potentados, eleitos por este mesmo Senhor para os cargos de direção e governo e, diga-se de passagem, de mando incontrolado e violências impunes. Em especial, os reis e os chefes tiranos acreditavam ser de "escolha divina". Os papas e os padres, estes, então, se

consideravam os representantes terrenos da Potestade, por isso mesmo colocados, segundo declaravam, ou pretendiam colocar-se, acima das leis e dos julgamentos humanos.

Essa distorção clerical foi barrada pelo nascente empresariado burguês, prático e agora mais experto em suas atividades fabris imprescindíveis para o progresso, e que passou a depositar suas esperanças não no outro mundo, o dos anjos tocadores de harpa e flauta no céu da eterna desocupação, mas neste aqui, concreto, objetivo, que solicitava suas energias e iniciativas criadoras de felicidade e bem estar geral.

Por isso, a nova cosmovisão fixou os interesses imediatos da humanidade presente, trabalhadora, operosa, qualificando, em contrapartida, o indivíduo como representativo do conjunto. Agora, revertendo as coisas, era o homem um partícipe construtor do conjunto, e este, por sua vez, considerado, ao mesmo tempo, como o território variável influenciador e edificador do indivíduo. Um na multiplicidade e vice-versa. Esta concepção significava a revivescência do pensamento grego clássico, que já tratara do assunto, com o nome de humanismo. O homem é tudo, e no indivíduo mora a solução de todos os problemas, como disse Emmanuel. Mas, Protágoras, há cerca de **2.400** anos, dissera, por sua vez, que o "homem é a medida de todas as coisas", querendo, com a sua filosofia, apontar o fluir dialético e o relativismo das concepções e das pessoas considerando o provisório e o circunstancial do movimento e das transformações.

Pois bem, esta época de intensa difusão do humanismo na Europa a que estamos referindo, recebeu o nome de "Renascença", tornando-se um fenômeno revelador das mais esperadas promessas de vida nova. Tratava-se, de fato, do renascimento da cultura antiga, há mais de mil anos asfixiada, proibida e atormentada na época medieval, ou Era das Trevas. Mas, os humanistas modernos quiseram o renascer da cultura clássica, porém dentro de características de um pensamento rejuvenescido, não apenas imitador do passado, mas criador, inovador, progressista, principalmente no campo das técnicas e das ciências, base do avanço e do aperfeiçoamento humano atual. Não há dúvida de que escolheram bem o nome identificador desse movimento: Renascença!

Aqui, devemos referir-nos à invenção da imprensa de tipos móveis, devida a Gutenberg, no século XV, como tendo sido da mais alta importância, empreendida sob o influxo e ordenamento dos Espíritos Superiores. Mesmo tendo os chineses usado tipos móveis de madeira para carimbarem o papel, também de sua invenção, na antiguidade remota, não lhes cabe a honra da invenção da imprensa, nos moldes do que fez o alemão de Mogúncia.

Na fronteira da velha cultura eclesiástica, levantaram- os humanistas um limite oposto, figurativamente, por uma plêiade notável de colaboradores do Senhor, que foram tomando a carne com o objetivo principal de impulsionarem a humanidade para- lina rumbo à libertação do arrocho espiritual a que se sujeitava desde longa

data.

As criações humanistas refletiam elevada condição espiritual, e o resultado foi este, nosso conhecido, nas Artes e Letras, no Pensamento e Ciências, na Técnica e Indústria, no Comércio e no Capital, na Lavoura e nas Crenças.

As ciências progrediam velozmente. Começou a aplicação de diferenciados métodos de trabalho e perquirição experimental da estrutura da Terra e do Universo exterior, das plantas, dos animais, do próprio homem. As interpretações à base dos novos métodos separam-se, definitivamente, da Teologia que, o quanto ainda podia, em nome do Senhor Jesus, desencadeava a mais furiosa, odiosa e rancorosa perseguição aos novos pesquisadores da Natureza. Para isso, chegaram a inventar, conforme já vimos, a famigerada "Santa Inquisição", cujo saldo de crimes e violências impunes a História enojada registra em tintas fortes! Mas o Racionalismo firmou-se, afinal, abrindo caminho aos mais elevados vóos do Espírito.

Na área da Política, preconizou-se a centralização do poder leigo e da institucionalização da ordem e da lei, acima das pretensões, da corrupção e da impunidade dos nobres. O Direito das Gentes melhor se configura, a partir do Direito Romano, amparando as pessoas, as famílias e seus bens, contra a voragem das Igrejas e as ambições desmedidas dos príncipes e reis.

Os livres-pensadores, nesse diferente mundo renascente, brotaram em regular número nos países mais ativos e dispostos a assumirem graves reformas em seu cotidiano. Surgiu o movimento histórico/filosófico racionalista denominado de "Iluminismo". Seu foco máximo brilhou no século XVIII, "século das luzes", influenciando, extensivamente, todas as atividades humanas e crendo poder reorganizá-las à base dos princípios rigidamente racionais. Era o resultado dos esforços anteriores no sentido do desenvolvimento das Ciências Naturais. O materialismo mecanicista, fortificado pela filosofia cartesiana, pela Física e Astronomia grandemente amparadas e fundamentadas nos resultados das pesquisas de Newton e principalmente pela consolidação dos métodos científicos revolucionários a partir de F. Bacon e mais todas as outras conquistas da Técnica, embasaram um otimismo crescente, que se assinalava pela confiança nas ciências e no poder racional do homem. Os ares da liberdade política, de pensamento ousado e da criatividade sem limites oxigenaram os anseios de crescimento, exaltando o indivíduo, que passou a considera-se, então, legítimo dono da Terra, que, por sua vez, comparece como uma "propriedade" exigente e que, deste ponto para o futuro deveria ser, de profundo, e em toda a sua complexidade, conhecida e dominada, o que apenas se daria através da luz da razão! Por isso, nas aspirações políticas e sociais, o Iluminismo pretendia a formulação de princípios unificadores e diretores do povo e da sociedade em suas novas vestes estruturais burguesas. Mas o regime deveria alicerçar-se na vontade do povo livremente expressa, democrática, portanto; e isso acabou sendo bandeira de luta na Revolução

Francesa, cujo bicentenário estamos agora comemorando.

Na Ciência e na Filosofia, o que se procurava era estabelecer um sentido diferente às pesquisas da Natureza, intentando-se dominá-la, submetê-la, atrelando-a ao destino do homem, interpretado como um produto universal capaz de dispensar a intervenção e a tutela caprichosa e inexplicável de um pretense "Criador", na verdade configurado à imagem de uma instituição muito humana de domínio e exploração social, chamada igreja católica, que se proclama dona exclusiva do Cristianismo (a seu talantel).

A "razão" transpareceu para os iluministas como uma faculdade do espírito que dependia inseparavelmente da experiência. Daí as ciências experimentais estarem em pauta e merecerem toda a atenção possível. Surgiu, como consequência desta proposta, a "Enciclopédia" francesa, objetivando sintetizar e realimentar o movimento cultural, como já se fazia em outros lugares, como a Inglaterra, a Alemanha, a Suécia, etc.

A "Encyclopédie" exerceu importantíssima influência no seu tempo, contribuindo muito para o embasamento teórico da Revolução Francesa, de consequências decisivas para o progresso da humanidade. Como era de se esperar, foi, imediatamente à sua publicação, condenada violentamente pelo papa Clemente XIII (1759) que procurou, através da censura do governo de França, interditá-la.

Todavia, a tarefa desafiadora foi cumprida por Diderot, que se fez acompanhar de cerca de 160 sábios colaboradores. Em 1772 já haviam editado 17 volumes de texto e 11 de ilustrações representativas, o que significou, para a época, um esforço grandioso, sempre esbarrando com as perseguições dos reacionários do poder constituído e do clero católico.

Ambicionaram os enciclopedistas reunir todos os conhecimentos daquele tempo, expostos em um sistema interpreta- tivo geral racionalista capaz de anular os ensinamentos mágico/ religiosos do ranço medieval supersticioso, ainda nutrido e mantido pela religião institucionalizada.

Ao estruturar um novo campo de conhecimento, à base das ciências experimentais nascentes e das filosofias materialista e monista em construção, a "Enciclopédia" significou um divisor nítido, indicando a nova etapa moderna de movimento e transformação da humanidade ocidental, de capelinos, culminando nos impasses que temos discutido neste fim de século XX.

As lutas desencadeadas nas esferas econômica, política, financeira, quer dizer, nas esferas dos interesses materiais levariam consigo os que se dedicaram aos campos específicos das ciências, das filosofias e artes. Inevitavelmente a Religião e os assuntos espiritualistas gerais teriam de envolver-se no turbilhão desses *interesses* e modificações sociais, coletivas, como também no âmbito familiar, particular.

A Educação, atendendo às diversas orientações filosóficas e econômicas, foi-se adaptando às exigências dos grupos de produção e correntes

governamentais, suas representantes, pois o Estado nada mais significa que a representação das classes dominantes.

*A visão espiritual do mundo, outro tanto, ao se libertar das estritas prescrições do Catolicismo dito *cristão*, *haveria* de tomar formas condizentes com a agitação dos povos mais evoluídos. O Catolicismo, a Reforma em plena expansão e as Igrejas Ortodoxas viram-se obrigadas a um ajustamento ao mundo capitalista em consolidação, e ao socialista embutido nos horizontes do futuro próximo. Porém, em qualquer dessas instituições, o Cristianismo se apresentava deturpado e comprometido o suficiente para poder barrar o Racionalismo em voga. Mas, ao lado do progresso material, as exigências morais e espirituais das coletividades clamavam (e reclamam ainda hoje) por amparo, direcionamento ético e explicações referentes aos magnos problemas do ser e dos destinos, não resolvidos tão-somente pelos postulados materialistas de vida. Paradoxalmente, quanto mais ricos, os povos se acham infelizes, não encontrando um significado plausível para a vida que levam, a não ser na aceitação inerme do egoísmo isolacionista. Porque na tresloucada e espantosa busca da felicidade, encontram-se as pessoas, as multidões, em desassossego e indesejável sofrimento moral. Ao contrário do que se esperava, um grande pessimismo abate-se sobre as nações, e parece que a perspectiva da destruição e do nada se transformaram em fantasmas obsidentes, perseguindo e oprimindo todos. O Espiritismo leigo é, então, convocado ao socorro do povo. Porém, onde encontraria ele a substância pedagógica necessária para atender à demanda de futuro promissor, cordato e feliz? Como explicará o presente de desacertos e contradições da vida das pessoas e das coletividades, sujeitas a provações e expiações às vezes crueis? Encontrarão as gentes nas religiões postas o norte de que necessitam, os esclarecimentos consoladores de que precisam para sustentar as lutas de cada dia, com a consciência plena de sua justiça? Descobrirão o suporte para os ideais de progresso e futuro brilhante nas religiões falidas moralmente e tornadas impróprias para o enfrentamento do Racionalismo e da economia consumista na febricitância do mundo em ebulição anti-fraternal? Certamente que não!*

Ora, ao tomarmos conhecimento, pelas páginas da História, dos lances importantes do gigantesco movimento ascensional da nossa humanidade (encarnados e desencarnados), surpreendemos os Espíritos Superiores mais ativos do que nunca, seguindo as leis da logística espiritual, providenciando, a nosso favor, os meios de equacionarmos e resolvermos todos os problemas. É assim que, nas etapas do nosso evoluir colocaram eles o recurso de uma crença espiritual leiga, normativa e garantidora da conduta da pessoa nas condições naturais de vida, em qualquer lugar do orbe. Estamos falando do Espiritismo. Ora, invariavelmente o curso progressivo dos povos, dentro das novas situações vivenciadas impostas pela liberação do espírito, pediria também uma respectiva interpretação espiritual do mundo. Como as seculares religiões se encontram

cristalizadas e imobilizadas em seus dogmas e conceitos completamente superados e tomados impróprios para a vida de hoje, ofereceram-nos os Espíritos Superiores os elementos básicos de análise e interpretação espiritual de maneira mais condizente com as necessidades modernas. O Espiritismo pretende ser um departamento do processo humano natural de expansão e progresso sempre atuante e atualizado. Toma, portanto, características e sentido processuais, acompanhando o homem nos seus intensos labores de pesquisas e produção. Daí o Espiritismo querer implantar uma fé capaz de enfrentar a razão em qualquer de seus desafios. É matéria integrativa, por isso jamais nos separando do fluxo universal da vida. E para atingir seus objetivos, como sabemos, tomou ete consistência e corpo equalizando-se com as conquistas humanas atuais em todos os aspectos. Por isso definiu-se em três áreas, oferecendo-nos o infinito campo espiritual de estudos e ação: ciência, filosofia e ética. Pretende, assim, como método, identificar-se com a criatura, confundindo-se com o seu próprio ser. É uma perenidade no vir-a-ser, porém direcionada, vectorial, metódica. Visto por esse ângulo, unifica as funções do indivíduo, identificando-o como uma força atuante sempre, mas finalista em si mesma, na expressão do pleno ajuste ao meio circunstancial e da mais completa sensação psicológica de felicidade pessoal. Logo, preenche as requisições racionalistas do mundo moderno, tomando-se uma via eficiente construtiva da personalidade que se poderia almejar.

Quando o século XIX refulgiu, a França representou o reduto de liberdade do pensamento, onde o Espiritismo poderia encontrar guarida e iniciar sua carreira entre os homens. Logrou êxito pelo simples fato de abordar o problema do espírito sem ser religião! Apresentou-se com uma estrutura doutrinal sui-generis, pois tem como controlador básico o departamento científico de pesquisas. Integra os conhecimentos em uma filosofia livre de "espírito de sistema teórico acadêmico", por ser evolutivo como a própria humanidade. Constrói sua ética reinterpretando o Evangelho não mais à luz da Teologia, mas considerando-o como um humanismo flexível e abrangente dos dois planos integrados e contínuos: o dos encarnados e o dos desencarnados, agora vistos não em oposição dual, como nas religiões, porém apenas diferenciados em graus, estudados segundo ordens vibracionais inter-relacionadas na continuidade expressional da mesma vida. Daí poder apresentar a teoria da Reencarnação como explicativa do processo evolutivo do princípio inteligente e do espírito, unificando o Universo em sistemas solidários de experiências e ações recíprocas. Comoveremos mais tarde, no progredir de nossos estudos, na instantaneidade do ser a reciprocidade matéria/espírito perde o sentido pela inexistência do tempo e do espaço, portanto das dimensões, e apenas seremos levados ao tratamento abstrato mas existencial dos "puros-seres", como na doutrina do ser de Hegel. Contudo, terá o Espiritismo, pela frente, barreiras de forte oposição, até convencer as pessoas de que ele não se filia às academias, sendo naturalmente neutro, e nem se institucionaliza em uma religião a mais. É,

isso sim, uma "ciência nova que vem revelar aos homens, por meio de provas irrecusáveis, a existência e a natureza do mundo espiritual e as suas relações com o mundo corpóreo" (Allan Kardec, o Evang. seg. o Espiritismo, cap. I, item 5). É igualmente uma nova filosofia e, com esta característica, procura oferecer às pessoas e em particular aos capelinos de boa cepa que ainda aqui se encontram, o sentido unitário da vida expresso na solidariedade dos mundos habitados. As razões e a necessidade das lutas e aprendizados, com ele, tomarão o conteúdo real, liberando o espírito das brumas da ignorância relativa ao processo de auto-iluminação de cada um. Porque se considerarmos a "iluminação interior" do espírito como a irmanação do "sentir" ao "conhecer" na ação fraternal, teremos encontrado o mecanismo do comportamento básico e das pretensões remotas da alma.

O aspecto científico do Espiritismo oferece sólido alicerce para uma construção doutrinária grandiosa. Os métodos são os mesmos acadêmicos. Mas a diferença especial, e isso é decisivo, está no acréscimo do fator "espírito" nas pesquisas, no conteúdo teórico e nas finalidades das aplicações, tomando-o um território cultural independente e dotado de dinamismo próprio.

Como a "Ciência foi dada ao homem para seu adiantamento em todas as coisas" (LE n.º 19), teria de gerar uma comunidade específica, composta daqueles que a ela se dedicam preferencialmente: a comunidade científica.

Procurando entender as razões mais profundas do aspecto científico do Espiritismo, devemos atentar para o trabalho dos cientistas e sua mentalidade, que se encarnam objetivando desempenhar essa função. Estamos informados de que não pode mais a espiritualidade e a organização humana permanecerem sujeitas ao empirismo primário, ao arbítrio e às ilusões pueris dos chefes religiosos ignorantes da realidade universal e interessados na manutenção apenas de seu poder administrativo social, nos moldes dos tempos já vencidos. A família humana terrena está pronta para um salto adiante, após tantos anos de custoso aprendizado, conforme indica a História. E as ciências particulares se encarregam da desvinculação desse mundo mais adiantado daquele outro, já superado, embora útil no passado. Por isso o Plano Espiritual Superior providenciou o rearranjo da nova sistematização do Conhecimento, impulsionando a humanidade a um saber mais elevado e amplo, graças ao labor científico. O espiritualismo deve ter, de agora para frente, um novo desenho.

O conjunto de encarnados e desencarnados toma um aspecto unitário, naturalmente, quer dizer, cientificamente explicável e representativo da vida e dos seres vivos solidários, habitantes não de um só planeta materialmente inexpressivo do cosmos gigantesco, como a Terra, mas, isto sim, partícipes do infinito universal. Às ciências cabe a revelação desta maravilha e, também, a interpretação básica das leis da catenação dos fenômenos na expressão do ser. Para o desenvolvimento desse esforço, há necessidade, em termos terrenos, de uma ajustagem de espíritos que, em tomando essa empreitada por objetivo,

mergulhem no corpo de carne cômicos da missãõ que devem encetar. Por causa dessa particularidade, sãõ reconhecidos por características especiais.

Daí sabermos que os espíritos ocupados dessa matéria, enquanto cientistas, adquirem uma diferenciada **mentalidade**, que se afasta da craveira comum das criaturas. Sua maneira habitual de ver o mundo é a de uma pessoa interessada em conhecer as intimidades e as minúcias de tudo o que constitui o Universo, todavia sob métodos exatos e rígidos de indagação, adequados aos objetos de sua pesquisa. Um cientista quer conhecer as estruturas e o funcionamento dos seres (quer dizer, de tudo o que existe), porém sempre guiado pela pretensão de explicar o Universo como um quadro lógico e integrado na concatenação fenomênica do cosmos. E dedica-se a esse mister com absoluta consciência de que seu trabalho é indispensável para a humanidade. Assim motivados, entregam-se aos seus afazeres com despreendimento das vantagens de superfície do mundo de usos e utilidades, não raro sujeitando-se a grandes esforços e intensa disciplina. Sentem-se recompensados, no entanto, ao verem o resultado de seus trabalhos se integrar à régia oferta aos habitantes do Orbe, feita pelas ciências particulares, na garantia da felicidade de todos, a partir do conhecimento e domínio da Natureza.

Sob a óptica espírita, um cientista ó sempre detentor de possibilidades especiais no desempenho de tarefas missionárias variadas e significativas. Mas, como qualquer espírito, poderá usar, também, seus talentos para o bem ou para o mal. Pois existem os que preferem aliar-se à tirania de alguns sátrapas governadores arbitrários de grupos de domínio das populações incautas, completamente enganados e iludidos em seus labores especializados no campo do Conhecimento. Mas os outros, movidos pela energia da construção e da fraternidade, enfrentam os maiores tropeços animados de uma grande paixão pela verdade e pelo progresso. Supomos que um cientista, portanto, além de suas qualidades designativas, deve ser classificado segundo o grau de iluminação interior, para podermos compreender bem a comunidade científica e seu caráter social.

O Espiritismo não pode alheiar-se dessa comunidade, porque ela traz consigo a missão de libertar o homem da religião institucionalizada, das superstições, da magia, dos rituais grotescos e primitivos, do geocentrismo, propiciando-lhe os meios positivos para o progresso maior no infinito da alma. 'Contudo se a ave não pode voar com uma asa apenas, o espírito, igualmente, não volitará no universo da construção, da fraternidade, do conhecimento superior, da euforia de ser, antes do equilíbrio entre "cérebro" e "coração".

É nesse sentido que a "ciência espírita" se afirma nova. Quer afiar a pesquisa objetiva do Universo, na perspectiva de sua estrutura e de seu desenvolvimento funcional, como procedem as ciências particulares, mas na síntese interior do espírito, quando se dá o encontro do saber científico com as finalidades morais da

vida. A unidade dos valores maiores no recesso do espírito é o que lhe caracteriza o grau, numa combinação ajustada e proporcional para que se compreenda a existência humana na plenitude das suas realizações.

O verdadeiro treinamento dos espíritos cientistas demanda tempo, muito tempo, escoado no suceder das encarnações. Não se improvisa um cientista, nem um filósofo ou um artista. São espíritos que, espontaneamente, se afeiçoam a um tipo de experiência, aperfeiçoando-a através das reencarnações especiais para isso.

O espírito do cientista desenvolve certas qualidades pessoais, e a sua segunda natureza lhe pede, sempre, conhecer antes de atuar. Está constantemente disposto a interpretar e conceituar o real e sistematizar os aspectos dessa realidade aceita como o resultado de pesquisas, feitas obedientes a bitolas previamente estabelecidas; por isso mesmo, podendo ser repetidas por qualquer pesquisador, em qualquer lugar do mundo, obtendo-se invariavelmente o mesmo efeito. No conjunto, tem o intento de fabricar um modelo intelectual do Mundo, onde as sequências dos fenómenos naturais se expressem conjugada, simples e eficazmente, tomando o Universo transparente ao entendimento de todos, assim ajudando-os na construção de sua própria felicidade.

O cientista tem uma natural curiosidade científica, educada contra a obscuridade, a confusão, a vanidade, a superstição, a assistematização e o princípio de obediência acaudilhada. A plena liberdade é o seu hausto interior, sem o que não pode trabalhar e produzir criativamente.

O clima de liberdade é de grande importância para que o cientista possa entregar-se por inteiro à pesquisa, identificando-se vibracionalmente com o que perquire. Somente um cientista poderá avaliar as emoções que a desmontagem da Natureza e a compreensão de sua leis lhe desencadeiam no espírito. Estes momentos íntimos não são compartilháveis pelos outros; são únicos e incomunicáveis, pois a visão "interior" do Universo, acompanhada sempre da mais profunda e esplendente euforia do conhecer é exclusiva e singular. Cada um vibra no grau que lhe é próprio e exulta nos sentimentos que lhe surgem dos recessos do ser. Ainda mais, o espírito cientista deve manter uma constante relação, não apenas sentimental, mas principalmente intelectual com os objetos de sua pesquisa, razão pela qual exclui tudo o que lhe distraia a atenção. Este estado de constante preocupação é espontâneo, levando-o a um natural recolhimento, às vezes confundido com pedanteria. Mas não é o caso, pois trata-se de, apenas, uma vigilância contínua provocada pela intensa motivação e por grande concentração nas pesquisas. A Natureza é extremamente avara de seus segredos, não os revelando a não ser à custa de total dedicação do pesquisador, por isso se esforçará ele para apreender até os mínimos, sutis e fugazes sinais no trabalho e estudo, sem perda de atenção. Essa atividade assim concentrada, diga-se de passagem, não é para ele nem cansativa nem desgastante, porque uma das

características do cientista é a paixão dos fatos, com o que construirá suas verdades. Isso impõe um hábito de rigor nas disposições das ideias e de economia de tempo. Como cientista, usa de um linguajar técnico próprio de sua área de atuação e trabalha sempre isolado, ensimesmado, ainda que num laboratório de pesquisa compartilhada. Um cientista não pode ser apaixonado. Está diante dos fatos, que têm existência própria, agrade ou não. Sua atitude terá de ser a do espectador que procurará relacionar, interpretar, manipular o existente, e não fabricar a Natureza segundo o seu querer, os seus projetos e as suas conveniências. Os fatos são abordados e o cientista lhes seguirá os caminhos para o conhecimento e a demonstração, como um descritor competente e autorizado. Para isso terá de aprimorar-se ao extremo, tanto na teoria quanto na prática das experiências.

Quer dizer que não terá quase nenhuma disposição para o lazer, que lhe parecerá uma simples e inútil perda de tempo. Afasta-se do ponto de não concluir nada por antecipação, a duvidar da obtenção de resultados apressados, resguardar-se do que é apenas sedutor. Para o comum das pessoas, os cientistas não passam de uns inveterados cépticos. Na verdade não é assim. A cautela no afirmar é uma das características da mentalidade científica. O que se procura é a perfeição metódica na busca da verdade que, afinal, se revela na conformação do pensamento científico com o seu objeto de pesquisa imediata. Exige, portanto, uma sequência de operações desde a construção de uma hipótese até à conclusão, depois das comprovações necessárias. Já se vê que a convivência de um cientista com as pessoas comuns, fora de seu âmbito de trabalho, se apresenta problemática e, às vezes, impossível. A troca de ideias e os entendimentos sobre o mundo tornam-se, de fato, difíceis entre eles porque os conhecimentos especializados e a disciplina metódica do pensar do cientista não se compatibilizam com a liberdade na exposição normalmente aproximativa, descompromissada e, quase sempre, ilusória das criaturas comuns. "A classificação dos fatos, bem como o reconhecimento das suas sequências e do relativo significado de cada um, é a função própria do trabalho científico, e o hábito de ajuizar sobre esses fatos, sem deixar-se desencaminhar pelos sentimentos próprios, é característico do que se pode chamar a estrutura científica do intelecto" (Gramática da Ciência - K.Pearson).

Nas ciências particulares os cientistas se identificam muito com os resultados das experiências, que nada mais significam do que o apressamento da atividade da Natureza em seu vir-a-ser, sob o controle do homem. Mas, entendemos que na estrutura da experiência estão três fases: a da sondagem, que, embora pareça esquisito, é um equipamento material sob o domínio intelectual, teórico, capaz de explorar ou perturbar o objeto em exame, anotando-se-lhe o comportamento reacional; a da caracterização do objeto ou alvo, pelo acercamento da sondagem e evidencição dos seus dados de permanência e, enfim, a detecção metodizada e

sistematizada dos dados, com a devida interpretação conclusiva. É através dessas operações que o conhecimento científico se vai construindo.

Acrescenta-se o fato de que o curto espaço de uma vida é muito pouco tempo para o aprendizado efetivo, pois as experiências e todas as pesquisas numa determinada área da Ciência, como a Física, a Química, a Biologia, etc., são bastante complexas e delongadas. O que podemos experienciar e concluir é precaríssimo diante da infinidade das disquisições a serem feitas. As novas descobertas e as revisões do conhecimento se sucedem velozmente na comunidade científica e mesmo numa área restrita de pesquisas em que preferentemente trabalha um cientista terá ele apenas algumas das muitas possibilidades de manter-se completamente e sempre bem informado das pesquisas teóricas e práticas que se fazem.

"Efetivamente, como é natural, a noção do saber universal foi sempre uma ilusão; mas uma ilusão provocada pela visão monística do Mundo, na qual algumas grandes verdades fundamentais determinam em toda a sua maravilhosa e pasmosa fecundidade tudo o mais que é verdade. Hoje não nos seduz a busca dessas chaves que nos revelam a totalidade do saber humano e da experiência do homem. Sabemos que somos ignorantes; ensinaram-nos isso muito bem, e com quanto mais certeza e profundidade nós conhecemos a nossa tarefa especial, mais capazes somos de apreciar até que ponto vai a nossa permeante ignorância. Sabemos que tais limitações nos são essenciais, e que elas são constituídas, sem dúvida, e exageradas por essa indolência e essa pobre autocomplacência, sem as quais não seríamos homens... É certo que nenhum de nós sabe muito; e muitos de nós chegarão ao fim dos seus dias sem compreender em todos os pormenores e em toda sua beleza as maravilhas descobertas mesmo num só ramo de uma só ciência" (J.R.Oppenheimer - *Ciência e Saber Comum*, pgs. 105 e 109).

Estando convicto desta verdade, é o cientista uma pessoa muito modesta e simples, não se deixando influir pelas aparências, mas buscando a real extensão das coisas e dos concertos, o que lhe traz sempre à mente a famosa frase de Sócrates. "Só sei que nada sei".

Para chegar a este ponto do saber, contudo, o quanto não teve ele de caminhar!...

Geralmente o homem comum não percebe o esforço continuado de um cientista para elaborar a maneira de ver as coisas e procurar manter a clareza mental, pretendendo tomar o universo circunstancial diáfano, em um modelo inteligível para todos, onde os acontecimentos demonstrassem o sentido de sua interconexão na infinidade das sequências fenomênicas. Ao lado dos paciosos e hábeis trabalhos experimentais, ainda obriga-se o cientista a arranjar tempo e calma suficientes para leituras obrigatórias e meditação aprofundada. "A índole científica só pode ser engendrada quando sejamos ativa e energicamente científicos".

Porém, deixando, neste ponto, de prosseguir na caracterização da mentalidade dos cientistas, não nos esqueçamos do aspecto da revolução promovida pela Ciência ao direcionar a Técnica e conduzir o pensamento, em todos os níveis livre das restrições impostas pela ignorância e pelos dogmas institucionalizados.

O mundo assim renovado tomou-se imune aos pruridos das Religiões, comprometidas, para sempre, com o atraso de vida e a espoliação do povo. Por isso, o Espiritismo (proposição dos Espíritos Superiores) não poderia comparecer com os defeitos e os vícios das religiões existentes. Teria de apresentar-se vestido de nova roupagem de informações, cujo visual não assustasse no primeiro impacto. Mesmo assim, até hoje não convenceu totalmente sobre seus fundamentos humanísticos naturais. E a culpa disso recai sobre aqueles que, ingênuos, inconscientes ou ainda dolosamente, vêm tentando transformá-lo em mais uma religião. É lamentável que isso aconteça, porque, tendo visto o que significa, em linhas gerais, a "mentalidade científica", compreendemos que a novel Doutrina dos Espíritos conta com uma certa faixa de encarnados e desencarnados prontos para sustentarem o reconstruir do edifício cristão, mas segundo as compatibilizações corretas do homem em seu mundo, em seu universo verdadeiro. Com os avanços científicos e tecnológicos de hoje, claro que o Espiritismo se obrigue a ser, também, científico no aspecto básico de fundamentação do Universo, incluindo o homem, ou, de outra maneira, inevitavelmente desaparecerá na poeira das inutilidades do mundo religioso, de atraso e ignorância, que se esboroa nesses tempos modernos de profundas modificações sociais.

Sob o aspecto científico, o Espiritismo comparece como proposição natural de estudo a respeito do espírito, no concernente a origem, desenvolvimento, participação nos acontecimentos e destino. Exclui o sobrenatural e estabelece as leis do relacionamento entre as fases de encarnados e desencarnados. Procura conhecer a estrutura do Universo, pelo aspecto astronômico; a Física, desde as manifestações energéticas e, em especial, a intimidade da matéria, até às grandiosas construções do megacosmos; o relacionamento dos átomos e ions na infundável transformação das substâncias e a química dos seres vivos; a biologia na expressão das plantas e dos animais; o homem projetado na sociologia, no direito, na psicologia, enfim, como afirmara Allan Kardec, tocando todos os departamentos da atividade espiritual e humana.

A ciência espírita vai pesquisar nas áreas da física quântica/reiativista e subatômica, da química do mundo inorgânico e particularmente na bioquímica, à procura do relacionamento energético denominado, a grosso modo, de "perispírito", referente ao homem, e de "duplo energético" para o princípio inteligente dos vertebrados; vai trabalhar no assunto vida, que é uma expressão da matéria (LEn°63a67)eno "espírito", sob o aspecto do entrosamento matéria/energia; vai pesquisar e procurar o meio de demonstração racional do "princípio intefigente" surgido e expandindo-se até transformar-se em espírito,

enfrentando os postulados agnósticos marcados pela incapacidade atual de se conhecerem as origens do Universo

exterior, e o interior do próprio homem (LE nº **10,14,17**). Terá a seu encargo estabelecer as leis do domínio sobre a estrutura e a função do cosmos e a espécie de "sociologia" aí reinante, no que diz respeito ao "espírito". Terá de descrever e explicar a gigantesca experiência que Jesus e seus prepostos vêm fazendo na Terra desde a sua formação, há cerca de **4 bilhões e 500 milhões** de anos, e a *fase vital*, desde cerca de **2 bilhões** de anos, quando a "vida" começou sua carreira à face do planeta; terá de contar e sistematizar o trabalho dos Espíritos feito com os seres vivos, principalmente com as mais de **13 milhões** de espécies vegetais e animais que surgiram e desapareceram no escoar dos tempos geológicos, e cujo testemunho a Paleontologia nos revela; terá de determinar e explicar o significado da função adaptativa dos seres vivos transformando-se em esforço evolutivo; e assim por diante. Ora os temas científicos são contados aos milhões, pedindo dedicação e pesquisas corretas, oferecendo ao Espiritismo os suportes adequados para assentar seus postulados doutrinários de acordo com a realidade.

Como sabemos, os assuntos espíritas começaram a ser tratados cientificamente no século passado. Muitos cientistas não espíritas, na velha e culta Europa, lhes dedicaram um pouco de atenção e tempo. Mas, no correr dos dias, o determinismo dos acontecimentos mundiais, nossos conhecidos, interromperam esse interesse, e nada mais se fez em sua direção.

Muitas pessoas, hoje, referem-se ao pouco realizado no passado, mas usando uns tantos chavões e alguns termos empolados, dizendo estarem tratando de assuntos científicos espíritas! Outros, não se sabe porque, consideram os fenômenos me- diúnicos como sendo o tal do aspecto científico do Espiritismo. Chegam a dizer que O Livro dos Médiuns de Kardec representa a parte científica do Espiritismo... Trata-se, evidentemente, de opiniões de expositores doutrinários alheios ao domínio científico; serão, sem dúvida, pessoas de boa vontade, porém sem preparo, sem propedêutica científica, não cientistas, sem a mínima noção do que seja o trabalho científico legítimo.

Na verdade não existe, ainda, uma comunidade científica espírita. Pois, onde os laboratórios próprios para os estudos do espírito em sua atuação material? Quais as revisões a serem feitas na morfologia, na fisiologia, na heredologia à base dos trabalhos experimentais, laboratoriais, comprovadores, à luz da metodologia acadêmica corrente, do espírito no corpo de carne? Como o espírito elabora o pensamento e controla o cérebro na sua expressão formal? E as questões do princípio inteligente nos animais da série dos vertebrados? E os graves problemas da progressão evolutiva, culminando com os contactos da etologia (não confundir com ecologia) transmutante em psicologia? E os problemas morfo/fisiológicos nas relações de fecundação, embriologia e relacionamentos das mães e filhos humanos e fêmeas e suas crias entre os mamíferos? E as questões referentes ao banco de

reserva das unidades de princípio inteligente, tanto hoje como no passado, nos milhões de anos dos períodos geológicos? E as questões da simetria evolutiva das seriações vegetais desde os protófitos aos antófitos, e dos animais desde os protozoários ao homem? E as provas referentes à transformação do princípio inteligente dos pré-hominídeos em caracteristicamente humanizados? E a função vital da matéria, a questão da biogênese, na Terra e nos confins do Universo, como está sendo pesquisada nos laboratórios dos cientistas espíritas? Qual o programa de trabalho experimental vêm desenvolvendo os "naturalistas" os "físicos", os "químicos", quer dizer, os auxiliares de Jesus, nestes cerca de 2 bilhões de anos de existência da biosfera planetária? Como se relaciona o Espírito com a Matéria, atuando sobre ela e recebendo-lhe as influências?

É óbvio não esperarmos respostas imediatas para estas e outras milhões de perguntas pertinentes, porque sabemos não existir por agora uma comunidade científica espírita constituída e pronta para isso. Estamos apenas interessados na movimentação do assunto, pois há cientistas que adotam o Espiritismo como doutrina de estudos teóricos mais avançados, como já indicava Kardec no O Livro dos Espíritos, Introdução VII. Mas estão eles entregues a seus trabalhos profissionais, cuidando da ciência acadêmica de sua especialidade, ainda alheios da ciência espírita que, sem dúvida, será uma realidade, mas, no futuro...

Cientificamente falando, não basta, por exemplo, a afirmação de que no corpo do homem habita um espírito, cujo perispírito executa a função de ligação do ser pensante ao corpo de carne. Ciência não é afirmação de autoridade, não se estriba tão-somente na palavra de pessoas idôneas, é claro, mas é pesquisa comprobatória e impessoal imposta pela sua própria objetividade.

É por isso que o método científico passa a ser o regulador básico da crença espírita (estamos dizendo espírita e não confundir com espiritualista). Sem esse escudo de proteção, o Espiritismo recairá, inevitavelmente, na estaca zero das religiões dualistas, do fanatismo, da superstição, incapacitando-se também de explicar o mundo ao homem perplexo do século XX.

Com a mentalidade bosquejada linhas atrás, o cientista deve ser considerado como um trabalhador de Jesus, especializado (LE nº 617) na análise do Universo, senso lato, mesmo não se filiando a nenhum setor confessional e considerando-se, até, averso a qualquer referência religiosa. Pela esteira das inumeráveis reencarnações por que tem ele passado, como qualquer outro mortal, essa questão perde todo o sentido, pois na sua identificação com a Natureza ele, consciente ou inconscientemente, estará lidando com as coisas "de Deus". Que importa se, neste momento solene de desmontagem do Universo, para esmiuçar-lhe a estrutura, esteja o cientista preocupado com as religiões? O que lhe compete é surpreender as leis regulamentadoras do cosmos, da Natureza, tentando oferecer uma possível unidade de pensamento para o homem entrosar-se no todo universal, na tentativa de lhe indicar o significado da sua existência e as razões verdadeiras das suas

intensas buscas garantidoras da mais radiosa felicidade pessoal. O Universo é assustadoramente grande e arrasadoramente complexo, como ainda pouco conhecido para ser simplificado em magias, ritos, totens e exercícios de imaginação teologal, resumido em infantis crenças antropomórficas ridiculamente geocêntricas!

Hordienamente, a mídia (meios de comunicação social, como rádio, TV, jornais, revistas, filmes, etc.) tem-se aplicado na divulgação das espetaculares conquistas da Ciência e da Técnica, mostrando a grandiosidade dos céus através das pesquisas feitas pelos poderosos laboratórios astronômicos, como pela devassa dos espaços cósmicos promovida com o auxílio de naves e sondas siderais. O microcosmos, por sua vez, já revelou até os mistérios do turbilhão subatômico. E o homem encontra-se, pasmosamente, no limiar dos cânones da "vida" e da presença do "espírito" na Natureza. Todavia, somente a "Ciência Nova", proposta por Kardec e referendada por Emmanuel e André Luiz, na psicografia de Francisco Cândido Xavier, terá as condições de promover a síntese final do conhecimento científico. Mas não se iluda alguém pensando que isso já esteja pronto e ao alcance dos entusiasmos ingênuos ou das aventuras quixotescas dos mais afoitos. Esta síntese de conhecimento está à espera da organização dos grupos de pesquisa, não nos moldes da superficialidade ou das *brincadeiras* das "escolas modernas", mas na profundidade, na erudição e no esforço total de espíritos preparados para o desempenho desse formidável empreendimento.

A Ciência Nova espírita, tão esdrúxula para os acadêmicos nossos contemporâneos, será aquela naturalmente posta no mundo de regeneração. E hoje, no entanto, uma simples antecipação, por isso mesmo, na sua extemporaneidade, não aceita a não ser pelos espíritos que respiram, por antecedência, num clima de futuro distante. Poucos são os que alcançaram esse grau e se encontram, conosco, dentro da carne, preparando os caminhos daquele futuro. Portanto, é muito importante compreendermos porque, desde as observações de Kardec a respeito desse item, até agora, não termos como filiar as lides da ciência espírita às academias do mundo. Por uma questão de método e de objetivos, essa mistura não se pode fazer, não por preconceito ou discriminação gratuita, mas devido a dogmas e incompatibilidades teóricas. Consta que na Grécia Clássica os notáveis de uma cidade-estado, por exemplo, quando se reuniam para decidir sobre os preceitos e leis reguladoras do comportamento geral, chegavam a um acordo e estabeleciam as opiniões que, decretadas, valiam até decisões em contrário, tomadas sempre no mesmo conjunto de opinantes. Essas opiniões, decisões, decretos constituíam os seus dogmas (dóigma, atos = opinião, decisão, decreto, sentença). É também assim na comunidade científica de hoje a respeito de seus cânones. Porém, particularmente, em núcleos definidos e sem os impedimentos do oficialismo, é claro que cientistas espíritas queiram pesquisar nova maneira. Os resultados, e somente os resultados experimentais dessas

pesquisas poderão impor-se. Teorias soltas, especulações eruditas, projetos apenas literários não podem abalar os dogmas científicos solidamente alicerçados montados sobre uma completa intolerância a respeito de assuntos religiosos, representativos de uma época obscura e de ignorâncias já deixada na retaguarda de sombras do primitivismo social humano.

O aspecto científico do Espiritismo apenas se esboça, alertando os missionários encarnados para essa área de sua competência. Todavia já é um início suficiente para manter em guarda os que pleiteiam uma crença mais elevada e livre do primarismo do mundo de provas e explicações onde ainda nos encontramos. Aqui atentamos para o fato de que a marcha da projeção e do desenvolvimento do trabalho científico é complicada e obedece as regras e postulados estabelecidos pela comunidade científica em congressos internacionais. Tudo o que se afastar dessas prescrições será rejeitado. É por isso que os cientistas costumam não levar em conta as afirmações simplórias e assistemáticas dos homens do povo sobre o "espírito" e suas manifestações entre nós. O que não significa deixarem eles de anotar os fatos inusitados ocorrentes no mundo fenomênico do mediunismo. Apenas não os estudam, enquanto cientistas engajados nas pesquisas acadêmicas, por faltarem-lhes a metodologia adequada e a sistematização teórica apropriada.

Mas o Espiritismo não se limita, simplesmente, a registrar fatos, como se a Natureza fosse apenas descritiva. Ele é, também, interpretativo. Daí possuir o segundo e importantíssimo aspecto, o filosófico. Exatamente porque, ao tratar do Espírito, globaliza o Ser, portanto, o Conhecimento. Ciência quer dizer, antes demais nada, descrição analítica, esmiuçadora; filosofia, ao contrário, é interpretação sintética.

A Ciência, na sua tarefa objetiva, procura reduzir o complexo ao simples, o todo em partes, o obscuro e incompreensível em simplicidades transparentes. Esse processo de diminuição do todo em seus componentes mínimos e singulares tem o nome de análise, e a evidenciação das características das partes chama-se exame. Para isso acontecer é necessário a convergência das energias do observador no objeto de interesse imediato, excluindo o que for circunstante, naquela atitude que se denominou de atenção. É quando o observador atento procura apreender todas as "informações" colhidas no exame. Notando isso, quer dizer, que os cientistas em trabalho estão sempre aiheados do mundo e presos solitários em seus afazeres, o povo costuma dizer que eles são pessoas distraídas, desatentas do que se passa ao derredor. Mas é que eles, quase sempre, estão preocupados com seus objetos de estudos nos laboratórios, no campo, nos céus, ou nos fenômenos interiores do espírito. Essa disciplina de comportamento ressalta a imposição da imparcialidade e da objetividade dos estudos e pesquisas. E pesquisa significa a procura do novo, do esclarecimento do que é obscuro, ininteligível e desconhecido, do encontro dos elos de uma corrente do pensamento ou das peças de um quebra-cabeça qualquer da Natureza.

Nisso, no entanto, não procura o cientista "os valores e possibilidades ideais das coisas, nem de sua significação total e final; contenta-se de mostrá-las em sua atuação no presente e focaliza resolutamente a atenção na natureza e no processo das coisas tais quais são". O cientista basta-se nos limites da ciência particular a que se dedica, mesmo porque as pesquisas que terá de fazer são tantas, que uma vida só não lhe permitirá realizá-las. Às vezes um determinismo leva a um tema tão complexo e difícil, que somente ele esgotará a existência toda de um pesquisador!

Ora um cientista é um espírito como qualquer outro; tem iguais necessidades, e como cidadão do Universo quer compreender a vida e encontrar o significado de sua própria existência e de seu destino. Precisa, portanto de explicações abrangentes que o convençam da conveniência esplêndida de viver e lutar pela harmonia de seu mundo interior e de suas relações com o meio onde moureja, como também sente a compulsão de participar ativamente no esforço conjugado dos outros para que isso se tome uma realidade coletiva.

Essa tarefa maior de interligação dos fatos culturais extrapola o âmbito propriamente científico e pede métodos diferenciados de trabalho intelectual. Porque o espírito não é comparável, não se fragmenta; compreende, sente, age, reage, almeja, ama, quer dizer, funciona integralmente. O espírito é um todo em operação completa. Logo, além dos conhecimentos parciais do corpo universal onde se acha embutido como parte pensante, precisa de uma base de especulação geral, esférica, integradora. Mas isso só é possível através da atividade intelectual do filósofo.

O Espiritismo explica que este filósofo é também um espírito dedicado à causa do progresso da cultura, objetivando a demonstração do lugar do homem no tempo e no espaço universais. Trata-se de um espírito treinado na sucessão reencarnatória e que toma a carne no firme propósito de viver apaixonado pelo saber e pela humanidade, fazendo de sua existência um paradigma de esforço, estudos profundos, desprendimentos dos bens passageiros e, principalmente, de amor pela verdade e pela nobreza de caráter. É pacífico, compreensivo, sempre de maneiras educadas, sábio, sensível ao belo e grande admirador da Natureza. Quando nos trabalhos específicos de sua área de competência, usa de linguajar técnico tão rígido que se toma, infelizmente, incompreensível para o comum dos mortais e mesmo para muitos cientistas. O filósofo também possui uma mentalidade própria, como o cientista em seu mundo particular, regida pelo chamado "espírito filosófico", que não está ao alcance do vulgo. Quer dizer que o "espírito filosófico" se acha em constante trabalho de construção intelectual, relacionando fatos, acontecimentos, pessoas, em quadros lógicos e integrados, sem jamais perder a noção do conjunto. É sempre abrangente, exigindo, além de grande erudição, uma capacidade especial de abstração meditativa, em que as coisas se representam por conceitos na fluidez e imponderabilidade da alma. É cauteloso no concluir, o que faz, sempre, depois de intensos e extensos estudos e análises. Não saí, nunca, dos

métodos e da disciplina emocional, quando colima a honesta procura da verdade. Dai o costume atual de divulgação do pensamento filosófico em termos literários acessíveis ao grande público, quando é feita uma tradução em linguagem comum e em sínteses bem planejadas. Esta é uma providência necessária, sem a qual a cultura filosófica se enclausura em núcleos herméticos, perdendo sua função social.

O trabalho cultural do filósofo difere daquele do cientista. É como diz o filósofo-historiador Will Durant: - "O filósofo não se satisfaz com o descrever o fato; quer apreender sua relação com a realidade das coisas em geral e por esse meio alcançar sua significação e valia; combina os fatos em sínteses interpretativas; experimenta entrosar, melhor do que antes, as peças do grande relógio do universo, as quais o cientista investigador já examinou separadamente". "Observar os processos e construir meios é ciência; criticar e coordenar os fins é filosofia; e como nestes dias nossos meios e instrumentos multiplicaram até além de nossa interpretação as sínteses, os ideais e os fins, nossa vida se encheu de estrépito e agitação sem significação alguma. Pois um fato nada é, exceto em sua relação com o desejo; ele não é completo a não ser em relação a uma finalidade e a um todo. A ciência sem filosofia, os fatos sem a perspectiva e a compreensão dos valores, não nos podem salvar da ruína e do desespero. A ciência dá-nós o conhecimento, mas somente a filosofia nos pode conferir a sabedoria".

E é para atingir esse objetivo tão grandioso que o corpo técnico da filosofia se divide, grosso modo, nos seguintes domínios: a lógica, a estética, a ética, a política e a metafísica.

A Lógica normatiza e metodiza a maneira de pensar e, nas conclusões, pretende ter alcançado o certo e verdadeiro. Mas isso no mundo dos símbolos, porque em Hegel a lógica não é formal, mas concomitante com o pensamento que concebe. A Estética é o estudo da forma ideal desencateadora das mais profundas emoções do belo; é a filosofia da arte. A Ética é o estudo do procedimento ideal de acordo com o grau do espírito; o que vem a significar a procura perene do ser moral. A Política é o estudo da organização social (não confundir com a arte e as manhas da obtenção e conservação de cargos públicos, para, principalmente, a prática das mordomias odiosas e da corrupção impune). A Metafísica é o estudo da "última realidade" de todas as coisas, da natureza do espírito, ou Psicologia Filosófica; da correlação do espírito e da matéria nos processos da percepção e do conhecimento, ou Epistemologia Filosófica.

O Espiritismo informa-nos que os capelinos, ao tomarem a carne em nosso planeta, além de se beneficiarem com as possibilidades do recomeço de sua edificação própria, conferiram à Terra as características de um orbe de provas e expiações. Quer dizer com isso que o progresso e a edificação dos espíritos, desse ponto em diante, tomavam um caráter de conscientização sob o controle administrativo de grupos hierarquizados. Desde que foi inaugurada a agricultura,

imobilizando grandes tribos antes nômades nas terras onde agora plantavam e colhiam, as oportunidades da educação senso estrito cresceram muito. Dessa circunstância nova nasceram a família, a propriedade privada e o Estado. O mundo de hoje é o resultado dessa remota e inicial experiência. Pelo acréscimo de conhecimento e rememoração da cultura anteriormente adquirida na distante Capela, recomeçaram suas aventuras do pensamento aqui, nos territórios virgens da Terra primitiva. As indagações doridas que faziam sobre os céus e o ambiente circunstancial nesta nova jornada evolutiva foram acordando os conhecimentos antigos e acrescentando outros, no convite aos mais notáveis capelinos a se pronunciarem e tentarem o estabelecimento das normas de comportamento mais adequadas aos objetivos de exilados nos- tálgicos daquela pátria distante.

Desde o início, as lutas pelo esclarecimento revivido na fraternidade da ação vêm solicitando a supressão do paradoxo esquisito do desligamento do saber do sentir, no separatismo dos próprios patrícios neste degredo doloroso. E após milênios de intensas e penosas indagações, segundo conta a História, ainda hoje, diante da resistência à diluição e o apagamento das desavenças arcaicas, Emmanuel argumenta: - "A razão sem sentimento é fria e implacável, como os números, e os números podem ser fatores de observação e catalogação da atividade, mas nunca criaram a vida. A razão é uma base indispensável, mas só o sentimento cria e edifica. É por esse motivo que as conquistas do humanismo jamais poderão desaparecer nos processos evolutivos da humanidade" (O Consolador, nº 198).

Aqui está o gravíssimo problema dos capelinos: a desvinculação do sentimento do intelecto, de tal maneira que as ciências e filosofias jamais conseguiram atingir seus altos e nobres objetivos de construção da paz e manutenção da concórdia. Lutas, lutas e mais lutas no tropel das civilizações, no perpassar dos milênios, sem paz e sem concórdia! Pois a solução do problema da fraternidade vem do sentimento, e de nada mais. Porém isso parece ser quase incompreensível para os exilados da Capela. Até hoje não puderam conceber um mundo fraternal, reiterando sempre ateiosia no viver egoístico. Dai ter judiciado Emmanuel" - "Falastes demasiadamente de razão e permanecéis na guerra da destruição, onde só perambulam miseráveis vencidos; revelastes as mais elevadas demonstrações da inteligência, mas mobilizais todo o conhecimento para o morticínio sem piedade; pregastes a paz, fabricando os canhões homicidas; pretendestes haver solucionado os problemas sociais, intensificando a construção das cadeias e dos prostíbulos".

"Esse progresso é o da razão sem a fé, onde os homens se perdem em luta inglória e sem fim" (Idem, nº 199).

Mas, esperando pacientemente a remodelação deste quadro melancólico da incúria humana, sem desfalecimentos ou oscilações, e considerando os grandes esforços dos avatares da grei capelina, no campo específico do Conhecimento, o

Plano Espiritual Superior tem procurado amparar e ampliar todas as atividades conducentes à paz e à fraternidade. Mas é tarefa difícil, muitodifícil mesmo, e complicada, essa de convencer os eruditos exatamente pela via intelectual. Costumam ser inflexíveis em suas concepções culturais. Apesar disso, as correntes de pensamento se criam constantemente e desenvolvem a missão do esclarecimento e auxílio na grande romagem terrena. Desde todo o sempre, vem a indagação mais profunda do espírito tentando desfazer o egoísmo, causador de tanto sofrimento que sabemos acompanhar os passos dos homens em suas sentidas tentativas de elevação. A Filosofia Espirita, nas características diferenciadas que nos aponta ao pensamento renovado em Cristo, deseja ardentemente colaborar para que isso se dê.

Ciência e Filosofia pretendem, portanto, o aperfeiçoamento e a libertação do espírito de suas amarras de ignorância e das "dores do crescimento", levando Emmanuel a afirmar: - "Ciência e Filosofia se completam no campo de atividades do mundo, como dois grandes rios que, servindo as regiões diversas na esfera da produção indispensável à manutenção da vida, se reúnem em determinado ponto do caminho para desaguardem, juntos, no mesmo oceano, que é o da sabedoria" (Idem, nº201).

No estudo filosófico do mundo, os gigantes do pensamento propuseram doutrinas e explicações complexas, cada uma pretendendo resolver os maiores problemas do drama da vida humana, os seus mistérios e a sua finalidade. Principalmente os gregos clássicos deram o grande exemplo dessa arrojada empreitada intelectual, e de quase três mil anos para cá, temos assistido à saga maravilhosa das proposições filosóficas, ambiciosas de fazerem os homens mais sábios e felizes. Mas, em vão. Mesmo assim, nessa tentativa vêm-se sucedendo os "ismos" doutrinários, sempre esperançosos de atingirem aquele desiderato: Idealismo, Racionalismo, Cepti- cismo, Materialismo, Atomismo, Estoicismo, Epicurismo, Gnos- ticismo, Maniqueísmo, Mecanicismo, Empirismo, Realismo, Pessimismo, Positivismo, Pragmatismo, Existencialismo, etc., etc.. Por fim, o Espiritismo.

Quer dizer que aqueles homens destinados a firmarem os postulados da Doutrina dos Espíritos em termos realmente filosóficos, terão um complicado e imenso campo de trabalho pela frente. Podemos imaginar o quanto será difícil cotejar criticamente o conhecimento filosófico de todos os tempos, na profundidade e na extensão exigidas, com o Espiritismo em seus fundamentos reencarnacionistas e evolutivos, para apresentá-lo como doutrina original, oportuna e insubstituível) Tendo por fundamento conceitos agnósticos, tem ele ainda de estudar, comparativamente e no significado logístico espiritual o pensamento religioso, como o Judaísmo, Islamismo, Budismo, Hinduismo, Shintoísmo, etc., e seu significado sociológico.

Ora os postulantes ao grau de "filósofos espíritas", além da extrema erudição

que devem apresentar, terão de lidar com a humanidade unificada (encarnados e desencarnados) pela via mediúnica, e isso, todos sabemos, nas condições atuais do Umbral terreno, é bastante complicado. Naturalmente estamos supondo que ninguém se atreverá a brincar de "filosofia espírita" nas ligeirezas eborboéticas dos modismos da sociedade de consumo dos dias de hoje. Porque trata-se de assunto gravíssimo, que é o da reconstrução da crença e da edificação do palácio do Conhecimento próprio do mundo de regeneração que se avizinha. Os desafios de agora, nestes instantes finais do fechamento de um ciclo evolutivo planetário, são os mais chocantes e espinhosos de todos os tempos do evoluir da nossa humanidade. Por isso pede almas experientes e dispostas aos maiores sacrifícios, o que quer dizer serem elas, portanto, das mais esclarecidas e interessadas no sucesso espiritual de todos.

A ciência espírita oferece um forte apoio aos eruditos intérpretes do Cristianismo, à luz de uma filosofia compatível com as imposições da visão, ampliada ao infinito, do homem moderno. Os desencarnados, em sua especial organização social, como revela André Luiz na psicografia que nos oferece pela mão de Francisco C. Xavier, não se contentarão, por sua vez, com a perenidade das obsoletas restrições religiosas dogmáticas impeditivas de vôos mais altos, rumo às regiões mais elevadas da Espiritualidade. Com a grande transmigração dos Espíritos incapacitados moralmente de permanecer aqui, conforme é do nosso conhecimento, a Terra se verá livre das pressões umbralinas, pois o Umbral desaparecerá, e a existência humana no cerce do Orbe decorrerá em condições de um outro dinamismo, sob a óptica de novas verdades e mais dilatadas ações mediúnicas. Com isso, cresce a responsabilidade dos seareiros de Jesus, neste momento alimentadores da grande revolução espiritual da Terra. Esse ideal de luta é muito forte, às vezes reforçado pelas informações e como estímulo de grandes missionários, como Emmanuel, que nos explica, por exemplo, o seguinte: "Como o progresso não conhece obstáculos, os artigos de fé equivaleram a estagnações isoladas. Se conseguiram satisfazer à humanidade em período mais ou menos remoto da sua evolução, caducaram desde que o laboratório obscureceu a sacristia".

"A Ciência desvendou ao espírito humano as perspectivas inconcebíveis do infinito; o telescópio descortinou a grandeza do Universo e os novos conhecimentos cosmogônicos demandaram outra concepção do Criador. Desvendando, paulatinamente, as sublimes grandiosidades na natureza invisível, a Ciência embriagou-se com a beleza de tão lindos mistérios e estabeleceu o caminho positivo para encontrar Deus, como descobrira o mundo microbiano, ao preço de acuradas perquirições. É que a Divindade das religiões vigentes era defeituosa e deformada pelos seus atributos exclusivamente humanos; as igrejas estavam acorrentadas ao dogmatismo e escravizadas aos interesses do mundo. A confusão estabeleceu-se. Foi quando o Espiritismo fez sentir mais claramente a

grandeza do seu ensinamento, dirigindo-se não só ao coração, mas igualmente ao raciocínio. O céu descerrou um fragmento do seu mistério e a voz dos Espaços se fez ouvir".

"Foi assim que a religião da verdade surgiu na Terra no momento oportuno. As igrejas estagnadas encontravam-se no obsoleto, incapazes de sancionar as ideias novas, vivendo quase que exclusivamente das suas características de materialidade e do seu simbolismo, terminado o tempo de sua necessária influência no mundo. As conquistas científicas não se coadunavam com o espírito dogmático, e o Espiritismo, com as suas lições magníficas, alargou infinitamente a perspectiva da vida universal, explicando e provando que a existência não se observa somente na face da Terra opaca e cheia de dores".

"Há céus inumeráveis e inumeráveis mundos, onde a vida palpita numa eterna mocidade; todos eles se encadeiam, se abraçam dentro do magnetismo universal, vivificados pela luz, imagem real da Alma Divina, presente em toda parte".

"Oxalá possam os homens compreender a excelssitude dos ensinamentos dos espíritos e aproveitar o fruto bendito das suas experiências; (Emmanuel - Dissertações mediúnicas, cap. XXVI).

O Humanismo espírita contando, além do mais, com a imprescindível colaboração dos desencarnados evolucionados e sábios, trata de oferecer um piso consistente para sustentar e ampliar a independência intelectual das pessoas. Ciência e Filosofia correndo paralelamente ao impulso desenvolvimentista da humanidade, e realimentando-lhe as bases no mesmo passo, qualificavam a personalidade realizadora e criativa dos tempos modernos. Mas, como em todas as épocas, o espírito não pode avançar sem o equilíbrio interno, reveladora a harmonia que deve existir entre as conquistas do mundo e seu conseqüente uso. Por isso, Kardec teve o cuidado de firmar o aspecto ético da doutrina que codificava no Cristianismo. E foi exatamente essa medida que vitorizou o Espiritismo, garantindo-lhe o sucesso que hoje registra.

O Cristianismo, no entanto, que ele revive e adota, traz o cunho de Boa-Nova efetiva, pouco semelhante ao das religiões constituídas. Para o espírita não religioso, é Ele a maior mensagem de alegria, esperança e crédito no futuro maravilhoso a ser construído por todos, no seu momento certo. Emmanuel anota; - "Sem a Boa-Nova, a nossa Doutrina Consoladora será provavelmente um formoso parque de estudos e indagações, discussões e experimentos, reuniões e assembleias, louvores e assombros, mas a felicidade não é produto de deduções e demonstrações "(Roteiro — Definitivo Rumos).

Por nossa vez, fazendo um estudo retrospectivo do Cristianismo, veremos o quanto a Doutrina dos Espíritos, apoiada nos complexos conhecimentos científicos e filosóficos nossos contemporâneos, não se perde mais nos meandros antropomórficos e geocêntricos das religiões primitivas. O Cristo já não é mais visualizado como um morto ensanguentado preso à cruz da punição e da derrota;

mas é surpreendido vivo e esplendente em todos os lances planetários da vitória como a força diretora de todos os sucessos, fulgindo no processo evolutivo do espírito, no fluir universal da vida.

Antes de os homens da Terra terem sido criados e iniciado sua carreira de "espíritos", o Cristo e seus Prepostos já operavam, nos planos infinitos do cosmos, em ação que ainda nos escapam à compreensão. Como agem os Espíritos diretores dos mundos e das galáxias? Pois a Terra formou-se como planeta constituindo-se materialmente a partir de uma fase cósmica pela qual está ligada a todo o Universo, e na sua fase geológica, chamada de "fase de sedimentação", assentou seus elementos seguindo as imposições das forças infinitas dos Gênios do Espaço, tendo Jesus como Diretor. Desde então bilhões de anos se escoaram em experiências inimagináveis que Eles realizaram, até que, há apenas cerca de uns humildes e inexpressivos 2 milhões e 500 mil anos, o princípio inteligente dos pré-hominídeos se elaborou em "espírito", de um modo que nem fazemos ideia, e eis a humanidade, ainda em toda a sua simplicidade espiritual, tentando deixar o casulo da inferioridade animal para alçar o grande vôo sideral das almas lucificadas.

Todavia, conhecendo as coisas menores, começamos a sentir as tendências do espírito rumo às maiores. Embora, por enquanto, não tenhamos amalhado as possibilidades do saber superior, temos a certeza de nos encontrarmos no rumo certo, e que atingiremos os nossos objetivos finais na excelência do ser.

Essa certeza é a fé raciocinada que o Espiritismo possibilita. Assim, conscientemente, já nos movimentamos no caminho exato com as próprias forças do nosso espírito, com métodos adequados e a energia suficiente para a pesquisa e a conclusão sobre a nossa origem e o nosso destino glorioso.

Olhando por óptica diferente, temos uma visão algo ampliada emais pragmática do Evangelho. Por isso, acreditamos que, solidamente apoiado na base científica e filosófica de sua Doutrina, o espírita não religioso tem facilidade em aliar o Evangelho à ação humanista, sustentando movimento espiritual firmado no comportamento das criaturas, mas de acordo com os seus respectivos graus evolutivos. Isso quer dizer que, no suceder das encarnações, os espíritos que compõem a humanidade (encarnados e desencarnados), além das características pessoais, conferem ao conjunto o impulso de sua participação, de tal maneira que os grupos definidos, os povos, as nações apresentem fisionomia característica, própria do momento em observação. O conjunto igualmente influencia o indivíduo, de sorte que haja, concomitantemente, uma troca de interesses e de ações. Assim como o espírito se modifica ao evoluir através das experiências reencarnatórias, o planeta igualmente muda seu aspecto ético, quando, então, a humanidade inteira passa de um grau espiritual para outro. Esse aperfeiçoamento se dá por ciclos definidos, modeladores do conjunto humano no escoar dos milênios. Dessa maneira, como é do nosso conhecimento, a Terra já foi um planeta primitivo, em que os princípios psíquicos dos pré-hominídeos se transformaram em espíritos,

quer dizer, em "homens". E os homens primitivos gastaram cerca de dois e meio milhões de anos a atingirem as primeiras possibilidades de modificação de ciclo experiencial. Tiveram, nesse espaço de tempo, segundo cálculos aproximativos, mais ou menos duas mil encarnações individuais e quinhentas encarnações grupais, até que apresentassem as condições de vivência em um ciclo novo de evolução. Sabemos, por outro lado, que há mais de uns dez ou quinze mil anos o nosso planeta vem abrigando espíritos chegados de outro mundo, do sistema astronômico chamado Capela, mais adiantados e que, ao tomarem a carne em nosso meio, trouxeram a energia suficiente para o impulsionamento de um novo período de vida espiritual, e inauguraram o ciclo de "provas e expiações", que tanto beneficiou o progredir dos terricoias. Também já estamos informados de que vivência mos, nos dias de hoje, os últimos três séculos deste ciclo, que será substituído por outro, mais evoluído. Eoque se espera para esses derradeiros momentos é, de maneira geral, exposto pelos Espíritos Esclarecidos, nossos orientadores e amigos de todas as horas, que elegeram, para fundamento de suas teses, o trabalho como símbolo maior da atividade espiritual.

Por causa disso, o Espiritismo identifica o trabalho como sendotoda ocupação útil, inscrita nas leisda Natureza (LE nºs 674 § segts.), representativa das Boas-Novas espirituais. O Evangelho, para nós, é exatamente a fonte enaltecadora do trabalho, como expressão do movimento interno permanente do espírito, que jamais está inerte, inoperante. Uma pessoa em repouso corporal aparentemente está inativa, mas o seu espírito, em si mesmo, estará funcionando. Daí ter surgido o "Trabalho" como a atividade geradora dos valores sociais, representativo das intenções dos espíritos e de sua consciência gregária. Sem o trabalho não há "sociedade" e, conseqüentemente, não poderá progredir o espírito. Mas, até o presente momento o trabalho tem sido considerado como um castigo. No Gênesis bíblico é ele imposto nessa qualidade pelo Deus dos israelistas, e no Cristianismo das Igrejas também não passa de outra coisa. Aliás, não deixa de ser interessante a evocação semântica dessa palavra. Vem ela do latim vulgar - tripaliare = torturar, que é derivado de tripalium = instrumento de tortura composto de três paus; então, da ideia inicial de **sofrer** passou-se à de "esforçar-se", "lutar", "pugnar" e, por fim, "trabalhar"...

Olhando por esse lado, não podemos separar a ideia de "sociedade" daquela de trabalho (tripalium). Mas, ainda em ciclo organizacional em que a sociedade humana se caracteriza por uma variedade enorme de espíritos quanto ao grau de progresso, vivendo em franca mistura, é verdade que os conceitos de trabalho e manufatura de bens de consumo estejam desajustados. É por isso que vemos o choque de capital e trabalho inquietando as pessoas, e produção de bens de subsistência sofrer tantos revezes e incompreensões.

Para nós, o Evangelho, como política, é uma proposta de vida equilibrada, aliás a mais avançada que podemos imaginar, em que os contrastes e as contranitências,

cuja base e fonte, em última análise, é o egoísmo, sejam anulados pela fraternidade nascente na compreensão mais profunda de cada um. Logo no futuro ciclo espiritual que já se acha à vista o trabalho, como escravizador do homem, vai desaparecer; a diferença entre labor intelectual e atividade braçal, mecânica, se apagará, cedendo lugar à certeza de que existe, de fato, apenas uma necessidade de subsistência, porém sob o aspecto do uso dos meios naturais de vida, como um campo de vastas experiências comuns de manutenção ontológica da humanidade. Aí haverá um tal aumento das forças produtivas, que as proveniências do enriquecimento social se multiplicarão até se tomarem o jorro da abundância dos produtos manufaturados e dos contributos "intelectuais", à maneira de um manancial de suficiente pão do corpo e do vivificante pábulo do espírito. Mas essas condições criam-se vagarosamente, gradativamente, em primeiro lugar no interior do espírito, representando a resposta às solicitações e às pressões exteriores; depois se disseminarão, na medida em que as pessoas se convencerem das vantagens da fraternidade operante e em franco desenvolvimento. Só o Espiritismo, na atualidade, detem os fundamentos doutrinários próprios para sugerirem esta síntese, no recesso da alma, convidando ao estabelecimento do novo mundo da paz e da concórdia. Esta não é uma afirmativa sectária, pois num cotejamento honesto e objetivo, qualquer outra doutrina evidenciará sua fragilidade e os seus marcantes limites, por não contar com o conceito de humanidade unificada nos seus aspectos dos "visíveis" e dos "invisíveis" (encarnados e desencarnados) na mesma luta de progresso e aprendizado, à luz da teoria da reencarnação edomediunismo pleno, que oferecem a perspectiva histórica do evoluir não só do indivíduo no tempo e no espaço, mas também de todo o conjunto social.

O mundo de regeneração, mais aperfeiçoado e fraternista, que se fermenta agora, não constitui um aspecto de futuro longínquo. Disso já estamos informados. Adescrição de algumas de suas características adquire, para os interessados, um grande significado prático. Por isso justificamos os nossos pontos-de-vista, tentando atrelar o Evangelho ao modo de viver das pessoas seriamente empenhadas em construir um mundo melhor do que este de hoje. E acreditamos que todos necessitam saber que sociedade deverá ser criada, em que bases viverão as pessoas, e até que ponto isso resultará dos seus esforços, de suas ações diárias, do desempenho de suas tarefas profissionais participativas espontâneas nas funções coletivas, e também do seu trabalho entusiasmado e talvez heroico! É verdade que por agora só poderemos apontar apenas os traços gerais desse futuro, não os seus pormenores, pois isso dependerá de milhões de fatores das probabilidades ambientes, criadas pelas posições verdadeiras das pessoas, dos espíritos, que, afinal, são livres para fazerem ou deixarem de fazer o que quiserem. Então, espera-se, pelos cálculos das probabilidades, um certo arranjo coletivo, em que os graus de adiantamento espiritual dos indivíduos estejam

aproximados em faixas de intenções generosas, sugerindo um desempenho de atividades sempre direcionadas pela fraternidade, que deve reinar entre todos. O Evangelho, para nós, propõe uma sociedade livre da penúria moral, que é marcada pelo mais intenso egoísmo, assegurando o bem-estar a todos os seus proponentes (encarnados e desencarnados). Quer colocar em prática os seculares desejos do espírito de vida mais bela e feliz, despreocupada, segura e criativa. Tem a certeza de que, removidas as causas impeditivas destes anseios, ou seja, separado o joio do egoísmo, resultará o trigo da irmandade esclarecida e operosa no bem comum. Todos os problemas da indústria material e do comércio dos bens coletivos de consumo estarão resolvidos, porque isso depende apenas da qualidade do espírito, dos espíritos que dirigem e fazem as leis administrativas da sociedade. O melhor entendimento da vida integrada à luz da reencarnação e do mediunismo, na perspectiva histórica do ser individual e do coletivo, levará inevitavelmente a isso. As conquistas modernas feitas pela ciência, pela técnica e pelo complexo administrativo social, embora impedidas, no momento, de sua expansão total, indicam ser perfeitamente realizável esse objetivo. Tudo dependendo das decisões do espírito.

Ora, o Espiritismo demonstra que, pela teoria dos graus (LE nº 804) a igualdade e a liberdade serão factíveis para concretizar um velho sonho da humanidade esclarecida. Mas, também explica que o simples desaparecimento dos preconceitos maiores e das reservas de grupos não apagará as diferenças existentes entre os espíritos criados em tempos diversos, e detentores de patrimônios experienciais diferenciados. Portanto, o Evangelho, supomos nós, não propõe, para o imediato das realizações, o nivelamento dos indivíduos com o propósito de se uniformizarem faculdades, caracteres e personalidades. O Evangelho não pressupõe a eliminação mágica, religiosa, sobrenatural, das diferenças existentes entre as pessoas; o que prevê é a prevalência da justiça social, de tal maneira que todos os homens tenham, de fato, o mesmo tratamento respeitoso e as mesmas oportunidades de experienciar as suas encarnações livremente. Todos os espíritos são iguais quanto à origem, pois representam a individualização do mesmo princípio inteligente que integra o Universo (LE nº 23), mas se diferenciam no grau de adiantamento, porque nasceram em épocas diversas (LE nºs 80 e 804). As diferenças individuais existem, permanecendo no mundo de regeneração, ainda, em proporções desiguais, porém os menos adiantados, no entanto, terão um patamar de esclarecimento e moralidade que, se comparado ao nosso atual, mostrará o quanto estamos atrasados. As noções de dever e a responsabilidade defensoras do movimento evangélico construtivo representam, assim, para todos eles, um ponto de honra que jamais pode ser arranhado. Vivendo os ideais maiores, terá alcançado o espírito o definitivo triunfo da liberdade, que é o segundo bem maior, vindo logo após ao da vida, que é o primeiro na ordem das coisas.

O Evangelho comparece hoje, para nós, como o resultado de milênios de lutas

inglórias, desde quando reinaram costumes sociais mantenedores das inevitáveis contradições de interesses de grupos e classes inteiras em constante conflito. Esse proceder egoísta, anti-fraternal, da sociedade desnaturou o significado do trabalho, estabelecendo a coerção por norma de governo, que sempre manteve aparelhos especiais de domínio de classe pela violência, assim como de sustento de sistemas de normas jurídicas impostas pela sanha dos dominadores insensibilizados na paranóia do poder absoluto. O Evangelho despontou numa época em que a humanidade capelina atingira o momento certo para uma tomada de posição renovadora das mais profundas intenções do espírito, para a vitória última sobre as maiores dificuldades de relacionamento social. As contradições, nessa época, se tomavam quase insuportáveis diante do sistema escravagista e opressor brutal do povo sob o domínio imperialista de Roma dos Césares. Como política de comportamento humanista, o Evangelho procura orientar o espírito no rumo do bem maior, para mudar o sentido e o significado atual do trabalho, da indústria e do comércio, assegurando, ao mesmo tempo, a fusão íntima dos interesses econômicos dos componentes da sociedade, objetivando, antes de mais nada, eliminar qualquer medida de coerção. As relações administrativas da sociedade levam, assim, ao verdadeiro companheirismo livre dos homens na produção plena dos bens de consumo material e espiritual. Nessa circunstância, as regras da convivência pacífica e harmônica entre as pessoas tomam-se apenas um hábito novo, uma segunda natureza, espontânea e ativa, resultante do acrisolamento da cultura, da inteligência bem cuidada e da moral elevada. Dal resultará não a necessidade obsessiva da vigilância pessoal, mas a diligência no governo das coisas para a melhoria dos processos produtivos, tendo por indicador as exigências maiores dos espíritos, que usarão os meios de subsistência sem serem usados por eles. Nesse estado de vivência, o homem, mais evoluído, obedecerá, de vontade própria, aos princípios gerais mantenedores da unidade social, exercitando toda a liberdade de suas convicções e, extensivamente, comprovando a profunda consciência do seu dever moral.

À luz do Espiritismo, a política do Evangelho deseja assegurar a plena liberdade de crescimento da personalidade, sugerindo as melhores condições para o seu ilimitado desenvolvimento, lembrando que o Espírito é eterno e não um simples habitante prisioneiro de um único planetinha, mas entidade universal que, um dia, terá livre trânsito no infinito das galáxias.

Os homens, sob o impulso construtivo e progressista do Evangelho, têm no mundo de regeneração os meios adequados para o aprimoramento cultural e os estudos, cada vez mais intensos e profundos, estarão inscritos no modo de vida de cada um como parceiros obrigatórios do aspecto tão imprescindível do trabalho como lazer, do repouso sustentado pela euforia de viver, nos momentos de devaneios e volição. O Evangelho, calcado nas pesquisas mais dilatadas do atual Espiritismo, oferece os fundamentos do emprego de todas as faculdades do

homem, para que qualquer talento florescente possa manifestar-se na força de sua utilização, na busca do seu próprio aperfeiçoamento. Criadas essas bases, o espírito terá desimpedido o seu caminho para desenvolver-se com todo o vigor. O Evangelho propõe, segundo o nosso entendimento, portanto, nada mais do que um esforço consciente e enérgico no sentido de elevarem-se os sentimentos e o caráter das pessoas, para a realimentação dos impulsos morais da solidariedade, da boa-vontade, do sentimento comunitário e de reconhecimento da humanidade como sendo uma só família. É também por isso que o Evangelho, no significado verdadeiro de Boa-Nova, representa um convite ao desfrute da plena alegria de viver. Assim o Evangelho, em suas proposições simbólicas, nada mais quer do que o florescimento das qualidades superiores do espírito, demonstrando que o aperfeiçoamento e o brilho do conjunto dependem da inteligência, do talento e da capacidade realizadora de cada um de seus componentes. Portanto, ao cuidar do indivíduo, estará atentando, concomitantemente, para o todo, para a coletividade. O Evangelho é, pois, unificador, preparando e fortificando no indivíduo as noções coletivistas, como laços dignificadores de todos os homens. Com isso, a própria administração grupai se vangloriará de ser o resumo correto das intenções verdadeiras do conjunto, porque, na sua democracia, todos participam com o seu quinhão de sugestões e responsabilidades.

O Espiritismo, em suas bases sólidas, construídas pelos esforços nas áreas da ciência e da filosofia, não poderia prescindir de uma política evangélica segura e eficaz. Embora parecendo utópica, ela, ao livrar-se da Religião, traz-nos os pontos fundamentais para uma luta social adequada aos mais profundos interesses evolutivos espirituais, sem sectarismos isolacionistas e sem as confusões geradas por uma visão geocêntrica exclusiva, como se o homem fosse o único ponto integrante do Universo, e a Terra o seu ímpar reinado que, por acaso, brotou num canto de uma galáxia que denominamos Via-Láctea!

Quando Allan Kardec acrescentou aos alicerces racionais da doutrina que codificava o aspecto comportamental dos homens, a ética sua direcionadora deveria alargar os horizontes espirituais ao infinito, mas acessível e não perdida nas considerações misteriosas e imponderáveis dos comentadores religiosos do Cristianismo institucionalizado nas Igrejas. Nos dias de hoje, temos a oportunidade e os recursos para estudos ainda mais vastos das lições imorredouras do Mestre de todo o sempre. As experiências sociais, comprovando ou não grandes teorias filosóficas, científicas, sociológicas, psicológicas, econômicas, por exemplo, oferecem-nos meios de melhor discernimento quanto às proposições dos Espíritos feitas no século passado, e enfeixadas na obra da Codificação. Orientados pelos avanços tecnológicos e científicos atuais, capacitamo-nos a um exame mais completo da realidade do homem no seu contexto universal. Com a mais recente massa de informações que detemos, teríamos de sopesar mais amplamente o valor dos ensinamentos dos Espíritos. E o resultado,

parece-nos, é positivo. O Espiritismo, reinterpretado à luz dos conhecimentos hodiernos, toma novo impulso e vida. Pretendendo ser a revivescência do Cristianismo oferece-nos, portanto, uma visão renovada do Cristo e das funções espirituais da Terra. Mais seguros em nosso próprio labor auto-constructivo, e mais animados em nossas predisposições aos vôos altos do espírito, não só aceitamos como compreendemos melhormente os desafios que nos apontam o valor profundo das conquistas maiores.

Entendendo assim, no fecho de mais um dia de trabalho, ao decaírem as tintas do crepúsculo ante as primícias estelares do zimbório azul escuro do anoitecer, nada mais instrutivo do que registrarmos a fala de Emmanuel, na seguinte consideração (Roteiro, XXXIII e XL):

O Espiritismo - "chave de luz para os ensinamentos do Cristo, explica o Evangelho não como um tratado de regras disciplinares, nascidas do capricho humano, mas como a salvadora mensagem de fraternidade e alegria, comunhão e entendimento, abrangendo as leis mais simples da vida".

"Aparece-nos, então, Jesus, em maior extensão de sua glória. Não mais como um varão de angústia, insinuando a necessidade de amarguras e lágrimas e sim na altura do herói da bondade e do amor, educando para a felicidade integral, entre o serviço e a compreensão, entre a boa-vontade e o júbilo de viver"

"Lede as páginas vivas da Natureza e buscai a vida sã e pura, usando a boa-vontade para com todos",

"Além dos horizontes que o nosso olhar pode abranger, outros mundos e outras humanidades evoluem no rumo da perfeição!...

"E, ouvindo os sagrados apelos de Cima, o coração que desperta para a vida superior compreende, enfim, que Deus é a Verdade Soberana, que o trabalho é a nossa bênção, que o amor e a sabedoria representam a nossa destinação e que a alma é imortal!"

FIM

BIBLIOGRAFIA DE APOIO

a) Científica

Alvarez, M. - A História Trágica da Anestesia. Argentièrre, R. - Espaço, Tempo e Matéria. Argentièrre, R. - Átomos e Estrelas.

Argentièrre, R. - O Sol e os Planetas.

Argentièrre, R. - A Terra.

Asimov, I. - Vida e Energia

Asimov, I. - Gênios da Humanidade (3 vols).

Azevedo, F. - A Cultura Brasileira.

Azevedo, F. - As Ciências no Brasil.

Barnet, L. - A Espécie Humana.
Barnet, L. - O Universo e o Dr. Einstein.
Bacon, F. - Novum Organum.
Becker, O. - O Pensamento Matemático.
Ben David, J. - O Papel do Cientista na Sociedade. Bettencourt, E. - Ciência e Fé.
Barnier, L. - A Nova Ciência dos Soviéticos.
Berkner-Odisshaw - A Ciência e o Espaço Cósmico. Birket-Smith - História da Cultura.
Bradley, J.H. - Autobiografia da Terra.
Broglie, L - Para Além da Ciência.
Bernard, C. - A Ciência Experimental.
Cane, Ph. - Gigantes da Ciência.
Capra, F. - O Tao da Física.
Capra, F. - Ponto de Mutação.
Collingwood, R.G. Ciência e Filosofia.
Cook, R. - A Fertilidade Humana.
Carrel, A. - O Homem, esse Desconhecido.
Carrel, A. - O Homem Perante a Vida.
Carson, R. - O Mar que nos cerca.
Chestnov- La ionosfera y sus enigmas.
Coon, C.S. - A História do Homem.
Curie, E. - Madame Curie.
Coudec, P. - O Universo.
Daves, J.L. - O Homem e o seu Universo.
Descartes, R. - Discurso sobre o método.
Dietz, D. - História da Ciência.
Dietz, D. - Energia Atômica no Futuro.
Drigalski, W. - O Homem contra os Micróbios.
Eidinof - O que é a energia atômica.
Einstein, A. - Evolução da Física.
Estevers, M. -A inteligência através dos séculos. Farrington, B. - A Ciência Grega.
Fedisinski - Meteors.
Fesenkov - ABC do Sistema Solar.
Findlay, A. - A Hundred Years of Chemistry.
Frisch, K.V. - Nós e a Vida.
Galkin, K. - La formacio de científicos en la URSS. Gamow, G. - Nascimento e morte do Sol.
Gamow, G. - Biografia da Terra.
Garbedian, H.G. - O Romance da Ciência.
Garbedian, H.G. - A vida de Einstein.
Goode-Hatt - Métodos em pesquisa social.

Goycochêa, C. - Filosofia das Ciências.
Granger, G.G. - Lógica e Filosofia das Ciências.
Graubard, M. - O Homem, Escravo e Senhor.
Graupner, H. - Eles estudaram a Vida.
Grigoriev - As Forças da Natureza.
Hull, L. - History and Philosophy of Science.
Haddon, M. - History of Anthropology.
Haslett, A.W. • Mistérios da Ciência.
Hempel, C. - Filosofia da Ciência Natural.
Hogben, L. - O Homem e a Ciência.
Houssay, B. - La investigacio científica.
Hoyle, F. - The Nature of Universe.
Hogben, L. - Maravilhas da Matemática.
Hawking, S.W. - Uma Breve História do Tempo.
Huxley, Th. - Les Science Naturelles - Les Problemes de la Huxley, Th. - Les Problemes de la Biologie.
Huxley, J. - Darwin.
Infeld, L. - Evolução de um cientista.
Ingennieros, J. - As Forças Morais.
Ingennieros, J. - O Homem Mediocre.
Jaffe, B. - A Química cria novo mundo.
Jeans, J. - O Universo Misterioso.
Jeans, J. - Através do Espaço e do Tempo.
Karlson, P. - A magia dos números.
Karlson, P. - O romance da Física.
Kessing, F.M. - Antropologia Cultural.
Kourganoff, V. - La Investigacio Cientifica.
Kolmam, F. - A Cibemétia e o Cérebro Humano.
Kramish, A. - Átomo, suicídio ou sobrevivência.
Kruif, P. - Caçadores de micróbios.
Kudriavisev - Sonidos que oyen.
Landau, R. - Que é a Teoria da Relatividade?
Laborit, H. - Deus não joga dados.
Latil, P. - Introdução à Cibernética.
Lebedev - Mitcurin, el renovador de la naturaleza.
Levy, E. - Les problèmes biologiques.
Linton, R. - O Homem: Uma Introdução à Antropologia.
Mason, S.F. - História da Ciência.
Masievich - Estrutura dei Sol.
Meyer, J.S. - Máquinas e motores.
Monod, J. - O acaso e a necessidade.

Moles, A. - A criação científica.

Moulton-Schifers - Autobiografia da Ciência (2 vols). Nesmeianov, A. - Elementos radioativos y sus aplicaciones. Nouy, L. - O homem e o seu futuro.

Nouy, L. - O futuro do espírito.

Nouy, L. - A dignidade humana.

Openheimer, J.R. - Ciência e saber comum.

Place, M. - Nossa Terra, Geologia e Geólogos.

Planck, Max - Adonde va la Ciência?

Perrier e cols. - Nouveau Dictionnaire des Sciences, 2 vols.

Ramon Y Cajal, S. - Regras e conselhos sobre a investigação científica.

Renan, E. - O Futuro da Ciência.

Ritchie, J. - Studies in the History and Methods of the Sciences. Ross, F. - Novos rumos da Ciência.

Ross, F. - A Ciência descobre a Terra.

Rostand, J. - Fanáticos e sábios.

Route, L. - Cuvier et la science de la Nature.

Russell, B. - A Ciência e a Sociedade.

Russell, B. - O Conhecimento Humano (2 vols).

Russell, B. - ABC da Relatividade.

Santos, M.F. - Ontologia e Cosmologia.

Santos, M.F. - Filosofia e Cosmvisão.

Scientific American - O imenso Universo.

Scientific American - A nova Astronomia.

Sedwick-Tyler - História da Ciência.

Sagan, C. - Cosmos.

Sakharov, A. - Progresso, Coexistência e Liberdade Internacional Saudée, J.B. e 18 cols. - Deus, o Homem e o Universo. Schubert, L. - O perigo das radiações.

Senet, A. - O homem descobre o seu corpo.

Senet, A. - O homem descobre os seus antepassados.

Smart - A origem da Terra.

Spencer, H. - Classificação das Ciências.

Spencer Jones - Life on others Worlds.

Taton, R. - A coleção "História das Ciências".

Thiel, R. - E a luz se fez.

Thibead, J. - Vida e transmutação dos átomos.

Thompson, J.A. - Introdução à Ciência.

Thomas, H. - Maravilhas do conhecimento humano. Thorwarld, J. - O século dos cirurgias.

Tchow - En los vastos espacios dei Universo.

Tilney, F. - Biografia do cérebro.

Tratner, E. - Arquitetos de ideias.

Thomas-Dans - Vidas de grandes cientistas.
Vallery-Rodot - A vida de Pasteur.
Vavilov - O olho e o Sol.
Watson, R. - The world of Science.
Weeks, M.E. - História de los elementos químicos.
Wendet, H. - À procura de Adão.
Whitehead, A.N. - La ciência y el mundo moderno.
Wilson, G. Os grandes homens da ciência.
Wiener, N. - Cibernética e Sociedade.

B) Humanística

Attavila, J. - Origem dos direitos dos povos.
Carolina, M. de Jesus - Quarto de despejo.
Alexander - Slesnick - História da Psiquiatria. Arinos-Quadros - História do Povo Brasileiro (6 vols.). Bardi - Pequena História da Arte.
Bastide, R. - Sociologia das doenças mentais.
Biron, A. - Sociologia e Religião.
Bloom, A. - O Declínio da Cultura Ocidental.
Bouthoul, G. - O Fenômeno Guerra.
Bouthoul, G. - História da Sociologia.
Brito, F. - A Base Física do Espírito.
Burns, E.M. - História da Civilização Ocidental. Castan, S.E. - Holocausto, Judeu ou Alemão? Craven, T. - Arte Grega.
Carpeaux, O.M. - Uma Nova História da Música. Cuvillier, A. - Manual de Filosofia.
Dante - A Divina Comédia.
Delarne, J. - História da Gestapo.
Durant, W. - História da Civilização.
Durant, W. - Os Grandes Pensadores.
Durant, W. - Filosofia da Vida.
Durant, W. - História da Filosofia.
Dubos, R. - Um animal tão humano.
Dubos, R. - O despertar da razão.
Dubos, R. - Uma Terra Somente.
Dorst, J. - Antes que a Natureza Morra.
Eby, F. - História da Educação.
Efimov - História Moderna.
Fadeiev, Lavrov, Alperovich cols.- História Universal (2 vols). Engels, F. - Dialética da Natureza.
Engels, F. - Origem da Família, da Propriedade Privada e do Estado.
Fataliev, K - O Materialismo Dialético e as Ciências da Natureza. Fest, J. - Hitler.
Fisher, L. - A vida de Lenin.

Franca, L. SJ - O Método Pedagógico dos Jesuítas.
Franca, L. SJ - Liberdade e Determinismo.
Franca, L. SJ - Noções de História da Filosofia.
Fromm, E.- Análise do Homem.
Fromm, E. - O Coração do Homem.
Fromm, E. - A Arte de Amar.
Fromm, E. - Anatomia da Destrutividade Humana.
Fromm, E. - Medo à Liberdade.
Gibbon, E. - Declínio e Queda do Império Romano.
Guex, F. - História da Instrução e da Educação.
Gal, R. - História da Educação.
Gandhi- Minha Vida e minhas experiências com a Verdade.
De Gaulle, Gal. C. - Memórias de Esperança.
Gris-Dick - Novas descobertas parapsicológicas. A experiência soviética.
Gottwald, N. - As Tribos de Jahweh.
Habermas, J. - Teoria Analítica da Ciência e Dialética. Habermas, J. - Conhecimento e Interesse.
Habermas, J. - Técnica e Ciência como Ideologia.
Havemann, R. - Dialética sem dógma.
Hawley, N. - Ecologia Humana, Uma Teoria da Estrutura Comunitária.
Herskowits, M. - Antropologia (3 vols).
Heydecker-Leeb - O Processo de Nurenberg.
Hitler, A. - Minha Luta.
Hegel, G.W.F. - Ciência da Lógica.
Hegel, G.W.F. - Enciclopédia das Ciências Filosóficas.
Hibbert, C. - Mussolini.
Heródoto - História.
Herzberg, A. - Judaísmo.
Holanda, S.B. - História Geral da Civilização Brasileira.
Hugon, P. - História das Doutrinas Econômicas.
James, W. - Pragmatismo.
Jolivet, R. - Tratado de Filosofia (4 vols).
Josefo, F. [Autobiografia, Resposta e Ápio, Antiguidades Judaicas, As Guerras Judaicas.
Jaques, P. - Introdução ao estudo do Direito.
Jvostow - História Contemporânea.
Ka-Tzetnik - Atrocidade.
Kahn, H. - O ano 2.000.
Kersten - Jesus viveu na Índia.
Keynes, J.M. - Inflação e Deflação.
Keizer, B. - 10.000 anos de descobertas.

Kant, I. - Crítica da Razão Pura.
Kant, I. - Crítica da Razão Prática.
Kominski História da Idade Média.
Lévi-Strauss, E. - Noção de Estrutura em Etnologia. Lévi-Strauss, E. - Raça e História.
Lévi-Strauss, E. - O Totemismo Hoje.
Lévi-Strauss, E. - Antropologia Estrutural.
Lissner, I. - Os Césares.
Loon, H.W. - As Artes.
Lahr, C. - Manual de Filosofia.
Machado Neto - Sociologia Jurídica.
Maquiavel - O Príncipe.
Malinowski, B. - Uma teoria científica da cultura.
Marx, K. - O Capital.
Marx, K. - Para a crítica da Economia Política.
Mane, K. - Para a crítica da Economia Política.
Marx, K. - Sobre a Religião.
Marx, K. - Os Sindicatos.
Marx, K. - Estudos Filosóficos.
Mason, D. - Churchill.
Masson, F. - De Gaulle.
Mueller, F.L. - História de Psicologia.
Mumford, L. - A Condição de Homem.
Mumford, L. - A Cidade na História.
Nasser-Oguri - O Aviso de Hiroxima.
Niskier, A. - Ciência e Tecnologia para o Desenvolvimento. Pawles, B. - O despertar dos mágicos.
Piaget, J. - Biologia e Conhecimento.
Piaget, J. - Epistemologia.
Platão - A defesa de Sócrates.
Platão - Diálogos.
Podossetnik - Fundamentos da Dialética da História. Prado, C. - Dialética do Conhecimento.
Rhine, L. - Canais Ocultos do Espíritos.
Rhine, J.B. - Novas Fronteiras da Mente.
Rhine, J.B. - O Alcance do Espírito.
Rhine, J.B. - Novo Mundo do Espírito.
Rattner, H. - Nos Caminhos da Diáspora.
Rodrigues, W. - A esquina de pedra.
Roch, C. - Pequena História do Povo Judeu.
Riboulet, L. - História da Pedagogia.

Russell, B. - Porque não sou cristão.
Russell, B. - A conquista da felicidade.
Russell, B. - Delineamentos da Filosofia.
Russell, B. - Os Problemas da Filosofia.
Sertilanges, OP - As Grandes Teses da Filosofia Tomista. Sartre, J.P. - Questão de Método.
Sakharov, A. - Meu País e o Mundo.
Schroeder-Ostrander - Experiências Psíquicas Além da Cortina de Ferro.
Selye, H. - Stress, a tensão da Vida.
Smith, A. - investigação sobre a natureza e as causas da riqueza das Nações.
Southworth, J.D. - A História do Mundo.
Stevens, M. - A inteligência através dos séculos.
Sudre, R. - Tratado de Parapsicologia.
Sulivam, W. - Não estamos sós.
Schuchart, W.M. - Arqueologia.
Sweese, P. - Socialismo.
Tischner, H. - Etnologia.
Toynbee, A. - A Religião e a História.
Toynbee, A. - Experiências.
Toynbee, A. - A Civilização posta à prova.
Toynbee, A. - Helenismo, História de uma Civilização.
Treue, W. - A conquista da Terra.
Upjohn e cols. - História Mundial da Artes. (6 vols).
Ulianov, V.I. (Lenin) - Materialismo e Empirocriticismo.
Walter, G. - A Mecânica do cérebro.
Wells, H.G. - História Universal.
Weber, M. - História Geral da Economia.
Vovelle, M. - Ideologias e Mentalidade.

c) Espiritualista

A Bíblia de Jerusalém- Abreu, C. - O Evangelho por fora.
Abreu, C. - Adolfo Bezerra de Menezes.
Abreu, Júlio - Erros Doutrinários.
Abreu, Júlio - Poeira da Estrada.
ADMGT - Dicionário de Doutrina Espirita.
Agostinho, Santo - As Confissões.
Alsakov, A. - Animismo e Espiritismo Alsakov, A. - Um caso de desmaterialização.
Ali, M. - O pensamento vivo de Maomé.
Alwahab - M. Ibn Abd - O Livro do Tawhid.
Allan Kardec - Obra completa.
Allen, Rev. - A Bíblia dos Jovens.

Alta, Pe. - O Cristianismo do Cristo e dos seus vigários. Amorim, D. - Espiritismo e Criminologia.
Amorim, D. - O Espiritismo e os problemas humanos. Amorim, D. - O Espiritismo e as doutrinas espiritualistas. Andrade, H. - A bem da Verdade.
Andréa, J. - Dinâmica espiritual e evolução.
Andréa, J. - Palingênese, a Grande Lei.
Armond, E. - Os exilados da Capela.
Armond, E. - Mediunidade.
Armond, E. - Relembrando o passado.
Asch, Sh. - O Nazareno.
Asch, Sh. - Maria.
Asch, Sh. - O Apóstolo.
Asch, Sh. - O Profeta.
Asch, Sh. - Moisés.
Banal, E. - As sessões práticas do Espiritismo.
Bartholo Jr. e cols. - Islã, O Credo é a Conduta. Boechat, N. - Ide e pregai...
Buzaid, A. - Marxismo e Cristianismo.
Barbosa, Elias - No Mundo de Chico Xavier.
Barbosa, Elias - Presença de Chico Xavier.
Bastide, R. - As Religiões Africanas no Brasil.
Boisset, E. - História do Protestantismo.
Bozzano, E. - Animismo ou Espiritismo.
Bozzano, E. - Xenoglossia.
Bozzano, E. - Enigmas da Psicometria.
Bozzano, E. - Fenômenos psíquicos no momento da morte Bozzano, E. - A crise da morte.
Bozzano, E. - Fenômenos de transfiguração.
Bozzano, E. - Pensamento e Vontade.
Braga, J. - Ciência Divina.
Braga, L. - Umbanda e Quimbanda.
Brown, R. - Sinfonias Inacabadas.
Calligaris, R. - Parábolas Evangélicas.
Camargo, C.P. - Kardecismo e Umbanda.
Camargo, R.A. - Um só Senhor.
Castro, A.M. - Lições de Vida.
Castro, A.M. - O Martírio dos Suicidas.
Campos, C.A. - A religião viva do Cristo.
Charlier, C. - A origem e a interpretação da Bíblia.
Cohn, H. - O Julgamento de Jesus, o Nazareno.
Cime, L. - O homem, colaborador de Deus.
Costa, L. - Kardec, e não Roustaing.

Crawford, E.J. - Mecânica Psíquica.
Crouzet, J.P.L. - Répertoire du Spiritism.
Delanne, G. - Obra completa.
Denis, L. - Obra completa.
Doebelin, A - Confúcio.
Domier e cols - As cartas de Pauto, Tiago, Pedro e Judas. Doherty, C.J. - Evangelho sem restrições.
Doyle, A.C. - História do Espiritismo.
D'Esperance, M. - No País das Sombras.
Faria, N. - O trabalho dos Mortos.
Ferreira, Inácio - Têm Razão?
Ferreira, Inácio - Novos Rumos à Medicina.
Ferreira, Inácio - Euripedes Barsanulfo.
Ferreira, Inácio - A Religião do Índio Brasileiro.
Ferreira, Inácio - Onde mora o esquecimento.
Ferreira, J.A. - O Espiritismo, uma avaliação.
Findley, J.A. - No limiar do etéreo.
Flammarion, C. - Obra completa.
Gama, R. - Pacto Áureo.
Gama, R. - Lindos casos de Chico Xavier.
Gama, R. - Lindos casos de Bezerra de Menezes.
Gama, R. - Seareiros da primeira hora.
Gama, Zilda - Obras completas.
Galbiatti, Mons. - O Evangelho de Jesus.
Geley, G. - Ser subconsciente.
Gibier, P. - Materialização de Espíritos.
Gibier, P. - Análise das coisas.
Granja, P. - Afinal, quem somos?
Granja, P. - Os simples e os sábios.
Guinsburg - Antologia Judaica.
Heaton, E.W. - O mundo do Antigo Testamento.
Holzer, H. - A verdade sobre a reencarnação. Imbassahy, C. - A missão de Kardec.
Imbassahy, C. - A Evolução.
Imbassahy, C. - Fantasmas, Fantasias e Fantoques. Imbassahy, C. - Religião.
Imbassahy, C. - À margem do Espiritismo.
Imbassahy, C. - A mediunidade e a Lei.
Imbassahy, C. - O Espiritismo à luz dos fatos.
Jurji e cols. - História das grandes religiões.
Keller, - E a Bíblia tinha razão.
Kloppenburger, Frei - Concílio Vaticano II - (5 vols.). Kloppenburger, Frei - Ação Pastoral perante o Espiritismo.

Klopenburg, Frei - O Espiritismo no Brasil.
Klopenburg, Frei - O reencarnacionismo no Brasil.
Klopenburg, Frei - Espiritismo.
Lenzman, J. - A origem do Cristianismo.
Lepecier, J. - O fenômeno das mesas girantes.
Lessa, V.T. - Lutero.
Lex, Ary - Pureza Doutrinária.
Lima, A. - A Vida de Jesus.
Llorca, SJ - Manual de História Eclesiástica.
Lombroso - Hipnotismo e mediunidade.
Lopes, I.B. - A Reforma Religiosa no Séc. XVI.
Luce, G. - Vida e Obra de Léon Denis.
Macedo, R. - Vocabulário Histórico e Geográfico dos romances de Emmanuel.
Machado, L. - Para o Alto.
Maomé - Alcorão Sagrado.
Mello, V. - Cristo, o maior dos anarquistas.
Marstin, C. - A delicada questão da vida dentro e fora da Terra. Mariotti, H. - Parapsicologia e materialismo histórico.
Matos, Indalinda - Detalhes de vidas.
Maududi, A.A.Ala - Para compreender o Islamismo.
Melo, N.C. - Da Bíblia aos nossos dias.
Michaelus - Magnetismo espiritual.
Miller, R.F. - Os Santos que Abalaram o Mundo.
Mínimus - Noções de Filosofia Espírita.
Mínimus - Síntese do Novo Testamento.
Mínimus - Ciência, Religião, Fanatismo.
Miranda, H. - Reencarnação e Imortalidade.
Miranda, H. - Sobrevivência e comunicabilidade dos Espíritos. Miranda, H. - O Exilado.
Miranda, H. - A irmã do Vizir.
Miranda, H. - Diálogo com as Sombras.
Mirejkowski - Juliano, o Apóstata.
Mc Nair, S.E - A Bíblia Explicada.
Moreira e cols. - História Geral da Bíblia.
Moreil, A. - Vida e Obra de Allan Kardec.
Moses, S. - Ensaio Espiritualistas.
Muller, K. - Reencarnação baseada em fatos.
Myers, F. - A personalidade humana.
Maeterlinck, M. - A Sabedoria e o Destino. Maeterlinck, M. - O Tesouro dos Humildes.
Michols, E.M. - História da Igreja Cristã.

Novelino, Corina - Eurípedes, o Homem e a Missão. Novelino, Corina - Escuta, meu filho.

Oliveira, Pe. - História da Igreja.

Ortiz, F. - Filosofia Penal dos Espíritas.

Owen, G.D. - A Vida Além do Véu.

Papini, G. - História de Cristo.

Patorino, C.T. - Minutos de sabedoria.

Patorino, C.T. - Sabedoria do Evangelho.

Peliceier, J.A. - Roma e o Evangelho.

Peralva, M. - Estudando a mediunidade.

Peralva, M. - Estudando o Evangelho.

Peralva, M. - O Pensamento de Emmanuel. Pereira, Yvone - Obra completa.

Pires, J.H. - O Espírito e o Tempo.

Pires, J.H. - Na Era do Espírito.

Pires, J.H. - Astronautas do Além.

Pires, J.H. - O Verbo e a Carne.

Pires, J.H. - Mediunidade (Vida e Comunicação) Pires, J.H. - Adão e Eva.

Pires, J.H. - Ciência Espírita.

Pires, J.H. - Revisão do Cristianismo.

Pires, J.H. - Agonia das Religiões. Pires, J.H. - Centro Espirita.

Pires, J.H. - A Pedra e o Joio.

Pires, J.H. - Arigó, Vida, mediunidade e martírio. Pirot-Clamer - La Saint Bible (14 vols.).

Potter, C. - História das Religiões.

Prece, a - FEB

Queiroz, M.I.P. - O Messianismo no Brasil e no Mundo. Quintão, M. - Cinzas do meu cinzeiro.

Ramatis - Obras.

Ranieri, R.A. Chico Xavier e os grandes gênios.

Ranieri, R.A. - Materialização luminosas.

Ranieri, R.A. - Chico Xavier, o santo dos nossos dias. Ranieri, R.A. - O prisioneiro de Cristo.

Rattmer, H. - Nos caminhos da diáspora.

Renan, E. - Vida de Jesus.

Ribeiro, B. - O Apóstolo dos Pés Sangrentos.

Richet, C. - A Grande Esperança.

Richet, C. - Deve-se estudar o Espiritismo?

Richet, C. - Tratado de Metapsíquica.

Rigonatti, E. - A Mediunidade sem Lágrimas.

Rigonattí, E. - O Espiritismo aplicado.

Rigonatti, E. - O Evangelho dos Humildes.

Rigonatti, E. - O Evangelho da Mediunidade.
Rimmer, H. - A Ciência moderna e as Escrituras Sagradas. Rochas, A. - A
levitação.
Rochas, A. - A Feitiçaria.
Rohden, H. - Jesus Nazareno.
Rohden, H. - Paulo de Tarso.
Rohden, H. - Agostinho.
Rohden, H. - A Metafísica do Cristianismo.
Rohden, H. - Deus.
Rohden, H. - Panorama do Cristianismo.
Rohden, H. - Problemas do Espírito.
Rohden, H. - Em Espírito e Verdade.
Roustaing, J.B. - Os Quatro Evangelhos.
Salgado, P. - Vida de Jesus.
Sargent, E. - Bases científicas do Espiritismo.
Scholem, C. - A Mística Judaica.
Sheen, F. - Vida de Cristo.
Sheen, F. - Filosofia da Religião.
Sampaio, B. - Do Calvário ao Apocalipse.
Sampaio, B. - Divina Epopeia.
Schlesinger, H. - Pequeno Vocabulário do Judaísmo. SanfAna, H.T. - A Razão e a
Fé.
Schutel, C. - Obras.
Siwek, SJ - A reencarnação dos espíritos.,
Steverson, I. - **20** casos sugestivos de reencarnação. Tavares, C. - Trinta anos com
Chico Xavier.
Tavares, C. - Amor e Sabedoria de Emmanuel.
Timponi, M. - A psicografia ante os Tribunais.
Ubaldo, P. - Obras completas.
Urbel, SJ - Jesus Cristo.
Wantuil-Thiesen - Allan Kardec (biografia em **3** vols.). Wantuil, Z. - Grandes
Espíritas do Brasil.
Wantuil, Z. - Grandes vultos da humanidade e Espiritismo. Valente, A. - Sessões
práticas e doutrinárias do Espiritismo. Valério, A. - Fenômenos parapsicológicos e
Espíritas. Vinícius - Na Escola do Mestre.
Vinícius - Nas pegadas do Mestre.
Vinícius - Na seara do Mestre.
'Vinícius - Em tomo do Mestre.
Vieira, Padre Antônio - Sermões, **15** vols.
Xavier, Francisco Cândido, - Obras.